



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
DOUTORADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA

**O ORGANIZAR DAS MARGENS DA CIDADE À LUZ DA HISTÓRIA NA
ADMINISTRAÇÃO: RUÍNAS COMO NEXO HISTÓRICO**

FORTALEZA - CEARÁ

2021

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA

O ORGANIZAR DAS MARGENS DA CIDADE À LUZ DA HISTÓRIA NA
ADMINISTRAÇÃO: RUÍNAS COMO NEXO HISTÓRICO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Administração. Área de Concentração: Gestão e Estudos Organizacionais.

FORTALEZA - CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Lacerda, Carlos Cesar de Oliveira.

O organizar das margens da cidade à luz da história na administração: ruínas como nexos históricos [recurso eletrônico] / Carlos Cesar de Oliveira Lacerda. - 2021.

250 f. : il.

Tese (DOUTORADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Programa de Pós-graduação Em Administração - Doutorado, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof.^a Dra. Ana Sílvia Rocha Ipiranga.

Coorientação: Prof. Dr. Ulf Thoene.

1. Organizar da Cidade. 2. História na Administração. 3. Margens de Fortaleza. 4. Nexos Históricos. 5. Ruínas/Progresso. I. Título.

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA

O ORGANIZAR DAS MARGENS DA CIDADE À LUZ DA HISTÓRIA NA
ADMINISTRAÇÃO: RUÍNAS COMO NEXO HISTÓRICO

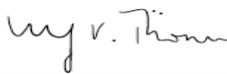
Tese apresentada ao Curso de Doutorado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Administração. Área de Concentração: Gestão e Estudos Organizacionais.

Aprovada em: 09 de dezembro de 2021.

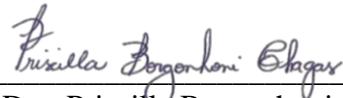
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ana Sílvia Rocha Ipiranga (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Ulf Thoene (Co-orientador)
Universidad de La Sabana - Colômbia

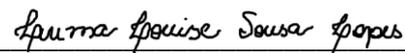


Prof. Dra. Priscilla Borgonhoni Chagas
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Luiz Alex Silva
Saraiva:
69513775534

Assinado digitalmente por Luiz Alex Silva Saraiva:
69513775534
DN: CN=Luiz Alex Silva Saraiva, O=69513775534, OU=UFMG
- Universidade Federal de Minas Gerais, C=BR
País: BR
Localização: sua localização de assinatura aqui
Data: 2021.12.13 14:17:25-0500
Posto PDF Reader Versão: 11.1.0

Prof. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG



Prof. Dra. Luma Louise Sousa Lopes
Universidade Federal do Ceará - UFC

À Suely e Carlos, que mesmo sem saberem me fazem procurar ser melhor, todos os dias. Essa conquista é por vocês e para vocês. Por tudo, enfim. Nós vencemos. A todos os migrantes nordestinos das secas dos idos de 1877, 1915 e 1932 vítimas dos “campos de concentração” no Ceará, bem como a população remanescente desse processo histórico que influenciou a formação das margens da cidade de Fortaleza. Essa história é, sobretudo, de vocês.

AGRADECIMENTOS

A construção de qualquer trabalho é permeada por pessoas que atravessam nossos caminhos e esta tese não poderia ser diferente. Ela é resultado de muitas mãos invisíveis, muitos debates, algumas discussões, muitas reflexões, mas também de muitos afetos, conselhos, empatias e abraços na trajetória desta pesquisa. Gratidão é um sentimento partilhado e eu poderia citar aqui muitos outros nomes que se fizeram presentes nestes quatro anos no processo de doutoramento. Mencionei apenas alguns como a significação de uma longa jornada que se iniciou lá na graduação, quando entendi que falar de administração era também refletir sobre os diferentes aspectos e processos relacionados a questão social, política e cultural a partir de uma abordagem mais crítica, e ainda, quando decidi trilhar o caminho da pesquisa na jornada acadêmica. A administração, sobretudo, os diálogos com outras ciências por meio dos estudos organizacionais, me possibilitou conhecer e me reconhecer na pesquisa e nos estudos sobre os processos de organização das cidades. Daí a necessidade de ampliar e prolongar meu olhar para estudar a cidade por um outro prisma: o das suas margens. E assim, compreender que do lado de lá, também existem muitas outras histórias e práticas que precisam ser lembradas para que não possamos cair nos mesmos erros do passado, refletindo sobre as maneiras pelas quais a administração pode dar as mãos a uma gestão que seja, de fato inclusiva e considere o passado em seus processos organizativos. Enfim, entre as muitas mãos invisíveis, este trabalho é realizado em agradecimento:

A Deus, por ser o mestre que me guia dando sabedoria, força e fé para não desistir diante dos obstáculos da vida e que sempre se mostrou fiel nas suas promessas. Por ter me dado força e inspiração nesta caminhada.

Aos meus pais, Suely Lacerda e Carlos Lacerda, por me ensinarem valores e princípios, por serem a base do meu emocional, pela paciência e carinho durante a minha vida e por incentivarem a caminhada constantemente, despontando os princípios essenciais que devo seguir. Por nunca me deixarem desistir por qualquer motivo que seja. *Ao meu irmão Pedro Lacerda*, pelo amor fraternal, leia-se, chatice fraternal. Conseguimos.

A minha orientadora Profa. Ana Sílvia Rocha Ipiranga, que compartilhou comigo seu conhecimento, sua disponibilidade e suas experiências. Obrigado por ter me acolhido quando te procurei ainda no 1º semestre de 2018 para falar de pesquisa, pelos excelentes direcionamentos acadêmicos e por mostrar o papel do pesquisador, honrando essa profissão com dedicação e responsabilidade. Obrigado também por acreditar em mim e no meu trabalho. Inúmeras vezes, por mais que não soubesse, tornou-se um braço necessário para que eu chegasse até aqui. *Ao meu co-orientador prof. Ulf Thoene*, que acolheu nossa pesquisa, pela disponibilidade, pelas indicações de leituras, exaustivas revisões e experiências fora do Brasil, enfim pela dedicação na supervisão desta tese.

Aos membros da banca de avaliação, pelas contribuições desde o ensaio teórico e a qualificação do projeto até o momento atual, pela disponibilidade e dedicação na leitura do trabalho a fim de trazer contribuições. *Ao prof. Luiz Alex Silva Saraiva*, pelos momentos de trocas e partilhas e, sobretudo, por todas as vezes que provocou na intenção

de me fazer refletir sobre os lugares reservados aos estudos organizacionais. **A profa. Luma Louise Sousa Lopes**, por todas conversas e dicas que tivemos desde o início do doutorado quando a ideia desta tese ainda estava nascendo. **A profa. Priscilla Borgonhoni Chagas**, por ter aceitado nosso convite de compor essa banca e pelas importantes contribuições repassadas no consórcio doutoral da ANPAD. **A profa. Tereza de Castro Callado**, por ter nos ajudado na etapa do ensaio teórico, apontando caminhos para trabalhar com as concepções teóricas de Walter Benjamin e incentivando o desenvolvimento desta pesquisa. Para mim foi muito importante receber a avaliação e feedback de uma professora que se debruça por muitos anos nas discussões de Benjamin.

A todos que fazem ou fizeram parte do grupo de pesquisa “EO-TEDPEQ/UECE” ou simplesmente “crias da Ana Sílvia” (nosso grupo do WhatsApp), por compartilhar alegrias, trocas, confidências, conquistas e discussões neste processo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Administração da UECE, por meio de todo corpo docente, secretaria e funcionários. Agradeço por ser uma instituição pública que se reergue sempre com qualidade apesar dos pesares, em meio aos desgovernos desfavoráveis e conjunturas sombrias (#EleNão). Agradeço pelo acolhimento e por me proporcionar mais um grau acadêmico, em especial aos queridos mestres que foram meus professores nessa casa: Ana Batista, Ana Sílvia, Roberto Pinto, Hermano Carvalho, Verônica Peñaloza e Márcio Mota.

A todos os queridos da turma 4 do doutorado do PPGA/UECE, por ter vivenciado os melhores momentos de tensão e alegrias. Em especial as minhas amigas que fazem parte do grupo “Já acabou, doutorado?” do WhatsApp, Marília e Jessie, que seguem comigo. Obrigado por todo apoio, motivação, pelos sorrisos e nervosismos entre uma aula e outra, pela parceria, pelos cafezinhos à tarde, pelas longas conversas e troca de olhares, enfim, pela grande amizade que conquistamos nos quatro anos do doutorado. Tudo valeu a pena.

Aos meus grandes amigos do “Danger” (Liz, Nathy e Laércio), por dividir todos os momentos, sendo suporte emocional em meio a esse caos que foi e ainda está sendo a pandemia do Covid-19, por me apoiar na mudança para Fortaleza, por me criticar na hora certa, por me incentivar e por falar milhões de coisas no WhatsApp (des) necessárias (risos). Mesmo “distante” se fizeram presente. Enfim, pelos sorrisos e lágrimas ao longo desses quase dez anos de amizade, mas não apenas.

Aos amigos que esbarraram em algum momento da minha trajetória, Daniel, Kelly, Isadora, Railana, Rafaela, Manu, Laís, Edvânia, Leila, Priscila e Vam. Alguns distantes, outros não. Obrigado pelo afeto, pelo carinho, pelo olhar acalentador, pelo apoio psicológico, por me entenderem todas as vezes que deixei de sair com vocês e pelas vezes que eu disse que iria, mas nem apareci (risos). Enfim, compreenderam minha ausência e torceram comigo na concretização dessa conquista profissional e pessoal. Certamente tornaram esse momento mais leve.

A minha querida amiga Mariana (in memoriam), que lá do céu me deu toda força necessária para caminhar, guiando meus pensamentos e passos. Te perder no meio do doutorado foi um dos obstáculos emocionais mais difíceis que passei, mas te agradeço

por segurar minha mão em oração sempre que te chamei. Obrigado por ser luz, calma, verso, poesia, ventania, tranquilidade e paz. A dor da saudade nunca cessará. Te amo. Voa “passarinho”.

A *minha família* (avós, avôs, tias, tios, primas e primos), pelo carinho, compreensão e suporte de sempre.

A *Emanuele Rodrigues, responsável pelo acervo documental do DNOCS*, que gentilmente e rapidamente abriu as portas do acervo de forma tão generosa desde o primeiro contato em 2020. Como igualmente, abraçou minha pesquisa, disponibilizando materiais, documentos e fontes.

Ao *Sr. Valdecy Alves, ativista dos direitos humanos e militante de movimentos sociais*, que foi uma das primeiras pessoas que eu me esbarrei em 2019 por ser defensor dos movimentos relacionados a preservação da memória dos “campos de concentração”. Sempre muito empático e atencioso, me atendeu prontamente todas as vezes que precisei da sua ajuda, seja indicando eventos, seja disponibilizando materiais ou até trocando uma ideia por telefone e e-mail sobre os campos. Muito obrigado pela solicitude.

Ao *meu pet*, que esteve presente nos meus pés durante todo processo de escrita e me acalmou nos momentos que mais estive em crises de ansiedade. Você me escolheu e curiosamente, tenho aprendido bastante nesta relação. Mais do que um cão, Zion é meu guia espiritual.

A *CAPES*, por tornar possível a dedicação aos estudos através do apoio financeiro nos últimos dois anos do curso de doutorado.

A *todos os migrantes sertanejos do nordeste brasileiro vítimas dos “campos de concentração”*, por me permitirem contar essa história, em especial os do Ceará. Bem como, *a toda população que compõe as margens urbanas da cidade de Fortaleza*, negros, mestiços, índios, pescadores, garçons, trabalhadores informais, caboclos, do sertão, donas de casa, diaristas, motoristas de aplicativo, ativistas, artistas, marginalizados, excluídos, etc, etc. Que esta tese seja uma oportunidade para que histórias como as de vocês sejam levadas em consideração no planejamento urbano de uma cidade, por sua pluralidade e diversidade.

A *todos os “nós”*, que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse trabalho, pois foram importantes para a concretização desse sonho.

Gratidão.

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”
(Walter Benjamin).

“A história é o privilégio que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio”
(Michel de Certeau).

“De fato, frequentemente, a sociedade impõe silêncios na história. E esses silêncios são tão história quanto a história”
(Marc Ferro).

RESUMO

A cidade de Fortaleza se destaca como uma região com alta vocação para o turismo por meio dos seus modernos equipamentos urbanos e clima litorâneo. No entanto, para além desse cenário, a cidade é avaliada como uma das mais desiguais do Brasil, delineando uma estética urbana fragmentada através da existência histórica de amplas margens. Para essa pesquisa, defendemos a proposição de umnexo histórico que atuou/atua na fragmentação espacial da cidade, organizando margens urbanas da cidade de Fortaleza. A proposta desse estudo se justifica pela relevância do debate crítico em torno do uso da história para escrutinar o organizar das margens da cidade e como este resgate histórico poderá oferecer subsídios para uma alternativa inovadora da prática de gestão, atual e futura, de espaços urbanos, redirecionando políticas inovadoras para a cidade, com base em uma compreensão crítica das dinâmicas de marginalização de espaços e populações. Nesse contexto, o objetivo geral do estudo foi compreender, sob o ponto de vista histórico, como ocorreu o organizar das margens da cidade de Fortaleza. Em termos teóricos, essa pesquisa se encontra na conjunção entre os estudos sobre cidades e a abordagem da história na administração que se apoiou, entre outros autores, nos conceitos do filósofo histórico Walter Benjamin (2016) formulados em suas célebres teses “Sobre o Conceito de História”, publicadas originalmente em 1940. A metodologia baseou-se em uma pesquisa de caráter histórico, tendo sido constituída uma coleção de arquivos documentais e a análise foi realizada à luz da historiografia por meio de um conjunto de procedimentos relacionados a “escrita da história” segundo Michel de Certeau (2011). As tramas historiográficas sugeriram a existência de umnexo histórico que atuou/atua na fragmentação espacial da cidade, organizando as margens urbanas na região oeste de Fortaleza por meio dos assim denominados “campos de concentração”, dessa forma, configurando os amplos espaços urbanos marginalizados que hoje demarcam a cidade. Nos relatos a ideia benjaminiana de “ruínas históricas” foi representada pelas práticas governamentais de confinamento de migrantes das estiagens que se refugiavam nas margens da cidade nos idos de 1877, 1915 e 1932, dessa forma, os efeitos dessas políticas postas em prática em nome do “progresso” influenciaram a organização das margens de Fortaleza. Através da reativação da memória de um passado circunstancial, o olhar das “ruínas”, representado pelas práticas governamentais de confinamento, se confrontou com os relatos “oficiais”, abrindo espaços onde novas possibilidades para o futuro da cidade podem ser imaginadas. Nesse processo, é relevante refletir sobre as maneiras pelas quais a administração e suas práticas podem dar as mãos a uma gestão que considere os efeitos do passado e da história no organizar das cidades.

Palavras-chave: Organizar da Cidade. História na Administração. Margens de Fortaleza. Nexo Histórico. Ruínas/Progresso.

ABSTRACT

The city of Fortaleza stands out as a region with a high vocation for tourism by through its modern urban equipment and coastal climate. However, in addition to this scenario, the city is evaluated as one of the most unequal in Brazil, outlining a fragmented urban aesthetic through the historical existence of wide margins. For this research, we defend the proposition of a historical nexus that acted/acts in the spatial fragmentation of the city, organizing the urban margins of the city of Fortaleza. The proposal of this study is justified by the relevance of the critical debate around the use of history to scrutinize the organizing of the city's margins and how this historical rescue will be able to offer subsidies for an innovative alternative of the current and future, of urban spaces, redirecting innovative policies to the city, based on a critical understanding of the dynamics of marginalization of spaces and populations. In this context, the general objective of the study was to understand, from a historical point of view, how the organization of the margins of the city of Fortaleza occurred. In theoretical terms, this research is found in the conjunction between studies on cities and the approach to history in the administration that was based, among other authors, on the philosopher's concepts Walter Benjamin (2016) formulated in his famous theses "On the Concept of History", originally published in 1940. The methodology was based on a historical research, having been constituted a collection of archives documentary and the analysis was carried out in the light of historiography through a set of procedures related to "history writing" according to Michel de Certeau (2011). The plots historiographic suggested the existence of a historical nexus that acted/acts in the spatial fragmentation of the city, organizing the urban margins in the western region of Fortaleza through the so-called "concentration camps", thus, configuring the large marginalized urban spaces that today demarcate the city. In the reports, the Benjaminian idea of "historical ruins" was represented by the practice government confinement of migrants from the droughts who took refuge in the margins of the city in 1877, 1915 and 1932, thus, the effects of these policies put into practice in the name of "progress" influenced the organization of the margins of Fortaleza. Through the reactivation of the memory of a circumstantial past, the look of the "ruins", represented by the governmental practices of confinement, was confronted with the "official" reports, opening spaces where new possibilities for the future of the city can be imagined. In this process, it is relevant to reflect on the ways in which the administration and its practices can join hands with a management that considers the effects of the past and history in the organization of cities.

Keywords: City Organize. History in Administration. Margins of Fortaleza. Historical Nexus. Ruins/Progress.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Mapa dos bairros da cidade de Fortaleza | 22 |
| Figura 2 - Estrutura e organização da tese | 32 |
| Figura 3 - Registros fotográficos - Evento em memória dos “Campos de Concentração” no Ceará | 73 |
| Figura 4 - O anjo da história | 97 |
| Figura 5 - Proposição de um modelo teórico | 108 |
| Figura 6 - O cristal do acontecimento total segundo Walter Benjamin | 110 |
| Figura 7 - Progresso e Ruínas: as malhas de práticas históricas como nexos históricos | 111 |
| Figura 8 - Nexos históricos: malha de práticas relacionadas ao progresso | 112 |
| Figura 9 - Planta do Porto e Vila da Fortaleza de Silva Paulet (1813) | 115 |
| Figura 10 - Cidade de Fortaleza na reforma urbana higienista | 118 |
| Figura 11 - Início da Rua Major Facundo, no Passeio Público | 119 |
| Figura 12 - Passeio Público em Fortaleza | 119 |
| Figura 13 - Notícia de jornal sobre a inauguração do Mercado de Ferro | 122 |
| Figura 14 - Código Municipal de Posturas | 126 |
| Figura 15 - Asseio da cidade | 127 |
| Figura 16 - Quadro de Candido Portinari, “Os retirantes” (1944) | 131 |
| Figura 17 - Recortes espaço-temporais | 133 |
| Figura 18 - Notícias sobre a pandemia da varíola e os abarracamentos | 138 |
| Figura 19 - Notas de jornal registrando os problemas relacionados a seca | 139 |
| Figura 20 - Notícias sobre os abarracamentos e os retirantes da seca | 140 |
| Figura 21 - Abarracamento de uma das famílias dos flagelados em 1877 | 141 |
| Figura 22 - Notícias sobre o “campo de concentração” do Alagadiço | 145 |
| Figura 23 - Notícias sobre problemas de saúde no "campo de concentração" do Alagadiço | 147 |
| Figura 24 - Retirantes da seca de 1915 na Ponte Metálica em Fortaleza | 149 |
| Figura 25 - Retirantes na estação ferroviária à espera de uma locomotiva | 150 |
| Figura 26 - Notícias sobre a chegada dos retirantes na seca de 1932 | 153 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Figura 27 - Notícia sobre o “campo de concentração” do Matadouro em Fortaleza..... | 155 |
| Figura 28 - Mapa de Fortaleza indicando a localização das concentrações do Matadouro e Urubu..... | 156 |
| Figura 29 - Notícia sobre registro dos “campos de concentração” até o primeiro semestre de 1932..... | 157 |
| Figura 30 - Notícia sobre a criação dos 7 “campos de concentração” no Ceará...158 | |
| Figura 31 - Evidencias sobre o “campo de concentração” do Patu..... | 160 |
| Figura 32 - Evidencias sobre o “campo de concentração” do Buriti no Crato..... | 162 |
| Figura 33 - Registro do “campo de concentração” do Buriti, Crato-CE..... | 164 |
| Figura 34 - Documentário que retrata os “campos de concentração” de Quixeramobim e Ipu..... | 165 |
| Figura 35 - Quadros de mortalidade e registro de óbitos em Fortaleza no ano de 1933..... | 166 |
| Figura 36 - Visita da comissão médica ao “campo de concentração” do Buriti no Crato..... | 167 |
| Figura 37 - Capa do relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados..... | 168 |
| Figura 38 - Registro do “campo de concentração” do Urubu no Pirambu..... | 169 |
| Figura 39 - O nexu histórico das ruínas no organizar das margens da cidade..... | 179 |
| Figura 40 - Mapa da zona oeste da cidade de Fortaleza..... | 182 |
| Figura 41 - Registro da avenida Leste-Oeste que dividiu o Pirambu em 1973..... | 183 |
| Figura 42 - Bairro do Pirambu - Fortaleza em 1960..... | 184 |
| Figura 43 - Ruínas do hospital do “campo de concentração” do Patu..... | 194 |
| Figura 44 - Ruínas do sítio histórico do “campo de concentração” do Patu..... | 195 |
| Figura 45 - Fotografia aérea do Açude do Patu..... | 198 |
| Figura 46 - Vista interna do cemitério das almas da barragem..... | 200 |
| Figura 47 - Cortejo da caminhada da seca em Senador Pompeu..... | 201 |
| Figura 48- Capa dos folders promocionais das 34^a, 35^a e 36^a caminhada da seca. | 203 |
| Figura 49 - Vagão de trem localizado na Av. José Jatahy, onde passava a antiga estrada de ferro de Baturité..... | 205 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Gráfico 1 - Agrupamentos de trabalhos por ano de publicação | 80 |
| Gráfico 2 - Agrupamento por repositório dos trabalhos internacionais | 81 |
| Gráfico 3 - Agrupamento por repositório dos trabalhos nacionais | 89 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Quadro 1 - Sistematização das publicações - história e administração/EOR | 37 |
| Quadro 2 - Mapeamento preliminar dos arquivos históricos | 59 |
| Quadro 3 - Repositório e endereço das instituições consultados em definitivo | 61 |
| Quadro 4 - Organização da coleção documental da pesquisa | 65 |
| Quadro 5 - Descrição dos acervos e jornais consultados | 67 |
| Quadro 6 - Quantitativo de trabalhos nas bases e áreas do conhecimento | 78 |
| Quadro 7 - Organização e critérios de análise dos artigos | 79 |
| Quadro 8 - Mapeamento de trabalhos internacionais | 82 |
| Quadro 9 - Mapeamento de trabalhos nacionais | 90 |
| Quadro 10- Resumo da malha de práticas governamentais de reforma higienista. | 129 |
| Quadro 11- Resumo da malha de práticas governamentais de confinamento | 171 |
| Quadro 12- Resumo da malha de práticas governamentais da criação dos órgãos. | 178 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------------|
| IPECE | Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará |
| RMF | Região Metropolitana de Fortaleza |
| REDODSAL | Observatório das Metrópoles e pelo Observatório da Dívida Social na América Latina |
| IDH | Índice de Desenvolvimento Humano |
| NUDOC | Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará |
| DNOCS | Departamento Nacional de Obras Contra as Secas |
| IOCS | Inspetoria de Obras Contra as Secas |
| IFOCS | Inspetoria Federal de Obras contra as Secas |
| CDDH-AC | Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro |
| IPLANFOR | Instituto de Planejamento de Fortaleza |
| DNSP | Departamento Nacional de Saúde Pública |
| SEMTA | Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia |
| CAETA | Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia |
| SAVA | Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico |
| DNI | Departamento Nacional de Imigração |
| SEOCS | Secretaria de Estudos e Obras Contra as Secas |
| SUDENE | Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste |
| PCB | Partido Comunista Brasileiro |
| COMPAC-SP | Conselho Municipal de Patrimônio de Senador Pompeu |
| COGERH | Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos |
| PDP-For | Plano Diretor Participativo de Fortaleza |
| PIRF | Planos Integrados de Regularização Fundiária |
| ZEIS | Zona Especial de Interesse Social |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| SETUR-CE | Secretaria de Turismo do Ceará |
| MPCE | Ministério Público do Ceará |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 19 |
| 1.1 | Motivação e problematização da tese: retratos fragmentados da cidade de Fortaleza e de suas margens..... | 19 |
| 1.2 | Questão de pesquisa e objetivos..... | 30 |
| 1.3 | Relevância e justificativa do estudo..... | 30 |
| 1.4 | Estrutura e organização da tese..... | 32 |
| 2 | MARCO TEÓRICO..... | 34 |
| 2.1 | Abordagem da história na administração e a “virada histórica” nos estudos organizacionais..... | 34 |
| 2.2 | Abordagem das cidades e as suas margens nos estudos organizacionais..... | 45 |
| 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA PESQUISA HISTÓRICA..... | 54 |
| 3.1 | A pesquisa histórica na área de administração e nos estudos organizacionais..... | 54 |
| 3.2 | Construção da coleção documental: o arquivo como sujeito ativo na pesquisa histórica..... | 56 |
| 3.3 | Procedimentos de análise com base na historiografia..... | 74 |
| 4 | RELATOS DA CAMINHADA PERCORRIDA E RESULTADOS..... | 77 |
| 4.1 | Análise da literatura e mapeamento das lacunas: itinerários em Walter Benjamin e nos estudos organizacionais..... | 77 |
| 4.2 | Ensaando teoricamente: articulações e a proposição de um modelo teórico da pesquisa..... | 95 |
| 4.2.1 | “Ruína” e “Progresso” em Walter Benjamin: uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”..... | 95 |
| 4.2.2 | O conceito de ruínas nos estudos organizacionais..... | 104 |
| 4.2.3 | Proposição de um modelo teórico..... | 108 |
| 4.3 | Análise histórica: uma gestão a ser contada sobre o organizar das margens da cidade de Fortaleza..... | 109 |
| 4.3.1 | Nexo histórico: malha de práticas relacionadas ao “progresso” - O lado “A” da moeda..... | 112 |

| | | |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3.1.1 | <i>Práticas governamentais de reforma urbana higienista</i> | 113 |
| 4.3.1.2 | <i>Práticas governamentais de confinamento e controle social: Os “campos de concentração” no Ceará</i> | 130 |
| 4.3.1.3 | <i>Práticas governamentais da criação dos órgãos de combate as secas</i> | 171 |
| 4.3.2 | Nexo histórico: malha de práticas relacionadas a “ruína” - O lado “B” da moeda..... | 179 |
| 4.3.2.1 | <i>Processo de transformação histórica: o organizar das margens da cidade de Fortaleza</i> | 180 |
| 5 | DISCUSSÕES: OS NEXOS HISTÓRICOS E O ORGANIZAR ATUAL E FUTURO DAS MARGENS DA CIDADE DE FORTALEZA | 192 |
| 5.1 | Os nexos históricos que narram sobre as ruínas dos “campos de concentração” e que representaram os ideais do “progresso”..... | 192 |
| 5.2 | O organizar atual e futuro das margens sob a ótica dos estudos organizacionais na/da cidade..... | 207 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 217 |
| | REFERÊNCIAS | 222 |
| | ANEXOS | 242 |
| | ANEXO A - EXEMPLO DE TRIAGEM DO ACERVO DIGITAL DA HEMEROTECA | 242 |
| | ANEXO B - ORGANIZAÇÃO E EXTRATO DO MATERIAL DOCUMENTAL - PASTAS DOS ARQUIVOS | 243 |
| | ANEXO C - JORNAL MENCIONANDO AS PRIMEIRAS RELAÇÕES COMERCIAIS NO CEARÁ POR MEIO DA PRESENÇA BRITÂNICA .. | 245 |
| | ANEXO D - TRAJES FORTALEZENSE NA DÉCADA DE 1920 COM INSPIRAÇÕES EUROPEIAS | 246 |
| | ANEXO E - FOTOGRAFIA DO CAFÉ RICHE NOS ANOS 1920 | 247 |
| | ANEXO F - IMAGEM PUBLICITÁRIA DA LOJA “A CEARENSE” NA BELLE ÉPOQUE DE FORTALEZA | 248 |
| | ANEXO G - PRIMEIRO CLUBE SOCIAL DE FORTALEZA - CLUBE IRACEMA FUNDADO EM 1884 | 249 |
| | ANEXO H - NOTAS DE JORNAL MENCIONANDO SOBRE A INAUGURAÇÃO DO THEATRO JOSÉ DE ALENCAR | 250 |

1 INTRODUÇÃO

*“A cultura de um povo
É tema muito importante
Do adulto ao idoso
Como também ao infante
Pra toda comunidade
Até para o visitante” (p. 2).*

*(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé.
Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).*

Neste capítulo apresentamos a motivação da pesquisa, bem como o contexto de problematização da tese, incluindo a questão de pesquisa abordada por nosso estudo. Também apresentamos uma visão geral do trabalho, das implicações, da relevância, da justificativa e dos objetivos da pesquisa deste trabalho. Por fim, apresentamos o modo de organização e a estrutura que foi proposta e elaborada para esta tese.

1.1 Motivação e problematização da tese: retratos fragmentados da cidade de Fortaleza e de suas margens

A cidade de Fortaleza com população de 2.669.342 habitantes (IBGE, 2010) é conhecida por suas belezas naturais e clima tropical em toda sua região litorânea. A capital do Ceará é uma metrópole urbana com imagens de um marketing urbano representado, entre outras, por suas famosas praias de Iracema e do Futuro, que se destaca como uma região com forte expressão e vocação para o turismo. Esses espaços da cidade são permeados por estruturas arquitetônicas verticalizadas dos hotéis luxuosos e *resorts* na Avenida Beira-Mar e dos famosos corredores turísticos que ligam o centro de Fortaleza à Praia de Iracema por meio de avenidas conhecidas, entre elas, Santos Dumont, Monsenhor Tabosa e Dom Luís que contam com vias onde funcionam estabelecimentos voltados ao público turista, incluindo equipamentos culturais e artísticos e demais instituições de apoio e fomento às atividades ligadas a cadeia produtiva do turismo, além de modernas barracas na beira das praias da cidade.

O turismo de sol e praia em Fortaleza com seu clima quente e tropical é encabeçado pela dinâmica de valorização das zonas praieiras por meio do processo de litoralização e esse contexto consolida-se como um importante espaço de fluxo turístico através dos seus modernos equipamentos urbanos, revelando uma orla de riqueza e luxo onde se sustenta a gastronomia, as artes performáticas, o *design*, os sítios culturais, o

artesanato, a arquitetura, a publicidade e a moda, por exemplo. Dessa forma, a cidade de Fortaleza e sua região metropolitana polariza boa parte das atividades econômicas do estado do Ceará com destaque para o segmento do turismo e do comércio.

De acordo com a Secretaria de Turismo do Ceará (SETUR-CE) houve um aumento significativo de atividades turísticas no estado de mais de 60% entre 2006 a 2017. Dados da Agência Nacional da Aviação Civil (ANAC) também corroboram com tais informações ao enfatizar que o número de turistas no estado do Ceará cresceu 99% no primeiro semestre do ano de 2019 em relação ao ano anterior, colocando o estado como a maior porta de entrada de turistas estrangeiros do Nordeste e em nível nacional, ficando atrás apenas da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro no sudeste brasileiro.

No entanto, para além da urbe turística, a cidade de Fortaleza também esconde características que demonstram uma cidade marcada por vulnerabilidades oriundas de processos históricos de marginalizações. Alguns dados são revelados nos indicadores socioeconômicos do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE, mostrando uma Fortaleza de marginalizações, pobreza e desigualdades sociais e espaciais (IPECE, 2018), delineando diferentes contextos urbanos marginalizados que são permeados por espaços com altos índices de violência, problemas habitacionais, infraestruturas de drenagem, falta de saneamento básico, assentamentos precários e a carência de diferentes assistências básicas como saúde, educação e cultura.

De acordo com o atlas da violência de 2020, o estado do Ceará obteve a posição de terceiro lugar em número de homicídios no estado em relação as outras unidades da federação brasileira (IPEA, 2020). A cidade é avaliada como uma das mais desiguais do Brasil quanto à distribuição de renda e marginalizações. A Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), dentre as regiões metropolitanas citadas no estudo, foi a que apresentou os piores resultados, como evidenciado em um outro relatório disponibilizado pela prefeitura municipal de Fortaleza, intitulado “Plano de desenvolvimento econômico e social - Fortaleza 2040” (REVISTA FORTALEZA 2040, 2016a).

De acordo com o IPECE (2018) mesmo diante de alguns avanços na economia cearense, o estado ainda é apontado como o que possui um elevado número de pessoas marginalizadas em situação de pobreza e miséria, permeado por desigualdades sejam estas sociais, étnicas, etárias, de gênero e espacial. Em relação a essas desigualdades, o relatório enfatiza que, historicamente, o estado do Ceará apresenta níveis elevados de concentração de renda em comparação com as demais unidades federativas, desafiando a gestão e a efetividade de suas políticas públicas.

Estas análises foram baseadas no coeficiente de Gini, sendo este utilizado para verificar o grau de desigualdade na distribuição de renda. O valor pode variar teoricamente desde 0 (zero), quando não há desigualdade e as rendas de todos os indivíduos têm o mesmo valor, até 1 (um), quando a desigualdade é máxima, ou seja, apenas um indivíduo detém a maior parte da renda, sendo que a renda de todos os outros indivíduos é nula. De acordo com um recente estudo realizado pelo Observatório das Metrópoles e pelo Observatório da Dívida Social na América Latina (RedODSAL), em 2020 a cidade de Fortaleza foi considerada a 5ª cidade do país com maior desigualdade de renda com um índice de Gini em 0,675 (SALATA; RIBEIRO, 2020). Dados também confirmados pelo relatório das Nações Unidas “*State of the World Cities 2010/2011: Bridging the Urban Divide*” que considera Fortaleza como a quinta cidade mais desigual no mundo¹.

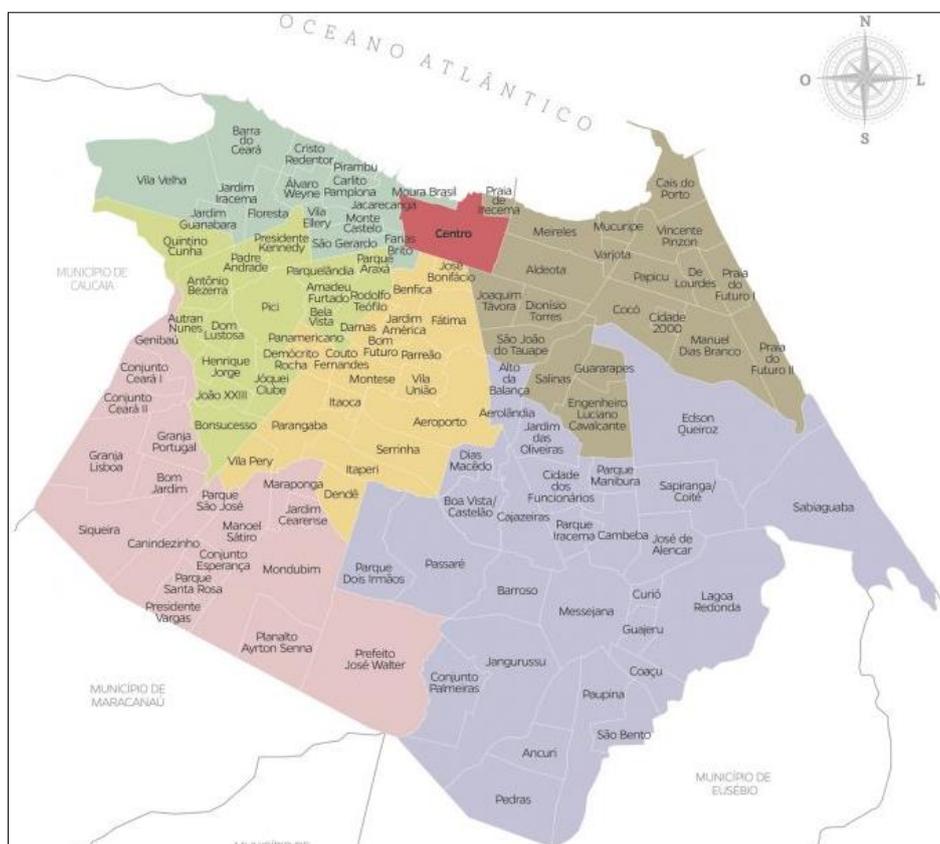
Os dados ainda revelam que no período entre 2016 e 2017 o Ceará e a Região Nordeste na qual este estado se insere tiveram crescimento elevados dos níveis de desigualdade em relação ao nível nacional (IPECE, 2018). O estudo indica que a diferença de renda entre os bairros ricos e pobres de Fortaleza chega a ser 15 vezes mais, onde apenas 7% da população de Fortaleza vive nos 10 bairros mais ricos e os 44 bairros de menor renda concentram 49% da população da capital cearense, delineando amplos espaços e populações marginalizadas na cidade. A maioria da população de Fortaleza reside nas Zonas Sul e Oeste, estando na Zona Oeste as maiores densidades populacionais, com destaque para o bairro Pirambu que tem uma densidade de 330 hab./km² e o bairro Barra do Ceará com 175 hab./km² (REVISTA FORTALEZA 2040, 2016a). Essas realidades não são vistas apenas nos dias atuais, mas segue historicamente o cotidiano de diferentes cidades brasileiras (OLIVEIRA, 2001), refletindo sobre a maneira como as políticas urbanas são influenciadas por uma lógica hegemônica e dominante (HONORATO; SARAIVA, 2016).

Esses dados podem retratar um complexo mosaico morfológico (KOHLSDORF et al. 2013) e uma colcha de retalhos (MEDEIROS, 2013) que desenham as margens urbanas da cidade de Fortaleza representada, por exemplo, pelas comunidades periféricas no oeste da cidade que são marcadas por concentração espacial de renda, caracterizando estratificações sociais, raciais e econômicas diversas que se pautam na divisão e na utilização do espaço urbano (NEGRI, 2010).

¹ Documento disponível em: https://unhabitat.org/sites/default/files/2021/10/11143016_alt.pdf

Entre os bairros mais ricos (maior renda média e IDH) da cidade são citados, entre outros, Meireles, Aldeota, Cocó, Varjota, Joaquim Távora, Mucuripe e Praia de Iracema, localizados na região Leste de Fortaleza. Já entre os bairros mais pobres (menor renda média e IDH) são citados, entre outros, Pirambu, Moura Brasil, Cristo Redentor, Jacarecanga, Barra do Ceará, Genibaú, Siqueira, Granja Portugal e Bom Jardim (Figura 1), localizados na região Oeste de Fortaleza e a maioria destes na orla da cidade (IPECE, 2018; REVISTA FORTALEZA 2040, 2016a). Observa-se que os espaços marginalizados à Oeste da cidade de Fortaleza se contrastam com os espaços ditos nobres ao Leste da cidade no que diz respeito a desigualdade social e o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano (GONDIM, 2007).

Figura 1: Mapa dos bairros da cidade de Fortaleza



Fonte: Anuário do Ceará (2019)

Como observado, o mapa da cidade apresenta a orla Oeste do lado esquerdo que sinaliza espaços permeados por comunidades/favelas e situação de pobreza, como por exemplo, o bairro Moura Brasil, o Cristo Redentor e o Pirambu que é considerada a maior favela do Ceará e a 7ª maior do Brasil, com cerca de 42,6 mil moradores e 11.630 domicílios (IBGE, 2010). Em contraste têm-se a orla Leste do lado direito do mapa com

o Mucuripe e Meireles, por exemplo, que contam com sofisticados aparatos urbanos de lazer e megaempreendimentos. Segundo Pereira Neto (2017), para compreender um processo de segregação é importante reconhecer suas articulações e conexões com a marginalização do espaço urbano. Nesse processo, Bógus e Ribeiro (2006), sublinham que um tipo de “desenvolvimento” com vistas apenas ao “progresso” tem como consequência uma cidade em fragmentos e que está permeada por relações de poder, espaços de dominações, segregações e contradições, portanto, composta de lutas e resistências entre suas populações diversas (ROLNIK, 1995; HAESBAERT, 2009).

Diferentes estudos fizeram referência a essas questões enfatizando que o processo de transformação histórica e modernização da cidade de Fortaleza se deu em busca de um “progresso”, problematizando uma divisão urbana fragmentária, antagônica e cindida na formação e organização da cidade de Fortaleza (ROSA; ALVES, 2001; RIBEIRO, 2006; MAGALHÃES, 2015). Segundo Cordeiro e Menezes (2001), o processo histórico da cidade se deu por meio de uma política urbana de teor neoliberal (FRIEDMAN, 2017), indicando a formação de uma Fortaleza capitalista.

Com respeito ao neoliberalismo, o qual Harvey (1993) chama de acumulação flexível, este processo carregou consequências do aumento do poder do capital em relação ao trabalho, além de crescimento do desemprego e retração do Estado de Bem-Estar, acentuando-se as desigualdades sociais, as marginalizações e o aumento da pobreza por meio da busca de uma globalização e o almejado “progresso” (ROSA; ALVES, 2001). Ainda nessa mesma vertente, de acordo com Magalhães (2015), a introdução de uma política neoliberal, acirrou na cidade as consequências de uma globalização, com vistas apenas para o mercado (RIBEIRO, 2006). Estas políticas, baseando-se em uma lógica econômica que promove a financeirização da cidade, potencializaram questões relativas a uma organização capitalista da cidade, por meio de processos de gentrificação, valorização imobiliária, desigualdades, segregação e exclusão social, associada à uma produção da cidade fragmentada em suas margens (WACQUANT, 2014), restando aos grupos situados nas margens, particularmente, o ato de resistir. De acordo com Harvey (2015), estas questões foram percebidas desde a origem das cidades e intensificado, sobretudo, a partir dos aspectos da globalização.

Sobre esses processos de planejamento das cidades capitalistas modernas, Gondim (2007) também enfatiza que estas questões ampliaram as margens das cidades em razão do crescimento desenfreado de uma ideologia desenvolvimentista sem acompanhamento de infraestrutura urbana e social, tendo como resultado uma cidade

fragmentada em trópicos e margens (MARICATO, 2000). Nesse processo a cidade “não conseguiu desenvolver um aparato econômico, infraestrutura urbana e serviços públicos capaz de atender aos seus habitantes, em particular aos das classes economicamente desfavorecidas” (CORDEIRO; MENEZES, 2001, p. 22-23).

Dessa forma e de acordo com esse viés, na cidade de Fortaleza diferentes processos organizativos foram significantes para a emergência de pelo menos duas cidades fragmentadas em uma só, sustentando o argumento de uma “cidade partida” por meio dos efeitos históricos da sua própria urbanização: de um lado a zona Leste com um significado de “progresso” e “modernidade” “pra turista ver” e do outro lado, uma cidade adversa a essa representação, mostrando a zona Oeste como pobre e miserável “pra o povo viver” (CORDEIRO; MENEZES, 2001; MARICATO, 2000).

Alguns outros autores também contribuíram para estas questões sobre a fragmentação socioespacial da cidade de Fortaleza, discutindo que esse “progresso” produz espaços marginalizados e, aparentemente, desconectados entre si, delineando um contexto capitalista globalizado de governança urbana que propicia contradições, conflitos, distorções e marginalizações (BRASIL, 2008; ARRUDA; FARIAS, 2017). Esta questão também corrobora com Bernal (2004) que faz uma análise crítica do modelo de desenvolvimento em busca de “progresso” no Ceará dos anos de 1987 a 2002, colocando questões sobre o aumento da distância entre os ricos e pobres e o crescimento das marginalizações urbanas.

Confirmando ainda tais questões, Lima (2004) sugere que o surgimento desses processos de marginalização espacial em Fortaleza se deu em função da “inexistência histórica de um Plano Diretor para a cidade que organizasse democraticamente as infraestruturas do meio urbano ao atendimento de sua população excluída e da modernização das estruturas macroeconômicas da cidade com pouca função social” (p. 73). Esses processos caracterizaram a ocupação do solo urbano em Fortaleza, marcando contrastes, conflitos e tensões de uma cidade dividida entre suas margens pautados pela busca do “progresso” com base em um paradigma de planejamento capitalista neoliberal (FREITAS, 2006; BORGES; SANTOS, 2011).

Por esse viés, as margens urbanas podem ser pensadas como uma outra cidade significada por uma construção da diferença e uma cartografia de exclusão: becos, vielas, periferias, cortiços e porões (PESAVENTO, 2001). Assim, as margens das cidades brasileiras representadas, por exemplo, pelas favelas e comunidades são/estão às margens do/no centro e do almejado “progresso” (LOPES, 2010) ou como o quarto de despejo de

uma cidade (JESUS, 2019), colocando em discussão uma cidade marcada por diferentes contrastes, entre eles: centro *versus* margens, morro *versus* asfalto, zona sul *versus* periferia (PESAVENTO, 2001).

Estas marginalizações urbanas caracterizam uma organização socioespacial de alguns poucos que tomam para seu grupo hegemônico o direito de estabelecer a ordem aos outros demais não hegemônicos, portanto subordinados. Como argumentado por Cerruti (2016) as margens urbanas se sobressaem como um espelho invertido na construção de uma identidade urbana civilizada e moderna. Souza (2006) e Silva (2014) também sublinharam que as margens são construções sociais para naturalização das diferenças, repletas de fantasmas urbanos.

Observa-se que essas questões que abordaram a organização da cidade de Fortaleza de forma fragmentária foram objetos de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento como demonstrado anteriormente, evidenciando uma complexidade ao discutirem a “moderna” cidade de Fortaleza em busca do “progresso” como um paradoxo urbano e palco de marginalidades (MARICATO, 2000; CORDEIRO; MENEZES, 2001; DANTAS; SILVA; COSTA, 2009; MUNIZ; SILVA; COSTA, 2011).

No entanto, se por um lado observa-se alguns estudos que discutem a organização dessa cidade neoliberal por um viés antagônico, uma outra perspectiva é observada a partir da projeção de uma cidade que se organiza dividida, mas configurando espaços complementares e interdependentes, que se influenciam mutuamente e que convivem cotidianamente entre suas vias. Tendo como base essa discussão, consideramos neste trabalho a abordagem de Das e Poole (2004) sobre o estado e as suas margens, onde os autores sugerem uma relação não dicotômica para a compreensão desses espaços, desenhando novas configurações urbanas ao repensarem a relação do centro nas/das margens do estado (DAS; POOLE, 2004). Essa posição problematiza as duas faces de uma mesma moeda, refletindo o contexto urbano com a intenção de “construir outras formas de significação onde a perfeita oposição não seja mais o único modo de compreensão” (GOMES, 2003, p. 172) dos processos relativos às questões das marginalizações urbanas.

Dessa maneira, no presente trabalho nos propomos a repensar essa lógica dicotômica da organização das margens urbanas apresentadas nos estudos anteriores, compreendendo que algumas vezes essa dicotomia representada pela “cidade partida em duas” pode servir apenas para justificar ainda mais um tratamento homogêneo nesses espaços (VALLADARES, 2005; BRULON; PECI, 2019). Por exemplo, Araújo e Carleial

(2003, p. 73) dão continuidade a esse viés quando questionam essa dicotomia que explica a ocupação e uso do solo urbano em Fortaleza e que divide a metrópole em duas cidades, afirmando que “ricos e pobres moram na mesma unidade censitária, em toda a extensão urbana, desfazendo essa Fortaleza partida”. Dessa forma, margens e centros se complementam contraditoriamente mesmo que seja apenas numa relação desigual, onde as margens tendem a servir os centros.

Diante do exposto e considerando tais problemáticas, levantamos algumas questões-guia preliminares que nos motivaram a compreender os processos históricos relacionados as margens urbanas de Fortaleza, entre elas: Quais as origens históricas da organização fragmentária da cidade de Fortaleza? Quais processos históricos, de gestão e ou organizativos, influenciaram a formação desses amplos espaços marginalizados da cidade? Quais as perspectivas atuais e futuras para o organizar desses espaços nas margens da cidade?

Com base em alguns estudos iniciais que levantamos foi observado que a formação histórica das margens da cidade de Fortaleza era frequentemente relacionada as questões referentes aos persistentes períodos de seca da região, assim como os consequentes processos de migrações do interior para a capital. Estes eventos marcaram os anos de 1877 e se intensificaram nos anos de 1915 e 1932, períodos esses em que a cidade vivia o auge das suas políticas governamentais higienistas inspiradas pelo movimento europeu conhecido como a *Belle Époque*² (1850-1925), pautadas nos ideais do “progresso” (NEVES, 2005; PONTE, 2001) de uma nascente modernidade (HARVEY, 1989). Para conter as ondas migratórias de centenas de refugiados das estiagens que caminhavam para a capital Fortaleza, os diferentes processos culminaram

² A Belle Époque (do francês, bela época) foi um movimento que se iniciou na Europa no fim do século XIX em meados de 1871 e durou até a Primeira Guerra Mundial em 1914, sendo considerado um período de expansão, progresso e modernidade decorrente da revolução científico-tecnológica. Inovações tecnológicas como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, o automóvel e o avião fizeram parte desse contexto e modificaram as relações sociais, econômicas e culturais, originando novos modos de vida e práticas cotidianas. O movimento se espalhou por toda a Europa, principalmente na França e no Reino Unido que aproveitaram esse momento para se desenvolver economicamente, tendo as cidades de Paris e Inglaterra como exemplos de modernidade e inovações. Essa época foi marcada por dois pressupostos: de um lado, a questão da higienização que estava relacionada a limpeza urbana e o saneamento básico, e de outro, a questão do aformoseamento da cidade com as inovações nas ruas, praças e equipamentos urbanos. No Brasil, esse movimento não tardou e logo chegou nos estados brasileiros como Amazonas, Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Bahia, etc. No contexto da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, esse processo coincidiu com os períodos de secas e dos movimentos migratórios, culminando em práticas urbanas higienistas, através das políticas governamentais de confinamento na intenção de organizar os espaços urbanos, separando as massas de retirantes que migravam das secas do interior do estado para a cidade de Fortaleza (PONTE, 2001; MÉRIAN, 2012).

em práticas governamentais de confinamento e exclusão por meio da criação dos assim denominados “campos de concentração”³. Esses espaços eram alojamentos precários improvisados pelo estado instalados estrategicamente nas rotas de migração e que serviam para abrigar compulsoriamente os migrantes das estiagens (RIOS, 2014). Atualmente algumas ruínas dos “campos de concentração” ainda resistem em determinadas regiões do interior do estado como é o caso da cidade cearense de Senador Pompeu, onde lá foi instalado o “campo de concentração” do Patu no ano de 1932.

Ao considerar estas problemáticas, defendemos a **proposição de tese** sobre a existência de um nexó histórico que atuou/atua na fragmentação espacial da cidade, organizando as margens urbanas de Fortaleza a partir das ruínas históricas, representadas neste estudo, pelos “campos de concentração”.

Estas construções históricas sobre a existência dos “campos de concentração” no Ceará e que tiveram como narrativa “oficial” garantir o “progresso” da cidade de Fortaleza, nos levaram a refletir sobre as ideias de “ruína” e “progresso”, apresentadas no ensaio “Sobre o Conceito da História” de Walter Benjamin (2016), publicadas originalmente em 1940. Walter Benjamin (1892-1940) foi um filósofo e crítico literário ligado à Escola de Frankfurt e um dos principais responsáveis por uma concepção dialética e não evolucionista da história. O ensaio “Sobre o Conceito de História” (2016) é composto por dezoito teses e mais dois apêndices que retrata uma síntese sobre as discussões do passado e do presente e de questões como progresso, história e política.

Adorno (2012) afirmou que Walter Benjamin escreveu as teses para servir de base a uma introdução acerca das questões epistemológicas, que surgiram no ensaio Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso (BENJAMIN, 2018, pasta N) que ocupam uma posição central de um de seus mais famosos trabalhos que trata sobre o tema da cidade: o livro “Passagens” (2018). Um dos objetivos desse trabalho foi demonstrar um materialismo histórico que questionou a ideia de que o foco “não é o progresso, e sim a atualização” (BENJAMIN, 2018, p. 764). Por esse entendimento, Benjamin tece uma crítica aos preceitos do progresso, pois o que é considerado progresso, para ele significa uma atualização. Dessa forma, para uma determinada época histórica, Benjamin (2018)

³ A terminologia “campos de concentração” carrega uma carga histórica que nos remete, certamente, aos campos de extermínios nazistas durante o Holocausto, na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, no contexto brasileiro cearense essa mesma terminologia foi utilizada de forma mais branda, ainda que igualmente insalubre e violenta, para se referir as práticas de confinamento e de exclusão de retirantes que migravam do interior do estado para a cidade de Fortaleza na seca de 1915 e 1932 (RIOS, 1999; 2014; CÂMARA; CÂMARA, 2015).

considerou que os conceitos de “progresso” e de “ruína” são dois lados de uma mesma moeda, onde a construção histórica revelaria no “pequeno momento individual o cristal do acontecimento total” (p. 765).

Observado estas questões, demonstramos que é na conjunção entre os estudos organizacionais (EOR) sobre a cidade e nas abordagens da história na administração que essa pesquisa se encontra. A relação entre história e administração é observada a partir de um marco teórico crítico por mais história na gestão (CLARK; ROWLINSON, 2004), onde os autores discutiram o tratamento da história rumo a uma “virada histórica” através de um movimento denominado de “*Historic Turn*”. Existe uma gama de pesquisadores que vem trabalhando essa articulação em diversos estudos na área da administração (GOLDMAN, 1994; KIESER, 1994; COOKE, 1999; BRUNNINGE, 2009; BARROS, 2016; ADORISIO, 2014), sugerindo como a história pode ser relevante para compreender os fenômenos nos estudos organizacionais.

Nesta tese a abordagem da história na administração está ancorada em conceitos que vem sendo propostos nos estudos organizacionais a partir das contribuições teóricas de Walter Benjamin. Além da consideração das teses relacionadas aos conceitos de “ruína” e “progresso” de Benjamin (2016), neste percurso, destacamos ainda os artigos “*Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History's encounter with Benjamin*” (DE COCK; O'DOHERTY; REHN, 2013) e “*Ruin and Organization Studies*” (DE COCK; O'DOHERTY, 2016) que propõem uma discussão adicional sobre os diversos caminhos pelos quais a ideia histórica de “ruína” constrói significados no campo dos estudos organizacionais. Para Srinivas (2013) o ensaio benjaminiano “Sobre o Conceito da História” (2016) nos ajuda a reconhecer as possibilidades do passado para compreender as organizações e as alternativas às práticas de gestão.

De Cock e O'Doherty (2016) alertaram sobre a relevância de uma compreensão adequada das catástrofes urbanas que estamos sempre desencadeando, por meio de um entendimento sobre o que envolve a organização de materiais, pessoas e instituições, assim como sobre a reflexão dos nossos hábitos epistêmicos que são, naturalmente, impregnados de história. Os autores sublinharam a importância de recuperar este conhecimento da destruição e das ruínas, antes do início do esquecimento e do silenciamento. Para os autores, estas questões emergem como pré-requisitos para o organizar de algo diferente e inovador. Nesse sentido, esta pesquisa pontua uma reflexão relacionada a natureza das organizações, enfatizando os fluxos e transformações, onde o foco se desloca da organização em si para os seus epifenômenos de constituição

(COOPER, 1976). Essas leituras possibilitaram a apreensão dos processos históricos que constituíram o organizar urbano sob estudo.

Para De Cock e O'Doherty (2016) o conceito de ruína nos EOR enfatiza as possibilidades de uma aprendizagem sobre o passado, enquanto resistência no tempo e no espaço. De acordo com os autores, por meio da reativação da memória de um passado circunstancial, o olhar da ruína pode se opor às crônicas oficiais da história e assim abrir um espaço onde novas e inovadoras possibilidades para o futuro da cidade poderão ser imaginadas e onde poderemos ler nossa condição atual, não simplesmente como uma continuação da história, mas o que a história poderia ter sido. Dessa maneira, trazer o tema da história como ruína no contexto dos EOR é como abrir os "espaços cinzentos" em termos do passado da história das organizações e da gestão (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Nesses termos, o olhar da/a ruína constrói itinerários diferentes da história oficial e/ou tradicional (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Como será aprofundado nos próximos itens do marco teórico, o tema da cidade como objeto nos estudos organizacionais já foi problematizado em diversos trabalhos na área. De acordo com Kuster e Pechman (2014) a cidade estabelece um espaço singular percebido simbolicamente, onde diferentes grupos significam suas experiências de maneira distinta e muitas vezes conflituosas e de amplos territórios em disputa pelos seus habitantes (SARAIVA, 2019), assim colocando a cidade como um processo complexo (LIMENA, 2001), requerendo uma visão macroscópica de análise organizacional e compreensão interdisciplinar.

No Brasil um dos primeiros artigos que fez a articulação de cidades nos EOR foi o trabalho de Fischer (1996; 1997) e Fischer et al. (1996), onde a cidade é pensada como uma organização social complexa a partir de um pluralismo organizativo. Destaca-se também o trabalho de Mac-Allister (2001; 2004) que faz uma discussão adicional, propondo um conceito de cidade, articulado ao conceito de organização. Esses trabalhos, considerados seminais no Brasil, articularam as discussões sobre a gestão de cidades na área dos EOR a partir da metade dos anos 1990 (MOURA, 2018).

Após essas publicações, outros autores avançaram nesta discussão com foco na cidade como objeto da ciência da administração, em particular na seara dos EOR (SARAIVA; CARRIERI, 2012). Contudo, e de acordo com os levantamentos bibliográficos realizados e que serão detalhados nos próximos capítulos, são escassos os estudos no contexto dos EOR e da administração que tiveram como foco as articulações

do tema cidade e suas margens a partir da abordagem da história, sobretudo, se problematizado com base em conceitos benjaminianos.

1.2 Questão de pesquisa e objetivos

A partir de tais discussões, estabelecemos como **questão de pesquisa central**: como ocorreu o organizar dos espaços marginais da cidade de Fortaleza a partir de um nexos histórico representado pelas ruínas dos “campos de concentração”?

Com base nessa questão e na proposição de tese citada anteriormente, sobre a existência de um nexos histórico que atua/atuou na fragmentação espacial da cidade, organizando as margens urbanas de Fortaleza a partir das ruínas históricas, o **objetivo geral** desse estudo foi: compreender, sob o ponto de vista histórico, como ocorreu o organizar das margens da cidade de Fortaleza. Para alcance do objetivo geral, traçamos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Mapear, levantar e organizar os materiais de arquivos históricos para compor a coleção documental da pesquisa;
- b) Historicizar os “campos de concentração” no Ceará a partir de suas ruínas históricas enquanto parte de um todo;
- c) Identificar e discutir as práticas históricas que organizaram as margens da cidade de Fortaleza, por meio da reconstrução de enredos históricos;
- d) Refletir sobre os efeitos da história no organizar das práticas, atuais e futuras, na gestão da cidade de Fortaleza.

1.3 Relevância e justificativa do estudo

Em termos de contribuição dessa pesquisa, se coloca que entre as passagens dos séculos XX e XXI, a cidade vem sendo considerada um importante tema de discussão. Por outro lado, ao descrever a cidade capitalista do final do século XIX, Benjamin (2018, arquivo J, 76, 2) cita a poesia de Charles Baudelaire - *Le Spleen de Paris* (2016), para enfatizar sobre a incapacidade das cidades modernas de criar o novo, ao contrário da verdadeira inovação “é o novo sempre velho e o velho sempre novo” numa relação do fetiche da mercadoria (QUEIROZ, 2021). Esta incapacidade das cidades modernas se exemplifica por ocasião do enfrentamento de sucessivas e repetidas ondas migratórias de um número crescente de pessoas refugiadas. Considerando diferentes contextos históricos estas questões referentes aos deslocamentos de migrantes vêm sendo tratadas em diferentes estudos, indicando impactos que podem durar por muitas gerações (HARDY; PHILLIPS, 1999; PHILLIPS; HARDY, 1997).

Por conseguinte, sinalizamos que a proposta desse estudo se justifica pela relevância do debate em torno do uso da história para escrutinar o organizar das margens da cidade, considerando que este resgate histórico poderá oferecer subsídios para uma alternativa inovadora da prática de gestão, atual e futura, de espaços urbanos. Nesse sentido, os estudos organizacionais com abordagens históricas estão particularmente bem estruturados para esclarecer estas questões complexas que abrangem várias gerações no decorrer do tempo e do espaço (CLARK & ROWLINSON, 2004; CORAIOLA, et al., 2021). Cita-se, portanto, a relevância desse estudo enquanto subsídio para a formulação de políticas públicas relacionadas a compreensão e ao planejamento das cidades, sobretudo, no que tange a produção de conhecimentos históricos sobre o organizar das margens-centros urbanos.

As origens e formação históricas de como as cidades se organizam relatam sobre suas políticas passadas e atuais, colocando o foco na emergência de novos e ou velhos problemas que ressurgem nas cidades do século XXI, ao se tornarem organizações de alta complexidade, trazendo amplos desafios para a sua gestão.

Particularmente, enfatizamos a relevância desse estudo quando propomos refletir sobre como gerir as amplas margens da cidade, com suas memórias silenciadas e histórias esquecidas. Além de compreender como a história das margens urbanas poderá redirecionar políticas inovadoras para a cidade, no sentido de melhor compreender as dinâmicas de segregação e marginalização dos espaços e populações. É, sobretudo, na compreensão da organização do contexto urbano marginalizado que se auspícia a principal relevância desse estudo, no sentido de avançar nessa discussão sobre as origens das margens urbanas, por meio das articulações de diferentes abordagens no contexto da história, da administração e dos estudos organizacionais da cidade.

Ademais, essa discussão se insere no contexto de estudos que incorporam impacto social por meio de pesquisas engajadas e que propõe diferentes reflexões socialmente úteis (CUNLIFFE; SCARATTI, 2017) sobre relevantes questões de interesse público e, conseqüentemente, organizacional (KORTE, 2009) por meio de uma reflexividade compartilhada (CUNLIFFE, 2014; SHOTTER, 2010) e, sobretudo, com a pretensão de ampliar nossa compreensão sobre os fenômenos sociais, incorporando problemas críticos que estão diariamente nas organizações e nas comunidades que vivem nas cidades (VAN DE VEN, 2007).

Em síntese, a relevância do estudo está subdividida em 4 diferentes vertentes complementares, entre elas, relevância social, relevância teórica, relevância metodológica

e relevância prática. A **relevância social** se dá por meio de trazer reflexões que carrega um protagonismo para os espaços marginalizados e o resgate da histórica no processo do organizar desses espaços da cidade de Fortaleza.

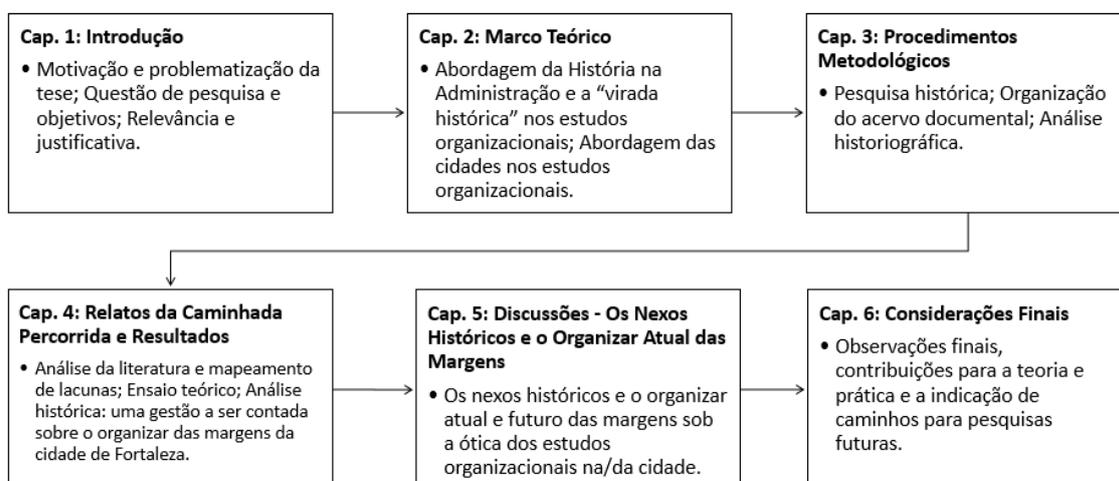
A partir da identificação de lacunas e oportunidades de pesquisa que serão apresentadas nos próximos itens, pode-se observar a **relevância teórica** ao articular diferentes abordagens e perspectivas que fortalecem os estudos sobre o organizar de cidades e da história nos estudos organizacionais e ao mesmo tempo, inovam ao trazer os conceitos benjaminianos para compreender as dinâmicas e práticas urbanas em estudo.

Ademais, a **relevância metodológica** se apresenta na utilização de arquivos, monumentos como documentos e herança do passado, escrutinados por meio da organização de um acervo próprio para esta pesquisa a partir de um conjunto de procedimentos analíticos baseados na escrita da história, assim ampliando estudos com métodos históricos no contexto dos estudos organizacionais. Por último, a **relevância prática** enfatiza a gestão urbana por meio da proposição de políticas públicas inovadoras no organizar das cidades a partir da consideração do uso da história e do passado na concepção do entendimento dos processos vinculados nas margens.

1.4 Estrutura e organização da tese

Este trabalho está estruturado e organizado em seis capítulos subdivididos em diferentes tópicos correlacionados. Para uma melhor compreensão foi sistematizado um esquema que ilustra esta forma de organização, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2: Estrutura e organização da tese



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Neste **capítulo 1**, demonstra-se a introdução do trabalho que perpassa pela motivação e problematização, bem como a questão de pesquisa, objetivos, relevância e justificativa. O restante dos capítulos é resumido como segue.

No **capítulo 2**, revisamos os fundamentos teóricos relativos a abordagem da história na administração e a abordagem das cidades nos estudos organizacionais. No **capítulo 3**, explicamos nosso enquadramento de pesquisa ao descrever o plano metodológico traçado para este estudo. No **capítulo 4**, descrevemos toda nossa caminhada e resultados, iniciando-se pelos achados da análise sistemática da literatura, incluindo os resultados bibliográficos e as lacunas identificadas. Seguimos ainda neste capítulo detalhando nossa estrutura conceitual por meio de um ensaio teórico e seus desdobramentos na pesquisa, na qual derivamos de fontes teóricas múltiplas a partir de uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin (2016) e do conceito de ruínas nos estudos organizacionais (DE COCK; O’DOHERTY, 2016). Finalizamos o capítulo focando na análise empírica realizada por meio do estudo histórico a fim de desvelar, categorizar e interligar as práticas históricas relacionadas ao organizar das margens de Fortaleza à luz de nossa estrutura proposta. No **capítulo 5**, refletimos e discutimos sobre os nexos históricos e o organizar atual e futuro das margens da cidade de Fortaleza sob a ótica dos estudos organizacionais da cidade. Finalmente, no **capítulo 6**, nós apresentamos um resumo das nossas observações finais, contribuições para a teoria e prática, incluindo a indicação de caminhos para pesquisas futuras. O trabalho se encerra com as referências bibliográficas utilizadas no estudo e os anexos.

2 MARCO TEÓRICO

*“Velha Maria fumaça
Chegava até o local
Levando as ferramentas
Cimento, tijolo e cal
Parte vindo da Inglaterra
Outra veio da capital” (p. 5).*

*(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé.
Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).*

Neste capítulo fornecemos explicações e definições baseadas na teoria para os principais conceitos que nossa pesquisa aborda. Em primeiro lugar, abordamos as discussões sobre a perspectiva da história na administração, incluindo os preceitos da “virada histórica” nos estudos organizacionais, apontando como ocorreu esse movimento e quais seus principais autores e abordagens. Finalizamos esse tópico apresentando a abordagem dos estudos sobre as cidades e suas margens no contexto dos estudos organizacionais, demonstrando sua origem, autores e seus principais construtos.

2.1 Abordagem da história na administração e a “virada histórica” nos estudos organizacionais

Neste trabalho partimos do entendimento de Le Goff (1992) ao considerar um tipo de “dualidade histórica” a partir de compreender a história como: i) um fato acontecido em determinada realidade e, ii) a narração ou estudo dessa realidade acontecida. Essa questão corrobora igualmente com as articulações de Veyne (1971), que entende a história como sendo o acontecimento em si, ou seja, os fatos, mas também a narração desse acontecimento, que é a “história da história” ou como abordado por Certeau (2011) através do “discurso da separação: a escrita”, isto é, de uma “escrita da história” (p. 13).

Isto exposto, sinalizamos que na visão de Üsdiken e Kipping (2014), a relação interdisciplinar entre história e administração foi sendo construída por oscilações e tensões constantes de altos e baixos a partir das discussões que envolvem a perspectiva de uma história mais tradicional e uma perspectiva da história nova (ou “nova história”), que começou a problematizar as abordagens tradicionais a partir de 1970. A “nova história” começou a se consolidar por meio de diferentes questionamentos críticos relacionados as noções de fato histórico, não mais como algo dado/estático e sim uma construção social, e da noção de documento, este que foi ampliado ao problematizar também o não dito, ou

seja, refletindo sobre as relações de poder e a fabricação da história a partir do produto de uma sociedade (COSTA, BARROS, MARTINS, 2010).

Nesse contexto, foi a partir de um marco teórico crítico por mais história na gestão ao sintetizar as discussões da “nova história”, que Clark e Rowlinson (2004) no artigo “*The Treatment of History in Organisation Studies: Towards an ‘Historic Turn’?*”, discutiram o tratamento da história rumo a uma “virada histórica” através de um movimento denominado por eles de “*Historic Turn*” que estabelece uma aproximação entre história, historiografia e ciências sociais.

O “*Historic Turn*” é um convite para além de abordagens hegemônicas que envolve teorias, métodos e modelos que vão além de perspectivas lineares e longitudinais e que considera diversas dimensões como fontes históricas no contexto das organizações (CLARK; ROWLINSON, 2004; CARNEIRO; BARROS, 2017). Esse movimento se configura como um apelo por mais história na gestão ao problematizar a relação espaço-tempo, historicizando os trabalhos nas ciências sociais aplicadas, mostrando que as práticas de gestão também devem se situar culturalmente e historicamente (BOOTH; ROWLINSON, 2006; CLARK; ROWLINSON, 2004). De acordo com os autores:

Tal virada histórica implicaria questionar a retórica cientificista dos estudos organizacionais, uma abordagem do passado como processo e contexto, e não apenas como uma variável, e um envolvimento com debates historiográficos, especialmente no que diz respeito ao estatuto epistemológico da narrativa (CLARK; ROWLINSON, 2004, p. 346, tradução nossa).

Este marco começou a se consolidar enquanto uma virada histórica em Administração, entretanto de acordo com Durepos, Mills e Weatherbee (2012), o início dessa articulação iniciou bem antes da virada histórica de 2004 com estudos que enfatizam objetos historicamente situados nas ciências sociais, denotando uma interdisciplinaridade entre as áreas envolvidas (ZALD, 1993). Embora tenha sido apenas em 2004 que o termo “*Historic Turn*” tenha surgido nas pesquisas, os autores Zald, (1993, 2002) e Burrell (1997) já apontavam para a necessidade de incorporar a perspectiva histórica aos estudos de gestão. Para o autor, os objetos das ciências sociais são situados na história e, por isso é relevante esta relação (ZALD, 1993). Dessa maneira, o movimento do “*Historic Turn*” impulsionou diferentes estudos que insurgiam a uma perspectiva a-histórica que a ciência da Administração construiu ao longo dos tempos (MILLS; WEATHERBEE; DUREPOS, 2014).

Nessas discussões, Üdisken e Kieser (2004) apresentaram três abordagens para a “virada histórica” a partir de distintas orientações: a complementarista, a integracionista e a reorientacionista. O posicionamento complementarista concebe a história como uma potencialidade para oferecer suporte as questões metodológicas, bem como a confirmação, o refino de teorias e a geração de hipóteses, ou seja, é uma concepção de variável contextual e se relaciona mais com a abordagem da história tradicional. O posicionamento integracionista, ainda inserido numa abordagem mais tradicional da história, enfatiza que a análise histórica não substitua as teorias existentes, mas enriqueça. Assim, esse posicionamento demonstra que a teoria organizacional necessita se articular com diferentes áreas das ciências humanas como antropologia, sociologia, história e filosofia. Dessa forma, buscando enriquecer os estudos organizacionais ao integrá-los (COSTA, BARROS, MARTINS, 2010; VIZEU, 2010). Para Durepos e Mills (2012), essas duas primeiras orientações objetificam o passado, privilegiando noções evolucionárias e lineares da história.

Já o posicionamento reorientacionista, possui um foco diferente das anteriores ao se relacionar com a busca de metodologias inovadoras e diferentes estilos de escrita para pesquisas históricas, propondo uma nova agenda de pesquisa para os estudos organizacionais. O foco de abordagem da posição reorientacionista vai além dos estudos sobre o passado das organizações, englobando: i) estudos sobre o sentido do passado/futuro organizacional; ii) questões críticas que estão por trás das histórias corporativas oficiais; iii) as razões pelas quais algumas histórias são escolhidas em detrimento de outras. Dessa forma, permitindo análises mais críticas sobre ideologias administrativas (COSTA, BARROS, MARTINS, 2010; VIZEU, 2010).

A partir dessas colocações iniciais e com o objetivo de sistematizar e organizar as publicações nesta área, foi constituído um quadro com os principais estudos tanto nacionalmente, quanto internacionalmente que discutem essa articulação entre história e administração/estudos organizacionais desde os anos de 1993 até o ano de 2021.

Esses trabalhos foram coletados em bases de dados dos periódicos internacionais como a *Scopus* e *Web Of Science* (pesquisas em língua inglesa) e nas bases nacionais como *Scielo* (pesquisas em língua portuguesa) e SPELL acessados via CAPES por meio de login institucional da Universidade Estadual do Ceará. Foi ativado como filtro temático a área de “Ciências Sociais Aplicadas”, “Administração” ou “Estudos Organizacionais” quando possível. Foram usados diferentes descritivos e conectores, entre eles, história e administração, história e gestão, história e estudos organizacionais,

história e organizações em língua portuguesa e também inglesa. Foi considerado os títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos.

Além disso, a busca foi complementada por meio de pesquisas na base de dados do Google Acadêmico e um relevante fórum internacional de discussões sobre a História Organizacional denominado *Management & Organizational History*, criado no ano de 2006 e que tem como foco de publicações as abordagens históricas para o estudo da gestão e das organizações. Atualmente é publicada pela *SAGE Publications* e os editores-chefes são Michael Rowlinson (*University of Exeter Business School, UK*) e Roy Stager Jacques (*Auckland University of Technology, New Zealand*). No quadro 1 a seguir é possível identificar esses trabalhos a partir dos autores/ano, do título e dos repositórios por ordem cronológica de publicação.

Quadro 1: Sistematização das publicações - história e administração/EOR

| Autores/ano | Título | Repositório |
|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| Zald (1993) | Organization Studies As a Scientific and Humanistic Enterprise: Toward a Reconceptualization of the Foundations of the Field | Organization Science |
| Kieser (1994) | Why Organization Theory Needs Historical Analyses - And How This Should Be Performed | Organization Science |
| Goldman (1994) | Searching for History in Organizational Theory: Comment on Kieser | Organization Science |
| Pindur e Rogers (1995) | The history of management: a global perspective | Journal of Management History |
| Olick e Robbins (1998) | Social Memory Studies: From "Collective Memory" to the Historical Sociology of Mnemonic Practices | Annual Review of Sociology |
| Cooke (1999) | Writing the left out of management theory: the historiography of the management of change | Organization |
| Cleeg (2003) | Organizations: Power/History/Imagination | Cadernos EBAPE.BR |
| Clark e Rowlinson (2004) | The Treatment of History in Organization Studies: Towards an 'Historic Turn'? | Business History |
| Üsdiken e Kieser (2004) | Introduction: History in Organisation Studies | Business History |
| Booth e Rowlinson (2006) | Management and organizational history: Prospects | Management & Organizational History |
| Jacques (2006) | History, historiography and organization studies: The challenge and the potential | Management & Organizational History |

| | | |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Pieranti (2008) | A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo | Cadernos EBAPE.BR |
| Brunninge (2009) | Using history in organizations: How managers make purposeful reference to history in strategy processes | Journal of Organizational Change Management |
| Costa, Barros e Martins (2010) | Perspectiva histórica em Administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Rowlinson et al. (2010) | Social Remembering and Organizational Memory | Organization Studies |
| Vizeu (2010) | Potencialidades da análise histórica nos Estudos Organizacionais brasileiros | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Gomes e Santana (2010) | A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a História e a Administração | Cadernos EBAPE.BR |
| Costa, Barros e Carvalho (2011) | A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo | RAC - Revista de Administração Contemporânea |
| Costa e Saraiva (2011) | Memória e formalização social do passado nas Organizações | RAP - Revista de Administração Pública |
| Durepos e Mills (2011) | Actor-Network Theory, ANTi-History and critical organizational historiography | Organization |
| Foster et al. (2011) | History as social memory assets: The example of Tim Hortons | Management & Organizational History |
| Ponzoni e Boersma (2011) | Writing history for business: The development of business history between 'old' and 'new' production of knowledge | Management & Organizational History |
| Üsdiken, Kipping e Engwall (2011) | Historical perspectives on organizational stability and change: Introduction to the special issue | Management & Organizational History |
| Durepos, Mills e Weatherbee (2012) | Theorizing the past: Realism, relativism, relationalism and the reassembly of Weber | Management & Organizational History |
| Keulen e Kroeze (2012) | Understanding management gurus and historical narratives: The benefits of a historic turn in management and organization Studies | Management & Organizational History |
| Weatherbee et al (2012) | Theorizing the Past: Critical engagements | Management & Organizational History |
| Weatherbee (2012) | Caution! This historiography makes wide turns: Historic turns and breaks in management and organization Studies | Management & Organizational History |

| | | |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| Coraiola (2012) | Importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em Administração no Brasil | Cadernos EBAPE.BR |
| Matitz e Vizeu (2012) | Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica | Revista de Administração Pública-RAP |
| De Cock, O'Doherty e Rehn (2013) | Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History's encounter with Benjamin | Management & Organizational History |
| Fontoura, Alfaia e Fernandes (2013) | A pesquisa histórica em Estudos Organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas | GESTÃO.Org |
| Greenwood e Bernardi (2013) | Understanding the rift, the (still) uneasy bedfellows of History and Organization Studies | Organization |
| Mills, Weatherbee e Durepos (2013) | Reassembling Weber to reveal the-past-as-history in management and organization Studies | Organization |
| Decker (2013) | The silence of the archives: business history, post-colonialism and archival ethnography | Management & Organizational History |
| Souza e Costa (2013) | Usos e significados do conhecimento histórico em estudos organizacionais: uma (re)leitura do taylorismo sob a perspectiva do poder disciplinar | Cadernos EBAPE.BR |
| Srinivas (2013) | The possibilities of the past: Two routes to a past and what they tell us about professional power | Management & Organizational History |
| Adorisio (2014) | Organizational remembering as narrative: 'Storying' the past in banking | Organization |
| Barros (2014) | Uma narrativa sobre os cursos superiores em Administração da FACE/UFMG: dos primeiros anos à sua unificação em 1968 | Cadernos EBAPE.BR |
| Decker (2014) | Solid intentions: An archival ethnography of corporate architecture and Organizational remembering | Organization |
| Rowlinson, Hassard e Decker (2014) | Research strategies for organizational history: a dialogue between historical theory and organization theory | Academy of Management |
| Kipping e Üsdiken (2014) | History in Organization and Management Theory: More Than Meets the Eye | Academy of Management |
| Rowlinson et al. (2014) | Narratives and memory in organizations | Organization |
| Ybema (2014) | The invention of transitions: History as a symbolic site for discursive struggles over organizational change | Organization |

| | | |
|--------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Barros e Carrieri (2015) | O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Cooke e Alcadipani (2015) | Toward a Global History of Management Education: The Case of the Ford Foundation and the São Paulo School of Business Administration, Brazil | Academy of Management Learning & Education |
| Costa (2015) | Historical turn: em busca de um marco teórico crítico para Estudos Organizacionais | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Maclean, Harvey e Clegg (2015) | Conceptualizing Historical Organization Studies | Academy of Management |
| Perdigão et al. (2015) | Lembranças depositadas: a construção de uma memória organizacional no extinto Banco da Lavoura (Banlavoura) de Minas Gerais | RAM - Revista de Administração Mackenzie |
| Barros (2016) | Archives and the “Archive”: dialogue and an agenda of research in organization Studies | Organizações & Sociedade |
| Colomby et al. (2016) | A pesquisa em história de vida nos Estudos Organizacionais: um estudo bibliométrico | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade |
| Carneiro (2016) | Pode a área de estudos organizacionais ser historiográfica? | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade |
| Ipiranga, Chaym e Sousa (2016) | Relatos sobre o organizar do sócio-passado em uma patente brasileira de biotecnologia | RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa |
| Costa e Pessoa (2016) | História e memória no discurso publicitário na revista Veja | Revista Pensamento Contemporâneo em Administração |
| Santos et al. (2016) | Pesquisa histórica em administração: a (re) construção identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG) | Revista de Ciências da Administração |
| Decker (2016) | Paradigms lost: integrating history and organization Studies | Management & Organizational History |
| Foster et al. (2016) | The strategic use of historical narratives: a theoretical framework | Business History |
| Godfrey et al. (2016) | What is organizational history? Toward a creative synthesis of history and organization studies | Academy of Management |
| Mills et al. (2016) | Re-visiting the historic turn 10 years later: current debates in management and Organizational history – an introduction | Management & Organizational History |
| Wanderley et al. (2016) | Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente | Farol - Revista de Estudos |

| | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| | | Organizacionais e Sociedade |
| Wanderley e Costa (2016) | Fontes históricas: arquivos e documentos na construção da historiografia do golpe empresarial-militar de 1964: entrevista com Martina Spohr Gonçalves | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade |
| Zundel, Holt e Popp (2016) | Using history in the creation of Organizational identity | Management & Organizational History |
| Barros (2017) | Antecedentes dos cursos superiores em Administração brasileiros: as escolas de Comércio e o curso superior em Administração e Finanças | Cadernos EBAPE.BR |
| Carneiro e Barros (2017) | Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências | RCO - Revista de Contabilidade e Organizações |
| Ipiranga e Lopes (2017) | O organizar da estética especial: uma história tátil da praça dos leões | Sociedade, Contabilidade e Gestão |
| Hatch e Schultz (2017) | Toward a Theory of Using History Authentically: Historicizing in the Carlsberg Group | Administrative Science Quarterly |
| Smith e Simeone (2017) | Learning to use the past: the development of a rhetorical history strategy by the London headquarters of the Hudson's Bay Company | Management & Organizational History |
| Barnes e Newton (2018) | Visualizing organizational identity: the history of a capitalist enterprise | Management & Organizational History |
| Barros, Alcadipani e Bertero (2018) | A criação do curso superior em Administração na UFRGS em 1963: uma análise histórica | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018) | As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade |
| Costa e Silva (2018) | Empresas, violação dos direitos humanos e ditadura civil-militar brasileira: a perspectiva da Comissão Nacional da Verdade | Organizações & Sociedade |
| Joaquim e Carrieri (2018) | Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão | Organizações & Sociedade |
| Quelha-de-Sá e Costa (2018) | Anti-history e a pesquisa em Administração: reflexões iniciais | CGE - Cadernos de Gestão e Empreendedorismo |
| Vizeu (2018) | Idort e difusão do management no Brasil na década de 1930 | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Barros, Carneiro e Wanderley (2019) | Organizational archives and historical narratives: Practicing reflexivity in (re)constructing the past from memories and silences | Qualitative Research in Organizations and Management |

| | | |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| Costa e Silva (2019) | A pesquisa histórica em administração: uma proposta para práticas de pesquisa | ADMINISTRAÇÃO: ENSINO E PESQUISA |
| De Cook, Nyberg e Wright (2019) | Disrupting Climate Change Futures: Conceptual Tools for Lost Histories | Organization |
| Bowden (2020) | The historic (wrong) turn in management and organizational Studies | Journal of Management History |
| Granato, Lopes, Costa (2020) | História e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la história comparada y la história de vida | Organizações & Sociedade |
| Decker, Hassard e Rowlinson (2020) | Rethinking history and memory in organization studies: The case for historiographical reflexivity | Human Relations |
| Hodge e Costa (2020) | Do particular para o geral: memória, história oral e estudos organizacionais | RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa |
| Coraiola et al. (2021) | História, memória e passado em estudos organizacionais e de gestão | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Costa e Wanderley (2021) | Passado, presente e futuro de história (crítica) das organizações no Brasil | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Paludi, J. Mills e A. Mills (2021) | Histórias corporativas e a ideia da América Latina | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Cappelen e Pedersen (2021) | Sequestrado pela esperança: Dinâmicas de desvio da missão e dissolução de identidade em uma organização sem fins lucrativos | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Tureta, Américo e Clegg (2021) | Controvérsias como método para ANTi-História | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Silva, Vasconcelos e Lira (2021) | Inscrições contábeis para o exercício do poder organizacional: o caso do fundo de emancipação de escravos no Brasil | RAE - Revista de Administração de Empresas |
| Lopes e Ipiranga (2021) | Etnografando Arquivos Históricos: Caminhos Possíveis para Pesquisas em Estudos Organizacionais | Organizações & Sociedade |
| Luna e Barros (2021) | Uma ANTi-história sobre o processo da primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil: atores e suas relações sócio-políticas na ditadura civil-militar | RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019), atualizado (2021)

É nessa perspectiva de avanços na articulação história/gestão que os últimos trinta anos foram testemunhas de uma crescente convocação para a virada histórica em estudos de gestão e teoria organizacional. Como exposto no quadro, na seara internacional, por

exemplo, a abordagem histórica passou a ter mais notoriedade a partir do trabalho pioneiro de Zald (1993) que demonstra como objetos historicamente estão situados nas ciências sociais, sugerindo uma interdisciplinaridade entre as áreas envolvidas, além do estudo de Kieser (1994) que também se destaca revelando que as perspectivas históricas confrontam mudanças na teoria organizacional ao interpretar estruturas organizacionais por meio do viés histórico, sugerindo que a teoria da organização precisa de mais análises históricas.

Jacques (2006) também acrescenta conteúdo substancial a essas discussões apresentando uma abordagem que articula os estudos organizacionais com a história e a historiografia. Já Brunninge (2009) realizou uma pesquisa com 79 entrevistas, mostrando como os gerentes utilizam a referência histórica nos processos e na elaboração das estratégias. Üsdiken, Kipping e Engwall (2011), por sua vez, abordaram as perspectivas históricas relacionado com o tema da mudança organizacional.

Por outro lado, Rowlinson, Hassard e Decker (2014) desenvolveram uma discussão sobre estratégias de pesquisa para história organizacional, tecendo diálogos entre a teoria histórica e da organização. Menciona-se também outras pesquisas que discutiram a perspectiva histórica sob o foco de diferentes teóricos da Administração (BETTIN; MILLS, 2018), assim como os trabalhos que abordaram as narrativas históricas sobre a gestão/organização e administradores (KEULEN; KROEZE, 2012).

Seguindo essa abordagem e buscando complementar essas discussões, na seara nacional esse movimento também não tardou, por exemplo, alguns autores (CURADO, 2001; COSTA, 2014; 2015; BARROS; CARRIERI; 2015; VIZEU, 2007; 2010) foram influenciados a desenvolver trabalhos nessa vertente. O estudo de Pieranti (2008), por exemplo, apresenta uma discussão que envolve a metodologia historiográfica nas pesquisas em Administração por meio de seus princípios e aplicabilidades.

O trabalho de Costa, Barros e Martins (2010) apresentou uma discussão que busca contribuir para um melhor entendimento do pensamento administrativo, por meio de novos objetos, problemas e abordagens de gestão focando a história, destacando três diferentes enquadramentos nessas questões: 1) a história organizacional; 2) a história dos negócios; 3) a história da gestão. Para os autores, esses posicionamentos possibilitam uma reflexão da práxis do pesquisador em Administração, ao considerar novos objetos de pesquisa, contribuindo para análises mais críticas sobre ideologias administrativas (COSTA; BARROS; MARTINS, 2010; BARROS et al., 2011).

Vizeu (2010), por sua vez, discutiu um trabalho que abordou as potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros, propondo temas para uma agenda de pesquisa. Da mesma forma, Costa e Saraiva (2011) acrescentaram o tema da memória nestas discussões, teorizando sobre a formalização social do passado em memória nas organizações.

Posteriormente e a partir da “virada histórica”, o uso dos documentos foi inserido fortemente nas discussões (CARNEIRO, 2017; DECKER, 2013; SCHWARTZ; COOK, 2002). Barros (2016) trouxe para o cerne das discussões questões acerca da construção dos arquivos de pesquisa, problematizando sobre as etapas dessa metodologia na área da Administração, além do conceito de arquivo enquanto espaço em transição e as relações inerentes a ele.

Nessa seara, sobressaem-se ainda o tema do cotidiano organizacional e da história (BARROS; CARRIERI, 2015); da história e os antecedentes das escolas de administração, comércio e finanças no Brasil (BARROS; ALCADIPANI; BERTERO, 2018; VIZEU, 2018; BARROS, 2017; FERNANDES; BEZERRA; IPIRANGA, 2015); da história articulada ao tema do empreendedorismo e do legado empreendedor (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011; IPIRANGA et al., 2019) e entre outros estudos e temáticas.

Dessa maneira, como se percebe a perspectiva da história vem assumindo papel de destaque na Administração, como observado na pesquisa de Godfrey et al. (2016), constituindo nos últimos anos uma ampla aproximação entre as áreas, desvelando, de acordo com Wanderley et al. (2017), uma nova teoria organizacional mais crítica à dimensão histórico-temporal-espacial no contexto da Administração/Organizações.

Nessa tendência de estudos que articulam a história com a administração sob diferentes abordagens, Booth e Rowlinson propuseram na chamada inaugural do *Management & Organizational History*, em 2006 uma ampla agenda de pesquisas com dez itens para avançar nos estudos que articulem abordagens históricas. Os itens da agenda são: 1. A 'reviravolta histórica' na teoria da organização; 2. Métodos históricos e estilos de escrita; 3. A filosofia da história e teóricos históricos; 4. Cultura corporativa e memória social; 5. História organizacional; 6. História e teoria de negócios; 7. Ética nos negócios na história; 8. Metanarrativas do capitalismo corporativo; 9. História da gestão e educação em gestão; 10. História pública - a relação entre as escolas de negócios e o crescente interesse público na história (BOOTH; ROWLINSON, 2006). Cada uma dessas dez propostas revela direcionamentos para que as pesquisas nos estudos organizacionais

sejam voltadas para uma historiografia mais crítica, ressaltando os caminhos do posicionamento reorientacionista que a “virada histórica” desvela.

Observando os pontos da citada agenda, particularmente o de número três, intitulado “A filosofia da história e teóricos históricos”, sugere e destaca o trabalho de vários filósofos da história, cujas abordagens poderiam ser articuladas aos temas de interesse dos estudos organizacionais, refletindo como a dimensão histórica pode problematizar a construção do tempo na administração.

No entanto, observamos que entre esses teóricos não foi citado Walter Benjamin e o seu célebre ensaio “Sobre o Conceito de História” (2016), indicando uma lacuna teórica na qual a problematização dessa pesquisa se insere, contribuindo assim, para o avanço do conhecimento nas áreas envolvidas. Essas questões nos motivaram a realizar um mapeamento da literatura pertinente na busca de compreender os itinerários de pesquisa em Walter Benjamin no contexto dos estudos organizacionais. Após este mapeamento foi constituído um portfólio bibliográfico contendo 48 trabalhos, onde apenas sete articulavam perspectivas benjaminianas na área dos estudos organizacionais, sobretudo, quando relacionado ao tema da organização de cidades. Nesse contexto algumas oportunidades de pesquisa emergiram, como por exemplo, a articulação de conceitos de Walter Benjamin nos estudos organizacionais históricos sobre a cidade. Nos capítulos posteriores apresentamos detalhadamente as discussões relativas a este mapeamento da literatura. O próximo tópico explana sobre o outro eixo teórico deste trabalho que está relacionado a temática das cidades nos estudos organizacionais.

2.2 Abordagem das cidades e as suas margens nos estudos organizacionais

A partir de uma concepção voltada para os processos, compreendemos que o mundo social são ordenações coletivas em mudanças incessantes que se desdobram de um nexos sociocultural de relações historicamente moldadas, privilegiando a origem, o desaparecimento do antigo e o devir inovador de uma nova existência. Estes posicionamentos problematizam uma visão clássica hegemônica da teoria organizacional por meio de uma perspectiva processual do organizar (COOPER, 1976; NAYAK; CHIA, 2011; RESCHER, 1996).

Nesse sentido, o estudo das organizações não se concentra apenas nas corporações e instituições, mas envolve diferentes facetas da vida humana e das experiências de pessoas vivendo em conjunto, discutindo, criticando, desejando, criando, resistindo, em suma, organizando. Os contextos em que ocorrem atividades coletivas, como a política,

a família, o trabalho, e nós incluímos, as cidades, constituem de alguma forma uma organização (GREY, 2010; MAC-ALLISTER, 2001; 2004). Esta pesquisa ao considerar a cidade como uma forma de organização (MAC-ALLISTER, 2004; SARAIVA; CARRIERI, 2012), enfatiza o ato de organizar(-se) como um fenômeno difuso, relacional, aberto, transcendendo o tempo e o espaço relacionados (COOPER, 1976; NAYAK; CHIA, 2011).

A partir dessas concepções, entendemos que as cidades se relacionam com diferentes práticas urbanas, refletindo sobre a cidade não apenas como um substantivo, mas sobretudo, como um verbo que, cotidianamente, é praticado (CERTEAU, 1994), dessa forma, considerando o organizar da cidade a partir dos seus processos cotidianos sob a ótica de uma perspectiva que seja reflexiva (DUARTE, ALCADIPANI, 2016; CZARNIAWSKA, 2010). Assim, entendendo a cidade não como uma entidade fixa, homogênea e estável ou como algo dado pela natureza (VILLAÇA, 2011), mas ao contrário, uma cidade que está em constante transformação em seus distintos processos de interações, ou seja, para além da sua morfologia urbana, portanto, sendo refletida a partir do olhar daqueles que nela vivem e daqueles que dela se apropriam (MAGNANI, 1998; SARAIVA; CARRIERI, 2012). Por esse entendimento, a cidade é composta por atores, grupos, classes, relações sociais, práticas, hábitos e comportamentos, logo, um lugar de sociabilidades (PESAVENTO, 2007), sendo resultado da interação a partir da pluralidade e de uma obra coletiva (ROLNIK, 1995; VIEGAS; SARAIVA, 2015) e circunscrita por inúmeras unidades organizativas multifacetadas (FISCHER et al., 1997).

Dessa forma, chamamos atenção para o entendimento de como o tema da cidade está sendo construído no âmbito dos EOR no Brasil. Durante há algum tempo, Knox (2010) argumenta que a temática das cidades e sua gestão vinha sendo pouco abordadas na administração, ficando restrita ao âmbito da geografia, urbanismo e economia. Mas esse cenário começa a mudar a partir do campo dos estudos organizacionais. Por este viés, a cidade não é mais observada apenas como um lugar de moradia, mas igualmente uma organização multidimensional (FISCHER, 1997), constituída por símbolos, signos, práticas sociais, histórias e significados (IPIRANGA, 2010), portanto, um espaço vivido e praticado (COIMBRA; SARAIVA, 2013).

É importante destacar que o contexto da urbe se transforma em palco principal pelas lentes de diversos pensadores literários e históricos. Entre eles, Jorge Amado, por exemplo, que faz o leitor se aproximar da cidade de Salvador através da sua obra “Bahia de Todos os Santos” (1945), bem como se aproximar das histórias dos trabalhadores no

sul da Bahia na obra “Cacau” (1933) e “Terras do sem-fim” (1943), da mesma forma foi enxergar a cidade de São Paulo pelos olhos de Mário de Andrade na obra “Paulicéia Desvairada” (1922). Podemos também mencionar Rachel de Queiroz que apresenta os problemas sociais no Ceará na década de 1915 como a estiagem, a fome e a instalação dos “campos de concentração” na obra “O quinze” (1930), além da obra “Morte e Vida Severina” (1955) de João Cabral de Melo Neto e “Vidas Secas” (1938) de Graciliano Ramos. Cita-se ainda as diversas crônicas e poesias da cidade do Rio de Janeiro por Olavo Bilac e Lima Barreto, além da reflexão da margem da cidade a partir da favela na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960) de Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, e de tantos outros escritores literários que aproxima os leitores do tema da cidade e suas margens por meio de suas histórias, experiências e sensibilidades urbanas literárias.

Como já brevemente discutido na introdução, na área de administração, mais especificamente no campo dos estudos organizacionais, o tema das cidades vem sendo discutido a algumas décadas. A partir dos anos 1990 houve uma expansão dos olhares da área de administração, por meio da conjuntura nacional, que abarcou o tema cidade através da escola de Administração da UFBA, por meio do NEPOL (Núcleo de Estudos sobre Poder e Organizações Locais) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), capitaneado pela professora Tânia Fischer (MOURA, 2018).

Um dos primeiros estudos que fazem essa articulação entre a ciência da administração e o tema de cidades é o proposto por Fischer (1996; 1997), Fischer et al. (1996). Na oportunidade, a cidade foi discutida como uma grande organização social que precisa de uma gestão que articule um conjunto de instituições sociais, políticas, públicas e privadas, além de diversos grupos e indivíduos convergindo em um mesmo ambiente urbano, possuindo alta complexidade e desafiando sua gestão (FISCHER, 1996; FISCHER et al., 1996).

Em Fischer (1997) observamos uma discussão em torno de compreender a cidade como pluralismo organizativo e um sistema que se articula pelo cotidiano em tempos e espaços comuns por meio de espaços e ciberespaços, ocupados por organizações reais e virtuais na cidade de Salvador-BA. Logo após essas discussões, o tema da cidade surge como um conceito: a organização-cidade no contexto dos estudos organizacionais (MAC-ALLISTER, 2001; 2004), situando as discussões para a gestão *na* cidade a partir dos grupos que vivenciam a cidade, se contraponto a uma gestão *da* cidade conforme o

discurso da administração pública (HONORATO; SARAIVA, 2016; VIEGAS; SARAIVA, 2015; SHIMADA, 2015).

Esses estudos foram importantes para o avanço do tema de cidades nos EOR brasileiros, e a partir de então diversos outros(as) pesquisadores(as) iniciaram suas pesquisas com esse foco nas cidades, para além de aspectos econômicos e de localização, tais como Ipiranga (2010) ao discutir a cultura da cidade e seus espaços intermediários, como as ruas, bairros, bares e restaurantes, compreendendo que a cidade é também um espaço de pluralidades e dessemelhanças, luzes e sombras, marginalidades e cidadania, assim como um lugar de transição e fluxos. Citamos também o trabalho de Fantinel e Fischer (2012) ao articular discussões sobre as organizações dos cafés no contexto urbano da cidade de Porto Alegre, por meio de suas sociabilidades organizativas. Além do estudo de Silva e Chagas (2020) ao discutir sobre os processos de organizar da cidade em relação a (re)territorialização de moradores no município de Paranavaí/PR, a partir da intervenção urbana do Programa “Minha Casa Minha Vida”.

Destaca-se ainda a abordagem ao campo observado no trabalho de Saraiva e Carrieri (2012), onde os autores propõe um avanço conceitual a partir do conceito de organização-cidade abordado por Mac-Allister (2001; 2004). Os autores sugerem que a cidade vai além de um espaço delimitado, assumindo o argumento da cultura como metáfora ao articular que a organização-cidade é, de fato, seu povo e sua cultura (SARAIVA; CARRIERI, 2012). Cita-se ainda o trabalho que apresenta uma discussão sobre os espaços coletivos das cidades, através de uma prática cotidiana que pluraliza a gestão (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014), sobretudo quando articulado por Shimada (2015) quando discute as trajetórias anônimas no cotidiano da cidade e do cidadão.

Citamos também o trabalho de Câmara et al. (2016) que desenvolveu um estudo no contexto de cidades inovadoras, analisando como a população percebe o caminho que pode seguir para se tornar mais inteligente e a recente obra “Gestão de cidades: construindo uma nova abordagem” que apresenta diferentes discussões envolvendo o ambiente das cidades articulado a ciência da administração, acrescentando uma abordagem complementar ao campo da gestão urbana e ao planejamento estratégico de cidades (CARVALHO, 2019), além da obra “Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário”, onde os autores da obra apresentam e sintetizam diferentes posicionamentos relacionados ao tema das cidades nos EOR. A obra considera a cidade como organização nos seus distintos processos de organizar associada ao saber prático e

uma posição reflexiva de gestão, desvelando diferentes abordagens que vão desde as práticas do espaço urbano, passando pelas dinâmicas sociourbanas, pelas relações de poder, pelas questões de disputas, pelos grupos de resistência, pelas sociabilidades e pelo planejamento urbano (SARAIVA; ENOQUE, 2019).

Nesse mesmo sentido, mencionamos a recente publicação de “Diferenças e territorialidades na cidade” (SARAIVA, 2020), que reúne diferentes estudos para refletir sobre distintas questões relacionadas à vizinhança dos “estranhos” que habitam os espaços das cidades, organizando e significando as suas territorialidades por meio de descontinuidades e diferenças e, assim, desafiando o conceito de “normalidade”. A obra representa um esforço dos autores para problematizar questões que desfazem alguns dos mitos ligados aos grupos sociais que são e/ou estão nas margens das cidades, além de oferecer um mosaico para o avanço na área, ao mesmo tempo que revelam o desafio de produzir conhecimento, na medida em que descartam estereótipos.

Nesta mesma corrente, observamos a obra “História, práticas sociais e gestão das/nas cidades” (SARAIVA; IPIRANGA, 2020), que lança um olhar crítico e multifacetado sobre a conjuntura desigual de diferentes cidades brasileiras ao conceber o espaço rumo aos referenciais de lugar e território, a partir de três eixos relacionados: a história, as práticas sociais e a gestão.

Além destes, destacamos também diversos outros trabalhos que discutiram a cidade a partir dos usos dos espaços urbanos, das reconfigurações e da reprodução do espaço, trazendo novas questões para o tema (MENDES, CAVEDON, 2012), outros trabalhos que fizeram essa articulação sob o foco de diferentes teóricos, por exemplo, Certeau, Lefebvre, Harvey e Foucault (FRANCO; OLIVEIRA, 2016; MISOCZKY; OLIVEIRA, 2018; CUNHA; FERRAZ, 2015; CORDEIRO; MELLO; BASTOS, 2019), trabalhos que discutiram os estudos de espaços e territórios com foco nas identidades e seus desdobramentos (SARAIVA; CARRIERI; SOARES, 2014), trabalhos que abordaram a cidade articulando-a população em situação de rua e práticas de pichação nas cidades (HONORATO; SARAIVA, 2016; VIEGAS; SARAIVA, 2015), trabalhos com foco na representação política, na gestão do espaço público voltado para interesses privados e nas práticas de resistência urbanas (LACERDA; MELLO, 2018; SHIMADA; ICHIKAWA, 2019; LACERDA; MELLO, 2020), trabalhos que analisaram fenômenos relacionados a territorialidade nas cidades (SILVA; CHAGAS, 2020; MISOCZKY et al., 2011; PEREIRA; CHAGAS; BANKUTI, 2016), pesquisas com ênfase nas dimensões do espaço urbano para mobilidade urbana nas cidades (SILVA; MELLO, 2017; SANTOS;

MAC-ALLISTER, 2020), trabalhos com foco nas representações da cidade e como essas questões resultaram na construção de um determinado discurso sobre a cidade (CORREIA, SANTOS; CARRIERI, 2020), discussões que compreendem a cidade para além dos aspectos humanos, ampliando esse olhar para outras espécies por meio de uma produção urbana organizativa multiespécie (FANTINEL, 2020), estudos com foco em práticas de espaço urbano de rupturas a partir da arte (BEZERRA; LOPES; SILVA; IPIRANGA, 2019), além de estudos que focaram a cidade através da teoria da complexidade e como um sistema de auto-organização (CARVALHO, 2019), entre outras articulações teóricas, empíricas e metodológicas.

Nesta seara, observamos os estudos de Saraiva (2019) que articulou a temática das cidades apresentando três grandes correntes de temas que tem sido abordado nos EOR brasileiros, a saber: a) territorialidade; b) sociabilidades, simbolismos e culturas; e c) desigualdade social e segregação urbana. Ao revisar a terceira corrente sobre desigualdade social e segregação urbana (tema transversal desse trabalho), percebe-se que ela se debruça em trabalhos sobre projetos excludentes de requalificação urbana (SILVA; SARAIVA, 2019), sobre a segregação espacial (COIMBRA; SARAIVA, 2014), sob o ponto de vista econômico e a economia informal (RODRIGUES; ICHIKAWA, 2015; CARRIERI et al., 2008) e sobre as questões raciais, dos grupos marginalizados subversivos a estética marginal (NASCIMENTO et al., 2015; COLARES; SARAIVA, 2016; VIEGAS; SARAIVA, 2015).

Ao levar em consideração estas discussões sobre os estudos das cidades, as questões problematizadoras desse estudo nos levou a olhar a cidade pela lente de suas margens urbanas, refletindo sobre as políticas governamentais de estado e sua relação com as origens dos processos de marginalizações no contexto da cidade de Fortaleza. No transcurso do processo da administração de um determinado território da cidade, observa-se que as margens urbanas se organizam a partir de um *modus operandi* acionado e praticado pela burocracia estatal sobre populações, grupos ou corpos.

Para isso, consideramos a abordagem de Das e Poole (2004) sobre o estado e as suas margens para problematizar estas questões que colocam as fronteiras urbanas em posições antagônicas entre centro e margens, público e privado, morro e asfalto, legal e ilegal, zona sul e periferia. Das e Poole (2004) colocaram que as margens urbanas são fronteiras que caracterizam um organizar complexo de fenômenos múltiplos, indo além de uma mera demarcação geopolítica, produzindo efeitos práticos e narrativos sobre populações tidas como às margens do poder estatal e da lei. Os autores exploraram a ideia

de exceção, para afirmar que as práticas do estado de exceção se situam, simultaneamente, dentro e fora da lei, se organizando como uma regra e se fazendo parte da vida cotidiana das populações marginalizadas. As ações dos aparatos legais e suas infraestruturas nas margens são governadas pelo uso da vigilância e violência, sancionadas pelo estado a um alto custo para a população. O estado, enquanto dispositivo encravado na vida cotidiana, se produz ao produzir suas margens, entendendo o papel histórico das margens na atualidade não apenas como um apêndice das administrações governamentais, mas, sobretudo, iluminando o efeito do papel de agência dos atores sociais (AGAMBEN, 2004; DAS; POOLE, 2004; GOMES, 2009).

A obra *“Anthropology in the margins of the state”* de Das e Poole (2004) ao considerarem as questões entre o estado e as suas margens superaram as reflexões que se pautam no antagonismo e na cidade dicotômica como foi observado em alguns estudos relacionados a cidade de Fortaleza (CORDEIRO; MENEZES, 2001; MUNIZ; SILVA; COSTA, 2011; MAGALHÃES, 2015; GONDIM, 2007; RIBEIRO, 2006; ROSA, 2001). Os autores enfatizaram que, ao contrário, as margens urbanas não são separadas do centro onde o estado não conseguiu impor sua ordem (DAS; POOLE, 2004), mas que existe uma “relação necessária, portanto, uma continuidade entre uma e outra” (AGIER, 2015, p. 483). Dessa forma, as margens das cidades, compreendidas como espaços que são produzidos simultaneamente, não são exteriores ao estado, refletindo sobre os modos de transitar entre o dentro e o fora (DAS; POOLE, 2004).

De acordo com Palermo (2015), a concepção da obra de Das e Poole (2004), parte de um ponto diferente das discussões apresentadas por um viés neoliberal, mas isso não significa que os autores da obra “contestam a constituição de estados ancorados na cartilha neoliberal” (p. 60-61). O que se reflete é sobre a composição do estado e suas ações pautadas no cotidiano da vida social, problematizando o ponto de vista antropológico do estado (PALERMO, 2015), buscando entender como as políticas públicas moldam as práticas regulatórias e políticas que formam o próprio estado (DAS; POOLE, 2004). Releva-se, portanto, que enquanto territórios nas margens do estado, esses espaços ainda assumem uma lógica própria e diversa que possuem disputas e regras internas para seu funcionamento (BRULON; PECI, 2019). Telles (2013) também seguindo a noção de uma etnografia do estado a partir de Das e Poole (2004), propôs prospectar a cidade a partir de suas margens, compreendendo que as formas que são reproduzidos os sentidos e os próprios conceitos de progresso, ordem, legalidade, justiça

e lei em um campo no qual o “Estado se faz e refaz em interação com outros modos de regulação ancorados nas formas de vida” (p. 364).

A partir dessas concepções amplia-se o entendimento sobre os processos de marginalização da cidade, como argumentado por Gomes (2019) ao sugerir que o centro se constrói a partir dos diferentes entraves encontrados nas margens e vice-versa, numa relação mútua de interdependência ou como o autor descreve “das margens (no) centro”, demonstrando uma relação entre os diversos espaços. Desse modo, as margens se mostram múltiplas e multifacetadas, propondo que “no fim é onde está propriamente o começo” (MARTINS, 1997) ou na margem é onde está o início da história que forma o centro (DAS; POOLE, 2004).

Sugere-se, portanto, que essa questão das margens urbanas seja repensada por meio de diferentes caminhos de análise ao articular a heterogeneidade (COHEN, 2004) que permeia esses espaços, ou como sugerido por Alvarez e Salla (2013) que propõe pensar esses espaços urbanos, menos “como espaços limites e periféricos ao poder central, e mais em margens que se multiplicam e se deslocam tanto na periferia quanto no centro” (p. 9). Observamos assim, um deslocamento do conceito da lógica dicotômica para a compreensão dos espaços urbanos ao se integrar com o todo, ou seja, a margem e o centro que invocam os limites de fora (da margem) do lugar vazio e do caos para se pensar o estado como um projeto incompleto e inacabado (DAS; POOLE, 2008).

Assim, a concepção de margens e os seus centros, não necessita ser definida apenas com base em diretrizes normativas, uma vez que a produção das margens tem ligação intrínseca com o contextual, relacional e histórico. O estado e as suas margens se produzem mutuamente, na tensão entre a tentativa de imposição soberana e a resistência/força das margens. E nesse contexto, o organizar desses processos urbanos de marginalização se baseiam em diferentes histórias de exceções. Como paradigma de governo dominante na política contemporânea, o estado de necessidade sobre o qual se baseia a exceção, situa-se em um limite ambíguo e incerto entre a política e o direito público, apresentando analogias evidentes com o do direito de resistência (AGAMBEN, 2004; DAS; POOLE, 2004; OLIVEIRA, 2012; PALERMO, 2015; WACQUANT, 2014).

Ao refletir sobre tais questões, Das e Poole (2004) apresentam esta ideia de estado de exceção, citando as contribuições do trabalho de Agamben (2004) e articulando que esse tipo de estratégia tem o objetivo de manter a soberania estatal em nome de um estado emergencial, ou seja, de exceção. Essas discussões de Das e Poole (2004) e de Agamben (2004) são também abordadas na tese 8 de Benjamin (2016), quando o autor apresenta a

questão da crença no progresso, enquanto pressuposto histórico, onde o estado de exceção em que vivemos é a regra, problematizando que o estado das coisas em que se vive deixará de ser a exceção para se tornar a regra geral, fazendo referência a um regime ditatorial (LUIZ, 2014), onde o estado de exceção se torna a norma e fere os aspectos democráticos relacionados, por exemplo, a organização e processos de gestão na cidade. No livro “Passagens” (2018) citado anteriormente, Benjamin reconstruiu uma historiografia do século XIX por meio da interpretação da cidade de Paris, cuja infraestrutura é a mercadoria e os seus processos capitalistas. Para o autor compreender a cidade moderna significa explorar a alma da mercadoria que caracteriza o sistema capitalista, as ruínas dos monumentos da burguesia que descrevem a cidade capitalista do final do século XIX.

Nesta linha de argumentação, citamos o trabalho da Oswald (2009), por exemplo, que discute o tema da cidade segundo a perspectiva benjaminiana, tendo como palco a *Belle Époque* do Rio de Janeiro em 1900 para compreender, por meio da literatura de Lima Barreto (1881-1922), as tensas relações da cidade de hoje. A autora considera que na cidade do Rio de Janeiro de 1900 prevalecia a “cena” e a “obscena”, desvelando cenários urbanos marginalizados (OSWALD, 2009, p. 118).

Na análise desse contexto urbano, Oswald (2009, p. 112), citando as teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin (2016) coloca que é preciso atender “à reivindicação da filosofia benjaminiana da história de que o inacabamento do passado precisa ser visitado para que o presente e o futuro possam ser transformados”, e que “aproximar passado e presente, é configurar uma constelação que desfaça o *continuum* da história, buscando, na perspectiva da imobilidade dialética de Benjamin, anular o contrato da história com os vencedores de sempre” (p. 112), e ao mesmo tempo, “colocando por terra o mito do progresso” (p. 118). O exercício reflexivo que se coloca é “pensar a história como história adiada, ainda por fazer” e “esquecer a ideia de que o futuro significa progresso, arrancando do passado sementes que possam gerar outros futuros possíveis das cidades” como enfatizado por Oswald (2009, p. 122).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA PESQUISA HISTÓRICA

*“Foi então que aconteceu
Natural sempre acontece
Uma seca medonha
Que o sertão entristece
Por falta d’água e comida
Que o sertanejo padece” (p. 8).*

*(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé.
Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).*

Neste capítulo apresentamos todos os procedimentos utilizados no que diz respeito ao desenho metodológico da pesquisa. Para atender ao objetivo dessa pesquisa de compreender, sob o ponto de vista da história, como ocorreu o processo de organizar dos espaços marginais da cidade de Fortaleza, se realizou uma pesquisa de caráter histórico, por meio do qual foi constituída uma coleção de arquivos documentais (BARROS, 2016; CARTER, 2006; DECKER, 2013), considerando diferentes fontes textuais e não-textuais do método histórico (JORDANOVA, 2006), cujos procedimentos metodológicos estão descritos detalhadamente a seguir.

3.1 A pesquisa histórica na área de administração e nos estudos organizacionais

A pesquisa histórica na área das ciências humanas adquire um caráter científico no século XVIII com a incorporação do método científico. Desde então, para proceder a pesquisa deve ser seguido uma série de procedimentos que iniciam com a abordagem do problema, formulação de pressupostos, coleta e análise de dados, avaliação da autenticidade e precisão das fontes e, por último, a síntese e elaboração do relatório de resultados da pesquisa (FUSCO, 2009).

Como anteriormente mencionado no marco teórico, na área de administração e dos estudos organizacionais, o método que envolve as pesquisas históricas foi impulsionado a partir de um marco teórico crítico, denominado de “virada histórica” que envolve a articulação entre história e administração/gestão (CLARK; ROWLINSON, 2004; BOOTH; ROWLINSON, 2006). Como foi observado, diferentes pesquisadores discutiram a relação entre a história e os estudos organizacionais. Dentre esses estudos, foi percebido que alguns focam a questão metodológica das pesquisas, além de apontar diferentes caminhos e percursos da história em administração.

Por exemplo, o trabalho de Costa e Silva (2019) apresenta uma proposta para a prática da pesquisa histórica por meio de três conceitos norteadores: “(a) o fato histórico, compreendido como acontecimentos que deram origens às diferentes interpretações históricas acerca do ocorrido; (b) o documento e a fonte histórica, ou seja, qualquer vestígio do passado que foi conservado e serve para compreender sua época; e (c) a análise ou operação histórica, isto é, o processo crítico pelo qual é submetida uma fonte de modo que possa suportar o pesquisador a responder suas inquietações” (p. 101). Para os autores, esses conceitos estão interligados e fornecem direções para posicionar historicamente o objeto de estudo, refletindo que os documentos e as fontes históricas não são apenas depositórios de fatos que ocorrem no passado, sugerindo uma relação com o próprio ofício do pesquisador (COSTA; SILVA, 2019).

Caraiola (2012) corrobora com tais questões discutindo em seu estudo a importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em administração, argumentando que o acesso ao passado precisa estar conectado simultaneamente com outros passados como uma espécie de rede conectada e que demanda a disponibilização e a preservação dos vestígios históricos.

Esses estudos levantados demonstram as potencialidades que o método histórico pode proporcionar, apresentando diferentes contribuições para se entender os fenômenos organizacionais por um viés histórico, pois como argumenta Gomes e Santana (2010), a teoria organizacional não pode dispensar o contexto e o conhecimento histórico para apreensão das realidades organizativas, localizando temporalmente os aspectos relacionados as práticas organizacionais.

No entanto, apesar do crescimento de estudos que articulem história e administração, ainda é consenso entre os pesquisadores da área o dilema no que diz respeito a essas configurações metodológicas para o desenvolvimento de pesquisas históricas que possibilitem a operacionalização dentro do campo da administração e também o rigor metodológico desses trabalhos (VIZEU, 2010; COSTA; SILVA, 2019). Contudo, é importante mencionar que a falta de consenso e maiores explicações sobre o desenvolvimento operacional do método, não os tornam distantes ou escassos (YATES, 2014), mas sobretudo, relevantes no que diz respeito ao acesso dos dados e as análises.

Ao resgatar novamente a agenda de pesquisa proposta por Booth e Rowlinson (2006) percebe-se um tópico específico, o item 2 relacionado ao método de pesquisa, intitulado “Métodos históricos e estilos de escrita”. Nesse item os autores avaliam a relevância de se ampliar a noção sobre os estilos de escrita e os métodos na pesquisa

histórica, enfatizando a preocupação do acesso a fontes diversas e a forma de narrar histórias organizacionais (BOOTH; ROWLINSON, 2006), colocando os caminhos metodológicos das pesquisas históricas em administração como um desafio a ser superado e investigado (CLARK; ROWLINSON, 2004). Barros (2016) ainda ao abordar essa questão demonstra que uma maneira de driblar essas questões é olhar os objetos de estudos por meio de fontes históricas diversas, expandindo a noção de objeto.

Dessa forma, embora observamos o apelo por mais pesquisas históricas em administração, além do crescimento e as contribuições advindas desses estudos para fortalecer a área dos estudos históricos organizacionais, a etapa da metodologia ainda carece de mais pesquisas para se consolidar no que diz respeito ao acesso, a operacionalização e a análise documental.

3.2 Construção da coleção documental: o arquivo como sujeito ativo na pesquisa histórica

Partimos do entendimento do arquivo como um sujeito portador de subjetividades inerentes as relações de poder e produtor de conhecimentos através de um discurso não passivo a partir das relações entre o dito e o não dito (CARTER, 2006), sobretudo, focando o arquivo como construções sociais (SCHWARTZ; COOK, 2004). A principal questão é a forma que o pesquisador tem que buscar, selecionar, analisar e interpretar os dados se relacionando com a fonte de pesquisa, ou seja, o lugar social que determinado documento é disponibilizado (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa com documentos tem o objetivo de produzir novos conhecimentos por meio de uma realidade histórica dos acontecimentos, criando novas formas de olhar os fenômenos e como estes foram desenvolvidos e construídos ao longo dos tempos.

Nesse sentido, um documento histórico significa aquilo que atesta, que serve como prova e registro de uma determinada época e tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho que servem como fontes de informações. Oliveira (2007) ressalta que os documentos materiais podem ser, entre outros, normas, cartas, diários, relatórios, leis, jornais, discursos e revistas. No entanto, Cellard (2008) amplia essa questão argumentando que os documentos também podem englobar a natureza iconográfica (linguagem visual), monumentos e cinematográfica (filmes), bem como qualquer outro tipo de depoimento registrado e objetos cotidianos de uma determinada realidade.

Barros (2016) menciona que utilização de documentos e outros registros históricos foi fortemente influenciada pela “virada histórica” (CLARK; ROWLINSON, 2004) ao problematizar as articulações entre os arquivos de pesquisa e as relações de poder inerentes a eles. Foi a partir da Escola dos *Annales* (historiadores franceses) que houve uma ruptura com a história tradicional ao discutir que não é suficiente uma análise das estruturas, assim é preciso que haja interpretação de modo que não se repita uma narrativa linear e simples dos acontecimentos, sem questioná-los dando lugar a uma metodologia crítica (PIERANTI, 2008), ou de acordo com Firat (1987) trazendo respeitabilidade e cientificidade para a história.

Articulando essa questão com a ciência da administração, Pieranti (2008) apresenta alguns pontos designados por ele como princípios da pesquisa de cunho histórico voltado a administração. Para o autor:

A História explica acontecimentos e estruturas de uma dada sociedade. A pesquisa de cunho histórico tem como base o passado, mesmo que esse seja visto como raiz para a explicação do presente. Eventos históricos são singulares e intimamente ligados a contextos específicos, não podendo ter suas causas e consequências generalizadas. A pretensa realidade histórica varia em conformidade com a perspectiva de seus personagens e observadores, não havendo, portanto, uma única e absoluta realidade. Múltiplas perspectivas são aceitas, possibilitando a interligação entre áreas diversas do conhecimento. Estruturas são centrais à compreensão da sociedade, bem como interpretações e indícios em relação a elas em âmbitos diversos, como o político, econômico, social e cultural (PIERANTI, 2008, p. 5).

Tais questões refletem os princípios da metodologia historiográfica na pesquisa que envolve objetos da administração e como a realidade é apreendida pelo pesquisador como enfatiza Costa, Barros e Martins (2010) denotando um protagonismo ao pesquisador que determinado fato terá o olhar único de quem o pesquisa, abrindo outras possibilidades de percepções diferentes da narrativa exposta em função da escolha particular de um determinado arquivo de pesquisa.

Ao retratar sobre o arquivo de pesquisa como sujeito portador de conhecimento, é relevante notar que inicialmente os arquivos eram tidos apenas como fontes neutras e objetos estáticos passivos que são despidos de interesses e a preocupação se resumia na questão da escassez e do acesso aos documentos (CARTER, 2006; BARROS, 2016). No entanto, esse conceito começou a mudar por meio de um processo de significação crítica, tornando o arquivo capaz de silenciar ou dar voz a determinados acontecimentos e realidades, trazendo um certo protagonismo ao mesmo (CARTER, 2006; DECKER, 2013; BARROS, 2016) e, ao mesmo tempo, desvelando a vivência de uma rede que é

composta de vozes, silêncios, ausências e desvios (DECKER, 2013; 2014; CARNEIRO; BARROS, 2017).

Decker (2013) menciona que a história como disciplina foi acusada de ser teórica e argumenta que é relevante que exista um foco mais detalhado discutindo as questões metodológicas a fim de comunicar o valor da pesquisa com os arquivos para cientistas sociais. De acordo com a autora é importante considerar como os arquivos foram criados e como podemos usá-los legitimamente, denotando campos de poder nessa articulação e considerando os arquivos como sujeitos ativos que produzem conhecimento.

Ao enfatizar sobre os silêncios, as ausências e os desvios, Decker (2013) sublinha que esses eventos podem dizer muito sobre determinada realidade, revelando diferentes campos que contêm disputas de poder. Essa questão problematiza o dito e o não dito ao articular histórias que não foram levadas em consideração, como por exemplo, as margens e as escolhas não realizadas (STOLER, 2002). Dessa forma, segundo Stoler (2009) os arquivos são considerados sujeitos ativos na construção da memória coletiva resultantes das relações de poder, tornando os arquivos documentais capazes de silenciar ou dar voz a determinados acontecimentos e realidades ao desvelar a vivência de uma rede que é composta de silêncios, ausências e desvios (CARTER, 2006; DECKER, 2013). Dessa forma, estamos cientes que pesquisas com base em documentos históricos tem limitações, pois conforme preconizado por Foucault (2008) um documento abriga fatos sobre um passado, mas com informações de um contexto específico e que atendem a diferentes ideologias dos tempos idos, devendo ser refletidas com cautela pelo pesquisador. No entanto, essa questão não extingue a interpretação dos dados por meio do enredo histórico que foi construído, mas é importante refletir que esta não é uma leitura única e definitiva sobre a problemática. Tais argumentos demonstram a importância e os critérios na seleção dos documentos na construção de pesquisas históricas e perduram nas reflexões dos pesquisadores na área da administração, particularmente nos estudos organizacionais.

Isto exposto, mencionamos que em termos operacionais, inicialmente foi realizado o levantamento das coleções de documentos disponíveis nos arquivos institucionais. No caso desta pesquisa, os documentos selecionados foram de domínio prioritariamente público. Em um segundo momento, foi efetivado o acesso e levantamento do material arquivado para, então, constituir a coleção documental da pesquisa. Dessa forma, foi realizado um levantamento preliminar das possíveis fontes arquivísticas disponíveis localmente e que pudesse trazer informações relevantes sobre:

i) os períodos das estiagens, ii) dos “campos de concentração” no Ceará, iii) e sobre a história da formação das margens da cidade de Fortaleza.

Durante o período de outubro e novembro de 2019 foi realizado diferentes pesquisas e coletas de informações sobre as instituições que oferecem abrigo a este tipo de material histórico. Como mencionado, foi considerado todas as possibilidades até então, inclusive os arquivos digitais. Essa etapa da pesquisa resultou em uma lista com 21 arquivos físicos e digitais que poderiam auxiliar na busca de informações e acesso aos documentos históricos. O resultado dessa lista está organizado no quadro 2 a seguir e corresponde a execução do primeiro objetivo específico do projeto relacionado ao mapeamento dos arquivos históricos que foram necessários para compor a coleção dessa pesquisa.

Quadro 2: Mapeamento preliminar dos arquivos históricos

| Nº | Nome | Repositório | Endereço |
|----|--------------------------------------------------------------------------|------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Arquivo Público do Estado do Ceará | Físico | Sede: Rua Senador Alencar, 348, Centro, Fortaleza/CE. Endereço provisório: Rua 24 de Maio, 60, Centro Fortaleza/CE. |
| 2 | Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel do Ceará | Físico | Endereço provisório: Rua 24 de Maio, 60, Centro, Fortaleza/CE. |
| 3 | Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará - NUDOC | Físico e Digital | Av. da Universidade, 2762, Benfica, Fortaleza/CE http://www.nudochistoria.ufc.br/ |
| 4 | Arquivo e Museu de Comunicação Nirez Cearense | Físico e Digital | Rua Professor João Bosco, 560, Rodolfo Teófilo, Fortaleza/CE http://arquivonirez.com.br/ |
| 5 | Acervo do Museu da Imagem e do Som do Ceará | Físico | Av. Barão de Studart, 410, Meireles, Fortaleza/CE. |
| 6 | Acervo do Museu da Indústria do Estado do Ceará | Físico e Digital | Rua Dr. João Moreira, 143, Centro, Fortaleza/CE. http://www.museudaindustria-ce.org.br/ |
| 7 | Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) | Físico | Rua Liberato Barroso, 525, Centro, Fortaleza/CE. |
| 8 | Acervo do Diário do Nordeste | Digital | https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ |
| 9 | Biblioteca Pública de Fortaleza (1. | Físico | 1. Av. da Universidade, 2572 – Benfica |

| | | | |
|----|----------------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira; 2. Biblioteca Pública Municipal Cristina Poeta) | | 2. Rua Raimundo Ribeiro, 580-Autran Nunes |
| 10 | Acervo do Museu da Fotografia em Fortaleza | Físico | R. Frederico Borges, 545, Varjota, Fortaleza/CE. |
| 11 | Acervo da Casa de Cultura Cristiano Câmara | Físico | R. Baturité, 162, Centro, Fortaleza/CE. |
| 12 | Acervo do Jornal O Povo no Ceará | Físico | Av. Aguanambi, 282, Fortaleza/CE. |
| 13 | Portal da História do Ceará | Digital | http://portal.ceara.pro.br/ |
| 14 | Biblioteca do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS | Físico | Av. Duque de Caxias, 1700, 2º e 3º andares – Centro Fortaleza – CE |
| 15 | Arquivos Paroquiais dos Municípios de Ipu e Senador Pompeu | Físico | Ipu: Antônio Memória, centro. Ipu-CE. Senador Pompeu: Não foi encontrado o endereço. |
| 16 | Acervo da hemeroteca digital da biblioteca nacional | Digital | http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ |
| 17 | Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza | Físico | Rua Ten. Benévolo, 201, Fortaleza/CE. |
| 18 | Acervo Digital de Fortaleza | Digital | http://acervo.fortaleza.ce.gov.br/ |
| 19 | Acervo Portal Fortaleza Antiga | Digital | https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial |
| 20 | Acervo Portal Fortaleza Nobre | Digital | http://www.fortalezanobre.com.br/ |
| 21 | Acervo do Instituto Histórico do Ceará | Físico | Rua Barão do Rio Branco, 1594 – Centro, Fortaleza/CE. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

No final do ano de 2019, após esse mapeamento dos arquivos físicos e digitais, mais precisamente em 31 dezembro do referido ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Logo em seguida, esse novo

coronavírus foi responsável por causar a doença Covid-19. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, evidenciando muitos e alarmantes surtos e óbitos de Covid-19 em vários países e regiões do mundo todo (dados da OMS, 2020⁴).

No Brasil não foi diferente e por conta desses processos, os governos decretaram períodos de quarentena e isolamento social. Tudo isso aconteceu no momento que eu (autor do trabalho) estava me preparando para fazer as visitas nos arquivos físicos de forma presencial, no entanto, surgiu a primeira limitação da pesquisa relacionada ao fechamento de todas as instituições que pudessem oferecer serviços de acesso as coleções documentais, assim, somente os serviços considerados essenciais continuaram a manter suas atividades. Nesse momento mudamos a estratégia de coletar os dados documentais apenas para os acervos digitais ou algum outro físico que, por ventura, viesse a funcionar neste momento da pesquisa.

Diante de tais limitações, está resumidamente apresentado no quadro 3 a seguir, o levantamento em definitivo das instituições que foram consultadas durante a etapa de coleta dos dados, bem como os seus endereços respectivos. Estes foram os acervos, de fato, consultados para levantamento do material considerado relevante para esta tese.

Quadro 3: Repositório e endereço das instituições/acervos consultados em definitivo

| Nº | Nome | Repositório | Endereço |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará - NUDOC | Físico e Digital | Av. da Universidade, 2762 Benfica, Fortaleza/CE http://www.nudochistoria.ufc.br/ |
| 02 | Acervo do Diário do Nordeste | Digital | https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ |
| 03 | Acervo do Jornal O Povo | Digital | https://www.opovo.com.br/ |
| 04 | Portal História do Ceará | Digital | http://portal.ceara.pro.br/ |
| 05 | Biblioteca do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS | Físico | Av. Duque de Caxias, 1700, 2º e 3º andares – Centro Fortaleza – CE |

⁴ Recuperado de: “histórico da pandemia de Covid-19”: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em 13/08/2020.

| | | | |
|----|-------------------------------------------------------------------------------|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06 | Hemeroteca Digital | Digital | http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ |
| 07 | Acervo Digital de Fortaleza | Digital | http://acervo.fortaleza.ce.gov.br/ |
| 08 | Acervo Portal Fortaleza Antiga | Digital | http://fortalezaantiga.blogspot.com/ |
| 09 | Acervo Portal Fortaleza Nobre | Digital | http://www.fortalezanobre.com.br/ |
| 10 | Acervo da Revista do Instituto do Ceará | Digital | https://www.institutodoceara.org.br/revista.php |
| 11 | Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC) | Digital | http://cddhac.blogspot.com/ |
| 12 | Arquivo Nacional | Digital | https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br |
| 13 | Bibliotecário do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFC | Digital | https://ppgh.ufc.br/pt/banco-de-dissertacoes/ https://ppgh.ufc.br/pt/banco-de-teses-defendidas/ |
| 14 | Portal Periódicos Capes | Digital | https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php? |
| 15 | Google Acadêmico | Digital | https://scholar.google.com.br/?hl=pt |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Neste momento enfatizo os diferentes problemas que vivenciei em relação a escassez de material sobre a problemática ou impossibilidade de acessá-los ou, quando acessíveis, de pesquisá-los mesmo nos acervos digitais, pois muitos documentos referentes a história de Fortaleza e do Ceará ainda não foram disponibilizados de forma on-line e nem digitalizados. Quando digitalizados apresentaram também limitações para leitura, seja com letras muito pequenas, seja com desfoque, desgastes, rasuras ou manchas no material documental. Dificuldades também apresentadas por Rowlinson, Hassard e Decker (2014), Decker (2014) e Coraiola (2012), no tocante ao acesso dos dados. Tais dificuldades trouxeram diferentes reflexões relacionadas a uma memória da cidade que está escassa, não valorizada e relegada ao esquecimento. Neste momento concentrei meu esforço nos acervos que eu tive disponibilidade, pois conforme relatado na pandemia do Covid-19, muitos acervos ficaram fechados. Por isso não se tratou de uma escolha e sim uma necessidade, onde precisei fazer adaptações ao longo do percurso. Fui, em certa medida, levado a esta condição em face do contexto da quarentena e do isolamento social.

Menciono igualmente que a carência e escassez de documentos também explica a pluralidade dos acervos digitais que foram consultados.

Diante do exposto e com base nos objetivos dessa pesquisa foi constituído a coleção de arquivos históricos documentais por meio de algumas etapas (DECKER, 2013), entre elas: i) mapeamento e levantamento das fontes arquivísticas; ii) seleção e montagem final da coleção da pesquisa por meio da constituição de uma rede de documentos; iii) observações e interrogações, entrecruzamento e estabelecimento de relações, descrição, análise e interpretação desse material histórico.

Nesse momento, considerou-se ainda diferentes acervos bibliográficos através de bases de dados. Para esta etapa da pesquisa realizamos um levantamento de caráter bibliográfico, constituindo um corpus de pesquisa que totalizou 50 trabalhos, entre estes, artigos, livros, dissertações e teses para contextualizar e compreender como vem sendo estudado, em outras áreas do conhecimento, os “campos de concentração” no Ceará e na cidade de Fortaleza, com ênfases das discussões na organização das margens pelo estado, discutindo ainda a formação dos bairros localizados na parte Oeste da cidade.

A base de dados que serviu como insumo para esta investigação foram os periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), através de login institucional, além de buscas por meio do Google Acadêmico e o banco de dissertações e teses do portal “Domínio Público”. Foram ainda consideradas as obras clássicas sobre a história do Ceará e da cidade de Fortaleza, relacionadas, por exemplo, aos fenômenos das secas e das estiagens, assim como dos movimentos migratórios consequentes. Estes trabalhos se apresentaram em formato de livros e capítulos, além de algumas dissertações e teses disponibilizadas no acervo bibliotecário do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Outras buscas também foram realizadas que não seguiram nenhum procedimento específico, dessa maneira, se deu de forma orgânica a partir das referências bibliográficas que os artigos selecionados estavam indicando e por meio de leituras sobre o tema.

Em relação aos trabalhos, foi percebido pesquisas de diversos autores, entretanto dois pesquisadores me saltaram os olhos com uma grande concentração de estudos: 1) Kenia Sousa Rios; 2) Frederico de Castro Neves. A partir de então procurei entender qual a relação da temática com esses 2 pesquisadores, buscando compreender o lugar de voz de cada um deles.

Kenia Sousa Rios possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (1997), mestrado em História pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (1999), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003) e PDSE em Estudos da Oralidade - *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (2002). Desde 2004 é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência de pesquisa na área de História, com ênfase em História e Oralidade, atuando principalmente nos seguintes temas: água, memória oral, história do Ceará, cidade, seca, história e meio ambiente. É professora orientadora do programa de pós-graduação em História da UFC (mestrado e doutorado).

Frederico de Castro Neves possui graduação em História (UFC, 1986), mestrado em Sociologia (UFC, 1992) e doutorado em História Social (UFF, 1998). Atualmente é Professor Titular no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, atuando nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado. Tem experiência na área de História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: secas, migrações, revoltas camponesas, movimentos sociais e conflitos sociais. Ambos pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, fazem parte de grupos de pesquisa como “Seca, cultura e movimentos sociais”, com linhas de pesquisa voltadas a “Pobreza Urbana” que tem o objetivo de analisar a interface entre a formação da pobreza urbana no Ceará e a ocorrência periódica das secas e a “seca: economia e sociedade” que tem o objetivo de analisar a ocorrência da seca ao longo do período de 1877 e 1915, associando seus elementos econômicos aos políticos e culturais.

A coleção de arquivos documentais da pesquisa foi construída por meio de materiais que apresentaram conteúdos históricos relevantes, com profundidade e que conteve uma diversidade de vozes e relações (BARROS, 2016). Os excertos de matérias jornalísticas se tratam de documentos das datas referentes aos fatos históricos, bem como reportagens mais contemporâneas que se remetem aos tempos idos da história e foram invocados ao longo da narrativa. Dessa maneira, foram consultados documentos existentes em acervos digitais como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional através de Jornais como A República, Cearense, A Lucta, A Razão; Acervo do Diário do Nordeste; Acervo do Jornal O Povo; Acervo do Portal História do Ceará; Acervo Digital de Fortaleza e entre outros, bem como documentos existentes em acervos físicos como o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), situado com sede na cidade de Fortaleza. Ao final, foram contabilizados um total de 193 arquivos que organizaram a coleção da presente pesquisa, conforme exposto com mais detalhes no quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Organização da coleção documental da pesquisa

| Geral | Coleções | Acervos | Quantidade | Fontes |
|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|---------------------------------------|------------|--------------------|
| Organização da Coleção Documental da Pesquisa (193) | 1. Coleção dos Documentos Históricos (135) | 1.1. Acervo da Hemeroteca Digital | 35 | Jornal A República |
| | | | | Jornal Pedro II |
| | | | | Jornal Cearense |
| | | | | Jornal O Besouro |
| | | | | Jornal A Lucta |
| | | | | Jornal Nação |
| | | | | Jornal A Razão |
| | | Jornal Gazeta do Norte: Órgão liberal | | |
| | | 1.2. Acervo Jornal Diário do Nordeste | 21 | Do próprio acervo |
| | | 1.3. Acervo Digital de Fortaleza | 09 | Do próprio acervo |
| | | 1.4. Acervo do DNOCS | 03 | Do próprio acervo |
| | | 1.5. Acervo Portal Fortaleza Antiga | 19 | Do próprio acervo |
| 1.6. Acervo Portal Fortaleza Nobre | 10 | Do próprio acervo | | |
| 1.7. Acervo Jornal O Povo | 05 | Do próprio acervo | | |
| 1.8. Acervo Portal História do Ceará | 14 | Do próprio acervo | | |
| 1.9. Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC) | 06 | Do próprio acervo | | |
| 1.10. Acervo do NUDOC/UFC | 01 | Do próprio acervo | | |
| 1.11. Acervo do Arquivo Nacional | 08 | Do próprio acervo | | |

| | | | | |
|--|----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|----|---------------------------------------------|
| | | 1.12. Acervo da Revista do Instituto do Ceará | 04 | Do próprio acervo |
| | 2. Coleção dos Documentários (8) | 2.1. Acervo YouTube | 08 | Do próprio acervo |
| | 3. Coleção da Bibliografia (50) | 3.1. Acervo Base de Dados | 41 | Portal Periódicos Capes Google Acadêmico |
| | | 3.2. Acervo Bibliotecário do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFC | 09 | Do próprio acervo |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Esses procedimentos para a constituição da coleção da pesquisa evidenciaram algumas reflexões, pois observamos que alguns documentos eram abrigados em instituições governamentais, diretamente relacionadas às políticas de enfrentamento das estiagens e das migrações, como o DNOCS. Esses documentos narravam fatos passados atendendo aos seus diferentes ideais de tempos idos. Nesse sentido e para constituir a coleção dessa pesquisa, procedeu-se um tipo de reorganização das fontes, acrescentando igualmente os procedimentos sugeridos por Certeau (2011), por meio da função de separar, reunir, transformar, recopiar, transcrever e fotografar, assim, levando em consideração os interesses de cada instituição ao disponibilizar as informações.

Essa questão nos direcionou para o que Certeau (2011) denomina de um “lugar social no passado” (p. 65), entendendo que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Esse lugar social que o autor fala se refere ao lugar de produção de conhecimento político e cultural. Assim, Certeau (2011) questiona as formas de produção, levantando reflexões sobre as relações de poder (o que é possível de ser dizível e o que permanece como não-dito) nos arquivos, corroborando também com as concepções da Decker (2013) sobre as relações de poder.

Essa questão nos motivou a problematizar nossas fontes, ciente da impossibilidade de neutralidade dos documentos, onde algumas questões foram formuladas para compreender esse lugar social conforme exposto por Certeau (2011), entre elas, i) quais as origens das fontes? ii) quem as formulou? iii) com quais objetivos e intencionalidades?

iv) para quem e como foram publicizadas? Nesse sentido, foi organizado um quadro mostrando algumas dessas questões de forma contextualizada com o objetivo de compreender o que está representado à luz do contexto de sua época (COSTA; SILVA, 2019), na tentativa de ir além dos aspectos internos de conteúdo, a partir de uma reflexão externa que também situe o documento. Assim, descrevendo de onde vem, qual o contexto de criação, o ano, quem estava por trás, os principais interesses daquele acervo, jornal, etc. Dessa forma, as relações de poder existentes nos arquivos que foram usados se basearam no esforço de compreender o lugar social (CERTEAU, 2011) a partir dos principais interesses da época na produção dos trechos em cada acervo, para a partir daí, compreender as relações de poder inerentes a eles, tentando produzir algum sentido nessas articulações (DECKER, 2013). O quadro 5 a seguir evidenciam essas questões.

Quadro 5: Descrição dos acervos e jornais consultados

| Nº | Acervo/Jornal | Descrição |
|----|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01 | Hemeroteca Digital | A Fundação Biblioteca Nacional oferece aos seus usuários a Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas. |
| 02 | A República | Jornal essencialmente político que resultou da fusão do Libertador e do Estado do Ceará, jornais respectivamente do Centro Republicano e da União Republicana. Pertencia a uma sociedade anônima denominada Ceará-Libertador. Desde o seu início até desaparecer foi responsável pela veiculação do governo. |
| 03 | Pedro II | Jornal que circulou em Fortaleza entre 1840 e 1889. Era destinado a promover a política conservadora. Foi fundado a partir do periódico Dezesseis de dezembro por Miguel Fernandes Vieira. |
| 04 | Cearense | Jornal do partido liberal fundado por Frederico Pamplona, Tristão Araripe e Thomás Pompeu, que também foram seus redatores. |
| 05 | O Besouro | Jornal lançado em 6 de abril de 1878 pelo caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro, no Brasil, Rio de Janeiro. No ano de 1877, entre setembro e novembro, editara Bordalo o semanário Psit que retratava de forma humorística a vida por vezes dissoluta da Corte. A curta duração dessa publicação não fez, entretanto, com que o desenhista desistisse |

| | | |
|----|--------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | de levar avante a ideia de, com humor, satirizar o cenário político e social no Brasil de fins do século XIX. |
| 06 | A Lucta | Não foram encontradas informações sobre esse jornal. |
| 07 | Nação | Dirigido por J. de Matos Ibiapina. |
| 08 | A Razão | O jornal era propriedade do Cel. Vicente Carneiro e tinha como redator chefe Alpeu Aboim. |
| 09 | Gazeta do Norte: Órgão liberal | Jornal político da facção liberal conhecida na província do Ceará pelo nome de Pompeus e chefiada por Nogueira Accioly. Com o advento da república, quando passou a se chamar Estado do Ceará, tornou-se jornal republicano. Sua posterior fusão com o Libertador resultou no A República. |
| 10 | Diário do Nordeste | Jornal brasileiro editado em Fortaleza, capital do estado do Ceará. Pertence ao Sistema Verdes Mares, divisão midiática do Grupo Edson Queiroz. |
| 11 | Digital de Fortaleza | A Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) por meio do Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR), vem avançando em suas políticas para a gestão e difusão do conhecimento sobre e para a Cidade. Sob a coordenação do IPLANFOR, criou o Acervo Digital de Fortaleza, que está disponível em formato digital, e tem por objetivo reunir, armazenar, organizar, recuperar, preservar e disseminar a produção científica e intelectual sobre a cidade de Fortaleza, contribuindo para difusão da informação. |
| 12 | DNOCS | A Biblioteca do DNOCS – Zenaide Sá Carneiro da Cunha funciona na Administração Central do Órgão, na Avenida Duque de Caxias, 1700, Centro – 1º andar, na cidade de Fortaleza. Possui diferentes documentos, entre eles, livros, folhetos, separatas, dissertações, teses, documentos de estudo, projetos produzidos pelo DNOCS, material de referência, periódicos, plantas, mapas, slides, fotografias, aerofotogrametria, CDs, DVDs, coleção de pedras preciosas, semipreciosas e geológicas. |
| 13 | Portal Fortaleza Antiga | Portal via web que tem como objetivo oferecer uma viagem ao passado de Fortaleza através de registros fotográficos e textos informativos que revelam a riqueza de variados aspectos relacionados a história da cidade. A equipe que idealizou o projeto do blog e realiza sua |

| | | |
|----|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | manutenção conta com Carlos Augusto Rocha Cruz e Lúcio Flávio Chaves Holanda. |
| 14 | Portal Fortaleza Nobre | Portal via web que conta com um acervo de fotografias e diferentes informações documentais voltados para a história da cidade de Fortaleza. Foi idealizado pela escritora e pesquisadora memorialista Leila Nobre. |
| 15 | O Povo | Fundado por Demócrito Rocha. A logomarca inicialmente utilizada era um chicote, que fazia alusão às lutas políticas travadas à época. O nome O Povo foi escolhido mediante um concurso e tinha como objetivo aludir à postura democrática do jornal. |
| 16 | Portal História do Ceará | É um site que possui um portfólio de serviços de pesquisa em documentos históricos baseado no estado-da-arte em termos de softwares de pesquisa em contexto. O portal permite a catalogação e indexação de bens históricos diversos tais como Manuscritos, Jornais, Recortes, Fotos, Mapas, Vídeos e outros bens - cujas imagens estejam em formato digital. |
| 17 | Acervo da Revista do Instituto do Ceará | A revista do Instituto do Ceará é considerada o maior patrimônio gráfico do Ceará, editada desde 1887, ano de fundação do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). É entregue, anualmente, à sociedade cearense. Essa Revista vem sendo publicada sem qualquer interrupção desde a sua fundação. Consta de trabalhos realizados preferencialmente por seus sócios efetivos no estudo dos assuntos históricos, geográficos e antropológicos voltados particularmente para o Estado do Ceará. Até o corrente ano foram editadas 133 edições. Além das Revistas rotineiras, o Instituto publicou uma série de Tomos Especiais alusivos a fatos históricos específicos. |
| 18 | Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC) | O CDDH-AC é uma entidade da sociedade civil sem fins lucrativos criada em 1983, com sede na cidade de Senador Pompeu e atuação na Região Sertão Central e Centro Sul do Estado do Ceará, filiada ao MNDH – Movimento Nacional dos Direitos Humanos, a ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro, a RTS – Rede de Tecnologias Sociais e ao Fórum Cearense Pela Vida no Semiárido. Nasceu da iniciativa das Paróquias de senador Pompeu e Milhã face aos problemas políticos geradores de discriminação e violências praticadas pelos poderes públicos e privados. |

| | | |
|----|-------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | Sua luta originou-se, sobretudo, na defesa dos trabalhadores e trabalhadoras prejudicados/as pela construção da Barragem do Patu, ameaçados de perderem suas terras e as benfeitorias de suas pequenas propriedades. Desde sua fundação o CDDH-AC vem prestando assessoria e acompanhamento às muitas demandas de trabalhadores/as rurais e urbanos. Nesse trabalho incluem-se ações jurídicas de interesse difuso coletivo, a formação política e organizativa de diversos grupos, a assessoria jurídica para os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável x convivência com o semiárido. |
| 19 | NUDOC/UFC | O Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) foi criado pela Resolução nº 04/CONSUNI, de 09 de março de 1983, é órgão vinculado ao Departamento de História, conforme Resolução Nº 02/CONSUNI, de 05 de abril de 1993. O NUDOC tem como objetivos gerais preservar, divulgar e dialogar com os distintos acervos documentais (impressos, orais, digitais, iconográficos, entre outros), sob a responsabilidade do Departamento de História, ao funcionar como espaço laboratorial de ensino, pesquisa e extensão desenvolvido por pesquisadores em História em articulação entre a Universidade Federal do Ceará e a sociedade cearense. |
| 20 | Arquivo Nacional | O Arquivo Nacional é um órgão público brasileiro. Subordinado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, é responsável pela gestão, preservação e difusão de documentos da administração pública federal. |
| 21 | Portal Periódicos Capes | O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. |
| 22 | Google Acadêmico | O Google Acadêmico é um serviço de busca do Google voltado especialmente para estudantes, pesquisadores, cientistas e |

| | | |
|----|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | universitários. A ferramenta funciona como um repositório de teses, artigos científicos, resumos, monografias, dissertações e livros. O buscador indexa conteúdos de bases de acesso abertos como a <i>Scielo</i> , <i>Altametric</i> e <i>Wiley</i> ou de materiais que estejam disponíveis no Google Livros. |
| 23 | Bibliotecário do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFC | Banco de dados contendo trabalhos de conclusões de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado do PPGH da Universidade Federal do Ceará. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Dessa forma, o material apresentado nos quadros 4 e 5 foram as fontes sobre as quais me debrucei na tentativa de costurar as falas e os silêncios manifestados pelos fragmentos localizados para constituir uma narrativa sobre o organizar das margens da cidade de Fortaleza. Neste momento segui as orientações propostas por Costa e Silva (2019) no que diz respeito aos procedimentos da pesquisa historiográfica. Os autores consideram algumas etapas que se cruzam nesse processo, a saber: a) definição do fato histórico; b) documentos e a fonte histórica; c) análise histórica.

Nesta pesquisa estamos historicizando o fato histórico relacionado as práticas de confinamento conhecidas como os “campos de concentração” no processo do organizar da cidade de Fortaleza e seus desdobramentos para a gestão na/da cidade. Em relação aos documentos e a fonte histórica, foram consultados diferentes acervos de domínio público, sendo a maioria em acervos digitais como anteriormente demonstrado.

Dentro do acervo digital da Hemeroteca, na sessão de buscas avançadas, optei pelo critério de período (anos), considerando um delineamento longitudinal da pesquisa com base nos estudos bibliográficos iniciais sobre a problemática e examinei os principais episódios das estiagens, iniciando em 1877-1879 (a grande seca) até a de 1932, o que resultaram em 3 períodos. Neste momento, foram utilizadas as seguintes palavras-chave como termos de busca no portal: “campo de concentração”; “secas no Nordeste”; “estiagem”; “retirantes”; “migrantes”; “migrações”; “progresso”; “modernidade”; “sertanejos”; “confinamento”; “concentrações”.

Após essa primeira busca, foi realizada uma triagem a partir da leitura dos documentos que apresentaram resultados válidos (ANEXO A) com o objetivo de observar se as matérias jornalísticas carregavam informações relevantes sobre o fato histórico pesquisado. Se essa questão se confirmasse, as páginas eram selecionadas e importadas

para uma pasta no computador do pesquisador. Em caso negativo, aquele determinado documento era excluído. A partir desse movimento, foi dessa forma que construímos a coleção documental da presente pesquisa, do mesmo modo que outras seleções e refinamentos de buscas foram realizadas até que se tivessem documentos suficientes e mais específicos para construir uma narrativa e compreender os discursos sobre o fato histórico em questão. Menciono que estes procedimentos sequenciais foram repetidos por diversas vezes e para todos os critérios ditos anteriormente através dos filtros de períodos, anos e as palavras-chave supracitadas. A organização do material documental final foi importada para pastas de arquivos (ANEXO B) e em seguida foi realizado um tipo de ordenação e a catalogação sistemática dos documentos finais, para assim, no movimento seguinte, realizar uma observação documental orientada de forma mais aprofundada e detalhada. Neste momento algumas informações foram inseridas numa ficha documental para fins de organização e controle próprio do pesquisador a partir de alguns pontos, entre eles, o ano de publicação do jornal, o nome do jornal, seleção e marcação de trechos relevantes, gestão governamental que estava vinculado, etc. A medida que a observação orientada e análise documental avançava, diferentes anotações, interpretações e reflexões eram feitas no que eu denominei de “diário de campo documental” para registrar todas essas interações, percepções, catalogações e articulações, o que me auxiliou nos procedimentos de análise a partir da “escrita da história” (CERTEAU, 2011).

O acervo documental constituído para presente pesquisa foi complementado por algumas conversas/entrevistas que denominei de “informais e relacionais” à medida que fui me aproximando da temática e estudando sobre os autores cearenses historiadores e estudiosos que trabalham com os “campos de concentração” no Ceará.

Percebi que ao acessar as informações na rede da internet a maioria me levava para o nome do Sr. Valdecy Alves como um pesquisador e estudioso ativista que tenta resgatar as memórias dos “campos de concentração”. Dessa forma, fui atrás de conseguir contato com ele a fim de explorar mais sobre o assunto. Após várias pesquisas consegui a rede social dele e a partir daí estabelecemos as nossas primeiras conversas informais, além do seu contato pessoal via WhatsApp. Fiquei por dentro de suas redes sociais onde sempre postava algo sobre o tema e comecei a participar dos eventos encabeçados por ele como um influenciador no estado do Ceará. Na oportunidade descobri que ele estuda os “campos de concentração” há vários anos e possui um enorme acervo pessoal que conta a história dos campos, dessa forma, ele se tornou um relevante ator que orientou minha investigação neste momento inicial. Assim, meu primeiro contato físico com o campo de estudo foi através do Sr. Valdecy (DIÁRIO DE CAMPO DOCUMENTAL, 2019).

Sr. Valdecy tem um *blog* na internet que retrata a história dos “campos de concentração”, onde ele apresenta, dentre outras coisas, 8 documentários produzido por

ele mostrando as memórias da seca de 1932 e consequentemente os resquícios e as ruínas dos “campos de concentração” no Ceará. Através desse *blog* fiquei sabendo do primeiro evento que participei sobre os campos intitulado “Campos de concentração nas secas do Ceará e Memória”. Esse evento aconteceu no dia 30 de junho de 2019 no Instituto do Ceará, localizado na Rua Barão do Rio Branco, nº 1594, Fortaleza. As fotografias representadas na Figura 3 a seguir evidenciam esse momento de participação e interação.

Figura 3: Registros fotográficos - Evento em memória dos “Campos de Concentração” no Ceará (30 de junho de 2019)



Fonte: Acervo próprio do autor (2019)

Após esse evento, participei de mais alguns ainda de forma presencial. Outras participações se deram de forma on-line, após o decreto do governo que versou sobre a medida de quarentena e isolamento social, decorrente da pandemia do Covid-19, entre eles, “Seminário: Sertão, seca, memória e os campos de concentração no Ceará”; “Palestra virtual: Condenados da terra: campos de concentração para os pobres da seca”; “Webinário: História e cidade de Fortaleza: documentos e monumentos da paisagem urbana”; “Webinário: Campos de concentração do Patu, Cariús e Buriti: sertão sem fim”;

“VIII Seminário sertão, seca, memória e cidadania – os campos de concentração no Ceará”, e dentre outros.

Nesse mesmo sentido, à medida que fui me aproximando da temática e participando dos eventos, ainda antes da pandemia do Covid-19, outros nomes foram surgindo nesta caminhada e uma série de conversas informais foram estabelecidas. Através do Sr. Valdecy, conheci Leda, historiadora que tem como foco de estudos o campo da história regional e reflexões em torno das regiões semiáridas do Nordeste brasileiro, tendo como fio condutor as secas e os “campos de concentração”. Nesse processo, também conheci Ronald, historiador que trabalha com a temática de história, cultura e sociedade com foco nas histórias do sertão e das secas. Por último, nessa caminhada ainda conheci Renata, aluna de doutorado do curso de história da UFC, sendo orientada pelo prof. Frederico de Castro Neves, um dos nomes de pesquisadores mais presentes nas bases de dados quando se discute sobre os “campos de concentração”. Essas conversas guiaram alguns dos meus percursos e contribuíram para o enriquecimento da temática. No entanto, menciono que nenhuma dessas conversas informais foram gravadas ou transcritas e, portanto, não foram selecionadas para compor a análise dessa pesquisa.

Resgatando o último item proposto por Costa e Silva (2019) no que se refere aos procedimentos de um estudo histórico sobre o item da análise, menciona-se que esta foi realizada à luz da historiografia por meio de um conjunto de procedimentos relacionados a escrita da história segundo Michel de Certeau (2011). O próximo tópico detalha sobre esses procedimentos de análise.

3.3 Procedimentos de análise com base na historiografia

Os procedimentos de interpretação e análise dos materiais documentais históricos foram baseados a partir da historiografia segundo Certeau (2011), interligando os significados e as explicações históricas e iluminando um conjunto de interpretações do passado ao selecionar, observar, interrogar, descrever, interpretar, entrecruzar e produzir sentidos por meio de uma leitura orientada, assim como, compreender os silêncios, as ausências e os desvios do passado histórico (DECKER, 2013; CERTEAU, 2011). Para Certeau (2011) o ausente é também a forma presente da origem. A escrita da análise se deu entendendo a história “como um texto que organiza ‘unidades de compreensão’ e nela opera transformações (...) na medida que constitui um relato ou um discurso próprio” (CERTEAU, 2011, p. 50). Para o autor, os fatos históricos funcionam como indícios,

existindo em cada história um processo de significação referente aos seus desdobramentos (CERTEAU, 2011).

Certeau (2011) considera que a história traça possíveis narrativas a partir de uma “operação historiográfica” (p. 56), pensando a história como um processo que entende a articulação entre o lugar do discurso e a construção de um enredo, considerando a combinação de: i) um lugar social no passado, entendendo que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção; ii) da prática, compreendendo a transformação de um objeto em histórico a partir da historicização de um elemento; e iii) de uma escrita ao construir um discurso sobre diferentes fatos históricos que estão correlacionados a partir da ação do “conteúdo” sobre a “forma” (p. 104).

Nesse processo, considerou-se que a escrita da história é o “fazer história” enquanto uma “prática histórica” (CERTEAU, 2011), onde a interpretação da coleção produzida em relação à organização das fontes de arquivos é articulada com base em um “lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio, com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos” (CERTEAU, 2011, p. 91). A “operação historiográfica” teve, portanto, um efeito duplo: (i) por um lado, historicizou o atual, ao presentificar uma situação vivida, explicitando a relação de uma razão reinante com um lugar próprio, gerando simultaneamente, a diferenciação de um presente e de um passado; (ii) por outro lado, a imagem do passado representou “aquilo que falta”, remetendo a uma ausência e introduzindo também “a falta de um futuro” (CERTEAU, 2011, p. 92). Esta ambivalência da história mostrou que o “lugar que ela destina ao passado é igualmente o modo de dar lugar a um futuro” (p. 91). Dessa forma, a escrita da história desse estudo se produziu nestes interstícios, organizando um conjunto coerente de “unidades de compreensão” que operou transformações ao revelar as “lições da história” (CERTEAU, 2011, p. 93). Os resultados da pesquisa foram organizados de acordo com uma ordem cronológica que produziu efeitos de sentidos ao codificar que “toda historiografia coloca um tempo das coisas como um contraponto e a condição do tempo discursivo” (CERTEAU, 2011, p. 95). A cronologia reconhece que o lugar da produção é o que autoriza a historiografia ao indicar “o serviço que o tempo presta a história” (CERTEAU, 2011, p. 96). Essa temporalização compôs algumas cenas com propriedades ao manter entre os seus interstícios a relação com “aquilo que se passa fora dela” (CERTEAU, 2011, p. 96). Esse processo possibilitou a delimitação de uma rede historiográfica que interligou os significados e as

interpretações históricas e que permitiu iluminar diferentes possibilidades permeadas por conjuntos de interpretações do passado e também do presente (CERTEAU, 2011).

O resultado foi a construção de um enredo historiográfico permeado pela pluralidade da história no passado com apoio da realidade no presente, expressando distintos significados por meio de uma malha de práticas históricas espaço-temporal, dessa forma, concebendo o estudo histórico como produto de um lugar na condição de uma análise da sociedade relativo a um tempo que é situado e organizado historicamente, apresentando uma articulação de significados combinados, buscando compreender a rede de relações sobre determinado contexto (CERTEAU, 2011).

Essas concepções de organização das fontes e interpretação dos resultados possibilitaram a construção de um quadro a partir de “unidades de compreensão” (CERTEAU, 2011) temporalizadas com base em três recortes espaço-temporais, entre estas: I) 1877-1879: Isolamento - As estiagens e as práticas de migrações e da política governamental dos “abarracamentos” nas margens da cidade; II) 1915-1916: Segregação - As estiagens, os novos movimentos migratórios e a efetivação das práticas referente a política governamental dos “campos de concentração” nas margens da cidade; III) 1932-1933: Criação do aparato de gestão deliberada das margens - As estiagens e a ampliação das práticas das políticas governamentais de confinamento com a construção de sete “campos de concentração” nas margens das cidades. Dessa forma, tendo como base uma narrativa cronológica, mas com passagens históricas que atuam entre a transitoriedade de datas, períodos e fatos da cidade, que se articulam entre si, convergindo diferentes períodos cronológicos, foi construída a historiografia com base nessas “unidades de compreensão” temporalizadas (CERTEAU, 2011).

A seguir no capítulo 4 apresentamos os relatos da caminhada percorrida e os resultados, iniciando-se pelo tópico 4.1 que apresenta os resultados da análise da literatura e o mapeamento de lacunas para compreender as temáticas teóricas envolvidas nessa pesquisa, bem como o tópico 4.2, onde apresentamos as articulações teóricas que foram realizadas para este estudo em forma de um ensaio que denominei de “ensaiando teoricamente”, seguido do tópico 4.3, onde apresentamos a análise histórica do presente estudo com base nos documentos.

4 RELATOS DA CAMINHADA PERCORRIDA E RESULTADOS

*“Campo de concentração
Foi o termo empregado
Para tanto sertanejo
Num lugar amofinado
Perdendo a dignidade
Com o direito violado” (p. 9).*

*“Era gente por todo lado
De fome e sede morria
Veio então uma doença
Mulher e criança sofria
Em valas foram enterrados
Pois na cova não cabia” (p. 10).*

*(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé.
Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).*

4.1 Análise da literatura e mapeamento das lacunas: itinerários em Walter Benjamin e nos estudos organizacionais

Neste tópico se apresentam os itinerários percorridos para a realização do mapeamento da literatura pertinente (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015) e a construção do portfólio bibliográfico (GRAY, 2012) por meio de um amplo e sistemático levantamento de artigos nas principais bases de dados nacionais e internacionais com o objetivo de compreender os itinerários de pesquisa em Walter Benjamin no contexto dos estudos organizacionais (LACERDA; IPIRANGA; THOENE, 2020).

Esse mapeamento na literatura formou uma base de referências bibliográficas que visou observar tendências das temáticas pesquisadas identificando as lacunas de pesquisas a partir dos estudos que compõem esta literatura, assim como as possíveis oportunidades de pesquisas nos *gaps* identificados com o objetivo de posicionar as temáticas envolvidas nessa pesquisa. A primeira etapa foi a escolha das bases de dados, seguida da definição de critérios de inclusão/exclusão por meio dos termos de buscas. Por último, a terceira etapa consistiu nas buscas nas bases pré-selecionadas anteriormente (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

O levantamento dos trabalhos foi baseado em bases de dados de domínio público e privado internacional e nacional, com impactos reconhecidos pela JCR (*Journal Citation Reports*), por meio de periódicos qualificados. Nesta etapa da pesquisa as bases de dados utilizadas foram: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Nível Superior); SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*); SPELL (*Scientific Periodicals Electronic Library*); SciVerse SCOPUS da Elsevier; *Web of Science*; EBSCO *Information Services* (*Elton B. Stephens Company*). Essas 4 últimas foram acessadas via CAPES por meio de login institucional da UECE.

Em relação a definição de critérios de inclusão/exclusão não foram estabelecidos *a priori* recortes temporais, pois a intenção foi explorar ao máximo sobre as possibilidades de pesquisa como estratégia de busca. No entanto, observamos estudos que se encontraram entre os anos 1998 e 2019, conforme será descrito a seguir.

Por meio de uma primeira sondagem nas bases, foi percebido que ao colocar apenas o descritor “Walter Benjamin” um número muito grande de trabalhos emergia. Com isso, foi utilizado, em um segundo momento, o uso da estratégia de pesquisa que reduzisse a seleção cruzando diferentes conectores a fim de obter um amplo leque de informações, mas de forma combinada mesmo que em diversas áreas do conhecimento, entre estes: “Walter Benjamin e administração”, “gestão, história e administração”, “*management history*”; “teses de Walter Benjamin e Walter Benjamin” ou “*theses of Walter Benjamin and Walter Benjamin*”; “Walter Benjamin e estudos organizacionais ou *organizational studies*”; “*management and history*”. Todos esses termos filtrados e combinados pela palavra “Walter Benjamin” com a utilização de aspas. Além disso, em algumas bases foi adicionado um filtro temático de busca na área de Ciências Sociais Aplicadas e/ou Administração. Em relação aos filtros foi considerado: 1) artigos de periódicos e *journals* científicos; 2) revisado por pares; 3) em língua portuguesa e inglesa.

A esse ponto da pesquisa, o trabalho de busca e mapeamento considerou os títulos (*title*), resumos (*abstracts*) e ou palavras-chave (*Keywords*) dos trabalhos e referências. Foi coletado um total de 311 trabalhos como apresentado no quadro 6. Após essa coleta, procedeu-se a leitura e análise dos objetivos, problemáticas e ênfases temáticas articuladas nos resumos dos artigos compilados, a fim de reduzir o escopo e eliminar os trabalhos que não mantinham relação com a problemática desta proposta.

Quadro 6: Quantitativo de trabalhos em diferentes bases e áreas do conhecimento

| Base de dados | Quantidade | Áreas do conhecimento |
|---------------|-------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CAPES | 135 artigos | Arquitetura, história, teologia, linguagem, economia política, sociologia, psicologia social e gestão. |
| SCIELO | 6 artigos | Ciências humanas, linguística, filosofia, literatura, religião, ciências sociais aplicadas, teoria literária, gestão, antropologia, educação e pesquisa educacional. |

| | | |
|----------------|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| SPELL | 3 artigos | Artes, literatura e cidades. |
| SCOPUS | 92 artigos | Artes, ciências sociais, psicologia, educação, engenharia e gestão. |
| Web of Science | 73 artigos | Filosofia, literatura, história, artes, estudos culturais, religião, ética, gestão, sociologia. |
| EBSCO | 5 artigos | História, gestão e filosofia. |
| Total | 311 artigos | Diversas áreas do conhecimento. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

A partir da leitura selecionamos os artigos que articulassem sobre as teses “Sobre o Conceito de História” (1940) e/ou outros conceitos de Walter Benjamin nas diversas áreas da gestão e, particularmente, os trabalhos que envolvesse os temas cidade, história e/ou ainda os estudos organizacionais. Algumas questões foram formuladas para direcionar este momento da pesquisa: i) qual(is) área(s) do conhecimento está vinculado ao trabalho? ii) qual(is) área(s) da gestão são abordadas nestes trabalhos? iii) Quais os temas da administração e/ou dos estudos organizacionais e como estes estão sendo articulados com as teses benjaminianas?

Após estes procedimentos foram eliminados 264 documentos e mantidos 47 trabalhos na seara nacional e internacional, além de evidenciar um livro publicado pela editora Juruá por Ana Paula Paes de Paula, professora da UFMG, que objetivou construir uma análise crítica benjaminiana do ensino de Administração no Brasil. Assim, constituímos o portfólio bibliográfico (PB) nesta etapa da pesquisa com 48 trabalhos (47 artigos +1 livro). A forma de organização e os critérios utilizados nas leituras desses trabalhos estão expressos no quadro 7.

Quadro 7: Organização e critérios de análise dos artigos

| Agrupamento | Crítérios |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Título do arquivo | Título do texto selecionado. |
| Autores | Autores do artigo. |
| Instituição | Instituições de origem e do lugar social de cada autor. |
| Repositório | Bases de dados, periódicos, anais, editoras e acessos. |
| Ano de publicação | Períodos e anos de publicação. |
| Problematização, objetivos e lacunas | Áreas de conhecimento, temáticas de interesse, objetivos e problematizações. Identificação de lacunas. |
| Delineamento da pesquisa | Estudo conceitual, teórico ou teórico e empírico. Contextualização dos estudos. |
| Abordagens ontológicas e epistemológicas | Quais teorias utilizadas? Como os autores discutiam seus objetos? De quais perspectivas os autores mencionavam suas teorias? |
| Metodologia | Natureza, estratégias da pesquisa e demais procedimentos. |

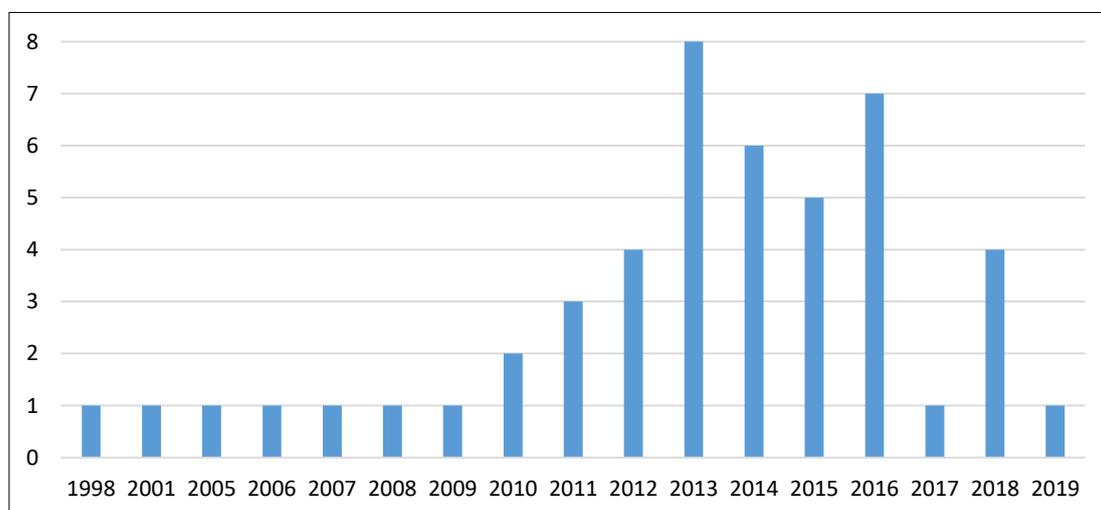
| | |
|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Principais resultados | Organização, apresentação e discussões em termos de resultados e principais evidências. |
| Principais conclusões | Quais as conclusões dos autores? O que se pode aprender de cada texto? Os avanços do conhecimento na área e sugestões e oportunidades de estudos futuros. |
| Comentários | Comentários extras e relevantes sobre cada trabalho. |
| Referencias utilizadas | Listagem das principais referências de Walter Benjamin que os autores utilizaram. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Em um primeiro momento esses 48 trabalhos foram lidos e analisados na íntegra, objetivando uma compreensão sobre de que forma os autores problematizaram as teses benjaminianas na gestão e, em particular, nos estudos organizacionais. Em um segundo momento elaboramos os cruzamentos entre as problemáticas por meio de agrupamentos e foram identificadas as lacunas nesta literatura e possíveis oportunidades de pesquisas. Estes artigos foram classificados entre publicações internacionais (23 trabalhos) e publicações nacionais brasileiras (25 trabalhos), totalizando 48 trabalhos.

Os procedimentos de agrupamento dos trabalhos evidenciaram a relação entre ano de publicação, autores e suas instituições de origem e o repositório onde os trabalhos estavam disponíveis. Em relação ao ano de publicação, foi possível observar que os trabalhos, tanto nacionais quanto internacionais, se encontram entre os anos 1998 e 2019. Os anos que obtiveram os maiores números de publicações foram os anos de 2013 e 2016, respectivamente com oito e sete trabalhos, seguido dos anos 2014 e 2015 com seis e cinco trabalhos respectivamente. O gráfico 1 a seguir organiza estas informações.

Gráfico 1: Agrupamento de trabalhos por ano de publicação (nacional e internacional)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No que diz respeito ao agrupamento repositório, na seara internacional o mais significativo foi o periódico *Management & Organizational History* com sete trabalhos. Isso se justifica porque no ano de 2013 os autores Christian De Cock, Damian O'Doherty e Alf Rehn lançaram, neste mesmo periódico, uma chamada de trabalhos que discutiram as perspectivas benjaminianas na gestão, o que faz do ano de 2013 o mais representativo. O gráfico 2 a seguir organiza essas informações. Observa-se ainda que os periódicos *Space and Culture* com três trabalhos e o *Journal of Consumer Culture*, com dois trabalhos também surgem como significativos em relação aos demais repositórios nesta seara de periódicos internacionais.

Gráfico 2: Agrupamento por repositório dos trabalhos internacionais



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Na seara internacional, citamos os seguintes autores: Christian De Cock (*University of Essex, UK*); Damian O' Doherty (*University of Manchester, UK*); Charles Booth (*Bristol Business School, UK*); Nick Couldry (*The London School of Economics and Political Science, UK*); Jorgen Ole Baerenholdt (*Roskilde University, Denmark*); Sheena Vachhani (*Bristol Business School, UK*); Ann Rippin (*Bristol Business School, UK*); Nidhi Srinivas (*The New School, USA*), entre outros. A seguir, no quadro 8, apresentamos o mapeamento dos trabalhos internacionais, organizados cronologicamente por ano de publicação.

Quadro 8: Mapeamento de trabalhos internacionais

| Título | Autores | Repositório | Ano |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|----------------------------------------------------|------------|
| The view from inside the 'simulacrum': visitors' tales from the set of Coronation Street | Nick Couldry | Journal Leisure Studies | 1998 |
| The retromarketing revolution: l'imagination au pouvoir | Stephen Brown | IJMR (International Journal of Management Reviews) | 2001 |
| The Motel: An Image of Elsewhere | Sarah Treadwell | Space and Culture | 2005 |
| Innovation and the Post-Original: On Moral Stances and Reproduction | Alf Rehn & Sheena Vachhani | Creativity and innovation Management | 2006 |
| Cultural heritage in the age of new media | Jeffery Edward Malpas | New Heritage | 2007 |
| The Body and the Eye: Perspectives, Technologies, and Practices of Urbanism | Oddrun Saeter | Space and Culture | 2011 |
| Colouring Benjamin | Christian De Cock | Ephemera Theory & politics in organization | 2012 |
| The possibilities of the past: Two routes to a past and what they tell us about professional power | Nidhi Srinivas | Management & Organizational History | 2012 |
| Термен не мет: a fractional biography of failure | Charles Booth | Management & Organizational History | 2013 |
| Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History's encounter with Benjamin | Christian De Cock, Damian O'Doherty & Alf Rehn | Management & Organizational History | 2013 |
| Affective disruption: Walter Benjamin and the 'history' of Ireland's industrial schools | Kate Kenny | Management & Organizational History | 2013 |
| Making sense of sovereign wealth funds: entrepreneurial and political wish-images in 'building for the future' of China and Singapore | Wilson Ng & Declan Scully | Management & Organizational History | 2013 |
| Thirteen notebooks for Walter Benjamin | Ann Rippin | Management & Organizational History | 2013 |
| (Re) creating objects from the past— affect, tactility and every day creativity | Sheena J. Vachhani | Management & Organizational History | 2013 |
| Off-Road and Spaced-Out in the City: Organization and the Interruption of Topology | Damian P. O'Doherty | Space and Culture | 2013 |

| | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------|------|
| Memories standing outside of the self: the commodity, the collector, and Walter Benjamin's theory of experience | Murray Skees | Consumer Culture Theory | 2015 |
| The rhetoric of business in brecht's <i>dreigroschenroman</i> | Ernest Schonfield | German Life and Letters | 2016 |
| Experiencing the enchantment of place and mobility | Jorgen Ole Baerenholdt | Journal of Consumer Culture | 2016 |
| Podemos and the Spanish political crisis | Josep Maria Antentas | Labor History | 2016 |
| Ruin and Organization Studies | Christian De Cock e Damian O'Doherty | Organization Studies | 2016 |
| On the Name of Book Wrighting: Irma Boom's "Transformative Crossover" Production | Irma Boom & Danné Ojeda | The Journal of Modern Craft | 2016 |
| Making Sense of Disaster Through Rhetorical Homologies: Extending Walter Benjamin's Unique/Copy Binary to Post-Katrina Tours | Diana Isabel Bowen | Communication Quarterly | 2017 |
| Technologised consumer culture: The Adorno– Benjamin debate and the reverse side of politicization | Bohdana Kurylo | Journal of Consumer Culture | 2018 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Após análise desses 23 trabalhos internacionais, foi percebido que: a) oito estudos articularam especificamente as teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin como referência ao contexto da gestão (BROWN, 2001; SRINIVAS, 2012; BOOTH, 2013; DE COCK; O'DOHERTY; REHN, 2013; NG; SCULLY, 2013; O'DOHERTY, 2013; RIPPIN, 2013; DE COCK; O'DOHERTY, 2016); b) cinco trabalhos (estão marcados no quadro na cor cinza) discutiram diferentes perspectivas benjaminianas articulando-as a um promissor tema dos estudos organizacionais: a organização de cidades (COULDRY, 1998; SAETER, 2011; O'DOHERTY, 2013; BAERENHOLDT, 2016; BOWEN, 2017); c) desses apenas um trabalho cruzou ambas discussões e articulou as referências das teses benjaminianas com os estudos de cidades que foi o texto do Damian P. O'Doherty em 2013 intitulado “*Off-Road and Spaced-Out in the City: Organization and the Interruption of Topology*”. Os demais trabalhos utilizaram outras perspectivas benjaminianas para articular seus objetos de estudos e em diferentes áreas da gestão.

Em todos os artigos do levantamento nós realizamos um procedimento de análise. Contudo, a seguir apresentamos as análises sobre os itinerários percorridos nestas 5

pesquisas selecionadas que focalizaram o tema cidade (marcados na cor cinza), articulando conceitos de Walter Benjamin. Essa análise possibilitou a identificação de lacunas nesta literatura ao articularem o tema das cidades na perspectiva benjaminiana.

Além disso, também foi analisado os 6 trabalhos selecionados para compor o número especial do *Management & Organizational History* do ano de 2013, proposto pelos autores Christian De Cock, Damian O'Doherty e Alf Rehn onde foi apresentado discussões sobre as aproximações entre Walter Benjamin e os Estudos Organizacionais e a Administração. O editorial desse número traz ainda uma discussão conceitual esclarecedora de alguns fragmentos contidos nas teses “Sobre o Conceito de História” (2016) de Walter Benjamin.

Dessa forma, apresentamos a seguir uma síntese da análise desenvolvida no total de 12 artigos, indicando brevemente, as problematizações, objetivos e contextos da pesquisa, além de delineamentos, principais lacunas, reflexões e as articulações com a perspectiva benjaminiana.

O primeiro estudo foi o de Couldry, publicado em 1998, intitulado “*The view from inside the ‘simulacrum’: visitors’ tales from the set of Coronation Street*” que articulou a alegoria benjaminiana da “aura” para discutir o conceito de experiência e os significados de vivenciar um simulacro por pessoas que visitam uma rua (*Coronation Street*) onde funciona uma locação fílmica e televisiva. A visita ao *set* da rua conecta os espectadores a dois mundos simbolicamente organizados: o “mundo da mídia” e o “mundo comum”, enquanto construções sociais e base do “poder do lugar”. As conclusões do trabalho articulam essas discussões às questões da “ressubjetivização do espaço” no qual a localidade é uma dimensão estética-expressiva.

O texto de Saeter de 2011 “*The Body and the Eye: perspectives, technologies and practices of urbanism*” discute as várias formas de visualizar a cidade e suas possíveis consequências para a concepção e construção do ambiente urbano. O trabalho se inspirou no modelo weberiano do tipo ideal para problematizar duas figuras benjaminianas contrastantes: o *flâneur* e o planejador. A análise se desenvolve por meio das leituras urbanas benjaminianas baseadas em Le Corbusier, tendo como objetivo delinear uma terceira perspectiva entre esses dois diferentes tipos de racionalidades. Os resultados direcionam a discussão para as práticas estéticas de sensoriamento urbano, bem como para a organização de práticas de participação, criação e planejamento das cidades.

O ano de 2013 foi o mais significativo em termos de publicações de trabalhos que articulassem conceitos benjaminianos na gestão e nos Estudos Organizacionais. Como já

citado, os 6 trabalhos reunidos no número especial da *Management & Organizational History* foram oriundos da chamada proposta por De Cock, O'Doherty, Rehn, (2013) intitulada *Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History's encounter with Benjamin*. Todos os 6 artigos tinham como foco a articulação de perspectivas de Walter Benjamin com temas da gestão. Nesses artigos, os autores apontaram algumas lacunas identificadas nas aproximações entre as abordagens de história e a gestão e como estas podem ser rearticuladas por meio da abordagem histórica de Walter Benjamin. Nesta chamada especial os autores argumentaram que a história da Administração e as teorias da organização, tanto como objeto de estudo quanto como disciplina, contém uma infinidade de sujeitos e objetos que são descartados, não identificados, esquecidos e abandonados. Assim, convidam artigos que se envolvessem com histórias alternativas ou suprimidas, histórias hipotéticas, abordagens teóricas fora de moda e campos empíricos desprezados para explorar a grande extensão de conceitos esquecidos e descartados no campo.

Por exemplo, Booth (2013) em seu texto "*Термен не мрет: a fractional biography of failure*" apresenta uma "biografia fracionária do fracasso" de um inventor músico (Leon Theremin) e de um grupo de tecnologias associadas a ele. O objetivo do texto foi apresentar a biografia do Theremin que é um instrumento musical eletrônico antigo tocado sem contato físico pelo músico e o primeiro dispositivo de escuta eletrônica controlado por rádio. Apesar da capacidade de criação do inventor, no entanto, nenhuma de suas invenções foram comercializadas com sucesso. O autor defende que algumas ideias benjaminianas podem ser frutíferas ao sustentar uma abordagem "fracionária do fracasso" para escrever a história da Administração e das organizações. Ele se concentra principalmente em três temas sugeridos nas teses "Sobre o Conceito de História" (1940): a primeira é sobre crítica e a questão da redenção, onde para o autor muitos dos fragmentos das teses dizem respeito ao que pode ser chamado de contra história; a segunda é sobre as ideias de fragmentos que se relacionam com a alegoria da ruína. Para o autor, Benjamin parece não prever ruínas como necessariamente parte de alguma coisa, pode ser algo por inteiro. Fragmentos são, em vez disso, coisas independentes que podem ou não se conectar ou fazer referência umas às outras; e a terceira ideia discutida foi sobre o que ele chama de história em uma chave maior e menor, onde articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo como este realmente foi, o foco recai na problematização da história oficial. O autor propõe Walter Benjamin para falar de uma

"biografia fracionada do fracasso" ao questionar toda vitória, passado e presente das organizações (BOOTH, 2013).

O texto de Kenny (2013) intitulado "*Affective disruption: Walter Benjamin and the 'history' of Ireland's industrial schools*" é desenvolvido através de um estudo empírico em escolas industriais da Irlanda, questionando que papel as organizações desempenham na história da escrita. Articula o conceito benjaminiano de "constelação" para enfatizar o passado e presente articulados em um contexto de conflito. Engloba uma crítica benjaminiana da história, enfatizando que o que foi negligenciado e esquecido no passado ressurge como uma força presente, representando um tipo de reconhecibilidade que se relaciona com a experiência atual. De acordo com a autora, os conceitos de Walter Benjamin nos auxiliam a romper os relatos dominantes e esquecidos da história.

Já Vachhani (2013) com o trabalho "*(Re) creating objects from the past— affect, tactility and everyday creativity*" desenvolve uma discussão teórica sobre a noção de criatividade cotidiana como prática afetiva através da ressurreição do artesanato. A autora contextualiza especialmente os objetos vintage e práticas artesanais tradicionais que evocam memórias de objetos do passado. Aqui a ideia benjaminiana de tempos passados foi articulada para discutir a ressurreição do artesanato. A autora conclui discutindo a política afetiva do ofício e a ressurreição, reprodução e recriação de objetos antigos.

Rippin (2013) no seu texto intitulado "*Thirteen notebooks for Walter Benjamin*" realiza um trabalho cujo objetivo é elaborar um projeto experimental criando 13 cadernos para Walter Benjamin como uma maneira de se envolver com o pensamento benjaminiano, considerando estes cadernos como uma ferramenta para estudiosos organizacionais. De acordo com a autora, Walter Benjamin era fascinado por cadernos que ele mantinha compulsivamente ao longo de sua vida, discutindo sobre a importância dos cadernos no fazer das pesquisas, sobretudo, de cunho histórico. Foi debatido sobre o olhar de novo, levar em conta os negligenciados e descartados, e pensar em como os *insights* obtidos com esse processo poderiam ser reapresentados.

Ng e Scully (2013) partem de uma provocação teórica e empírica ao problematizar sobre a história de duas aplicações financeiras de investimento: uma na China, a *China Investment Corporation* (CIC) e outra em Cingapura, a *Temasek Holdings*. No artigo cujo título é "*Making sense of sovereign wealth funds: entrepreneurial and political wish-images in 'building for the future' of China and Singapore*", os autores contaram a história dessas organizações financeiras, que investem nos EUA. Ao abordar o contexto histórico e financeiro desses fundos, se discute a questão do desejo na crise financeira,

onde é contrastado como “imagens de desejo”, interesses discretos e ambiciosos que são moldados pelas experiências sociais. Os autores fazem uma relação dos desejos com temas benjaminianos relacionados ao desenvolvimento da cidade de Paris do início do século XIX, em uma era na qual estava em desenvolvimento a sociedade capitalista avançada. De acordo com os autores, a cidade de Paris estava em processo de reconstrução após a era napoleônica, e as arcadas parisienses constituíam o primeiro e grande exemplo dessa reconstrução que, na opinião de Walter Benjamin, refletia as ambições igualmente grandiosas de seus líderes. Benjamin questionou a forma como esses líderes apresentaram as arcadas como um símbolo do progresso econômico e social e exortou a sociedade parisiense a despertar das consequências sociais potencialmente catastróficas. Os autores sugerem como a natureza grandiosa das arcadas oferece um paralelo intrigante com as ambições dos dois fundos financeiros estudados. As conclusões do trabalho reconhecem uma história pós-colonial relacionada na maneira como a China e Cingapura buscaram construir novas identidades após a mudança política. O tema da das arcadas parisiense na obra *Passagens* (2018) foi utilizada para ilustrar tais discussões.

Ainda em 2013, o artigo de O'Doherty intitulado “*Off-Road and Spaced-Out in the City: organization and the interruption of topology*” publicado na *Space and Culture* relata um experimento projetado por meio de passeios e caminhadas pela cidade de Manchester (UK), objetivando esculpir novas formas de abordar a organização urbana. Estas experiências trouxeram à tona características espaciais inovadoras de leitura da cidade que convergem em torno da ideia de “interrupção da topologia”. Em particular foram problematizadas as concepções benjaminianas sobre o “empobrecimento da experiência” que aconteceu com o advento das cidades modernas. O autor discute a primazia e a hegemonia do olhar e a consequente mecanização e desqualificação dos pés, que conspiraram para dessensibilizar e abstrair a cognição da locomoção. Estes deslocamentos sensoriais atuaram em detrimento da capacidade de ler a organização da cidade através da prática da caminhada. O autor conclui articulando os conceitos benjaminianos de coletivo “sonhador” e do potencial revolucionário da “memória” para discutir a experiência sinestésica da caminhada pela cidade, sendo esta desencadeada pelas interrupções de topologias através das teses “Sobre o Conceito de História” (2016) de Walter Benjamin.

O artigo de Baerenholdt (2016) intitulado “*Experiencing the enchantment of place and mobility*” articula o conceito benjaminiano de experiência e o conceito de ausência – presença por meio da abordagem da *Actor Network Theory* (ANT) com o objetivo de

analisar a organização de lugares turísticos. Para o autor, essas práticas são organizadas por meio de mobilidades inquietas entre múltiplos lugares, onde as conexões são centrais para que as tensões ausência-presença produzam experiências.

E por fim o trabalho Bowen (2017) “*Making Sense of Disaster Through Rhetorical Homologies: extending Walter Benjamin’s unique/copy binary to post-Katrina tours*” que analisa informações publicamente disponíveis sobre a organização turística dos “*Tours by Isabelle*”. Com base no desejo das pessoas de ver e contemplar os danos e efeitos da catástrofe do furacão Katrina na cidade de New Orleans, a pesquisa investigou rotas e passeios turísticos nas áreas urbanas afetadas. Os passeios pós-Katrina relacionados aos eventos turísticos desastrosos surgem da ansiedade sobre como reagir e criar estratégias orientadas pela agência do enfrentamento. A autora fundamentou essa dicotomia discursiva de desastre / agência com base em um discurso homólogo de singularidade / cópia desenvolvido no ensaio clássico de Walter Benjamin (1994) intitulado “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, onde o autor discute a ideia de obra de arte e o consumo de massa por meio da alegoria da aura. Para Benjamin, existe uma aura que envolve toda obra de arte que é refletida na sua originalidade, mas que essa aura se perde na fotografia e no consumo de massa por meio de uma reprodução denominada por ele de técnica, assinalando uma mudança no consumo da obra de arte (BENJAMIN, 1994).

Além desses trabalhos destaca-se o artigo que faz parte do portfólio bibliográfico intitulado “*Ruin and Organization Studies*” (2016), de Christian De Cock e Damian O’Doherty, que propõe uma discussão adicional sobre os diversos caminhos pelos quais a alegoria benjaminiana da ruína constrói significados para os estudos organizacionais. Para os autores esta alegoria faz menção a uma abordagem distinta ao tempo, a história e a memória; a uma consciência crescente da multiplicidade de forças que se sobrepõem à organização, forças das quais nós nos retiramos ao desenvolvermos nossas pesquisas; e a um conhecimento de como a maneira que escrevemos é um modo de organização, crucial para nossa capacidade e disposição de olhar para “todos os cantos da realidade”.

Adicionalmente e com o objetivo de respaldar o escopo do mapeamento de publicações nacionais brasileiras, foi realizada uma pesquisa nos principais periódicos locais que inclinam suas discussões para publicações com teor mais crítico na área dos Estudos Organizacionais. Nessa etapa, o cruzamento de descritores utilizados na barra de pesquisa foram: história – *history*; cidades – *cities*; gestão – *management*; estudos organizacionais – *organizational studies*; espaços – *spaces*; Walter Benjamin. Não foi

estabelecido *a priori* recorte temporal na intenção de ampliar a exploração das publicações. Dessa forma, foram encontrados estudos entre 2008 e 2019.

Após os critérios de busca, nesta seara nacional, foi evidenciado que o periódico mais representativo foi o Cadernos EBAPE.BR com sete trabalhos, além do periódico Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade com quatro trabalhos, seguido da RBEO – Revista Brasileira de Estudos Organizacionais, da RIGS – Revista Interdisciplinar de Gestão Social e da RAE – Revista de Administração de Empresas com dois trabalhos em cada periódico. Os periódicos restantes apresentam uma publicação em cada (gráfico 3), além do livro de autoria de Ana Paula Paes de Paula, da UFMG.

Gráfico 3: Agrupamento por repositório dos trabalhos nacionais



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Entre os autores brasileiros, destacam-se a já citada Ana Paula Paes de Paula e Alexandre de Pádua Carrieri, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais; Alexandre de Almeida Faria (Fundação Getúlio Vargas); Amon Barros (Fundação Getúlio Vargas); Fábio Vizeu (Universidade Positivo); Alessandra Mello da Costa (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), entre outros.

Após os procedimentos foram selecionados 25 textos. Estes apresentam articulados conceitos benjaminianos ou citam nas suas referências bibliográficas Walter Benjamin na gestão e nos EOR. O quadro 9 a seguir organiza esse mapeamento cronologicamente por ano de publicação dos trabalhos.

Quadro 9: Mapeamento de trabalhos nacionais

| Título | Autores | Repositório | Ano |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|------------|
| A Imagina(organiza)ção surrealista: rompendo a gaiola de ferro dos estudos organizacionais | Alexandre Reis Rosa | Cadernos EBAPE.BR | 2008 |
| Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte | José Henrique de Faria | Cadernos EBAPE.BR | 2009 |
| A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração | Almiralva Ferraz Gomes e Weslei G. Piau Santana | Cadernos EBAPE.BR | 2010 |
| Epistemologia e metodologia para as pesquisas críticas em administração: leituras aproximadas de horkheimer e adorno | Ana Cristina Batista-dos-Santos, Jomária M. de Lima Alloufa e Luciana H. Nepomuceno | RAE - Revista de Administração de Empresas | 2010 |
| A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo | Alessandra Mello da Costa, Denise F. Barros e José L. F. Carvalho | RAC - Revista de Administração Contemporânea | 2011 |
| A história e a memória na comunicação organizacional: um estudo da narrativa da experiência para atratividade dos públicos | Rodrigo Silveira Cogo e Paulo Nassar | Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática | 2011 |
| Estilhaços do real: o ensino da administração em uma perspectiva benjaminiana | Ana Paula Paes de Paula | Editora Juruá | 2012 |
| Narrativas em Comunicação Organizacional e as interações com a memória | Paulo Roberto Nassar de Oliveira | Revista ESFERAS | 2012 |
| - Mãe!?! O mundo vai acabar...? Reflexões sobre Desdobramentos e implicações dos Paradigmas Sociológicos de Burrell e Morgan para os Estudos Organizacionais | Rogério Zanon da Silveira | Cadernos EBAPE.BR | 2013 |
| Enrique Dussel: contribuições para a crítica ética e radical nos Estudos Organizacionais | Maria Ceci Misoczky e Guilherme D. Camara | Cadernos EBAPE.BR | 2014 |
| As gestões e as sociedades | Alexandre de Pádua Carrieri | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade | 2014 |

| | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------|
| O Artesanato enquanto Prática e Materialidade: Argumento para Pensar a Dimensão Estética e os Artefatos nos Estudos Organizacionais | Marina Dantas de Figueiredo | RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social | 2014 |
| Artesanato, Arte, Design... Por que Isso Importa aos Estudos Organizacionais? | Marina Dantas de Figueiredo e Fábio F. Schilling Marquesan | RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social | 2014 |
| A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais | Alexandre de Pádua Carrieri, Denis A. Perdigão e Ana Rosa Camillo Aguiar | RAUSP - Revista de Administração da USP | 2014 |
| Ética na administração pública: desafios e possibilidades | Nanci Fonseca Gomes | RAP - Revista de Administração Pública | 2014 |
| Uma “sociedade do espetáculo” nos/dos estudos organizacionais brasileiros: notas críticas sobre uma leitura incipiente | Pablo Gobira, Oscar Lima e Alexandre de Pádua Carrieri | Cadernos EBAPE.BR | 2015 |
| Por onde andei: Administração, estudos organizacionais e algumas obsessões | Pedro Lincoln C. L. de Mattos | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade | 2015 |
| O lado sombrio do caminho: estudos críticos em administração e relações públicas críticas | Stephen Andrew Linstead | RBEO - Revista Brasileira de Estudos Organizacionais | 2015 |
| O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração | Amon Barros e Alexandre de Pádua Carrieri | RAE - Revista de Administração de Empresas | 2015 |
| Os rolezinhos em shopping centers: reflexões sobre o que agregam e em que desafiam os estudos dos shoppings como espaços de segregação social e urbana | Juliana Cristina Teixeira e Amon Narciso de Barros | RBEO - Revista Brasileira de Estudos Organizacionais | 2016 |
| Estratégias empresariais e esfera pública: a Zona Franca de Manaus como colonização sócio política | Cleiton Ferreira Maciel e Jeanne Mariel Brito de Moura | Novos Cadernos – NAEA | 2016 |
| Políticas públicas para comunidades quilombolas: uma luta em construção | André Ricardo Fonsêca da Silva | Revista de Ciências Sociais e Política | 2018 |
| As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala | Josiane B. Gouvêa, Rocío Del Pilar L. Cabana e Elisa Y. Ichikawa | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade | 2018 |

| | | | |
|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------|
| Seres do subterrâneo: os invisíveis do mundo moderno | Felipe Amaral Borges e Kettle Duarte Paes | Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade | 2018 |
| O potencial da frankfurtianidade de Habermas em estudos organizacionais | Luiz Gustavo Alves de Lara e Fábio Vizeu | Cadernos EBAPE.BR | 2019 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Assim como o primeiro levantamento de base internacional, estes 25 trabalhos nacionais também foram lidos na íntegra, objetivando uma compreensão sobre de que forma os autores problematizaram os conceitos benjaminianos na gestão e, em particular, nos estudos organizacionais.

Um ponto em comum nesses textos é que se trata de uma discussão teórica e metodológica como base no uso de história oral, arquivos e documentos que problematizam uma abordagem crítica nos estudos organizacionais. Os autores utilizam algumas referências de Walter Benjamin para discutir sobre conceitos relacionados ao tempo passado, a história, o espaço, a epistemologia crítica, a experiência, a arte, o cotidiano e a estética em artigos que são na maioria teóricos, propondo aproximações entre a abordagem da história nos estudos organizacionais.

Em um segundo momento, foram selecionados os artigos que discutiram o tema das cidades, mesmo que de forma breve. Após análise aprofundada concluímos que na seara nacional apenas dois trabalhos que estão marcados no quadro 04 na cor cinza, discutiram as perspectivas benjaminianas articulando-as ao tema cidades (CARRIERI, 2014; TEXEIRA; BARROS, 2016).

Esta análise mais detalhada foi realizada em todos os artigos identificados, entretanto, foi sumariado a seguir apenas os dois artigos que possibilitaram a identificação de lacunas nesta literatura de interesse desse presente projeto de pesquisa, ao articularem o tema das cidades e a perspectiva benjaminiana.

O primeiro estudo identificado foi o de Carrieri publicado em 2014 intitulado “As gestões e as sociedades”, onde o autor tece discussões sobre a história do grupo de pesquisa “NEOS” do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e as diferentes abordagens teóricas que o grupo desenvolve em seus linhas/projetos de pesquisa.

No texto, o autor apresenta uma linha denominada “fragmentos da vida organizada” onde o foco no cotidiano articulou a questão cidades. Para o autor, “a cidade se (re)constrói no cotidiano das pessoas que a povoam. É neste sentido que se torna

fundamental analisar as formas de gestão que permeiam os espaços que constituem as cidades” (CARRIERI, 2014, p. 38).

É ressaltado a importância de colocar o espaço da cidade e seus arranjos simbólicos no centro das discussões de gestão do espaço, onde “a gestão pode assumir diferentes feições dado o espaço no qual é desenvolvida e a cotidianidade que a envolve” (p. 39). Essa perspectiva que o autor mantém sobre cidades é articulada com a abordagem benjaminiana da experiência na alegoria do *flâneur*, discutida por Walter Benjamin a partir das poesias de Charles Baudelaire (2016), possibilitando articular “a possibilidade de um caminhar vivendo experiências nas ruas, nas avenidas, nas galerias, nas exposições, nos cafés, nos parques e em meio a multidões que ocupam os espaços urbanos” (p. 48), além de contar uma história de modo diferente, ou seja, a contrapelo. O autor utiliza três referências de Walter Benjamin para articular suas discussões: “Passagens” (2018), “Pequena história da fotografia” (1996) e as teses “Sobre o Conceito de História” (2016).

O outro texto identificado foi o de Teixeira e Barros (2016) intitulado “Os rolezinhos em *shopping centers*: reflexões sobre os que agregam e em que desafiam os estudos dos *shoppings* como espaços de segregação social e urbana”, onde os autores dissertam um ensaio teórico com o objetivo de discutir sobre o espaço em *shopping center* e sua relação com as práticas de consumo, o espaço urbano e a segregação social.

Em particular, os autores refletem essa questão problematizando “sobre o que os rolês agregam e em que desafiam os estudos sobre os *shopping centers* como espaços de segregação” (p. 1). Para isso, apresentam estudos de *shopping centers* como fenômenos históricos de passagem, de segregação social e urbana. A figura benjaminiana do *flâneur* como um caminhante nas ruas foi utilizada para associar o gosto no andar pelas lojas para visualizar as vitrines em *shopping centers*. A obra “Passagens” (2018) de Walter Benjamin é articulada para representar a construção de espaços de passagens através do estabelecimento de uma cultura de consumo e o processo de fetichização. Os autores concluem que o espaço em *shoppings* se apresenta como cidade fictícia ou artificial, argumentando que os rolês reforçam uma significação do espaço do *shopping* como espaço de segregação (TEIXEIRA; BARROS, 2016).

O portfólio bibliográfico final incluindo o mapeamento internacional e nacional foi organizado em um documento do Excel, visando o agrupamento dos trabalhos. Entre estes foram considerados os títulos dos trabalhos, a autoria e instituições de origem, as bases de dados utilizadas, ano das publicações, áreas de conhecimentos envolvidas,

temáticas de interesses, objetivos e problematizações, natureza da pesquisa, métodos e principais resultados.

A seguir apresenta-se o resumo desse mapeamento final: a) a maior parte dos estudos que compuseram o portfólio bibliográfico analisados são teóricos conceituais; b) em relação ao ano foi possível observar que os trabalhos se inserem no período entre os anos 1998 e 2019. Os anos que obtiveram os maiores números de publicações foram os anos de 2013, 2014 e 2016; c) no que diz respeito ao repositório o mais significativo foi o periódico *Management & Organizational History* na seara internacional e Cadernos EBAPE.BR na seara nacional; d) dos 48 estudos que compõe o portfólio bibliográfico, apenas 7 (5 na seara internacional e 2 na seara nacional) apresentam discussões, articulando perspectivas benjaminianas e o tema da organização de cidades.

Com base nesta análise percebe-se que a abordagem benjaminiana é ainda escassamente problematizada nos estudos organizacionais, tanto internacional como nacionalmente. As análises dessa literatura mapeada realçaram diferentes articulações de temas benjaminianos à temas de interesse da Administração que foram problematizados no contexto de diferentes áreas, como: marketing, estratégia, gestão do turismo, ciência e tecnologia, etc. Ademais, entre estes, destacamos os temas benjaminianos da cidade e da ruína/progresso como um dos promissores cenários de pesquisa identificados na seara dos estudos organizacionais ao retratar a história e o organizar de cidades.

Com o levantamento realizado foi possível identificar lacunas teóricas e metodológicas, entre as quais o objetivo desse estudo se insere, tendo em vistas contribuir para o avanço do conhecimento nas áreas envolvidas. Nesse contexto algumas oportunidades de pesquisa emergiram, como por exemplo: 1) avançar com mais estudos brasileiros na articulação história/gestão/organizações, inclusive, e sobretudo, no contexto das cidades e de suas margens, atendendo ao clamor por mais história na gestão conforme Clark e Rowlinson (2004) propuseram; 2) discutir pontos da perspectiva filosófica crítica da história de Walter Benjamin nos estudos organizacionais, entre estes a aproximação do conceito de ruína e progresso de Walter Benjamin nos estudos organizacionais das cidades como estamos articulando nesta pesquisa.

4.2 Ensaando teoricamente: articulações e a proposição de um modelo teórico da pesquisa

Neste tópico apresentamos as articulações teóricas que foram realizadas para este estudo em forma de ensaio. Para tanto, inicialmente apresentamos os conceitos de “ruína” e “progresso” a partir das teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin (2016) e em seguida articulamos o conceito de ruínas nos estudos organizacionais a partir de diferentes teóricos. Por fim, apresentamos a proposição de um modelo teórico que evidencia as discussões teóricas trabalhadas na pesquisa, tendo como suporte a nossa proposição de tese.

4.2.1 “Ruína” e “Progresso” em Walter Benjamin: uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”

Walter Benjamin (1892-1940) foi filósofo e crítico literário alemão ligado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica e principal responsável por uma concepção dialética e não evolucionista da história. Algumas de suas obras foram: A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica (1936); Passagens (2007); Origem do Drama Barroco Alemão (1984); Paris, capital do século XIX (inacabada); O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936), e por fim, “Sobre o Conceito de História” (2016) publicadas em 1940, obra na qual é mencionado o conceito de ruína e progresso que está sendo utilizado na presente pesquisa.

Os escritos benjaminianos são construídos em uma dialética própria, repleta de aforismos e alegorias, cujos temas centrais giram em torno das discussões da “experiência” e da “linguagem”. Estes dois temas são considerados como os núcleos teóricos a partir dos quais a obra de Benjamin se estrutura, promovendo desvios e rupturas nas formas tradicionais do pensamento (MURICY, 2009). Tendo por base os objetivos desta pesquisa de tese e considerando estes núcleos teóricos, nós percorremos um itinerário que problematizasse as intenções benjaminianas relacionadas as ideias de “ruína” e “progresso” apresentadas no ensaio “Sobre o Conceito de História” (BENJAMIN, 2016). A alegoria tem como etimologia o prefixo *allo* que significa ‘outro’ e *agorein* que significa ‘dizer’. As alegorias são movimentos da linguagem com itinerários que partem do sentido literal e que de transposição em transposição, terminam por prescindir de seu sentido primordial (GAGNEBIN, 1994; SCHLESENER, 2011).

Gagnebin (2009) articulou uma discussão entre o símbolo e a alegoria, ambos procedimentos linguísticos utilizados por Walter Benjamin em seus escritos. Segundo a

autora, o símbolo é, a alegoria significa; o símbolo faz fundir-se significante e significado, a alegoria os separa. “Se significante e significado, forma e conteúdo, coincidem na perfeição do símbolo, na exibição alegórica essa equivalência é inconcebível” (BRETAS, 2006, p. 71). Por outro lado, esta fusão entre significante e significado do símbolo repercute na sua estrutura histórico temporal (GAGNEBIN, 2009). Segundo Benjamin (2011) o símbolo é, ao mesmo tempo, instantâneo e eterno. A alegoria não, esta continua tributária de um desenvolvimento no tempo, influenciando na sua construção, como na sua compreensão, tendo como consequência seu envelhecimento histórico.

Adicionalmente a essa concepção, De Castro Callado (2004) também argumenta que “o brilho de uma falsa harmonia, expresso no símbolo, camufla a verdade histórica”. E ainda citando Walter Benjamin, a autora discute que “o símbolo, tal como foi desenvolvido pelos estetas românticos em busca de um saber absoluto, se apresenta como signo de ideias (...), já a alegoria mergulha no abismo que separa o ser visual e sua significação” (DE CASTRO CALLADO, 2004, p. 162).

O verdadeiro sentido da alegoria é apresentar o mundo em seus aspectos heterônomos, incompletos e despedaçados (BRETAS, 2006). Nesse processo, a alegoria está fadada à incompletude, não conseguindo significar mais nada a não ser a sua própria ruína (GAGNEBIN, 2009). “As alegorias são no reino do pensamento o que são as ruínas no reino das coisas” (BRETAS, 2006, p. 70).

Segundo Buck-Morss (2002) na alegoria, a história surge como natureza em decadência, em ruínas, e o modo temporal é o da contemplação retrospectiva. Em contrapartida, a leitura do tempo no símbolo é na forma do presente instantâneo (BUCK-MORSS, 2002, p. 209) ou ainda, como especificado pela autora:

(...) a alegoria se imanta ao desenrolar da história no tempo para denunciar o que nela há de sofrido, de incompleto, de frustrado. A imagem que ela exhibe é de uma caveira, sob a forma de um enigma, pois o cerne da visão alegórica se compromete com o espírito do barroco na representação do cenário humano do sofrimento e do declínio. A experiência com a alegoria sateliza o núcleo da natureza na imanência que ela comprovou ter com a história da criatura (DE CASTRO CALLADO, 2004, p. 162).

Segundo Kangussu (1996) se por um lado o olhar alegórico esmaga o objeto, por outro lado ele o ressuscita enquanto significante. E é neste processo que se evidencia a potência do jogo de significação alegórico: em um primeiro momento a sua violência destrói o objeto, arrancando-o de sua totalidade habitual. Em um segundo momento, esse

objeto que se perdeu poderá ser reconstruído por meio das ruínas e dos fragmentos, atribuindo novos sentidos e novas leituras a esta reconstrução.

Nesse sentido, as ideias benjaminianas da história enquanto ruína e progresso, que nós elegemos como um dos itinerários para este estudo sobre cidades, traduz a impossibilidade de vislumbrar um futuro, enquanto não se concretizar a crítica ao presente. As intenções alegóricas da ruína e do progresso confrontam as teorias da história e interroga a modernidade ante a situação de destruição (BENJAMIN, 2016; SCHLESENER, 2011).

Particularmente as ideias de ruína e progresso, assim como a discussão da temporalidade histórica e de seus processos que estes conceitos carregam, foram referenciadas, sobretudo, na famosa tese 9 na qual Walter Benjamin (2016) descreveu o Anjo da História, por meio do quadro *Angelus Novus* de Paul Klee (1920) (Figura 4).

Figura 4: O anjo da história



Fonte: (*Angelus Novus* de Paul Klee, 1920).

Walter Benjamin adquiriu o desenho em 1921. Atualmente a obra faz parte da coleção do Museu de Israel em Jerusalém. O desenho é citado na tese 9 para articular uma discussão que se pauta na crítica ao historicismo e na busca pelo ponto de origem da história. Assim, a construção do passado não é algo pronto, pelo contrário, o passado está em “um campo completamente devastado, onde a cada instante novas ruínas são despejadas. Buscar uma origem é lançar-se a esses fragmentos esfarelados enquanto o

tempo cronológico, o tempo do progresso, o tempo da rotina nos empurra para frente” (SILVA; SILVA, 2017, p. 233).

Assim como para a concepção alegórica, a tese 9 “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin (2016) revela os episódios do declínio e da história enquanto uma acumulação de ruínas. Essas não tratam da história triunfalista, aquela contada pelos vencedores, mas da história do sofrimento humano, em contraste com a história linear. Nas teses a figura exemplar é a alegoria, enquanto uma transfiguração simbólica da opressão (ROUANET, 1990).

No escrito “Origem do drama trágico alemão”, Benjamin (2011) escreveu sobre como a história se torna presente na realidade sob a forma de ruínas. Neste disfarce a história não assume a forma do processo de uma vida eterna, mas muito mais a de uma decadência irresistível, exibindo a *facies hippocratica* da história como uma caveira. Uma abordagem da alegoria da ruína como remanescente e lembrete dos desastres feitos pela humanidade e dos horrores da história (De COCK; O’DOHERTY, 2016).

As teses “Sobre o Conceito de História” foram escritas em 1940 pouco antes de Walter Benjamin escapar de uma França em que os refugiados alemães eram entregues as autoridades. Em setembro de 1940, Walter Benjamin suicidou-se. De acordo com Lowy (2005) o estímulo para a redação das teses foi o pacto germano-soviético, o começo da segunda guerra mundial e a ocupação da Europa pelas tropas nazistas. Questões como progresso, religião, história, utopia e política são articuladas no conjunto de seus fragmentos que conformam as teses, onde Benjamin (2016) defende, entre outras reflexões, a possibilidade de reparação no presente das injustiças do passado.

Existem três versões do documento, uma sem título e duas com títulos diferentes: 1) “Sobre o Conceito de História” e 2) “Reflexões sobre a filosofia da História, por Walter Benjamin” - Theodor Adorno. Entretanto o título autorizado por Benjamin - “Sobre o Conceito de História” - foi utilizado nas primeiras impressões do texto no número especial da Revista de Investigação Social de Horkheimer e Adorno no ano de 1942 e na revista *Neue Rundschau*, vol. 61 em 1950.

As teses começaram a ser escritas antes de 1940 através de notas de cartas. A primeira referência direta ao escrito “Sobre o Conceito de História” encontra-se numa carta (em francês) a Horkheimer, de 22 de fevereiro de 1940.

Lamento muito o fato de as circunstâncias atuais me não permitirem mantê-lo ao corrente de todos os meus trabalhos, como desejaria e o senhor tem o direito de exigir. Acabo de redigir algumas teses sobre o conceito de História. Por um

lado, ligam-se às ideias esboçadas na parte I do ensaio sobre Fuchs, por outro, servir-me-ão de armadura teórica para o segundo ensaio sobre Baudelaire. Constituem uma primeira tentativa de fixar um aspecto da História que estabelecerá uma cisão irreversível entre o nosso modo de ver e os resquícios do positivismo que, segundo penso, marcam tão profundamente até aqueles conceitos da História que, em si mesmos, nos estão mais próximos e nos são mais familiares. O caráter esquemático que tive de dar a essas teses dissuade-me de enviá-las tal como estão. Mas quero dar-lhe conhecimento delas para lhe dizer que os estudos históricos a que, como sabe, me entrego de momento não me impedem de me sentir solicitado, tanto quanto o senhor e os outros amigos aí, pelos problemas teóricos que a situação mundial inelutavelmente nos coloca. Espero que um reflexo dos esforços que, nesta minha vida solitária, continuo a dedicar à sua solução lhe chegue por meio do meu “Baudelaire”. Como a escrita dessas teses me orientou de forma premente para a continuação do “Baudelaire”, peço-lhe que me permita adiar a conclusão do trabalho sobre “Rousseau e Gide” (BENJAMIN, 2016, p. 171-172).

Entretanto, a primeira publicação aparece no contexto de uma homenagem a Walter Benjamin no número especial da *Zeitschrift Fur Sozialforschung* em 1942. As teses “Sobre o Conceito de História” se configuram como uma síntese da reflexão epistemológica benjaminiana que ocupa uma posição central de um de seus mais famosos trabalhos e que trata sobre o tema da cidade: o livro “Passagens” (2018). O ensaio “Sobre o Conceito de História” (2016) de Benjamin é composto por dezoito (18) teses e mais dois (2) Apêndices que retrata uma síntese das relações da sociedade com o tempo, das lutas sociais e da relação do historiador com o passado e o presente.

Walter Benjamin (2016) abre o texto “Sobre o Conceito de História” apresentando a **tese 1**, onde descreve a história como um autônomo, tendo como contrapartida filosófica o materialismo histórico. Uma dialética que reflete sobre o “ganho da partida” ao combater a visão da história dos opressores. A primeira tese descreve sobre a vitória do materialismo histórico que nunca está sozinho, mas tem a ajuda da teologia, e somente por isso, sai vencedor.

Conhecemos a história de um autômato construído de tal modo que podia responder a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um fantoche vestido à turca, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, colocado numa grande mesa. Um sistema de espelhos criava a ilusão de que a mesa era totalmente visível, em todos os seus pormenores. Na realidade, um anão corcunda se escondia nela, um mestre no xadrez, que dirigia com cordéis a mão do fantoche. Podemos imaginar uma contrapartida filosófica desse mecanismo. O fantoche chamado "materialismo histórico" ganhará sempre. Ele pode enfrentar qualquer desafio, desde que tome a seu serviço a teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não ousa mostrar-se (BENJAMIN, 2016, p. 9).

Na **tese 2**, explora-se a questão da temporalidade no materialismo histórico, “da inveja de cada presente em relação ao seu futuro” que nos leva a imagem da felicidade e da redenção de um passado de que a história se apropriou: “(...) foi-nos dada, como a

todas as gerações que nos antecederam, uma tênue força messiânica a que o passado tem o direito. Não se pode rejeitar de ânimo leve esse direito. E o materialista histórico sabe disso” (BENJAMIN, 2016, p. 9-10), assim entendendo a questão da temporalidade como uma ordem sociomaterial que regula a estrutura e a dinâmica da vida social (REINECKE; ANSARI, 2017).

Na **tese 3**, Benjamin (2016) continua a refletir sobre como a redenção está ligada a ideia de uma plenitude ao conhecer o passado, ao fazer uma crítica à história universal dos acontecimentos em cadeia.

O cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história. Certamente, só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. Isso quer dizer: só à humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um dos seus instantes (...) (BENJAMIN, 2016, p. 10).

Na **tese 4**, Benjamin (2016, p. 10-11) argumenta sobre “a luta de classes que temos sempre diante dos olhos”, lutas que são tanto pelas coisas duras e materiais, quanto pelas coisas requintadas e espirituais: como “confiança, coragem, humor, astúcia, constância”. Estas últimas lutas estão presentes e vivas de modo diverso às primeiras lutas, enquanto despojos que cabem aos vencedores depois do saque. Estas últimas lutas colocaram em causa todas as vitórias das classes dominantes e o materialismo histórico deve saber lidar com isso.

A **tese 5** lembra que a “verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento” (BENJAMIN, 2016, p. 11).

A **tese 6** problematiza que a articulação histórica do passado significa recordá-lo quando ele surge como um clarão num momento de perigo e não o reconhecer “tal como ele foi”, e é este processo que interessa ao materialismo histórico. O perigo é apenas um: “o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes (...) Só terá o dom de atizar no passado a centelha da esperança, aquele historiador que tiver apreendido que nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer” (BENJAMIN, 2016, p. 11-12).

A **tese 7** faz uma recomendação ao historiador que pretenda reconstruir uma época por meio de compreender a história a contrapelo, entendendo as barbaridades nas sociedades: “Não há um documento de cultura que não seja também documento de barbárie (...). Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de

transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2016, p. 12-13).

A **tese 8** enfatiza a questão da crença no progresso, enquanto pressuposto histórico: “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra. Temos que chegar a um conceito de história que corresponda a esta ideia (...) e assim a nossa posição na luta contra o fascismo melhorará. A hipótese de ele se afirmar reside em grande parte no fato de os seus opositores o verem como uma norma histórica, em nome do progresso” (BENJAMIN, 2016, p. 13).

A **tese 9** já citada anteriormente e base principal de discussão do presente estudo, enfatiza a alegoria de ruínas históricas que nos relatam sobre o passado e o progresso:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e as dispersa aos nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e reconstruir, a partir de seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o irresistivelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2016, p. 14).

A **tese 10** foca a discussão no papel dos políticos e dos cidadãos, da inserção servil e na crença no progresso:

(...) a intenção dessa ordem de ideias é a de libertar o cidadão político do mundo das redes em que eles o enredaram. Partimos do princípio de que a crença cega no progresso por parte desses políticos, a confiança que têm nas suas ‘bases de apoio’ e finalmente a sua inserção servil num aparelho incontrolável constituíram três aspectos do mesmo problema. E procuramos evidenciar o alto preço que o nosso modo de pensar tem de pagar por uma concepção da história que evita qualquer tipo de cumplicidade com aquela em que continuam a acreditar esses políticos (BENJAMIN, 2016, p. 14-15).

A **tese 11** coloca as questões relacionadas ao conformismo que desde sempre caracterizou a socialdemocracia tanto como tática política, como também com as suas ideias políticas, relacionadas ao progresso técnico e à concepção protestante do trabalho, levando em conta os progressos na dominação da natureza e não nas questões sobre os retrocessos sociais, traços esses tecnocráticos encontrados no fascismo: “A ideia corrompida do trabalho tem como complemento a natureza cuja exploração (...) é grátis” (BENJAMIN, 2016, p. 15-16).

A **tese 12** retoma o tema das lutas de classe, “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe lutadora e oprimida. Em Marx, ela surge como a última classe subjugada, a classe vingadora que levará às últimas consequências a obra de libertação em nome de gerações de vencidos (...)”. O materialismo histórico tem de saber lidar com essa transformação (BENJAMIN, 2016, p. 16).

A **tese 13** retoma a crítica da teoria da socialdemocracia a partir da ideia de progresso continuado, com base em uma história linear e homogênea que “foi determinada por um conceito de progresso que não levou em conta a realidade, mas partiu de uma pretensão dogmática”.

(...) O progresso, tal como o imaginavam as cabeças dos social-democratas, era, por um lado, um progresso da própria humanidade (e não apenas das suas capacidades e conhecimentos). Em segundo lugar, era um progresso que nunca estaria concluído (correspondendo a uma perfectibilidade infinita da humanidade). E era visto, em terceiro lugar, como essencialmente imparável (com um percurso autônomo de forma contínua ou espiralada). Qualquer desses atributos é controverso, e a nossa crítica poderia começar por qualquer um deles. Mas, quando as posições se extremam, a crítica tem de recuar até a raiz desses atributos e fixar-se num ponto que é comum a todos. A ideia de um progresso do gênero humano na história não se pode separar da ideia da sua progressão ao longo de um tempo homogêneo e vazio. A crítica da ideia dessa progressão tem de ser a base da crítica da própria ideia de progresso (BENJAMIN, 2016, p. 17).

A **tese 14** enfatiza a história como uma construção:

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado pelo Agora (*Jetztzeit*). Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de Agora, que ele fez explodir do *continuum* da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Acontece que ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como o concebeu Marx (BENJAMIN, 2016, p. 18).

A **tese 15** relata uma crítica da lógica do contínuo, enquanto tempo da história e da consciência da classe trabalhadora em ação de destruí-lo. Esta discussão se aprofunda na **tese 16**:

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo se fixou e parou. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem "eterna" do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz chamada "era uma vez". Ele

fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história (BENJAMIN, 2016, p. 18-19).

A **tese 17** demarca os métodos do historicismo e da historiografia materialista:

O historicismo culmina, como tinha de ser, na história universal. A historiografia materialista demarca-se pelo seu método, de forma talvez mais clara do que qualquer outra. A primeira concepção não dispõe de qualquer armadura teórica. O seu método é aditivo: oferece a massa de fatos acumulados para preencher o tempo vazio e homogêneo. A historiografia materialista, por seu lado, assenta sobre um princípio construtivo. Do pensar faz parte não apenas os movimentos dos pensamentos, mas também a sua paragem. Quando o pensar se suspende subitamente, numa constelação carregada de tensões, provoca nela um choque através do qual ela cristaliza e se transforma numa mônada. O materialista histórico ocupa-se de um objeto histórico apenas quando este se lhe apresenta como uma tal mônada. Nessa estrutura ele reconhece o sinal de uma paragem messiânica do acontecer ou, por outras palavras, o sinal de uma oportunidade revolucionária na luta pelo passado reprimido. E aproveita esta oportunidade para reforçar uma determinada época a sair do fluxo homogêneo da história; assim, arranca uma determinada vida à sua época e uma determinada obra ao conjunto de uma *oeuvre* (...). O resultado positivo desse método consiste em mostrar como na obra se contém e se supera a *oeuvre*, nesta a época e na época toda a evolução histórica. O fruto suculento do objeto historicamente compreendido tem no seu interior o tempo, como uma semente preciosa, mas destituída de gosto. (BENJAMIN, 2016, p. 19-20).

A última **tese 18**, assim como o Apêndice A retomam a questão do Agora (*Jetztzeit*) enquanto modelo de tempo messiânico, concentrando em si, numa abreviatura a história de toda a humanidade: “corresponde milimetricamente àquela figura da história da humanidade no contexto do universo” (BENJAMIN, 2016, p. 20).

O **Apêndice A** faz referência ao método do historicismo que se limitou a estabelecer um nexos causal entre os vários momentos da história. A partir dessa ideia, o historiador desafia os acontecimentos como “pelos dedos de um rosário”: Apreende a constelação em que a sua própria época se insere, relacionando-se com uma determinada época anterior. Com isso, ele fundamenta um conceito de presente como “Agora” (*Jetztzeit*), um tempo no qual se incrustam estilhaços do messiânico (BENJAMIN, 2016).

E, por fim, o **Apêndice B** escreve sobre o tempo que os áugures interrogavam para saber o que ele ocultava em seu seio. “Quem tiver isso presente, talvez possa fazer uma ideia de como o tempo passado foi experienciado na forma de presentificação anamnésica” (...) que retirava do futuro o seu caráter mágico que procuravam os que recorriam aos áugures (BENJAMIN, 2016, p. 20).

De acordo com Lowy (2005) as teses benjaminianas são repletas de alusões, imagens e alegorias envolvidas por paradoxos e seu objetivo foi tecer críticas a historiografia defendida pelo positivismo, o historicismo conservador na nascente

modernidade capitalista que pontua uma perspectiva histórica dos vencedores. As teses desenvolvem um trabalho de crítica ao arcabouço teórico defendido pelos historiadores da época, tecendo um questionamento radical da estrutura da temporalidade e do pensamento moderno, por meio do confronto entre duas concepções de história (SCHLESENER, 2011). Dessa forma, discutindo não apenas o processo sobre o dever histórico de uma realidade no tempo, mas também a construção dos nossos discursos e práticas em relação a todas as formas de historicismo.

Para Benjamin (2016) o historicismo propõe a imagem eterna do passado, por sua vez, o materialista histórico faz o passado se acompanhar de uma experiência única e originária. A substituição do momento épico pela concepção construtiva revela ser a condição dessa experiência, destruindo o contínuo da história, problematizando categorias como totalidade e progresso, ao se libertar das forças presas ao “era uma vez” no “bordel do historicismo”, conforme explicitado na tese 16 (BENJAMIN, 2016, p. 19).

Eiland e Jennings (2014) sublinham que a concepção benjaminiana da ruína abre essa perspectiva para a história, da qual a ideia equivocada de categorias como totalidade, linearidade, coerência e progresso são problematizadas. A alegoria da ruína confronta as teorias da história e interroga a modernidade ante a situação de destruição, revelando os episódios do declínio e da história enquanto uma acumulação de ruínas (BENJAMIN, 2016; SCHLESENER, 2011) que transcende tempo e espaço, nos aproximando no que Benjamin (2017) denominou de aura na “obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

A seguir discutimos como o conceito de ruínas vem sendo articulado na área dos estudos organizacionais, tendo como apoio, entre outros trabalhos, o artigo “*Ruin and Organization Studies*” dos autores Christian De Cock e Damian O’Doherty, publicado no ano de 2016 e a chamada “*Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History’s encounter with Benjamin*” (DE COCK, O’DOHERTY & REHN, 2013).

4.2.2 O conceito de ruínas nos estudos organizacionais

No entendimento de Hell e Schonle (2010) muitas vezes o conceito de ruína não vem bem definido, sendo fonte de encanto e inspiração para uma ampla gama de acadêmicos, levantando questões e respostas complexas. Os autores questionam se a ruína é um objeto ou um processo que sinaliza a perda ou a resistência de um passado, no entanto enfatizam que a ruína é uma ruína, precisamente, porque parece ter perdido sua função ou significado no presente.

Sebald (2004) também discutiu esta questão ao descrever o que ele chama de ruínas da "organização social de desastres" que sustentam os horrores sempre recorrentes e cada vez mais intensificadores da história, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial. Nesse ponto, o autor relaciona a ruína com a organização ao trazer como exemplo as práticas organizativas para um planejamento da destruição, em um entendimento que envolve a organização de materiais, pessoas e instituições, demonstrando uma articulação ontológica paradoxal das "ruínas modernas" (HELL; SCHONLE, 2010). Sebald (2004) ainda coloca que de fato, não é preciso olhar para um caso tão extremo como a II Guerra para se tornar sensível à organização social da destruição e à nossa implicação nela. Nesses termos, à medida que extraímos impressões de espaços e tempos díspares, pretendemos elucidar como nosso mundo é organizado e mantido.

Segundo Stoler (2013), Benjamin trouxe uma leitura politizada das ruínas e do verbo arruinar, tratando-os como sintoma e substância da força destrutiva da história humana. Uma noção de ruína não como de um vestígio romântico dos efeitos corrosivos do tempo, mas como remanescente e lembrete dos desastres feitos pela humanidade e dos horrores da história (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Navaro-Yashin (2009) também trataram da historicização do conceito de ruína, examinando as diferentes histórias que ela provoca ou habilita em distintos momentos e em pequenos fragmentos. Esse sentido de fragmentação corrobora com a compreensão de que a ruína enquanto história tem um significado mais abrangente do que quando ainda era um todo físico completo (BENJAMIN, 2016).

Nas palavras de Dillon (2011) uma ruína como fragmento é frequentemente mais carregada de significado do que quando fazia parte de um todo. Exatamente por meio do afastamento que o tempo manifesta, os fragmentos podem manifestar significados que o todo original pode ocultar. O autor relaciona a ideia de ruína com a questão dos silêncios e esquecimentos ao argumentar que existe uma tensão entre a ruína no espaço temporal, com suas ausências claramente presentes, e uma possível totalidade, cuja presença é sentida através dessas ausências. Estas ausências se manifestam como uma presença através dos traços que encontramos de suas atividades passadas e dos objetos estranhos que apenas reconhecemos por fragmentos (DILLON, 2011).

Lloyd (2003) cita as teses "Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin (2016) para discutir o passado como forma de ruína e fragmentos e também como uma espécie de abertura para um futuro. Para o autor, as ruínas são os sinais de uma história incompleta. Não apenas as consequências de um passado ativo no presente, mas

sobretudo, tipos de aberturas em uma configuração alternativa sugerida pelo historicismo e pela modernidade.

Para fins desse estudo, relevamos o artigo de De Cock e O'Doherty (2016), intitulado *Ruin and Organization Studies* (2016), onde os autores enfatizam que a história da gestão e da organização, tanto como objeto de estudo quanto como disciplina, contém uma infinidade de sujeitos, objetos e práticas que são descartados, não identificados, esquecidos e abandonados no decorrer do tempo e do espaço. Nesse contexto, os autores oferecem, preliminarmente, as diferentes formas por meio das quais a ruína pode vir a ter significados para os estudos organizacionais e para a administração, lembrando a importância de se considerar “a ruína como uma janela bem enquadrada no passado” (p. 4) já que “as histórias sempre preenchem as lacunas deixadas pelos restos materiais da ruína” (p. 3).

Nesses termos, De Cock e O'Doherty (2016) afirmaram que a experiência da ruína abre uma multiplicidade de espaço e tempo, influenciando tanto no sujeito quanto no objeto, deslocando a fixidez de sua relação que é mantida por uma interação complexa de ações que deriva de entendimentos não explicados de como as coisas aconteceram, que nos faz pensar no passado que poderia ter sido e no futuro (distópico) que nunca aconteceu.

O entendimento da ruína remete-nos a uma ideia de algo deslocado no tempo e que ao mesmo tempo se contrasta com o tempo presente, é algo perdido na paisagem atual em uma relação de ambivalência (DE COCK; O'DOHERTY, 2016; BOYN, 2008). É o estranho no contexto da paisagem, o alegórico que revela o deslocar do tempo em forma de matéria, evocando uma diferente atenção para o familiar e o estranho, tanto para o que é singular e significativo, além do que é intencionalmente torto no tempo, onde o passado resiste em forma de fragmentos e ruínas (DE COCK; O'DOHERTY, 2016; STOLER, 2013).

De Cock e O'Doherty (2016) afirmaram que houve 39 referências a palavra "ruína" ou "ruínas" desde que foi publicada a primeira edição de *Organization Studies*. Sobressaindo-se nesta análise, a recente proeminência dessa discussão, pois, metade dessas referências aparecem nos últimos cinco anos, coincidindo com as consequências da crise financeira global e da austeridade econômica europeia, ligada aos preceitos do neoliberalismo (DE COCK; O'DOHERTY, 2016; REHN, 2013).

Nesse contexto, De Cock e O'Doherty (2016) problematizaram a questão da alegoria da ruína nos estudos organizacionais, enfatizando as possibilidades de uma

aprendizagem sobre o passado, enquanto resistência no tempo e no espaço. Os autores argumentam que a ruína é uma prática de resistência, estando repleta de interrupções, sinais ininteligíveis, histórias e memórias improvisadas que emergem e que remetem a outras histórias sobre o passado, trazendo à consciência histórias vagas e desconexas dos esquecidos e negligenciados que assombram as fixações narrativas "oficiais" relacionadas, por exemplo, aos processos do organizar entre os centros e as margens das cidades.

Nesse sentido, as teses de Benjamin (2016) nos ajudam a reconhecer as possibilidades de um passado, visando compreender as organizações, inclusive a organização da cidade, assim como repensar rotas alternativas para aqueles que são treinados para administrá-las (DE COCK & O'DOHERTY, 2016; DE COCK, O'DOHERTY & REHN, 2013; SRINIVAS, 2013).

Por meio da reativação da memória de um passado circunstancial, o olhar da ruína pode se opor às crônicas oficiais da história e assim abrir um espaço onde novas e inovadoras possibilidades para o futuro podem ser imaginadas e onde poderemos ler nossa condição atual, não simplesmente como a continuação da história, mas o que a história poderia ter sido. Trazer o tema da história como ruína é como abrir os "espaços cinzentos" em termos do passado da história das organizações e da gestão (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Nesses termos, o olhar da/a ruína constrói itinerários diferentes da história oficial e ou tradicional. A ruína pode ser a história não contada, o objeto no tempo revelado, enquanto restos da história. Uma ótica da ruína pode nos tornar mais conscientes das materialidades e narrativas desarticuladas e negligenciadas enterradas sob a superfície dos Estudos Organizacionais, enquanto ao mesmo tempo, indicam a emergência de novas articulações multidisciplinares entre a ciência da Administração e outras áreas de estudos (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Para os autores, esta proposta abre novos espaços e associações analíticas para pesquisadores organizacionais ao oferecer uma abordagem distinta do "tempo, da história e da memória", alterando o enfraquecimento de nossa experiência fenomenológica do passado e do futuro, e a redução da nossa temporalidade ao presente, por meio da ampliação da consciência em relação a multiplicidade de forças que se sobrepõem à prática do organizar (DE COCK; O'DOHERTY, 2016; JAMESON, 2015).

Nesses termos a noção de ruína amplia nossa compreensão sobre como os processos organizacionais atuam, atuam e atuarão na articulação espaço-temporal.

Como tal, discute-se sobre a ruína ótica como um olhar que é extremamente sensível que nos faz hesitar e refletir sobre nossas convicções e credulidades desarticuladas, mas bem ensaiadas, sobre organização, desafiando nossos hábitos e formações epistêmicas (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

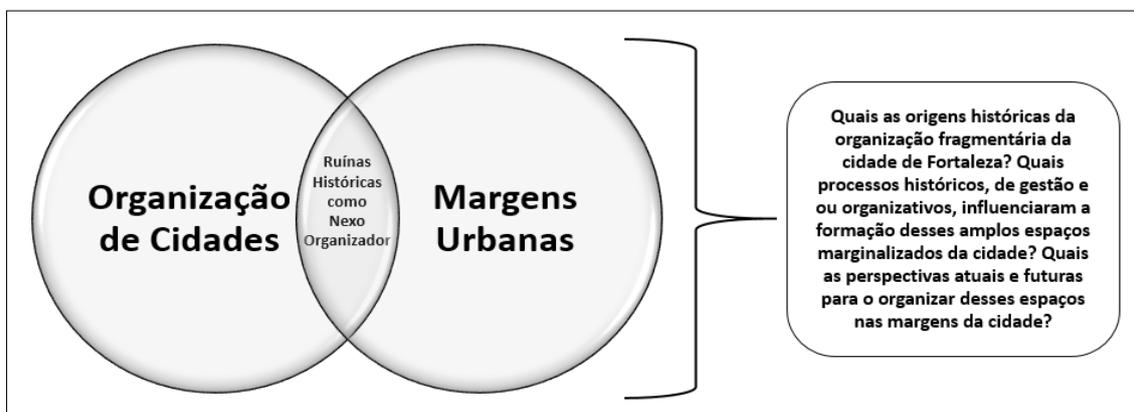
Em suma, considerando o artigo de De Cock e O'Doherty (2016) sobre a problematização das ruínas nos estudos organizacionais, esta alegoria faz menção: (a) a uma abordagem distinta do tempo, da história e da memória; (b) a uma consciência crescente da multiplicidade de forças que se sobrepõem à organização (entre estas a organização-cidade), forças das quais nós nos retiramos ao desenvolvermos nossas pesquisas; e (c) a um conhecimento de como a maneira que escrevemos é um modo de organização, crucial para nossa capacidade e disposição de olhar para "todos os cantos da realidade", ou, como coloca Ana Paula de Paes (2012) para “os estilhaços do real”. Estas concepções da ruína interrompe os modos dominantes de temporalidade comumente utilizados na gestão e nos Estudos Organizacionais (DE COCK; O'DOHERTY; REHN, 2013; DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Nesse sentido, a concepção da ruína pode servir de inspiração para uma reflexão histórica sobre a organização de outras cidades, que assim como Fortaleza se ergueu sob o signo da modernidade capitalista, da linearidade histórica e do progresso.

4.2.3 Proposição de um modelo teórico

Diante do exposto, propomos um modelo (Figura 5) que representa a articulação das diferentes dimensões teórica-conceituais discutidas até o momento, problematizado com base no pressuposto da tese citada anteriormente sobre a existência de um nexu histórico que organiza/organizou as amplas margens urbanas da cidade de Fortaleza a partir das ruínas históricas.

Figura 5: Proposição de um modelo teórico



Fonte: Elaboração do autor (2021)

4.3 Análise histórica: uma gestão a ser contada sobre o organizar das margens da cidade de Fortaleza

Conforme foi proposto na metodologia da pesquisa, foi desenvolvido o enredo historiográfico (CERTEAU, 2011) para descrever e elucidar sobre as diferentes práticas históricas relacionadas ao organizar das margens da cidade de Fortaleza.

A trajetória percorrida com o objetivo de esquadrihar o enredo historiográfico (CERTEAU, 2011) iniciou-se compreendendo a coleção de arquivos documentais não apenas como uma fonte de pesquisa e de informação, mas sobretudo, como atores repletos de significados e dotados de agência em um processo reflexão sobre as raízes históricas que permearam as margens urbanas de Fortaleza (STOLER, 2002; DECKER, 2013), dessa forma expandido a noção de arquivo (BARROS, 2016), compreendendo o mesmo como um processo cumulativo de produção cultural (STOLER, 2002).

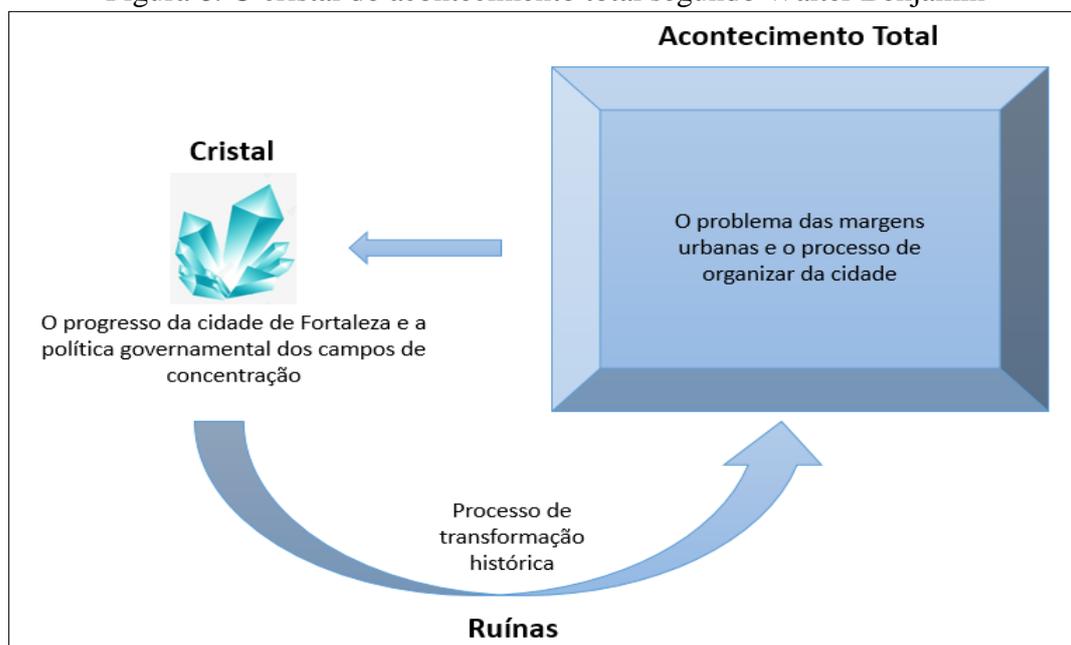
Inicialmente é preciso considerar que durante o mapeamento e o levantamento documental para o estudo histórico, apesar da diversidade da coleção que foi montada para compor esta pesquisa, foram observadas a carência e a precisão de informações e fontes mais específicas sobre o tema, por exemplo, da existência de “campos de concentração” no Ceará, bem como das práticas urbanas relacionadas as raízes históricas do organizar das margens urbanas de Fortaleza. Esse processo trouxe diferentes reflexões sobre o dito e o não dito, bem como uma memória da história do Ceará que foi e está sendo silenciada e ignorada pelos entes do poder público no que diz respeito a preservação da memória histórica (DECKER, 2013). Corroborando com a Decker (2013), o Certeau (2011) também se refere a essa questão, enfatizando que “alguns silêncios permanecem hoje como vestígios desse passado recente” (p. 42) ou “das quais o discurso não fala” (p. 65). Dessa forma, as análises que seguem nos próximos tópicos permitiram “dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto” (p. 66), ao trazer para fora dos arquivos selecionados as artimanhas de silenciamento, escassez de informações e conflitos nestas informações vinculadas nos documentos.

Sinalizamos igualmente que o caminho norteador da nossa escrita histórica (CERTEAU, 2011) se baseia na premissa benjaminiana citada anteriormente que considera que os conceitos de “progresso” e de “ruína” são dois lados de uma mesma moeda (BENJAMIN, 2018), onde nesta pesquisa foi denominado lados A e B, conforme será apresentado mais adiante. Dessa maneira, essa etapa da pesquisa se delinea por meio de um processo de historicização das ruínas dos “campos de concentração” e da identificação e mapeamento das práticas históricas (CERTEAU, 2011), na coleção dos

arquivos, baseadas na premissa benjaminiana de considerar a história enquanto uma construção, descobrindo nesta análise historiográfica, o “cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2018, p. 765). No contexto da modernidade, considerou-se a afirmativa de Benjamin (2016) que a crítica ao progresso se dá por meio de uma reflexão que ao confrontar as teorias do progresso e da ruína enquanto história, se interroga também a modernidade ante a situação de destruição (BENJAMIN, 2016; SCHLESENER, 2011).

No contexto dessa pesquisa e por meio da interpretação que se deu através da reflexão da premissa benjaminiana, considerou-se os processos de historicização das ruínas/progresso relacionados ao progresso da cidade e as políticas governamentais dos “campos de concentração” como o “cristal” para problematizar o “acontecimento total” (BENJAMIN, 2018, p. 765) referente ao problema das margens e o processo de organizar das margens da cidade de Fortaleza (Figura 6). Esse processo foi decorrente da reflexão interpretativa que se deu na relação entre a problemática e os dados da pesquisa articulados às perspectivas de Benjamin (2018).

Figura 6: O cristal do acontecimento total segundo Walter Benjamin



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Esta pesquisa pressupõe que as ruínas dos “campos de concentração” no Ceará guardam resquícios de memórias desses episódios históricos emblemáticos que ressurgem no organizar das margens da cidade de Fortaleza. Conforme apresentado na problematização dessa pesquisa, resgatamos a proposição de defesa dessa tese sobre a existência de um nexos histórico que atua/atuou na fragmentação espacial da cidade,

organizando as margens urbanas de Fortaleza por meio das ruínas históricas, representadas, neste estudo, pelos “campos de concentração”. Esta etapa da pesquisa se refere aos seguintes objetivos específicos: historicizar os “campos de concentração” no Ceará a partir de suas ruínas históricas enquanto parte de um todo; identificar e discutir as práticas históricas que organizaram as margens da cidade de Fortaleza.

Seguindo esse processo, durante a nossa escrita historiográfica (CERTEAU, 2011) identificamos e mapeamos 4 (quatro) principais malhas de práticas históricas relacionadas tanto a premissa do progresso (pertinente ao lado “A” da moeda), como a premissa da ruína, enquanto transformação histórica (pertinente ao lado “B” da moeda) do organizar das margens da cidade de Fortaleza (Figura 7).

Figura 7: Progresso e Ruínas: as malhas de práticas históricas como nexos históricos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Por esse entendimento, compreende-se que as práticas governamentais de reforma urbana higienista, de confinamento e controle social por meio dos “campos de concentração” e criação dos órgãos foram implementadas tendo como objetivo o progresso e modernização da cidade (lado “A” da moeda). Contudo, esses processos em suas transformações históricas geraram ruínas, representadas nesta tese, pelas práticas do organizar das margens que caracterizam a cidade de Fortaleza (lado “B” da moeda), processos esses que perduram até hoje.

Nos próximos itens segue a escrita historiográfica (CERTEAU, 2011) com o objetivo de reconstruir uma narrativa por meio da historicização dos “campos de concentração” e os efeitos relacionados a este nexo histórico no organizar das margens

de Fortaleza. Salienta-se que, conforme preconizado por Decker (2013), todo tipo de reconstrução histórica é intersubjetiva, portanto artesanal. Certeau (2011) complementa essa questão ao demonstrar que toda historiografia é uma espécie de discurso sobre o outro e, portanto, um conceito de escrita que considera a história como uma “escrita de mortos” (p. 12). Assim, e ainda considerando as premissas ruína/progresso (BENJAMIN, 2012), salientamos que o todo não se pode mais reconstruir da mesma forma que foi no passado, dessa forma, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (p. 243). Nesse sentido, a malha de práticas históricas que foram identificadas, descritas e discutidas nos sub-tópicos a seguir, sinalizam os entrelaçamentos entre os nexos históricos e seus desdobramentos revelados nos documentos da coleção dessa pesquisa a partir de um processo de interpretação subjetiva ao refletir sobre as “lições da história” (CERTEAU, 2011; STOLER, 2002).

4.3.1 Nexo histórico: malha de práticas relacionadas ao “progresso” - O lado “A” da moeda

Considerando a crítica que Benjamin (2018) tece sobre a ideia unívoca e dialética de “progresso” ao desenvolver uma versão própria do materialismo histórico que questionou a ideia de que o conceito fundador “não é o progresso, e sim a atualização”, na Figura 8 a seguir temos a representação das malhas de práticas governamentais que representam essa busca pelo “progresso” formalizada pelas políticas governamentais, enquanto nexos históricos no processo de organizar das margens da cidade.

Figura 8: Nexo histórico: malha de práticas relacionadas ao progresso



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

4.3.1.1 Práticas governamentais de reforma urbana higienista

Em seus argumentos, Benjamin (2018) demonstra um materialismo histórico que aniquilou o conceito de progresso, criticando as duas formas aparentemente opostas de escrever a história: a “historiografia burguesa” e a “historiografia progressista”. A crítica é enfatizada nestas maneiras de escrever a história que se apoiam na concepção de um tempo cronológico e linear, portanto homogêneo e vazio. Benjamin apresenta uma visão de história que está dissociada das “ilusões do progresso” (BENJAMIN, 2016).

Ao levar em consideração essas questões e refletindo sobre a colocação de Das e Poole (2004) que o início da história está nas margens e que estas se constroem em uma relação mútua das margens (no) centro (GOMES, 2019), as nossas primeiras escritas historiográficas foram guiadas pelo contexto histórico que se caracteriza por um conjunto de transformações que definiram os anos entre o século XVIII e o século XIX através da Revolução Industrial. Estas transformações ocorreram desde o processo de fabricação dos produtos, passando pelas relações sociais até a organização das cidades para suportar a quantidade de famílias que deixaram o campo e foram buscar nos centros das cidades melhores condições de vida. Esse processo marcou a passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial, tendo como fulcro o setor da indústria têxtil na Inglaterra dos anos de 1760, ocasionando um crescimento desordenado populacional urbano, pois as populações do campo passaram a procurar nos centros urbanos novas perspectivas de vida e sobrevivência (SPOSITO, 2000).

Logo esse processo chegou na realidade brasileira e consigo fomentou a ideia do almejado progresso propagado pioneiramente na Europa. Benjamin (2012) na tese 13 “Sobre o Conceito de História”, problematiza essa questão ao enfatizar que “a ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha” (p. 249). Esse movimento “progressista” se espalhou pelas cidades, reordenando a dinâmica social e urbana.

No estado do Ceará, no final do século XVIII o protagonismo do algodão deu um destaque ao estado por meio da produção e exportação, garantindo a importância dessa matéria-prima na economia regional (PONTE, 2004). A França e a Inglaterra tinham como principal fornecedor do algodão os EUA, no entanto, por conta da Guerra de

Secessão⁵, eles começaram a comercializar o algodão brasileiro, fato que induziu o comércio da produção do algodão no Ceará (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010).

Assim, a cidade foi se desenvolvendo a sombra da produção algodoeira e no século XIX com a II Revolução Industrial houve um aumento considerável pela exportação do algodão cearense, tendo como consequência um processo de hegemonia urbana de Fortaleza em relação ao comércio do algodão e outros produtos de consumo (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008). Dessa maneira, ao longo dos séculos XIX e XX, observa-se uma concentração de diferentes funções e atividades em torno da cidade que estão relacionadas principalmente ao comércio de algodão, mas também do café e da cera de carnaúba (Acervo Portal História do Ceará, 1879).

Por meio desse processo pautado no crescimento da produção e exportação do algodão, o Ceará conquistou sua independência da capitania de Pernambuco em 17 de janeiro de 1799 por meio de Carta Régia e alcançou características urbanas no início do século XIX (Acervo Portal História do Ceará, 1879). Antes dessa independência de Pernambuco, a atividade econômica principal do Ceará era a pecuária extensiva durante a maior parte da época colonial. A vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção tornou-se a capital do Ceará decorrente desse processo e logo em seguida se transformou em centro administrativo (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012).

Fortaleza foi fundada no dia 13 de abril de 1726, ao redor do rio Pajeú quando a povoação foi levada a condição de vila (COSTA, 2014; FARIAS, 2007). De acordo com Castro (2014), em 1813 a então vila recebeu seu primeiro plano e planta de desenvolvimento urbano (Figura 9), feito pelo engenheiro Antônio José da Silva Paulet⁶ na gestão do então governador Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire (1778-1856) que governou a capitania do Ceará de 1812 a 1820. Somente em 1823 o imperador Dom Pedro

⁵ A Guerra de Secessão foi travada nos Estados Unidos de 1861 a 1865 e teve como causa principal a longa e controversa escravização dos negros. De acordo com Rodrigues (2007), foi um movimento muito mais complexo do que se costuma afirmar e suas motivações estiveram mais centradas em uma disputa econômica entre elites regionais e em uma luta por poder político, do que em uma questão sobre a abolição ou não da escravidão negra nos Estados Unidos.

⁶ Antônio José da Silva Paulet (1778-1837) foi um engenheiro militar português. De ascendência francesa, com a patente de Tenente-Coronel do Real Corpo de Engenheiros, chegou em 1812 à então Província do Ceará para o cargo de ajudante de ordens do seu novo governador, o coronel Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire. Foi o autor do primeiro plano urbanístico para a cidade de Fortaleza, em 1813. Entre as obras que executou na cidade, destacam-se a “Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção” e o “Passeio Público”. A ideia central do seu plano urbanístico para Fortaleza (o sistema de traçado em xadrez) é mantida no plano urbanístico de Adolfo Herbster de 1875.

descobertas tecnológicas oriundas da II Revolução Industrial pelas classes dominantes. Conforme descrito por Benjamin (2016) nas suas teses 7, 16 e 17, as classes dominantes se relacionam enfaticamente com os princípios do historicismo que busca sua origem para compreender esse tipo de desenvolvimento, onde ele observa a história como uma sucessão gloriosa de altos fatos históricos e que se reporta apenas a história dos vencedores, se limitando a estabelecer um nexo causal entre os vários momentos da história (apêndice A) ao culminar na história universal, apresentando assim, a imagem "eterna" do passado, onde “a empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto os dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialista histórico. Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão” (BENJAMIN, 2012, p. 244).

Na realidade brasileira, a *Belle Époque* e a reforma urbana higienista situa-se entre 1889 e 1922, ano que também foi realizada a Semana da Arte Moderna⁷ na cidade de São Paulo e procurou fortalecer as relações políticas com os países da Europa, o que tornou a modernidade brasileira também um jogo político. A construção dessa modernidade se fazia em diferentes aspectos como nos espaços, na arquitetura e na cultura, moldando simbolicamente a sensação de um “novo tempo” permeado por uma fase progressista relacionada a diferentes práticas de uma reforma urbana higienista (Jornal A República, 18 de novembro de 1893). Segundo Dourado (2005), a construção desse tipo de modernidade se deu nos espaços e na arquitetura, mas também teve impacto nas pessoas, na sociedade e na cultura, dessa forma, moldava-se simbolicamente um novo contexto urbano com os benefícios do sonhado e desejado “progresso”.

De acordo com Ponte (2004), as principais cidades brasileiras estavam ansiosas pela modernização baseada nos padrões europeus, principalmente no padrão francês de configuração urbana e chegou também no estado do Ceará, sobretudo em Fortaleza por conta do seu caráter pioneiro e exportador do algodão (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010). Nesse momento, as práticas urbanas higienistas seguiram um modelo de medicina urbana francesa e que teve impacto em várias cidades brasileiras. O encantamento pelo

⁷A Semana de Arte Moderna foi uma manifestação que ocorreu no então Theatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 a 18 de fevereiro de 1922, reunindo diferentes apresentações de dança, música, poesias e exposição de obras como pintura e escultura. Nesse movimento, os artistas propunham uma visão inovadora de arte por meio de uma nova estética inspirada nas vanguardas europeias, visando uma renovação social e artística no país e que foi deflagrada pela "Semana de 22". O evento trouxe à tona uma nova e diferente visão sobre os processos artísticos, havendo um rompimento com a arte acadêmica, inaugurando assim, uma revolução estética e o Movimento Modernista no Brasil (AJZENBERG, 2012).

padrão francês levou as elites dominantes a fazer visitas a cidade de Paris na França quase uma vez por ano em busca das tendências modernas lá propagadas. Trechos do arquivo a seguir evidencia essas diferentes questões.

A França imprimiu seu nome na arte e cultura mundial, tendo irradiado um dos períodos mais ricos da história ocidental: a “Belle Époque”, cujos reflexos foram sentidos aqui em Fortaleza (...). O clima da “Belle Époque” em nossa Capital foi sentido tanto no aspecto cultural, quanto no urbanístico e arquitetônico. Foram criadas também as grandes avenidas e dado um novo direcionamento urbano (Acervo do Jornal Diário do Nordeste, 2006)⁸.

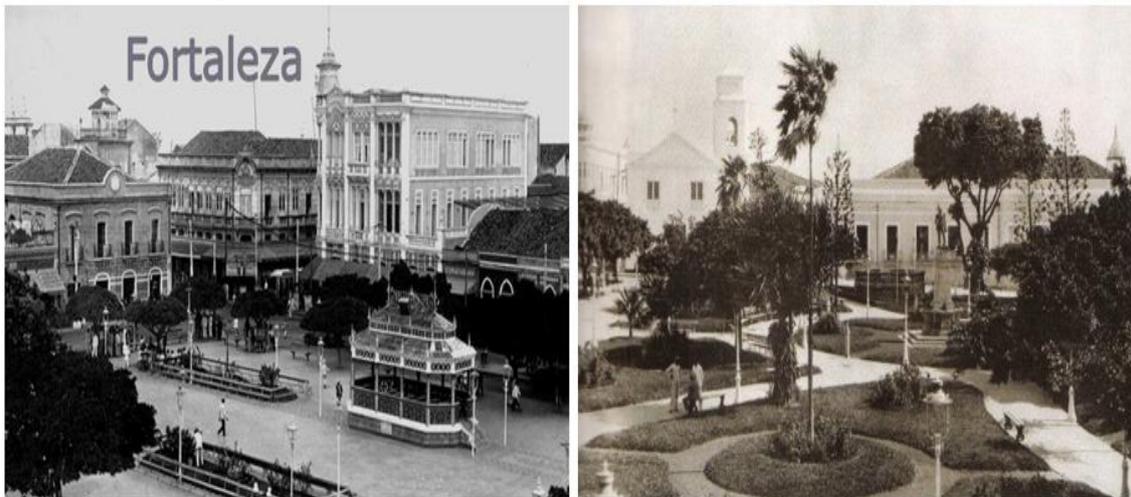
As cidades se embelezavam com a construção de praças, ruas largas, avenidas limpas e iluminação pública, conforme o planejamento urbano inspirado por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), prefeito de Paris entre 1853 e 1870. Durante este período, Haussmann foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, tornando-se referência na história do urbanismo e modelo para a transformação das cidades.

A cidade de Fortaleza também colocou em prática as práticas governamentais que visavam o “progresso”. Esse processo foi evidenciado principalmente no bairro do Centro da cidade que foi ganhando novas remodelações urbanas e que foram pautadas nos padrões estéticos das grandes metrópoles europeias, a exemplo da incorporação de diferentes equipamentos urbanos como bondes, telégrafo e telefone (Jornal A República, 19 de abril de 1897). A cidade se admirava com tudo e deslumbrava-se, pois, os anúncios davam ares de uma cidade que estava “evoluindo” rumo ao “progresso”.

Além disso, cita-se as pavimentações e a iluminação a gás carbônico das vias públicas, o que proporcionou segurança às noites da cidade, tendo como consequência um estilo de vida pública noturna mais movimentada, favorecendo assim, as festividades noturnas e diferentes sociabilidades na cidade. Ademais houve remodelação das praças e ruas mais largas, outras edificações de infraestrutura e limpeza urbana via a remodelação da cidade por meio da estética de aformoseamento da urbe (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008). Esse processo também incluiu a concepção de avenidas mais limpas e organizadas, mansões e fachadas *art nouveau*, templos, portos, lagos e a criação de *boulevards* e cafés (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010), que passaram a fazer parte da estética urbana da então “moderna” cidade de Fortaleza (Figura 10).

⁸ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa detalhes referente a cidade de Fortaleza no momento em que passava pela *belle époque* por meio das reformas urbanas higienistas. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Jornal Diário do Nordeste publicado no ano de 2006.

Figura 10: Cidade de Fortaleza na reforma urbana higienista



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Antiga (2010)⁹

Um dos exemplos referentes a prática de reforma urbana higienista foi o Passeio Público (Figuras 11 e 12)¹⁰, no Centro da cidade, especificamente na Praça dos Mártires, a mais antiga praça da cidade. O Passeio Público era um espaço com jardins florido e repleto de muitas cores, lagos modernos e artificiais, árvores bem cuidadas e frondosas, diferentes estátuas de deuses mitológicos, além de uma visão privilegiada do mar. O Passeio Público traduzia o ponto de encontro da elite, sendo cenário de diferentes aspectos relacionados às sociabilidades urbanas. A rua Major Facundo e a travessa Senador Alencar foram pavimentadas a concreto, fazendo com que as carroças dessa época não pudessem trafegar na pavimentação a concreto (ALMEIDA, 2013). Nesse caso, observa-se um culto ao imperialismo francês concebendo as carroças como “anti-moderna”, fato que demonstra uma disputa ideológica sobre o discurso de modernização na cidade.

Assim, o centro da cidade de Fortaleza ficou conhecido como um espaço nobre frequentado pela parte mais elitizada da cidade que utilizavam trajes pesados europeus e que simbolizavam a modernidade sem levar em consideração o clima tropical brasileiro (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2013). Essa questão foi refletida nos trajes pesados da moda fortalezense no final da década de 1920 com inspirações europeias (ANEXO D).

⁹ A imagem representada na figura 10 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa o centro da cidade de Fortaleza no momento que passava pela *belle époque* e todo processo de gestão higienista. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Antiga publicado no ano de 2010.

¹⁰ As imagens representadas nas figuras 11 e 12 fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representam o Passeio Público no começo do século XX em Fortaleza e os trajes europeus utilizados como tendência francesa, respectivamente. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Antiga publicado no ano de 2010 e no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2019.

Figura 11: Início da Rua Major Facundo, no Passeio Público no começo do século XX



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Antiga (2010)

Figura 12: Passeio Público em Fortaleza



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre (2019)

O espaço se configurou como um ponto de encontro das elites e se transformou em passarela para desfile e diferentes sociabilidades entre aqueles que se encaixavam na parte mais nobre e dominantes da cidade de Fortaleza. Além do Passeio Público, a Praça do Ferreira também foi palco dessas transformações e passou por diferentes reformas com amplos jardins, com gradil, estátuas com inspiração clássica, bancos longos, chafarizes e adornos idênticos ao do Passeio Público, recebendo uma nova iluminação, além de cafés ao estilo francês como o Café Riche (ANEXO E). Cita-se também as mudanças na praça Marquês do Herval, atual praça José de Alencar que recebeu enfeites com colunas de mármore vindas diretamente de Portugal (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008). De acordo com os documentos consultados, os frequentadores do sexo masculino dos cafés apreciavam o espaço e o momento, enquanto suas senhoras representadas pelas elites renovavam os seus guarda-roupas nas famosas lojas com nome francês Maison Art-Nouveau e Torre Eiffel (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010). As lojas locais também tentavam incorporar esse padrão europeu como as vitrines da conhecida e conceituada casa de modas “A Cearense” na rua Floriano Peixoto no Centro da cidade (ANEXO F).

Essas diferentes e variadas modificações atraíram investimentos tecnológicos e imobiliários inspirados no modelo estrangeiro. Foi assim, então que a cidade de Fortaleza se encheu de novas casas no estilo de mansões e palacetes que ornamentaram o novo perfil urbano da cidade, tendo a cidade de Paris como espelho e referência de modernidade, ou seja, a questão da busca pela modernidade e o almejado progresso estava muito próximo dos aspectos urbanos da capital francesa. Trechos a seguir evidenciam essas questões.

(...) a capital foi arrebatada por uma febre de afrancesamento. Ser moderno era acompanhar as modas vindas de Paris, como usar expressões em francês e abrir lojas com nomes franceses (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010)¹¹.

Esse processo contribuiu também para o aumento das práticas sociais na cidade de Fortaleza. Como por exemplo, cita-se os primeiros movimentos de lazer social na capital cearense relacionado as festividades no palácio do presidente do estado, assim como o surgimento dos primeiros clubes sociais para a classe elitizada como o Clube Iracema (ANEXO G) fundado no dia 28 de junho de 1884, sendo estes espaços de diversão, encontro e convivências sociais da elite fortalezense. Neste clube nasceu o

¹¹ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa detalhes sobre o processo de afrancesamento que passava a cidade de Fortaleza. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Antiga publicado no ano de 2010.

Gabinete de Leitura, o Instituto do Ceará e a Academia de Letras. Festas beneficentes, sessões literárias, refinados bailes, concertos, recitais e diferentes movimentos artístico-literários eram expostos nos grandes salões do Clube Iracema e sua linha arquitetônica traduz um dos mais famosos exemplos de “*art decó*” da cidade. Este espaço se tornou uma legenda na cidade e simbolizava o refinamento de uma convivência social (FARIAS, 2007; GONDIM, 2007; CARTAXO, 2016). Por muitos anos, o Clube Iracema ocupou diferentes casarões no centro da cidade, em 1922 sediou-se no Palacete Ceará, onde atualmente é ocupado pela Caixa Econômica Federal - CEF (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2015).

Houve um processo de modernização que também foi refletido em obras e equipamentos urbanos significativos, como por exemplo, a chegada do imponente Mercado de Ferro em 1897, erguido na gestão do intendente (prefeito) Guilherme César da Rocha (1896-1897) e do presidente (governador) Antônio Pinto Nogueira Acioly (1840-1921), tendo sido importado da França diretamente das oficinas de Guillot Pelletier. Entre o final do século XIX e no início do século XX, o Mercado de Ferro simbolizava a tentativa de consolidar um novo estilo de vida na cidade, baseando-se nos princípios da modernidade, passando a concentrar as principais relações comerciais da cidade (Jornal A República, 19 de abril de 1897). A matéria-prima do ferro foi ganhando importância na construção civil através da Revolução Industrial, se tornando popular e símbolo de modernidade ao alcançar condições competitivas com outros materiais como a pedra e a madeira e assim, permitindo o barateamento dos custos de produção e como consequência a produção em larga escala, sobretudo na arquitetura (LOPES, 2019). A Figura 13 a seguir evidencia uma nota documental de jornal sobre a inauguração do Mercado de Ferro na cidade de Fortaleza.

Alencar em 1910 (ANEXO H), com uma estrutura metálica importada diretamente da Escócia, sendo um relevante exemplar da arquitetura eclética com inspiração francesa (GONDIM, 2007) e vigente no mandato de Antônio Pinto Nogueira Accioly (1840-1921) que governou o Ceará entre 1896 e 1912, durante a República Velha.

A chegada do Teatro José de Alencar significou a renovação e dinamismo cultural na cidade, pois os teatros eram tidos como símbolos de desenvolvimento social e progresso, quando o mesmo foi abrigado na então praça Marquês de Herval, atualmente praça José de Alencar (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2015). Essa questão pode ser observada no discurso inaugural do teatro: “Temos enfim um teatro, é certo, e todos nós o vemos, materialmente considerado. O teatro, porém, não está só na sua arquitetura, está sobretudo na sua moral e no espírito que o deve dominar” (COSTA, 1985, p. 93). A perspectiva cultural continua se dinamizando por meio da criação de instituições como a Academia Francesa em 1872 e a Padaria Espiritual¹³ em 1892 que reuniu escritores, pintores e músicos em um movimento cultural precursor da Semana de Arte Moderna de 1922 (GONDIM, 2007; CARTAXO, 2016).

Nesse movimento, cita-se também a inauguração do Cine Majestic¹⁴ em 14 de julho de 1917 na Praça do Ferreira, sendo o primeiro cineteatro da cidade de Fortaleza. A inauguração do Cine Majestic contou com o espetáculo da italiana Fátima Miris e com a película “L’ Amica” e foi construído por Plácido Carvalho. O Cine Majestic era o mais luxuoso salão da época e em grandioso prédio localizado no centro da cidade, tendo também uma estrutura toda em metálico como o Teatro José de Alencar (GONDIM, 2007). Ademais, cita-se também nesse movimento uma ampla remodelação das três principais praças da capital: a praça do Ferreira, a praça do Marquês do Herval e a praça da Sé. Trechos a seguir evidenciam essas questões.

Após a construção do Mercado de Ferro, o poder municipal investiu na ampla remodelação das 3 principais praças da capital - a do Ferreira, a Marquês do

¹³ A Padaria Espiritual foi uma agremiação literária que surgiu no Centro de Fortaleza em 30 de maio de 1892 idealizada num famoso quiosque intitulado de Café Java, situado na histórica Praça do Ferreira. Padeiros e forneiros, na verdade poetas e amantes da literatura nacional e mundial, foram os precursores das academias de letras no Brasil. Essa iniciativa tinha um único propósito que era despertar o interesse pelas letras na província. Findou marcando a história literária brasileira. Este local foi ponto de encontro dos escritores Antônio Sales que foi fundador da agremiação, Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo (CORDEIRO, 2007).

¹⁴ O Cine Majestic foi desativado em 1969 devido a um grande incêndio que destruiu totalmente a sala de projeção. O espaço foi ocupado pelas lojas, escritórios e consultórios médicos do Edifício Lobrás. Dessa forma, o Majestic resiste apenas na lembrança de quem viveu na capital inspirada nos hábitos europeus.

Herval e a da Sé - inauguradas com muitos festejos. Nesses logradouros foram introduzidos canteiros de flores (“verdadeiros jardins de fadas”), “avenidas”, cópias da estatuária grega, vasos importados, chafarizes e largos pavilhões abertos para a ocorrência de retretas, patinação e ginástica (PONTE, 1993, p. 39)¹⁵.

Os jardins dessas três praças eram como réplicas do Passeio Público fixadas no centro das praças. Dessa maneira, além do Passeio Público, a cidade tinha em seus três principais espaços da praça, ilhas fechadas e seguras, onde as pessoas mais nobres pudessem se sentir como se estivessem num pedaço de Paris, enquanto assistiam o espetáculo do movimento urbano se desenvolver na região (PONTE, 2004; CARTAXO, 2016). A praça do Ferreira foi um dos espaços referenciais da cidade conhecida como o “coração da cidade”, sendo a principal área do comércio local e foi palco para a construção dos cinco cafés mais elegantes da cidade na época: o já citado, Riche, o Java, o Comércio, o Elegante e o Iracema, todos construídos em estilo chalé francês (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008).

Do mesmo modo, a chegada das ferrovias do trem e do bonde elétrico nesse mesmo período também representava os trilhos do “progresso”, contribuindo para enaltecer ainda mais a experiência urbana da modernidade (OLIVEIRA, 2013; CÂNDIDO, 2016; GONDIM, 2007). A utilização desses meios de transporte exigiu a adequação do espaço urbano na cidade para receber suas linhas, cujos traçados funcionaram como pontos de expansão da cidade de Fortaleza. Esse processo teve como consequência o surgimento de novas formas espaciais e valorização imobiliária à medida que os imóveis passaram a ter um preço mais elevado nas ruas e avenidas selecionadas para a circulação desses meios de transporte. Esse contexto progressista também foi propício para o aparecimento do automóvel, fato que demandou pavimentação e ruas mais largas que fossem adequadas a segurança e o conforto no tráfego viário (GONDIM, 2007; CARTAXO, 2016).

Por outro lado, esse processo também carregou um paradoxo na organização da cidade que se configurou num processo de exclusão na época que o estado do Ceará atravessou os períodos de longas secas, onde houve um processo migratório para a capital (Acervo Revista Instituto do Ceará, 1942). A busca pelo progresso e a almejada modernização inspirada nos moldes europeus não abarcava as populações flageladas

¹⁵ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa questões relacionadas a modernização da cidade de Fortaleza pautado nas três principais praças da capital. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática e publicado no ano de 1993.

marginais, fazendo com que estes fossem expulsos da paisagem da cidade e não utilizassem os mesmos espaços frequentados pela parte mais nobre da cidade: “O Governo proíbe que os flagelados esmolem pelas ruas e pede ao povo e às instituições de caridade que os óbulos a eles destinados sejam remetidos à Chefatura de Polícia, que lhes fará a distribuição” (Acervo Revista Instituto do Ceará, 1932). Época que sinalizou a busca de um embelezamento estético das suas ruas, avenidas e praças, retirando tudo que se mostrasse como feio, diferente, anormal e sujo, inclusive as pessoas que foram colocadas à margem e que foram insuficientemente socializadas nas leis (DAS; POOLE, 2004) como antítese de uma ordem pública, portanto, se configurando como as “rachaduras do progresso” a partir das ilusões inerentes a ele. Essas questões corroboram com o pensamento de Benjamin (1991) ao descrever sobre uma “multidão infinda, em que ninguém é bem nítido e claro para o outro, e ninguém é completamente indevassável para o outro” (BENJAMIN, 1991, p. 77 *apud* GONDIM, 2007). Nos dizeres de Fortuna (2016), as “novas ruínas” evidenciam a falência e a destruição das estruturas do mundo moderno e fazem sobressair a vulnerabilidade e o esgotamento dos valores que constituem o progresso idealizado da modernidade.

Dessa maneira, houve um controle da população no que diz respeito a assepsia dos espaços públicos e do controle dos corpos, trazendo uma nova dinâmica na utilização do espaço, pois a população que não se encaixasse nos padrões elitizados seria considerada suja e conseqüentemente, excluída. Ponte (2004) nos relata que as ruas deveriam ser limpas e os produtos deveriam ser de excelente qualidade, além disso, a classe trabalhadora precisava obedecer novas regras relacionadas às normas médicas de uso do espaço público (Jornal A República, 19 de abril de 1897; Jornal A República, 18 de novembro de 1893).

Nessa época houve o desenvolvimento de práticas que regulavam a vida social por meio de um processo de higienização e estética, inclusive como medida disciplinar através do “Código Municipal de Posturas” que refletia a forma correta de se portar na cidade moderna de Fortaleza (Jornal A República, 18 de novembro de 1893). Trechos dos arquivos (Figuras 14 e 15)¹⁶ a seguir evidenciam essas questões descrevendo as novas formas de se comportar, além de questões relacionadas a qualidade dos produtos para consumo e a higiene (asseio) que se deveria ter na cidade.

¹⁶ Os documentos representados nas figuras 14 e 15 fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal enfatizando o código de posturas municipais. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal A República no ano de 1893.

Figura 14: Código Municipal de Posturas

A CÂMARA MUNICIPAL DA FORTALEZA RESOLVE DECRETAR O SEGUINTE

CÓDIGO DE POSTURAS

PARTE SEGUNDA
SALUBRIDADE PÚBLICA

Das generos alimenticios destinados ao consumo publico

Art. 21. — Os generos destinados ao consumo publico só poderão ser vendidos nos lugares previamente designados pela Intendencia, ou com licença della. O infractor incorrerá na multa de dez mil réis.

Art. 22. — Serão multados em vinte mil réis :

§ 1.º Todos os que venderem generos alimenticios de primeira necessidade falsificados com ingredientes que não prejudiquem a saúde ;

§ 2.º Os que venderem agua, ou quaesquer outros liquidos alimenticios em vasilhas que não estejam limpas, ou sejam de metal cuja oxidação prejudique a saúde ;

§ 3.º Os que expuzerem à venda fructas não sazoadas, devendo estas ser inutilizadas pelos fiscaes.

Art. 23. — Incorrerão na multa de cincoenta mil réis, alem da perda dos generos alimenticios, que serão lançadas ao mar ou enterradas à custa do infractor :

§ 1.º Os que venderem ou expuzerem à venda qualquer genero alimenticio deteriorado ou corrompido ;

§ 2.º Os que falsificarem o genero alimenticio ou lhe misturarem substancias prejudiciaes à saúde ;

§ 3.º Os que expuzerem à venda fructas não sazoadas, devendo estas ser inutilizadas pelos fiscaes.

Art. 24. — Incorrerão na multa de cincoenta mil réis, alem da perda dos generos alimenticios, que serão lançadas ao mar ou enterradas à custa do infractor :

§ 1.º Os que venderem ou expuzerem à venda qualquer genero alimenticio deteriorado ou corrompido ;

§ 2.º Os que falsificarem o genero alimenticio ou lhe misturarem substancias prejudiciaes à saúde ;

§ 3.º Os padeiros que fabricarem pão com farinha ou agua de má qualidade ;

§ 4.º Os que expuzerem à venda pão que não esteja sufficientemente cozido e bem levdado ;

§ 5.º Os confiteiros ou quaesquer outras pessoas que pintarem os doces com oxidos, saes ou quaesquer tintas prejudiciaes à saúde.

§ 6.º Os que expuzerem à venda generos alimenticios sem as precauções indispensaveis para a sua boa e sã conservação, de modo que sejam susceptiveis de prompta e facil damnificação.

Art. 25. — As casas destinadas à venda de quaesquer generos alimenticios serão apropriadas, arrejadas e conservadas com todo o asseo, tanto no que diz respeito ao edificio como aos utensilios de que se servirem. O infractor incorrerá na multa de vinte mil réis, obrigado ainda a fechar a casa até que satisfaça plenamente a todos os requisitos deste artigo.

§ unico. Acham-se comprehendidos neste artigo os restaurantes, hotéis, casas de pasto, botequins e quaesquer vendas de comidas feitas.

Art. 26. — Os mercadores ambulantes de generos alimenticios, sob qualquer forma ou estado, são obrigados a trazer os objectos, de que se servirem na condução delles, completamente associados, e cobertos. Exceptam-se as fructas. O infractor incorrerá na multa de dez mil réis, prohibindo-se a continuação da venda até que se verifique o cumprimento deste artigo.

Art. 27. — É prohibido lançar nas fontes e nos poços publicos ou particulares substancias organicas ou immundicias. O infractor incorrerá na multa de cincoenta mil réis obrigado ainda à limpeza.

Art. 28. — É tambem prohibido vender genero alimenticio de uma qualidade e denominação por outra diversa, de modo que seja o comprador iludido, e se manifeste má fé da parte do vendedor. Ao infractor a multa de trinta mil réis.

Art. 29. — As fontes, tanques, depositos e chafarizes d'agua potavel serão conservados com todo o asseo. Ao infractor a multa de cincoenta mil réis, obrigado ainda ao fechamento delles até que sejam completamente limpos.

Art. 30. — Ninguem poderá vender agua, que não tenha sido previamente examinada pelo medico da Intendencia, e julgada por este boa para o consumo, exame que se estenderá tambem ao poço donde a mesma agua é retirada.

§ 1.º Para o fim deste artigo cada vendedor d'agua deverá munir-se de um certificado dado pela Intendencia, e o trará consigo para exhibi-lo quando exigido.

Carne verde para o consumo

Art. 31. — Fora do mercado publico ninguem poderá matar gado para o consumo publico ou particular. Ao infractor a multa de trinta mil réis.

Art. 32. — A carne que for tirada do matadouro publico, só poderá ser vendida no mercado municipal ou nos açougues licenciados pela Intendencia. Ao infractor a multa de trinta mil réis.

Art. 33. — É prohibida a venda da carne secca no mercado publico, nos açougues particulares e em quaesquer estabelecimentos commerciaes. Exceptua-se o sarque. Ao infractor a multa de dez mil réis, sendo inutilizada a carne exposta à venda.

Art. 34. — Não poderá ser abatido gado algum que esteja doente, cansado ou demasiadamente magro.

Art. 35. — A matança do gado não poderá começar antes de uma hora da tarde, salvo o destinada para a provisào de navios surtos no porto, e que tenham de partir.

Art. 36. — A carne do gado abatido será conduzida do matadouro para o mercado publico em carros apropriados da Ferro carril do Ceará, e bem assim para os açougues particulares.

Para os açougues particulares, estabelecidos em pontos em que não vão ter linhas de carris de ferro, a carne deverá ser conduzida em carros apropriados, conforme o modelo dado pela Intendencia, ou simplesmente por animais, conforme as instruções dadas pela mesma Intendencia. O infractor soffrerá a multa de quarenta mil réis.

Art. 37. — É prohibido vender-se carne de gado abatido no mesmo dia. Ao infractor a multa de vinte mil réis.

Art. 38. — Não se poderá abater gado algum, sem que tenha se demorado nos curraes do matadouro pelo menos quarenta e oito horas, com excepção do gado que for do pasto e não estiver cansado.

Art. 39. — O estado das carnes será verificado, pelo medico, antes de serem ellas conduzidas para os seus destinos, e sendo consideradas improprias para o consumo, serão immediatamente apprehendidas, lançadas ao mar, enterradas ou cremadas, segundo a determinação do dito medico, correndo todas as despesas por conta do seus respectivos donos.

Art. 40. — As visceras ou miudos do gado abatido só poderão ser retirados depois de convenientemente limpos.

Art. 41. Os carros ou os animais de condução de carne, e bem assim os seus conductores, deverão ser limpos e desinfectados.

Art. 42. Os carros ou os animais de condução de carne, e bem assim os seus conductores, deverão ser limpos e desinfectados. Ao infractor será imposta a multa de dez mil réis.

Art. 43. — Ninguem poderá abrir talhos ou açougues sem licença da Intendencia, a qual não poderá conceder a sem que se verifiquem as condições exigidas. Ao infractor a multa de cincoenta mil réis, obrigado a fechar o açougue.

Art. 44. — É prohibido cortar a machado os ossos de gado abatido para o consumo publico, devendo empregar-se para isso serrotes e facas apropriadas. Ao infractor a multa de dez mil réis.

Art. 45. — Os talhadores de carne deverão estar de camisa branca com mangas curtas e avental limpo de fazenda tambem branca que cubra a parte anterior do corpo desde o pescoço até os joelhos. O infractor pagará a multa de dez mil réis.

Art. 46. — Não poderão ser empregadas na condução, preparo e venda de carne, pessoas que soffram molestias cutaneas ou contagiosas e não forem vaccinadas. Pela violação deste artigo será multado em trinta mil réis aquelle que empregar em seu serviço pessoas naquellas condições.

A disposição deste artigo só faz extensiva aos que conduzirem, pesarem ou venderem quaesquer outros generos alimenticios.

Art. 47. — A Intendencia providenciará para que o seu medico examine diariamente o gado destinado ao consumo, na occasião de entrar para o matadouro a fim de não ser abatido o que estiver doente ou demasiadamente magro.

Art. 48. — Não é permitido vender carne verde depois de uma hora da tarde. O infractor pagará a multa de trinta mil réis e a carne que existir será apprehendida e mandada enterrar ou incinerar.

Art. 49. — As carnes que pelo seu aspecto ou cheiro indiquem principio de corrupção serão mandadas enterrar pelo fiscal, depois de ouvido o medico, incorrendo a pessoa que as expozer à venda na multa de vinte mil réis.

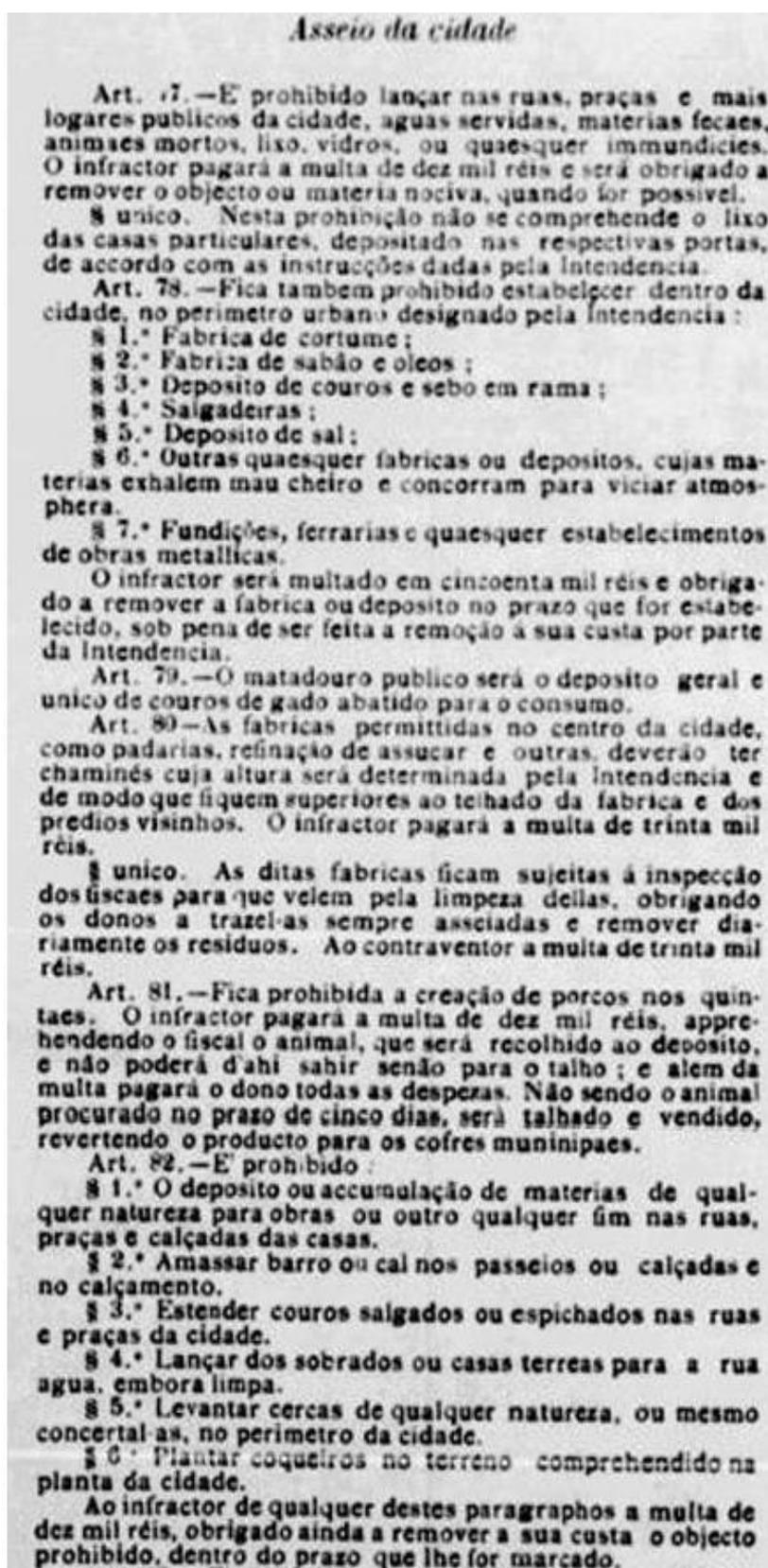
Art. 50. — Só podem ser empregados no serviço de talhar e vender carnes verdes, nos talhos ou açougues deste municipio, os individuos matriculados perante a Intendencia. Aos contraventores a multa de dez mil réis.

§ unico. Para requerer a matricula é preciso juntar a petição attestada da autoridade ou de dois cidadãos qualificados do districto de sua residencia, que abone a sua conducta e attestado medico para provar não estar comprehendido nas disposições do artigo.

Art. 51. — O talhador ou açougueiro que for encontrado a falsificar as pezas ou que se portar mal, depois de convenientemente admoestado pelo fiscal, pagará a multa de vinte mil réis e na reincidencia lhe será cassada e annullada a matricula e respectivo titulo.

Fonte: Jornal A República, 18 de novembro de 1893

Figura 15: Código Municipal de Posturas - Asseio da cidade



Fonte: Jornal A República, 18 de novembro de 1893

Todas essas questões influenciaram o processo de transformações no ambiente urbano da cidade de Fortaleza e trouxe diferentes consequências no viver citadino, trazendo impactos grandes e profundos na economia, mas também no estilo artístico, cultural, social e organizacional. Dessa forma, observa-se o desenvolvimento da cidade de Fortaleza pautado por meio das conexões entre o local e o global (o que vem de fora, ou seja, o estrangeiro). Assim, denota-se diferentes significações que transpassam o tempo e o espaço de modo a compor uma rede de práticas materializadas no contexto da organização da cidade de Fortaleza ou como menciona De Cock e O’Doherty (2016) ao enfatizar um tipo de história relacionada a algo deslocado no espaço como se essas modificações locais na cidade de Fortaleza representasse um pequeno fragmento sobre um todo maior e global pertinente as ideias de progresso oriundas da revolução científico-tecnológica na Europa e no mundo.

Diferentes autores discutem que esse momento foi belo apenas para alguns, colocando os outros nas margens da cidade, se configurando enquanto práticas de exclusão (BARROSO, 1962), como foi o caso dos retirantes que fugiam da seca e passaram a habitar a cidade de Fortaleza (COELHO, 2019). Por esse motivo, foi uma época marcada por diferentes contrastes entre o belo e o feio, o bom e o ruim, o europeu e o local, onde o diferente seria considerado anormal e por isso seria colocado a margem (DAS; POOLE, 2004), acarretando uma malha de significados paradoxais em relação as práticas de espaço na cidade de Fortaleza.

Esse processo reflete diferentes questões relacionadas à vizinhança dos “estranhos” que habitam os espaços das cidades, organizando e significando as suas territorialidades por meio das diferenças na cidade (SARAIVA, 2020) e, assim, desafiando o conceito de “normalidade” por meio das práticas urbanas higienistas que visam o “progresso” ao mesmo tempo que coloca diferentes camadas sociais em situação de desigualdade, marginalizações e segregações sociais. Benjamin (2016) ao se referir a tese 13 sobre a crítica ao progresso comenta que “foi determinada por um conceito de progresso que não levou em conta a realidade, mas partiu de uma pretensão dogmática” ou ainda “(...) o progresso, tal como o imaginavam as cabeças dos social-democratas, era, por um lado, um progresso da própria humanidade e não apenas das suas capacidades e conhecimentos”. Assim, a crítica ao progresso é o eixo condutor que reflete as modificações do capitalismo, o desenvolvimento técnico e a própria organização da sociedade (BENJAMIN, 2016).

O autor ainda se refere a essa questão descrevendo nas teses 8 e 9 sobre a exceção, onde “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra” (BENJAMIN, 2012, p. 245) e como esse progresso pode estar relacionado a ideia de ruína e barbárie. Dessa forma, o autor problematiza que esse tipo de progresso pode se converter em um totalitarismo que se transforma em regra à medida que constitui uma articulação inseparável entre progresso e barbárie, da mesma forma em que relaciona a ideia de redenção com o compromisso de uma futura felicidade que extrapole a catástrofe do presente (BENJAMIN, 2012).

No quadro 10 a seguir apresenta-se o levantamento em forma de resumo da malha de práticas que foram evidenciadas e que estão relacionadas a este tópico que discute as práticas governamentais de reforma urbana higienista.

Quadro 10: Resumo da malha de práticas governamentais de reforma urbana higienista

| Nº | Descrição da prática |
|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | A incorporação de diferentes equipamentos urbanos à cidade como os bondes, telégrafo, telefone, <i>boulevards</i> e cafés. |
| 2 | Pavimentações, iluminação pública das vias, remodelação das praças, ruas largas, novas casas no estilo de mansões e o conceito de avenidas limpas, sendo excluído tudo que fosse feio e sujo, inclusive as pessoas. |
| 3 | O Passeio Público como espaço de encontro das elites, sendo passarela de desfile, configurando-se em cenário de sociabilidades. |
| 4 | A chegada do Mercado de Ferro, o Teatro José de Alencar, a inauguração do cine Majestic, a Academia Francesa e a Padaria Espiritual. |
| 5 | A chegada do trem – nos trilhos do progresso. |
| 6 | A criação do Código Municipal de Posturas. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

No próximo item abordamos uma outra prática que está relacionada a ideia de progresso e que foi identificada nos documentos históricos. Para a elite daquela época, as práticas higienistas só poderiam ser levadas em consideração se a cidade estivesse organizada segundo os padrões modernos de gestão, dessa forma, a cidade não poderia, por exemplo, abrigar os retirantes da seca que acometeu o Ceará nessa época e foram desenvolvidas práticas de confinamento e controle social, como foram os “campos de concentração”.

4.3.1.2 Práticas governamentais de confinamento e controle social: Os “campos de concentração” no Ceará

| | | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>“No Estado do Ceará A exemplo do alemão Houve por aqui também Campo de concentração Lá era pra matar judeu Aqui o povo do sertão.</i> | <i>Sem nome, ou identidade, Chamados por numerais. Desta maneira estavam Registrados nos anais. Só se comia farinha, Rapadura nos currais.</i> | <i>Experiência que houve Somente aqui no Ceará. Que se iniciou em quinze Naquela seca de torrar Depois disso os alemães Trataram de aperfeiçoar.</i> | <i>E o povo nordestino ainda de pires na mão, espera de todos governos pro problema solução. Agora estamos na briga pela tal transposição.</i> |
| <i>Na seca de trinta e dois Criamos uns sete currais Para evitar que famintos Criassem problemas sociais E pudessem invadir Na capital seus mananciais.</i> | <i>Toda essa gente foi presa Sem ter crime praticado E para isto bastava Somente estar esfomeado. Pedir prato de comida Que seria logo enjaulado.</i> | <i>Alguns campos projetados Para abrigar duas mil pessoas Dezoito mil chegou alojár. Presos por vilões e viloads, Felizes os governantes Ainda cantavam suas loas.</i> | <i>Ceará de Terra da Luz É chamado no Brasil. Foi nosso primeiro estado Que escravatura aboliu Pra isso não foi necessário Nem mesmo usar um fuzil.</i> |
| <i>Currais foram construídos Em Senador Pompeu, Ipu, Quixeramobim e Crato, Fortaleza e Cariús. Fortaleza teve dois Otávio Bonfim, Pirambu.</i> | <i>E controlados por senhas, Pelas forças policiais. Quem entrava não saía, Senão pros seus funerais. Sessenta mil lá morreram. Nos registros oficiais.</i> | <i>Em Ipu todos os dias Morriam de sete a oito. A maioria era de fome E até por ser afoito, Nas tentativas de fugas, Pro que não havia acoito.</i> | <i>Mas a geração atual Tem que redimir o erro De governantes passados. Não permitir o desterro De seus filhos pra terra alheia e muitos acham o enterro”.</i> |
| <i>Pessoas foram confinadas Como bando de animais. Tinha a cabeça raspada Sacos de açúcar, jornais Era o que lhes serviam Como vestes mais usuais.</i> | <i>Para aqueles locais, todas Pessoas foram atraídas. Com promessas que seriam por médicos assistidas, Que teriam segurança E fartura de comidas.</i> | <i>Nas décadas posteriores, Pra mudar essa imagem, governos criaram albergues para evitar sacanagem, mesmo assim pouco funcionou pois sempre há malandragem.</i> | <i>Cordel “Campo de Concentração no Ceará” de Henrique César Pinheiro Fortaleza/Março/2008</i> |

Do ponto de vista histórico, alguns estudos e documentos iluminaram as consequências relativas aos sucessivos períodos de seca e estiagem que caracterizam o clima semiárido da região Nordeste do Brasil e, em particular, do estado do Ceará como: a carestia, a fome generalizada de grande parte da população e os grandes deslocamentos e migrações do interior do estado para a capital Fortaleza (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878; Jornal Nação, 14 de janeiro de 1932).

As próximas pistas documentais nos levaram a história que se inicia no Período Imperial com D. Pedro II (1840-1889). Nas estiagens conhecidas como a “grande seca” ocorridas entre os anos de 1877-79, D. Pedro II implementou um conjunto de projetos de engenharia, visando a construção de barragens e açudes, como o de Cedro, localizado na cidade de Quixadá na região central do estado do Ceará. Nesse período foram organizadas as primeiras construções de confinamento conhecidas como os “abarracamentos” (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878; Jornal Nação, 14 de janeiro de 1932). Caracterizados como um conjunto de choupanas que, de forma improvisada e precária, eram construídas pelos próprios migrantes nas proximidades de obras públicas em andamento, tais como, açudes, estradas e vias férreas (Acervo Portal História do Ceará, 1879). Mais tarde e durante novos períodos das secas essas práticas governamentais foram denominadas de “campos de concentração” (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916; Jornal O Povo, 16 de abril de 1932).

Diversos motivos direcionaram a escolha do Ceará como centro operacional dessas estratégias governamentais, entre estes: a devastadora seca de 1877-79, conhecida como a “Grande Seca” com a estimativa de 400 a 500 mil mortos, a seca de 1915, cenário este descrito no romance “O Quinze” da escritora cearense Rachel de Queiroz, publicado em 1930 e no clássico da literatura brasileira “Vidas Secas” (1938) de Graciliano Ramos (QUEIROZ, 1993; CÂMARA; CÂMARA, 2015) e a que ocorreu em 1932, ocasionando a total perda da safra agrícola, assim como o temor de invasões em massa para a cidade de Fortaleza dos migrantes que se retiravam do interior do estado para a capital (Jornal A Razão, 27 de outubro de 1936). Esses movimentos migratórios do Nordeste em meio à seca também foram retratados no famoso quadro de Candido Portinari, intitulado, “Os retirantes” de 1944, como evidenciado na Figura 16.

Figura 16: Quadro de Candido Portinari, “Os retirantes” (1944)



Fonte: Acervo Revista "Estudos Avançados" do Instituto de Estudos da USP (2014)

Como apresentado no item anterior, a *Belle Époque* da cidade de Fortaleza pautado no processo urbano higienista teve como consequências diferentes processos de organização da cidade. A construção de praças, ruas largas, avenidas limpas, iluminação pública e a higienização de todo esse processo acirrou ainda mais as desigualdades sociais

e marginalizações diversas. Paralelamente a época das reformas urbanas higienistas ocorreu também as grandes secas que aterrorizavam o sertão do estado do Ceará e os consequentes processos de migrações de pessoas.

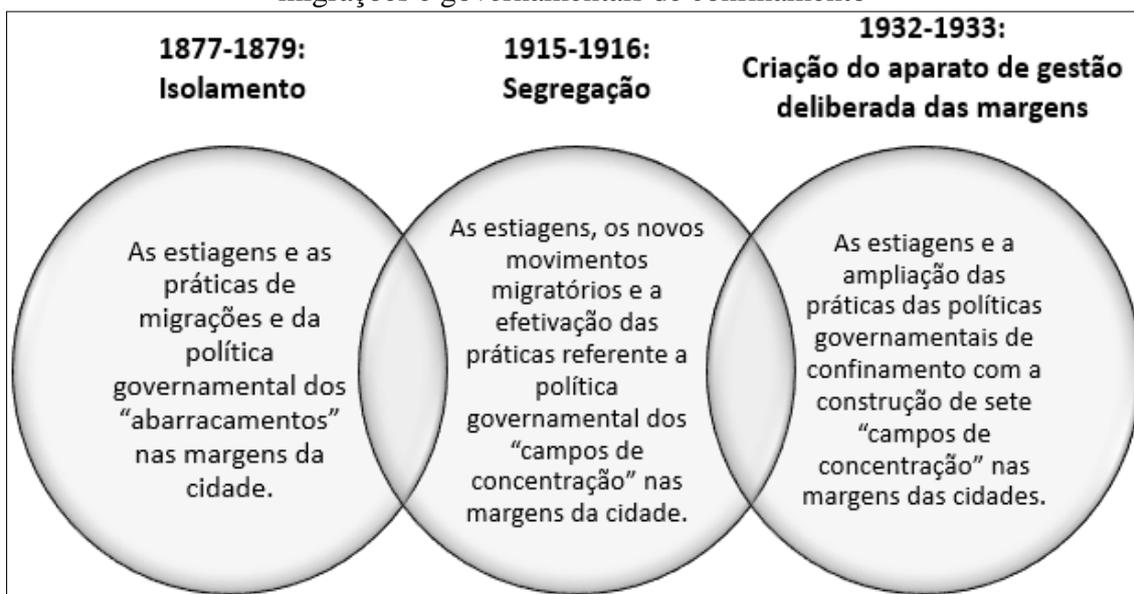
Os sertões e suas pluralidades são temas que povoam o imaginário nacional e fazem parte da história não apenas do Ceará, mas da própria história do Brasil. Foram locais definidos pelos portugueses durante o período da colonização como lugares vazios e distantes e, sobretudo, compreendidos como sinônimo de “atraso” pela elite intelectual e política. Esse conceito de lugar se estendeu para as pessoas que foram, assim como o lugar, consideradas também atrasadas por meio dos seus costumes do campo (MENONCIN, 2016).

A cada seca, inúmeros retirantes procuravam proteção e diferentes assistências nas cidades do estado do Ceará, principalmente em Fortaleza, onde foram estabelecidas biopolíticas populacionais e diferentes estratégias na consolidação do estado moderno, conectada a dispositivos de exceção. Segundo Das e Poole (2004), esse tipo de estratégia governamental tem o objetivo de manter a soberania estatal em nome de um estado emergencial (AGAMBEN, 2004), mas que se torna a regra. Dessa forma, seguindo as concepções de Benjamin (2016), a história revelou episódios de declínio enquanto uma acumulação de ruínas, não tratando da história triunfalista, mas a história do sofrimento humano ao enfatizar que o estado das coisas em que se vive deixará de ser a exceção para se tornar a regra, fazendo referência a um regime ditatorial, ferindo os aspectos democráticos relacionados a organização das margens da cidade de Fortaleza.

As práticas históricas funcionam como indícios, construindo um processo de significação referente aos seus desdobramentos (CERTEAU, 2011). Nesses termos, considerou-se que o início da história está nas margens (DAS; POOLE, 2004; GOMES, 2019). Por outro lado, o que determina o interstício entre a prática e a escrita histórica é a veiculação no relato de uma relação tática com algo que não pode ter lugar na história. Este “não lugar fundador” esboça o retorno disfarçado de um “passado estranho” e sem o qual não haveria historiografia, “determinando o interstício entre a prática e a escrita” (CERTEAU, 2011, p. 97). Dessa forma, o processo de compreensão do organizar das margens urbanas de Fortaleza expressou um “não lugar fundador de um passado estranho” relacionado às práticas governamentais de confinamento em prol de um “progresso”. Considerou-se ainda os epifenômenos de constituição desse organizar (COOPER, 1976; NAYAK; CHIA, 2011), relacionados ao fenômeno das estiagens e das práticas migratórias.

Entre as diferentes secas que ocorreram no Ceará, os jornais e relatórios oficiais¹⁷ apresentam indícios em três momentos marcantes das secas e as políticas governamentais de confinamento em diferentes períodos e recortes espaço-temporais por meio das “unidades de compreensão” (CERTEAU, 2011), conforme ilustrado na Figura 17 a seguir.

Figura 17: Recortes espaço-temporais que demarcam as estiagens e as práticas de migrações e governamentais de confinamento



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Conforme descrito na metodologia e seguindo esse processo o enredo historiográfico está apresentado a seguir nesses três recortes espaço-temporais: I) 1877-1879: Isolamento - As estiagens e as práticas de migrações e da política governamental dos “abarracamentos” nas margens da cidade; II) 1915-1916: Segregação - As estiagens, os novos movimentos migratórios e a efetivação das práticas referente a política governamental dos “campos de concentração” nas margens da cidade; III) 1932-1933: Criação do aparato de gestão deliberada das margens - As estiagens e a ampliação das práticas das políticas governamentais de confinamento com a construção de sete “campos de concentração” nas margens das cidades. Os próximos itens abordam estes diferentes aspectos.

¹⁷ Evidencia-se que não existem muitos registros oficiais que relatem detalhadamente sobre a problemática das secas e dos “campos de concentração” no Ceará, pois trata-se de uma parte da História do Ceará e do Brasil que nenhum governo cuidou de elucidar. Por este fato, existe uma grande imprecisão de números de mortes e de datas. O que se observa são algumas estimativas numéricas como evidenciados em alguns jornais de época coletados pelo pesquisador para compor a coleção documental desta pesquisa.

- **RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL I: ISOLAMENTO**

1877-1879: As estiagens e as práticas de migrações e da política governamental dos “abarracamentos” nas margens da cidade

Costa (2004) ao retratar sobre a seca de 1877-1879 na cidade de Fortaleza já remetia a história do aumento da migração da população sertaneja para a capital. A autora sustenta o argumento de que sem nenhum tipo de auxílio público e sem preparo do governo para receber essas pessoas, as práticas de reorganização urbana trouxeram diversas situações de calamidade para a cidade de Fortaleza em 1877 (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878).

Durante essas migrações a população da cidade de Fortaleza saltava, rapidamente de 20 mil para cerca de 130 mil pessoas. Mas como a “moderna” cidade de Fortaleza iria abrigar essas pessoas no mesmo momento em que passavam pela tendência de reforma urbana higienista e o culto ao progresso? Trechos do arquivo a seguir demonstram essas questões.

A miséria, substanciada nos trapos esqueléticos e na cachexia profunda dos infelizes retirantes, emergia de todos os pontos da cidade. Era que em seu seio - praças, ruas e cercanias - achavam-se acantonadas cerca de 15.000 indigentes, todos a expensas exclusivamente da caridade particular já esgotada, aguardando, ansiosos e com impaciência inquietadora de quem aspira com vehemência ver o término de seus sofrimentos, o início dos trabalhos do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité. A varíola, em virtude da grande aglomeração de emigrantes e falta absoluta de higiene entre eles, não se fez esperar; manifestou-se ameaçadora em diversos abarracamentos, sendo, porém, logo debellada, graças ao emprego de medidas enérgicas tomadas por este distrito, - mandando isolar os pestosos e desenvolver com atividade a vacinação (Relatório da Inspeção Federal das Estradas em: Benedito Genésio Ferreira - A estrada de Ferro de Baturité: 1870-1930 – Ed. NUDOC/UFC, 1989)¹⁸.

Denominamos este recorte espaço-temporal de isolamento, pois neste período inicial, para manter o isolamento e garantir a segurança, os abarracamentos foram instalados com objetivo inicial de proteção, no entanto, sob condições miseráveis e sub-humanas, as pessoas ficavam em espaços marginalizados, distantes da parte mais “nobre” da cidade de Fortaleza, pois não se adequavam nos padrões institucionais e eram apagados da paisagem urbana ao se fixar nos trópicos (Jornal Cearense, 16 de janeiro de 1879).

¹⁸ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa detalhes do aumento da população de Fortaleza e questões relacionadas as condições das aglomerações no relatório da inspeção federal das estradas. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do NUDOC/UFC publicado no ano de 1989.

Levando em consideração que o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida (BENJAMIN, 2016), essa prática de gestão foi a maneira encontrada pela população mais rica e pelo governo para manter a miséria do sertanejo retirante longe da cidade (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878). As políticas públicas focavam em práticas de saberes higienistas que tinham o objetivo de isolar e excluir os migrantes com a intenção de tranquilizar a cidade que se incomodava com a pobreza e os costumes dos retirantes (Revista do Instituto do Ceará, 11 de abril de 1932).

A prática governamental de confinamento nos “abarracamentos” teve início no mandato de João José Ferreira de Aguiar (1810-1888), presidente da província do Ceará durante o período de 24 de novembro de 1877 a 22 de fevereiro de 1878 (Acervo Digital de Fortaleza, 1920). Os “abarracamentos” eram instalados em espaços longínquos do centro da cidade, para que “os ares maléficos exalados e as doenças que neles porventura houvesse não fossem transmitidas à população da cidade de Fortaleza” (COSTA, 2004, p. 67). O governo durante alguns meses suspendeu a distribuição de passagens de trens para Fortaleza, porém essa prática não foi suficiente para deter a chegada dos retirantes, onde muitos invadiram locomotivas e foram em busca do destino tão almejado e desejado: “a cidade grande”. Para esses retirantes a vinda para Fortaleza representava o sonho de uma vida melhor, um lugar onde teriam emprego, moradia e comida (RIOS, 2014).

Sem nenhum tipo de política pública e sem preparo do governo para receber essas pessoas que fugiam da seca em busca de melhores condições de vida, as práticas de reorganização urbana trouxeram diferentes situações de calamidade para a cidade de Fortaleza em 1877 (NEVES, 2013; COSTA, 2014). A obra “A fome” de Rodolfo Teófilo publicada originalmente em 1890 reflete o relato do autor descrevendo minuciosamente a tristeza de grande seca de 1877-79, quando muitos retirantes morreram sem alimentação e água devido a situações precárias de sobrevivência.

De acordo com Costa (2014), a falta de alimentos e água no interior do estado levou a população a procurar melhores condições nas cidades litorâneas, principalmente a cidade de Fortaleza que também foi atingida pelos reflexos da seca em 1877 e assim multiplicou a população da cidade. A cidade não possuía estrutura para receber essas pessoas e os recém-chegados se alojaram em diferentes partes da cidade e seus arredores, aglomerando-se nesses “abarracamentos” (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878; Jornal Cearense, 16 de janeiro de 1879). De acordo com Souza (2015), o “abarracamento” é um conjunto de choupanas ou barracas que de forma improvisada e precária foram construídas pelos próprios retirantes da seca, sob ordem do governo, e depois utilizadas

como inspiração para a criação dos “campos de concentração”. Nesse período inicial, foram construídos quatro “abarracamentos” em geral instalados próximos as obras públicas em andamento, e assim, com a persistência da seca, novos retirantes continuavam a chegar, atraídos também pela oferta de trabalho. Essas ondas migratórias intensificavam a precária construção dos abarracamentos em diferentes espaços próximos à capital, provocando doenças epidêmicas (Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878) e trazendo medo das possíveis invasões para a população da cidade de Fortaleza (THEÓPHILO, 1922; NEVES, 1995). Com isso, novos abarracamentos foram organizados e instalados em espaços ainda mais separados, nos arredores da cidade. De acordo com Souza (2015), na seca de 1877 existiram doze “abarracamentos”, onde nove foram imediatamente derrubados após a declaração do seu fim, ficando apenas o da Tijubana e o da Jacarecanga que eram bairros mais afastados e isolados do centro da cidade na época.

Essas aglomerações e a falta de uma política sanitária trouxe diferentes problemas de saúde pública e problemas de ordem social (Jornal O Besouro, 20 de julho de 1878). A situação só piorava com a chegada de mais pessoas vindas do interior do estado, alojando-se no centro da cidade. Houve descontrole sanitário e então foi organizado inicialmente “um serviço de recepção aos emigrantes, compreendendo alojamento, socorros, tratamentos e construção de abarracamentos nas imediações da cidade” (COSTA, 2004, p. 65).

Dessa maneira, como uma medida de controle do espaço, os “abarracamentos” foram organizados e instalados em espaços separados da cidade para contenção da população e o controle das doenças (Jornal Cearense, 16 de janeiro de 1879). Era separado da cidade para não transmitir possíveis doenças ao restante da população e justificar os preceitos da modernidade da cidade que vivia o processo da *Belle Époque*. Dessa forma, foram segregados e assim não ficavam aglomerados nas praças do centro da cidade pedindo esmolas. Houve assim, um tipo de controle do espaço urbano. No documento a seguir é identificado o controle dos espaços e quantidade de pessoas.

No final de novembro de 1878, encontravam-se abarracadas nos subúrbios da capital 27.518 famílias, totalizando 114.404 pessoas, distribuídas nos seguintes abarracamentos: Meireles (11.435); São Luiz e Aldeota (10.102); Pagehu (5.996); Boa Esperança (2.476); Alto da Pimenta (20.035); Bemfica (23.750); São Sebastião (13.800); Tejubana (6.237); Alto do Moinho (9.213); Alagoa-

Secca (2.236); Jacarecanga (7.039); Via-Férrea e dos Engenheiros (2.085) (COSTA, 2004, p. 68)¹⁹.

O evento que marcou todo movimento migratório na Fortaleza de 1877 foi a “Grande Seca” dessa época que também foi acompanhada por diferentes problemas de saúde, entre esses, uma epidemia de varíola. As principais questões que assolavam a sociedade estavam voltadas as doenças que traziam os retirantes. Trechos dos arquivos (Figura 18) a seguir relatam sobre a epidemia da varíola em 1878 e as questões relativas aos abarracamentos nessa época.

¹⁹ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa questões relacionadas quantidade de pessoas nos abarracamentos espalhados em diferentes regiões. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática e publicado no ano de 2004.

Figura 18: Notícias sobre a pandemia da varíola e os abarracamentos

ANNO 39. FORTALEZA, QUINTA-FEIRA 7 DE NOVEMBRO DE 1878. N. 78.

CAPITAL E LOGARES ADJACENTES
PREÇOS ADIANTADOS
Por um anno 12000
Por seis meses 7000
Publicações a 100 réis a linha.

Publica-se diariamente, com excepção dos dias immediatos aos domingos e dias santos; as assignaturas poderão começar em qualquer dia, porém findarão sempre no ultimo de março, junho, setembro e dezembro.

SUBSCREVA-SE NO ESCRITORIO DA TYP.—PRAÇA DO FERREIRA N. 34.

INTERIOR E EXTERIOR.
PREÇOS ADIANTADOS
Por um anno 14000
Por seis meses 8000
Folha avulsa 500 réis.

PEDRO II

PEDRO II

FORTALEZA, 7 DE NOVEMBRO DE 1878.

A varíola.

Podemos assegurar que esta epidemia tendo invadido com um medonho apparato o distrito do Pajeú, a barlavento desta capital, não tem sido os infelizes retiradas, ali accometidos em numero espantoso, removidos para os lazaretos que o Governo affirmou poderem accommodar milhares de individuos.

«Cabe-nos fazer sentir á folha do Sr. José Julio que, grassando a varíola ha quasi, senão dons mezes, só ha poucos dias lembrou-se S. Exc. de mandar angumentar o lazareto da Lagoa Funda a mostrar mais dous, quando o mal, tendo já assumido proporções espantosas quanto á gravidade, já havia estendido os seus domínios até o coração desta cidade, o que talvez ter-se-hia evitado com acertadas e promptas providencias, ao manifestarem-se os primeiros casos.

Cheio á transbordar a acanhada casa da Lagoa Funda, accumulados péde-neste os doentes, contra todos os preceitos da hygiene, o maior numero de variosos alastrava os campos em redor da cidade, tendo muitos delles por unico teto um solo areoso e abrasador, onde expiravam abandonados até pelos entes que lhes eram mais caros.»

Nenhuma utilidade tinha, pois, o casebre que decoram com o nome de lazareto e onde pareceu-nos querer S. Exc. metter a humanidade inteira, á menos que não nos quizesse convencer de que lá só entrava a febre que pega, ficando cá por fora a bexiga que pega.

Ora, não podendo S. Exc., com todo o seu poder, com todas as suas baionetas, com todo o seu apparatus de fuzilagem, traçar raias ao flagello, o mais grave sem duvida dos que opprimem a especie humana, desde logo devia tratar de remover para sítio de cidade os abarracamentos que ainda se acham erguidos á barlavento, como solemos protestar contra as louvaninhas que o Governo todos os dias depois aos pés do presidente que desaja sobre este infeliz povo, não a corrução, mas a corrupção de benefícios.

A remoção desses abarracamentos, ha tanto tempo reclamada pela hygiene, e sem contestação a medida hygienica de maior alcance dentre todas as que instantaneamente pede o nosso deploravel estado sanitario.

Para desmentir a folha do governo, ali está o abarracamento do Pajeú em local demasiado insalubre, á borba de um pantano, immenso laboratório de miasmas palustres que suppré toda esta cidade em quadros espectaes, local que se acha hoje transformado em vasto foco de contagio variolico, abundante deposito de virus, continuamente lavado pelos ventos do Leste que sopra sobre nossas casias, trocando-nos até as cróstas das pitulas!

Para melhor despertar a allegria do Sr. José Julio, dedicado corpo e âma aos interesses do seu partido, quando a fome e a peste fazem do Ceará um grande deserto, trasladados para estas climas alguns esclarecimentos que, á isso pedido, fez-nos o favor de dar um distincto medico desta capital, lembrando, o mesmo tempo, a S. Exc. que muito ácima da fóra variolico de um advogado do sertão, muito ácima das exigencias dos seus insaciaveis amigos, muito ácima d'ambição desmedida de todos esses abregados da secca, muito ácima, finalmente, de qualquer, outro assumpto de que se

possa occupar o seu espirito, está a bem publico.

Mostremos o profundo abysmo que ameaça tragar-nos todos, ainda mesmo S. Exc. com suas immundidades presidenciaes.

«A varíola é, no opinio de todos os praticos, a mais grave de todas as moléstias epidemicas, não obstante a grande descoberta de Jenner; pois, a vaccina que parece ter perdido alguma coisa de sua primitiva efficacia, não pode ser considerada um prophylatico ou preventivo poderoso obstaculo á marcha da epidemia, e revaccinação não é praticada segundo os principios aconselhados pela ciencia e sancionadas pela experiencia.»

«Portanto, além d'este meio inconfundivel, principalmente si a vaccinação e revaccinação não é praticada segundo os principios aconselhados pela ciencia e sancionadas pela experiencia.»

Ninguém se pode considerar garantido contra o mal. Elle não ataca todos á um tempo e sim successivamente, de sorte que a epidemia só termina depois de 3, 4, 5 e mais mezes de estragos immensuraveis. Muitas vezes, a cruel moléstia commette em periodos diferentes individuos que juntos se haviam submettido ao primeiro contacto.

Assim é que não se pode julgar refractario, com absoluta immundidade, com uma capacidade de resistencia superior aos mais violentos embates do virus, aquelle que durante longo tempo esteve sob a influencia immediata do meio variolico, no centro mesmo do foco o mais perigoso e perquillo, para que a moléstia se produzca, de um pratico notavel, não se torna preciso apenas a causa, o germinio morbillo; é ainda necessario que a economia, que o terreno esteja preparado para recebê-lo; faz-se myster uma aptidão particular do organismo para que a concepção contagiosa tenha lugar.»

«Si á tudo quanto fica dito acrescentarmos a ferocidade do virus, a rapidez e extrema facilidade com que elle penetra o organismo, a pasmosa energia e efficacia do contagio, seja directo ou indirecto, não será difficil comprehender-se que, sem acertadas e promptas providencias, sem muita actividade e zelo daquelles que se encarregaram de velar pela saúde publica, continuarem as cousas no pé em que se acham; tendo juncto á nos, á barlavento, um tão extenso foco de infecção e contagio variolico, como ha quem assegure estar o distrito de Pajeú; finalmente, á reproduzir-se o triste e horrivel espectáculo, presenciado por pessoas que reffiriram, de doentes, semi-nús, cobertos de pustulas, lavados de pus e á gotejar sangue sobre as calçadas corram, em delirio furioso, pelas ruas mais contras da cidade não estamos longe de ver a epidemia atingir o grau assombroso, unico talvez na historia das epidemias, da que não ha muitos annos, em cinco mezes, devorou quasi toda a população indigena do Canaúá.»

Reflicta sobre estas palavras o Sr. José Julio e, desprezando-se dos braços dos amigos que o compromettam, despreze as bajulações desses especuladores que exploram á sua vaidade e fazem pacto com a cruel calamidade que ha muito nos aguieta e cada vez mais se acentua com os olhos sem conta de sua administração; pese a immensa responsabilidade que contrahiu perante Deus, sua consciencia e a socieda-

do, e o gomer pungente e incessante de suas victimas acabará por enternecer-o. Lembra-se ao menos que, si á sua posição é sagrada e inviolavel para essa multidão que enche os seus salões, que pizam os seus ricos alfombrats, não o é, com certeza, para as leis fataes e inexoraveis da natureza e que a varíola transpõe o limiar dos palacios com o mesmo pé com que entra na palhoça do desgraçado retirante.

Não é no insensu podre dos seus turpiterios que S. Ex. ha de encontrar meios de desinfectar-se e promunir-se contra a invasão da bexiga; é na vaccina, é nas meelidas acima e em que S. Ex. não pensa um só instante, quando ali estão ao alcance de qualquer cego.

A humanidade exige que S. Exc. descançe por alguns momentos o gladio politico que, no meio das miserias publicas, descarraga, frio e cruel, contra-adversarios que por unica defezta (sem os brados de um povo) que se acha cego, S. Exc. possente cravo na roda dos desperdícios, que faça melhor applicação dos ditos recursos publicos, esse enorme functionalismo da secca queca a digger a presa, volva os olhos para á indolente provincia a onde teve o parto.

As paginas da historia o esperam!

FACTOS DIVERSOS

Fallecimento.—Victima da varíola, terrivel mal que diariamente está ceitando centenas de vidas preciosas, falleceu antehontem, nesta cidade, o nosso amigo Domingos Pereira Façanha.

O fardo era affores do 2.º batalhão de fuzileiros da guarda nacional deste municipio, exerceu diversos cargos de eleição popular, e foi o unico dos varredores presentes na sessão da camera municipal *electadóra*, que collocou no seu posto de honra, não assignando vergonhosas felicitações dirigidas ao actual administrador.

Perseuava sempre ao partido conservador, sob cujo labaro militou com desinteresse e abnegação.

Era firme em suas crenças, franco, leal e dedicado aos que cultivavam as suas relações.

No centro da apostasia que tem rareado as fileiras desse partido, elle não cedeu nem á corrupção, nem ás ameaças, nem á violencia, foi o unico dos varredores presentes na sessão da camera municipal *electadóra*, que collocou no seu posto de honra, não assignando vergonhosas felicitações dirigidas ao actual administrador.

Elle, á sua infeliz consorte, e os seus desventurados filhos e sogra, um caseiro e quasi todos os seus famulos que muito o assistiam. Jamais nos seus leitões á maior parte já seoa estertoso da morte.

Parcia que a sua negra da fatalidade baixava sobre aquelle teto.

A dor, o soffrimento e affligão estavam alli estretyapados, os gemidos continuavam-se, e cada qual dos enfermos, esperava o momento da transição para a vida eterna.

Um creado foi o primeiro que se fez.

Logo, após elle, Domingos exhalou o ultimo suspiro, entregando a sua alma a Deus, e quando o cadaver de Domingos estava sendo posto no negro caixão mortuario, sua sogra expirava!

Nossa dolorosa conjectura sua cunhada teve um forte ataque que durou por muitas horas, e sua consorte ficou em estado indesejavel tendo fallecido, quasi a um só tempo

marido, mãe e um creado, a que ella, suas filhas caixeiros e famulos, parecia, não cobriam senão por instantes!

Um fanulo, de Domingos, que achava-se na rua, ao voltar para casa, encontrou-se com o esquife em que iam os restos mortaes do mesmo Domingos.

Logo que averigun que naquello caixão ia o cadaver do seu amo, enloqueceu!

Alto são os juizes de Deus, a cujos decretos devemos obedecer!

Como politicos, e como particulares, pranteamos a morte do amigo dedicado, do chefe de familia desvelado e do cidadão laborioso que deixou á sua familia—á pobresa—um nome honrado.

A Deus dirigimos uma prece pela alma do fardo, a cuja desolada familia e notadamente os nossos amigos Antonio Pereira Façanha e capitão Vicente Pereira Façanha, dignos irmãos do mesmo fardo, apresentamos as nossas condolencias.

Outro.—No dia 31 do mez findo falleceu na villa do Ipi, onde residia, o tenente Antonio Marinho Crescenciano, na idade de 54 annos, victima de febre biliosa, de que fôra accometido em viagem para Sobral.

O fardo era um dos homens notaveis do lugar, onde exerceu por vezes os cargos de delegado de policia, juiz de paz, juiz municipal e de direito interno; desempenhando-os com inextinguivel probidade.

Militou sempre nas fileiras do partido conservador, e sabia distinguirse quer per sua tolerancia nos dias felizes do partido, quer por sua constancia nos dias de adversidade.

A sua familia possuiu sentidas penas, e com especialidade a seu tio o nosso amigo capitão Vicente Ferreira de Araújo Lima.

Secretaria d'assembliã.—Pera esta repartição, fôrto nomeados: 1.º escriptario—Joachim Ferreira Braga. 2.º ditos—José Antonio de Menezes e Joaquim Pontes da França.

Commissões de soccorros.—Temos constantemente denunciado e justificado os ladroes que se dão diariamente tanto nas commissões do centro da provincia, como nas pagadorias d'esta cidade.

Temos apontado individualmente esses vergulhos dos cofres publicos, as passas insuportaveis que nos têm denunciado e presenciado os nossos escanoteados amigos mesmo do Sr. Dr. José Julio tão demonstrado com factos incontrastaveis a veracidade de nossa censura, o que tem trazido fatalmente a opprobrio dos homens de bem e julgar S. Exc. como o maior culpado de todas essas infamias e torpesses; e todo isso tem, entretanto, sido para o actual administrador o mesmo peso que se levaminhava dos vampiros e turpiteros—palacianos.

Agora mesmo sciencificamos que um filho do Sr. Miguel Maracanã, esse demoralizado que tem sido esbofetado nove vezes pelos retirados, conduzia para casa do pai um fardo de carne.

Enquanto Maracanã dava ordem de priato ao conductor, esse justificava-se publicamente: «é para casa de Yano, que seu filho manda»; responde-lhe então o velho muiacabreiro: «bem; está solto, pode levar.»

Por que o Sr. José Julio nem no menos syndica d'estes factos?

Por que tão cedo perdoo S. Exc. o pudor e horror a tas miserias?

É possível que S. Exc. sem o menor protesto tenha preferido a deshonra, a reputação duvidosa, só para entrecorrer aos olhos servindo assina de cego insensato?

É julga o Sr. Dr. José Julio que outro não affecta a todos os seus, ainda os mais extrahidos a essas infamias?

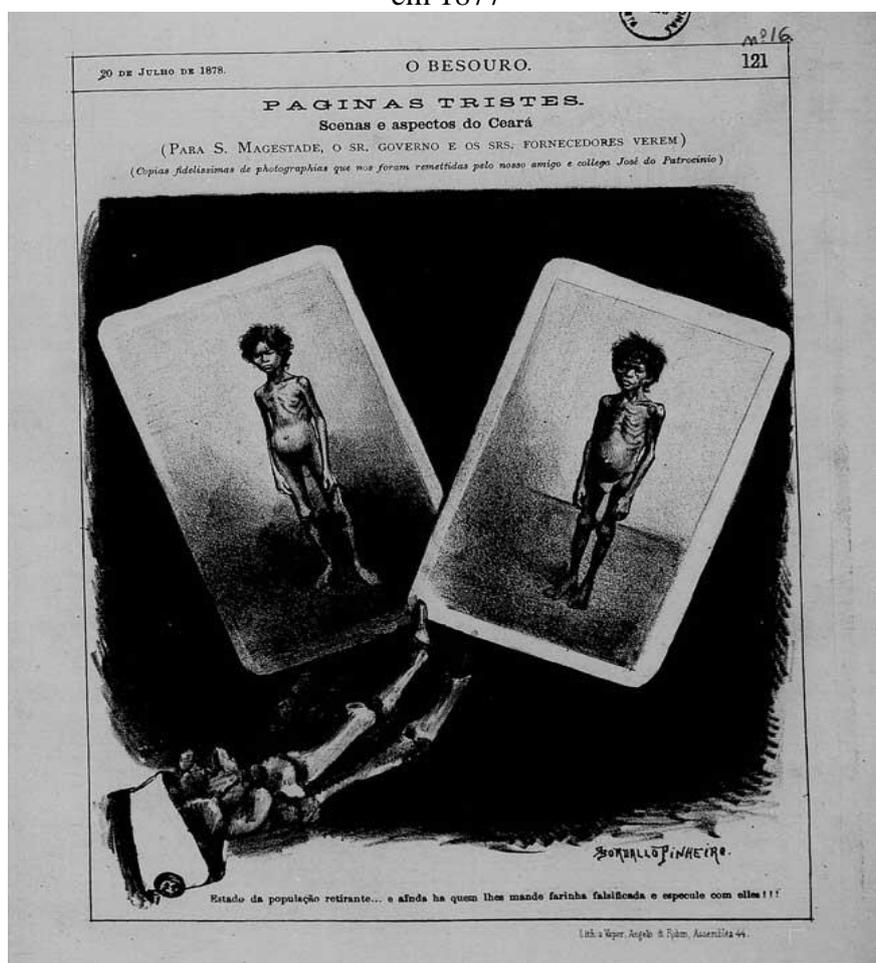
Deploramos profundamente que a torpe cubica de fortuna, e perditos interesses tenha arastado um pobre moço as fileiras dos saltadores dos cofres publicos, calculando assim o melindre da propria familia.

Fonte: Jornal Pedro II, 7 de novembro de 1878 20

20 O documento representado na figura 18 faz parte da "coleção dos documentos históricos". Representa notas de jornal enfatizando sobre a epidemia da varíola em 1978 e as questões relativas aos abarracamentos. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal Pedro II no ano de 1878.

Essa época foi marcada por diferentes problemas relacionados a diversos fatores, entre eles, a proliferação de doenças graves, maus tratos, fome, miséria (Figura 19) e a exploração de mão-de-obra (NEVES, 2013). Benjamin (2011) na “Origem do Drama Barroco”, discutiu sobre a maneira que a história tem se tornado presente na realidade sob a forma de ruínas. Para o autor, neste disfarce a história não considera a forma do processo de uma vida eterna, mas pelo contrário, assume a forma de uma decadência ao exhibir as faces da história como alegoria de uma caveira ou como a presentificação do vivo no morto. Assim, uma abordagem da ruína como remanescente e lembrete dos desastres feitos pela humanidade e dos horrores da história (De COCK; O’DOHERTY, 2016).

Figura 19: Notas de jornal registrando os problemas relacionados a seca como a fome em 1877



Fonte: Jornal O Besouro, 20 de julho de 1878 ²¹

²¹ O documento representado na figura 19 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal informando sobre os problemas decorrentes da seca como a fome, a miséria e a pobreza dos retirantes. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal O Besouro no ano de 1879.

Por conta dessas questões muitos morreram sem nenhum tipo de assistências. Como mencionado em diversos trechos dos documentos, essas pessoas eram consideradas indigentes e colocadas à margem da sociedade nesses “abarracamentos”. Trechos dos documentos (Figura 20) a seguir retratam essa questão.

Figura 20: Notícias sobre os abarracamentos e os retirantes da seca

ASSIGNATURAS
PARA CAPITAL.

| | |
|----------------------|---------|
| Um anno | 12\$000 |
| Novo mezes | 10\$000 |
| Seis mezes | 7\$000 |
| Tres mezes | 4\$000 |

PAGAMENTO ADIANTADO.
23—RUA FORMOZA—23

CEARENSE

ORGAO LIBERAL.

ASSIGNATURAS,
PARA O INTERIOR E EXTERIOR.

| | |
|----------------------|---------|
| Um anno | 14\$000 |
| Novo mezes | 11\$000 |
| Seis mezes | 8\$000 |
| Tres mezes | 5\$000 |

NUMERO AVULSO 500 RS.
ANNUNCIOS A 100 RS. A LINHA.

ANNO XXXIII. **QUINTA-FEIRA 16 DE JANEIRO DE 1879.** **N. 5**

PARTE OFFICIAL
GOVERNO DA PROVINCIA.
Tranquilidade publica.

A boa índole da população, seus hábitos pacíficos, o amor das instituições patrias e o respeito à ordem publica, não foram desmentidos durante o largo periodo que decorreu depois da ultima reunião da Assembléa Legislativa.

Nem a mudança da situação politica, nem as agitações eleitoraes que tantas vezes se repetirão, nem a socca com o seu cortejo de misérias, perturbáram a tranquillidade geral da provincia.

Um facto, porém, se deu na cidade de S. Bernardo das Russas que merece especial menção. Na noite de 20 de Junho, logo depois de alli chegar uma força de linha que sob o commando do tenente Alfredo da Costa Weyne ia em diligencia ao centro da provincia, e por occasião de passarem tres soldadões em frente do deposito de generos destinados a socorros publicos, foram disparados alguns tiros que feriram a dois d'elles.

Denunciando-se o official para tratar dos feridos, segundo allega, no dia 22 foram dous soldados agredidos e despedaçados por paizanos, que estavam postados junto à casa do juiz de direito interino Lacharel Manoel Joaquim Cavaleante d'Albuquerque, contigua ao referido deposito.

No dia 21 às duas horas da tarde, ao passarem quatro soldadões pelo mesmo logar, receberam de surpresa uma descarga de fuzilaria.

Faltou de sobre em punho elles avançaram contra os aggressores, e vindo em auxilio outras praças de linha e algumas de policia, travou-se reñida luta, atirando os soldadões para o armazem em que se aquartelavam os paizanos, e partindo da casa do juiz de direito interino e de um sobrado vizinho varios tiros contra os soldadões.

Sendo feridos alguns d'estes, os seus companheiros arrombaram à couce d'armas a porta do armazem onde estavam os paizanos; estes fugiram, deixando parte do armamento, que foi apreendido; e alguns soldadões seguindo em perseguição dos fugitivos, sahiram pelo fundo do armazem e entraram n'um quintal contiguo, onde prenderam e feriram um homem que, segundo dizem, atravessou sobre elles. Esse homem era o Juiz de Direito interino; foi conduzido para o quartel de linha, e recolhido depois à sua casa vizinha, onde esteve por 24 horas até que, com a chegada do capitão Julio Cesar da Fonseca, commandante do destacamento da cidade do Aracaty que fora a toda pressa chamado à Russas, restabeleceu-se o socego publico.

Desse conflicto resultaram alguns ferimentos e a morte d'um paizano.

Apenas chegaram ao meu conhecimento esses factos, mandei o Doutor Chefe de policia conhecer delles, recomendei ao Doutor Promotor Publico da comarca de Russas, então no gozo de licença, que reassumissem o exercicio; e ordenei ao tenente Weyne que se recolhesse a Capital para justificar-se de sua demora em Russas, e das accusações que lhe fazia o Juiz de Direito.

O Doutor chefe de policia, com muito zelo e intelligencia, procedeu a minucioso inquerito, do qual constam as causas do conflicto, e quem sejam os principaes culpados; mas não pôde formar culpa, porque incommodos de saúde impedirão o Promotor effectivo de entrar em exercicio, e o adjuncto era suspeitado de haver-se envolvido na luta.

O Tenente Weyne acata de responder a conselho de investigação.

A ausencia do Juiz de Direito e do Promotor Publico, ambos licenciados por motivo de molestia, tem dificultado a formação da culpa, não podendo outras autoridades locais, pela natureza do facto e qualidade das pessoas que nelle tomaram parte, proceder com inteira isenção e imparcialidade.

Entretanto foi logo demittido o promotor adjuncto e a autoridade policial que, de accordo com o Juiz de Direito interino, mantinha uma milicia de paizanos, assim como este foi dispensado da commissão de socorros.

Nos abarracamentos do subúrbio da capital, em que estão alojados mais de cem mil indigentes, e nas pagadorias ou depositos das commissões distribuidoras de socorros, tem-se dado alguns disturbios; mas a intervenção da autoridade ha sempre conseguido restabelecer promptamente a ordem, e conservar a cidade tranquilla.

Do dia 1.º de Janeiro de 1877 ao 1.º d'este mez, foram commettidos na provincia 430 crimes, sendo publicos 23 e particulares 407 conforme o quadro seguinte:

| | |
|------------------------------------|-----|
| Resistencia | 2 |
| Tirada ou fuga de presos | 21 |
| Homicidios | 130 |
| Tentativas d'estes | 14 |
| Ferimentos graves | 95 |
| Ferimentos leves | 43 |
| Aborto | 1 |
| Ameaça | 1 |
| Estupro | 3 |
| Furtos | 69 |
| Roubos | 49 |
| Tentativa d'este | 1 |
| Danno | 1 |

430

Confrontada esta somma com a dos crimes praticados no periodo dos 12 mezes anteriores a que se refere o Relatório apresentado a Assembléa Provincial na sessão passada, resulta uma differença para mais de 119. O acrescimo, porém, atenua-se, considerando que o periodo a que ora me refiro, é de 15 mezes.

Durante o mesmo tempo foram presos 441 delinquentes, inclusive 28 desertores, conforme o seguinte quadro:

| | |
|---------------------------------------|-----|
| De resistencia | 2 |
| De tirada ou fuga de presos | 7 |
| De homicidio | 94 |
| De tentativa d'este | 11 |
| De ferimentos graves | 71 |
| De ferimentos leves | 17 |
| De estupro | 2 |
| De injurias verbaes | 1 |
| De furto | 137 |
| De danno | 1 |
| De roubo | 69 |
| De tentativa deste | 1 |
| De deserção | 28 |

441

No Relatório do Doutor chefe de policia estão minuciosamente expostos os attentados mais graves e factos notaveis.

Por communicações recebidas nos ultimos dias tive conhecimento de que um doloroso e terrivel acontecimento se dera no sitio Tabatinga do termo de Villa Viciosa na noite de 6 do corrente mez. Em consequencia de antiga inimizade sempre agravada por novas e incandescentes questões entre Ignacio José Correia e Francisco Gonçalves da Costa, foi a casa do primeiro cercada pelo segundo e pessoas de sua dependencia, e travando-se uma luta seguida de incendio na casa de Correia, succubiram 18 pessoas da familia e parcialidade deste, e foram feridas outras do grupo de Costa.

Quando sobreveio a força publica com as autoridades já a luta tinha cessado. Treze dos criminosos foram incontinentemente presos e conduzidos à cadeia publica.

Para alli seguiu o Doutor chefe de policia afim de tomar conhecimento desses crimes de descommunal perversidade.

(Con.tinua.)

Expediente do dia 17 de agosto de 1878. sanitario da localidade, pelo que resolveu na mesma data autorisar a dita commissão a contratar o mesmo negocio em outras pagadorias id.

Fonte: Jornal Cearense, 16 de janeiro de 1879 ²²

²² O documento representado na figura 20 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal informando sobre a existência dos abarracamentos e os retirantes da seca. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal Cearense no ano de 1879.

Toda essa parte da população que esteve nos “abarracamentos” eram utilizadas para realização de obras públicas, tais como a construção de escolas, açudes, igrejas, poços, estradas e vias férreas, como por exemplo, a via férrea de Baturité. Essa estrada de ferro construída pelos retirantes em 1877 facilitou o acesso dos retirantes à capital cearense (Acervo Portal História do Ceará, 1879). Com esses trabalhos, os retirantes não ficavam na ociosidade e contribuía com políticas de enfrentamento a seca, como por exemplo, a construção dos açudes (COSTA, 2014). Por alguns anos foram utilizadas estratégias simples e pouco efetivas como a distribuição de alimentos e a distribuição de passagens pelo estado para que os retirantes retornassem aos seus lugares de origem quando as chuvas retornaram em 1879 (CASTRO, 2010), no entanto um novo período de seca chegou em 1915 e com ele todos os problemas referentes ao movimento migratório dos retirantes assolaram a cidade novamente (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916).

Até o presente momento, os acampamentos de migrantes foram chamados de “abarracamentos” (Figura 21). O surgimento dos “campos de concentração” remonta a esses “abarracamentos” para abrigar os sertanejos que fugiam da seca nessa época que vai de 1877 a 1879, no entanto, o projeto dos “campos de concentração” consolida-se apenas na seca de 1915 com o primeiro “campo de concentração” efetivo dos refugiados das secas na cidade de Fortaleza (NEVES, 2001), conforme descrito no subitem a seguir.

Figura 21: Abarracamento de uma das famílias dos flagelados em 1877



Fonte: Acervo Digital de Fortaleza (1920)²³

²³ A imagem representada na figura 121 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma das famílias dos flagelados nos abarracamentos na seca de 1877. Foi coletado no ano de 2020 no acervo digital de Fortaleza e publicado no ano de 1920.

- **RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL II: SEGREGAÇÃO**

1915-1916: As estiagens, os novos movimentos migratórios e a efetivação das práticas referente a política governamental dos “campos de concentração” nas margens da cidade

Como dito anteriormente, um novo período de estiagem ocorreu em 1915 e um conjunto de práticas começam a focar o itinerário do retirante que fugia da seca e as tentativas de confinamento impostas a ele. Dessa forma, se sucederam novos deslocamentos migratórios provocando o salto da população da cidade de Fortaleza (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916). E assim como acontecera no período anterior de 1877-1879, o organizar das práticas de confinamento eram necessárias, pois, se alardava a repetição dos temores de saques nas lojas, ocasionados pela invasão dos migrantes no centro da cidade de Fortaleza. Trechos do relato a seguir evidenciam o *modus operandi* de justificação das práticas de confinamento, acionadas pela burocracia estatal sobre a população migrante (DAS; POOLE, 2004).

As autoridades justificavam como uma espécie de proteção para milhares de flagelados da seca, mas as crônicas sugerem que buscavam evitar que se repetisse o episódio vivido na seca de 1877, quando mais de 100 mil camponeses famintos triplicaram a população da capital que, nos anos 1930, vivia na modernidade e riqueza de sua *Belle Époque*. (“Os currais de gente da seca nordestina”. Diário de Pernambuco. Publicado em 25/03/2017).

Denominamos este recorte espaço-temporal de segregação, pois as experiências da seca de 1877 em relação ao fortalecimento das políticas sanitárias e na crença de que o adoecimento estava relacionado as aglomerações fez com que surgissem políticas de segregação e controle dos corpos e assim, o poder público utilizou da estratégia já conhecida: os “abarracamentos” de 1877. Este que foi adaptado ao contexto da seca de 1915, colaborando com a institucionalização dos “campos de concentração” dos flagelados retirantes da seca e que se configuraram como um ponto de referência histórico para a compreensão do organizar das margens urbanas de Fortaleza. Nesse movimento percebemos como a exceção pode se tornar a regra das práticas governamentais de estado (DAS; POOLE, 2004), refletindo sobre o “ganho da partida” ao refletir sobre a visão da história dos opressores (BENJAMIN, 2016). Castro (2010) ao discutir sobre a trajetória dos retirantes da seca de 1915 retrata sobre as dificuldades que os retirantes enfrentaram diante de novos embates num diferente mundo do trabalho na cidade e a criação de políticas públicas de combate à seca. Rodolfo Teófilo percorreu caminhos semelhantes

com o objetivo de compreender o fenômeno da seca na cidade de Fortaleza e que culminou na publicação da obra “A fome” (1890).

Os objetivos dos “novos” campos eram os mesmos: evitar que os flagelados chegassem a cidade de Fortaleza e se misturassem com a população que ainda sentia os efeitos da reforma urbana higienista (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916). Esse cenário da seca de 1915 foi também descrito na obra “O quinze” (1930) da escritora cearense Raquel de Queiroz, onde ela descreve sobre a seca vivida na sua infância. Nesses períodos as práticas governamentais de confinamento foram atualizadas, sendo pela primeira vez utilizado o termo “campo de concentração” no ano de 1915 para se referir ao espaço de confinamento de flagelados da seca (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916). Este primeiro campo foi criado no governo do coronel Benjamin Liberato Barroso (1859-1933) que governou o Ceará entre diferentes intervalos durante os anos de 1891 a 1916 e foi instalado no Alagadiço, atual bairro São Gerardo, localizado na parte Oeste de Fortaleza, onde as pessoas confinadas viviam sob vigilância constante. Trechos dos arquivos a seguir reflete essa questão.

Em uma seca severa fez com que os sertanejos se dirigissem para as grandes cidades, desta feita o Governo do Ceará representado por Benjamin Liberato Barroso, optou por criar o primeiro "campo de concentração, no Alagadiço, ao oeste da cidade de Fortaleza, lá foram "abrigadas" mais de 8 mil almas a quem eram fornecidas alimentação sob a vigília constante de soldados. A razão para o uso desta estratégia foi os temores de invasões e saques dos flagelados da seca em Fortaleza — isso já acontecera na seca de 1877, quando sertanejos famintos invadiram a capital cearense, atemorizando a população urbana. Esse campo foi desfeito e as vítimas foram dispersadas em 18 de dezembro do mesmo ano (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008)²⁴.

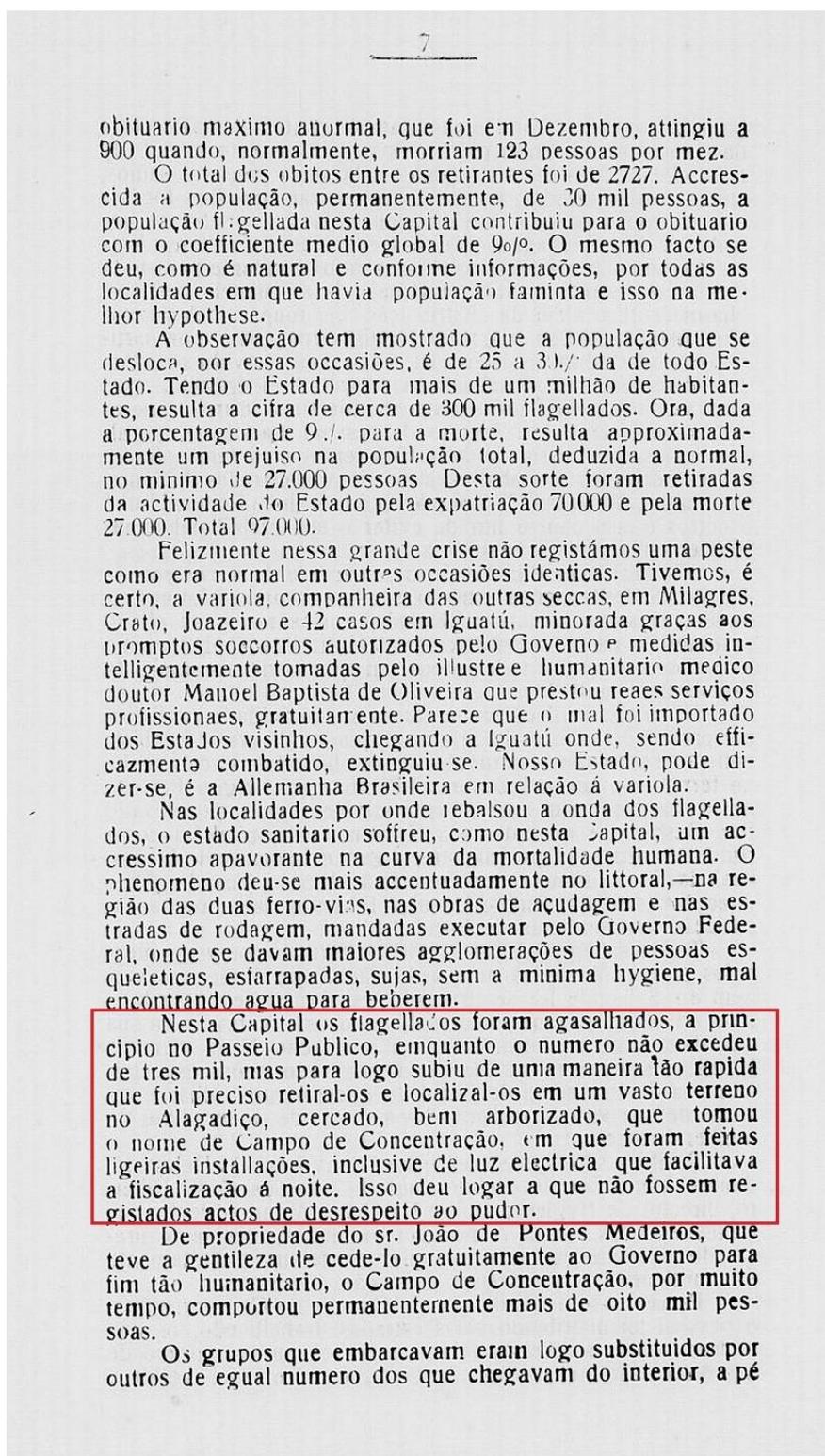
Segundo Neves (1995) e os documentos já citados no “campo de concentração” do Alagadiço ficou confinado em média oito mil habitantes em ambientes sem nenhuma condição de infraestrutura, muitas vezes ao calor do sol e relento da noite e nenhuma privacidade. Rodolfo Teófilo (1853-1932) um farmacêutico experiente no combate às epidemias urbanas da época, com seu olhar sanitarista, discordou desde o início dessa estratégia governamental de confinamento e isolamento, já prevendo o retorno dos problemas sanitários ocorridos nos confinamentos das estiagens anteriores, afirmando: “a

²⁴ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa detalhes sobre a seca de 1915 e a criação do primeiro “campo de concentração” efetivo na cidade de Fortaleza, o campo do Alagadiço. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2008.

primeira visita que fiz ao campo de concentração do Alagadiço deu-me a certeza de que em breves dias teríamos ali um campo santo” (TEÓFILO, 1982, p. 87).

O campo estava vinculado a uma obra pública e a uma situação de trabalho para atrair mão-de-obra (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2008). De acordo com os documentos consultados só cabia três mil pessoas nesse local como evidenciado no trecho jornalístico a seguir (Figura 22). Dessa forma, as condições sanitárias continuavam deploráveis e desumanas, cenário este repetido no passado desde a seca de 1877.

Figura 22: Notícias sobre o “campo de concentração” do Alagadiço



Fonte: Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (CE) – 1916 ²⁵

²⁵ O documento representado na figura 22 faz parte da “coleção dos documentos históricos. Representa detalhes sobre o campo de concentração do Alagadiço criado na seca de 1915. Está descrito nos relatórios dos presidentes dos estados brasileiros (CE) e foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no ano de 1916.

A história do opressor se repetia (BENJAMIN, 2012), no entanto, este novo contexto era ainda mais precário do que na seca de 1877, pois de acordo com Castro (2010), as pessoas ficaram amontoadas em um espaço muito mais precário de apenas quinhentos metros. Por outro lado, nessa época foram implementadas práticas e políticas de combate à seca por meio da Comissão de Obras Novas Contra as Secas (1915-1918) ligada ao Ministério de Viação e Obras Públicas (1889-1930) sob a direção do engenheiro urbanista Aarão Leal de Carvalho Reis (1853-1936). Como referido, essa comissão não estava sob o comando da Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS, mas deveria trabalhar em conjunto com ela, de maneira a complementar e acelerar as obras. A Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS estava vinculada à União na gestão do presidente da república Venceslau Braz Pereira Gomes (1868-1966) que foi o 9º presidente do Brasil no período de 15 de novembro de 1914 a 15 de novembro de 1918 (MELO, 2014).

A Comissão de Obras Novas Contra as Secas foi responsável por realizar obras que possibilitasse o escoamento da água e utilizasse a mão-de-obra dos retirantes para os manter ocupados. Essa política fez parte da estratégia de evitar as migrações e isolar os retirantes nos espaços de confinamento dos “campos de concentração” (Relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste, IFOCS, 1933). Nesses espaços de confinamento, milhares de pessoas também foram submetidas a péssimas condições de higiene, causando inúmeras doenças, tendo ocorrido a elevação da curva da mortalidade em comparação com os períodos anteriores. Dentre os problemas de saúde, a disenteria foi muito recorrente e muitas pessoas enfrentavam febre e cólicas. Trecho do jornal (Figura 23) a seguir evidencia essas questões.

Figura 23: Notícias sobre problemas de saúde no “campo de concentração” do Alagadiço

A LUCTA

Director e proprietario—**Deolindo Barreto Lima**

ANNO 2 BRAZIL—CEARA—SORRAL, 5 de Janeiro de 1916 NUM 88

ASSIGNATURAS

Em anno 78000
 Em semestre 48000
 Semestros avulsos 100
 Pagamento adiantado

Redacção e officina | trav. 7a
 Boa-vista

1916!

O anno m-fasto, calamitoso e terrivel de 1915, felizmente já passou... Já se sepultou no ovidio, esteano infeliz, levando consigo, o cortejo funebre das suas misérias e dos seus crimes!

Surgiu agnal, 6 1916, e Deus queira que tua missão, seja sanar os nossos males, curar as nossas feridas, consolar-nos das grandissimas afflições que nos abrangiam, estar-nos as nossas lagrimas, reinvencor esta natureza, polbre e ma! Vinde! Rãsgai o véo espesso que enluta o mundo, e, profundamente, espargi alegrias e amores!

Não permitais meu Deus, que este povo noibre, este povo de heróes, que neste paiz fulge e rebriha como outros tantos Sões, este povo cearense de grandezas e altivez sem rival, rapa de gigantes, de corpo de aço e coração de creanga, não permitais, digo, que por mais tempo, continue a sofrer.

A provação ja va longa! Refira de sobre nós o peso esmagador de vossa colera!

Fazi tambem cessar, esta tempesta, de tremenda que se desenreda na Europa e ameaça aiastrar-se pelo mundo inteiro!

lacuti no coração de homem, a noção do direito e do dever!

Sentor, ouvi minha humilde prece!

A A.

Nos casos de lymphatismo e rachtismo a «Emulso de Scott» é o remedio indicado. «Attesta que tenho empregado na minha clinica o preparado do Sr. Scott e nos casos de lymphatismo e rachtismo obtinto sempre optimos resultados.»

«Dr. Vicente Gomez,
 Recife, Pernambuco»

Os serviços publicos

Ainda continúa dolorosa a situação neste municipio, onde apesar de tantas promessas não foi decretado nenhum serviço de socorro publico. A estrada de rodagem d'aqui a Meruoca, que poderia prestar um grande auxilio aos famintos desta cidade, parece que a barreira sobria da policagem fez govar o projecto, apesar de se ter aqui recebido telegrammas não só da resolução do governo mandando atacar esse serviço como até da nomeação do respectivo engenheiro.

—O dr. José Lino em telegramma do Rio para a Associação Commercial de Fortaleza, declarou que os serviços de esdagem e de estrada de ferro, mesmo a despeito de inverno continuariam e que conseguiu arranjar do governo

agumento de salarios para os trabalhadores da Estrada e estava luctando para arranjar tambem para os de agades.

—No campo de concentração dos fãntos, em Fortaleza, começou a grassar nas creanças, uma epidemia de desnutria, que agora atingido aos adultos, chega a fazer 30 victimas diarias.

Patros em que Pato, de envolveu-se esta molesta que felizmente até agora se tem circunscripto na infancia, fazendo innumeras victimas.

—Recebemos a seguinte carta,—Sr. Redactor d'A Lucta. Li um edição anterior do vosso conciliado jornal, sob o titulo a «Policagem no serviço publico», que este microbio pernicioso não conseguiu penetrar no serviço de construção do Ajude Tocunduba. Não venho aqui contestar a ascripção do herico paladino da imprensa cabraleza, mas sim convillar-vos a mandar um representante secreto aos serviços de ajude Pato e certificar-se de que neste tambem, graças a circunspecto, zelo e generosidade do dr. Romulo Campos a policagem não pôde penetrar. Se os cargos mais elevados estão occupados por adeptos da politica dominante, posso garantir-vos, que foi isto muito naturalmente, mas encontram-se tambem muitos habilitados empregados, nos que o dr. Romulo dispensa a mesma attenção e delidencia que lhe são peccariats.

Convicto de que dará publicidade a estas linhas que absolutamente não foram escriptas com a tinta da bajulagem subscrevo-me seu constante leitor e grande admirador

João Maranhão Ozequiao
 Pato, 28 de Dezembro de 1915

Não temos motivo para desacreditar da palavra do misivista, mas se elle podesse nos dizer alguma coisa sobre um fornecimento que ha dias vem sendo o prato predilecto na mesa dos habilitados, ainda mais solidificava no espirito publico o que avançou acima.

CHRONIQUETAS

Não vejo falta de patriotismo

XLVIII

Num destes ultimos dias do fim do anno, numa roda (não era no «Saudos») de germanophilos e aliadofilos, houve algum por bem dizer que o Brazil devia ser anexo pela Alemanha. Houve protesto solemne e unanime e todos encheram no intransigente germanophilu um homem despedido dos sagrados sentimentos de patriotismo. Eu, como a Nature me deu dois ouvidos e apenas uma bocca, ouvi tudo e calei-me, mas como gesto de estar

Lagrimas..Risos...

[parodiando «Desalento e esperança...»]

Para a siccara e dilata angustiosa Odeimar Sôlla

Desluta terra «dos verdes mares bravios». Paiza em teus campos depauperados de verdades a sombra da morte. Não cobre as tuas campões e tapete das relvas entremeadas de flores, no mais recandito de teus bosques emudecem a musica dos ninhos, os teus regatos os teus rios, não entretelem a lila pretaada e sinosa de suas aguas nas tuas devesas, as tuas arvores nuas de folhagem estendem sobre a terra a torna esqui letica de seus galhos!

Apenas o sol te envolve na abundancia de seus raios abrasadores; apenas o ceu, como um lago azul em que não boiam espumas, se desdobra, como um pallio, sobre ti; apenas a vento com uma fugia indomavel revolve e levanta o pó e as folhas em redemoinhos pelo ar; apenas as tuas noites são mais a mais ricas de estrelas, e emquanto illu, pelas alturas, ellas refulgem n'um diluvio de luz, cá no teu seio, os teus filhos, entoados a nébias do sofrimento, deslita n'um; espasmo de dor, o rosario das lagrimas!

A poesia de teus campos mudou-se em uma nota de tristezza que, rumoreando sempre, vem contar além de teus limites a historia dolorosa de teu desalento!

E o mesmo verde mar que te beija e acaricia, ouve e confunde o marulho de suas aguas aos ais e lamentos de teus filhos que partem!

Estás sempre em primeiro logar no apoio das causas santas; cabe-te sempre ser a praticar nas duaz provas da actividade e da desidia!

E's a «terra lendaria do sofrimento e do heroismo»!

Soffres indefesa; impiedoso algemete agora a desventura, mas após a lagrima vem riso; e, o sofrimento é o caminho da redempção!

Breve ha de voltar os dias de honra; breve voltarão á tua sombra os filhos exilados; breve os teus campos, as tuas arvores, as tuas varzeas revestirão a tunica esplendissima dos verdões; breve os teus regatos, os teus rios solgarão sob o lençol das aguas; breve vibrará, em teus bosques, mais forte e viva a musica dos ninhos; breve as tuas campinas se tapetarão de flores; breve em tudo palpitará a vida!

Espera pois!

Amay Magalhães.

Santa Quitéria Novembro de 1915.

sempre ao lado do mais fraco, no meu ultimo estara de perfeito accordo com a tutela de um paiz culto para o Brazil e francamente não vejo nisto uma falta de patriotismo. Patriotismo, dia o dictionario, é o amor da Patria e amor a patria, digo eu, é dejejal-a rica, forte valente e gronde. Ora este paiz essencialmente agricola, de uma riqueza natural inestinguivel, fadado para as grandezas universaes, devido aos seus reles administradores não tem passado de uma misera colonia semi-selvagem, um millionario desperado que em quanto a esposa e os filhos passam no lar as mais duras privações elle esbanja nos theatros e nos Clubs os seus capitales com as cocotes. Ora se este bilionta tivesse a educar um povo culto, honesto e trabalhador como sem ser o yankee, o allemão, e até o francez, haviamos de vel o tribar impavido a larga estrada do progresso, educando os seus filhos no trabalho, nas sciencias e nas artes, ao invés de estarem os cearenses morrendo de fome, sendo o Ceará uma parcella do mais rico paiz do mundo. Onde, pois a falta de patriotismo ao dezer-se um tutor para este paravasco pervertido e ignorante, atrozado e indolente, que vem fazendo a mais criminosa cossa do nosso logar em destaque no concerto dos ricos e cultos paizes do globo? En só comparo o Brazil com um estroina filho de viuva, portador de uma coroa de fortuna, que carece de idoneidade para administrar e posso avançar que se lhe não derem um tutor, amanhã acabará sob a tutela da mais avilante indolencia.

Justar

DE TEZOURA EM PUNHO

Candidatura João Thomé

Da Imprensa de Fortaleza, passamos para as nossas colunas as seguintes notas:

O dr. João Thomé dirigiu ao dr. Antonio Carlos uma carta confirmando as entrevistas dadas por este á imprensa, nas quaes o illustre «leader» do governo dizia que o programma do dr. João Thomé é o mesmo traçado pela maioria da bancada, no seu manifesto publicado pelos jornaes.—Na carta que ao dr. Antonio Carlos dirigiu o dr. João Thomé, diz este: «Conto com o apoio da corrente orientada pela maioria da bancada por isso que as declarações desta coincidem nos seus pontos fundamentais com as idéas que tive a honra de expender a v. exc.»—A maioria da bancada, composta dos deputados Alvaro Fernandes, Moreira da Rocha, José Lino, Thomaz Rodri-

gues, Gustavo Barroso, Oorib de Barva e Hildebrando Albano, acaba de reunir-se para tomar uma deliberação definitiva sobre o caso da successão presidencial.

Ficou resolvido, por unanimidade de votos, que apoiaria a candidatura do dr. João Thomé á presidencia do Estado e a do dr. João Maranhão de Andrade para 2º vice-presidente.

A maioria da bancada cearense estivo no dia 9 em casa do dr. João Thomé. Os representantes cearenses applaudiram os termos da carta do dr. João Thomé ao «leader» do governo e hypothecaram apoio a candidatura do hipothecario cearense, prometendo auxiliá-lo, com toda a boa vontade, na obra de paz, tolerancia, reconstrução e regeneração de que tanto precisa o Ceará.

O dr. João Thomé respondeu comovido dizendo esperar corresponder á confiança que o Ceará inteiro lhe deposita.—Tambem esteve em casa do dr. João Thomé o dr. Correia Lima, que lhe manifestou o seu apoio, tendo do votos pela felicidade do seu governo, do qual o Ceará muito espera.

—O Directorio do Partido Republicano no Ceará se tratou com o dr. João Thomé os seguintes telegrammas:

«Fortaleza, 16.—Directorio Partido Republicano Cearense solidario mataria bancada Camara e consciã elevados sentimentos exornam vosso caracter, manifesta seu apoio vossa candidatura presidencia Estado, certo como está asseguradois felicitado nossa cara terra. Cordões saudações.

(assignado): Paula Rodrigues, Desem Olympio de Paiva, Costa Bousa e H. Firmeza.

Rio, 10.—Muito agradeço honrosos conceitos e apoio Partido Republicano Cearense minha candidatura.

Bôa vontade nossos patrios me anima tomar hombros tareta superior minha capacidade.

Cordões saudações.

(assign) João Thomé.

Trecho de uma entrevista que o deputado Moreira da Rocha concedeu á «Rua» sobre a candidatura do dr. João Thomé:

—O dr. João Thomé é capitalista e nunca se envolveu em politica. E para lhe dar uma idéa do seu caracter da grande consideração da que goza no Ceará e do nível moral, em que está collocado basta contar a V. o seguinte fact: quando o sr. Hermes injicou o nome do dr. Moura Brasil, como «tertus gaudet» entre os srs. Franco Rabello e General Bezzeril Fontelle, candidatos a presidencia do Ceará, foi convocada uma reunião dos patrios cearenses para se resolver o caso.

Fonte: Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916 26

26 O documento representado na figura 23 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal relatando sobre os diferentes problemas de saúde no campo de concentração do Alagadiço em 1915. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal A Lucta no ano de 1916.

Além dessas questões relacionadas a saúde, existiu diferentes problemas de ordem social, como por exemplo, a prostituição e o suicídio. Diante de inúmeros problemas, os retirantes recorriam a Comissão de Obras Contra as Secas em busca de trabalho e lá serviam como mão-de-obra para construção dos açudes públicos das obras contra as secas. De acordo com Câmara e Câmara (2015), o trabalho do retirante não era bem pago e muitos deles foram vistos como preguiçosos e aproveitadores de esmolas. Além disso, quando trabalhavam havia muita diferença no pagamento entre gênero, onde os homens recebiam bem mais que as mulheres e as crianças também trabalhavam.

Decorrente de tais processos, o “campo de concentração” do Alagadiço trasladou suas concepções iniciais e foi sendo substituído por um caos, fugindo totalmente dos objetivos iniciais do discurso governamental que o defendem como natural (Jornal A Lucta, 5 de janeiro de 1916) o que, de fato, foi carregado de intencionalidades ao atender os interesses daqueles que o constroem. Assim, o espaço passou a ser considerado ainda mais excluído, devido ao aumento de saques, assassinatos e elevadas taxas de suicídio na região onde o campo foi instalado. Dessa maneira, o Alagadiço passou de um espaço para atender os retirantes da seca à um campo macabro de morte e palco para diferentes problemas (CÂMARA; CÂMARA, 2015).

Travassos (2011) nos apresenta que a população da cidade de Fortaleza saltou de 65.816 habitantes em 1910 para 78.536 habitantes em 1920, cinco anos após a implantação do primeiro “campo de concentração” em Fortaleza, o campo do Alagadiço. Esse aumento pode estar relacionado ao fato de que alguns retirantes sem condições de retornar as suas origens, optaram por permanecer em Fortaleza com suas famílias após o fechamento do campo ainda em 1915.

Diferentes documentos retratam sobre essa questão ao enfatizar sobre o momento de fechamento do “campo de concentração” do Alagadiço. Um desses documentos demonstra um aglomerado de retirantes sem destino aguardando embarque para suas cidades de origem e conseqüentemente a mercê de políticas governamentais como evidenciado na Figura 24 a seguir.

Figura 24: Retirantes da seca de 1915 na Ponte Metálica em Fortaleza aguardando embarque

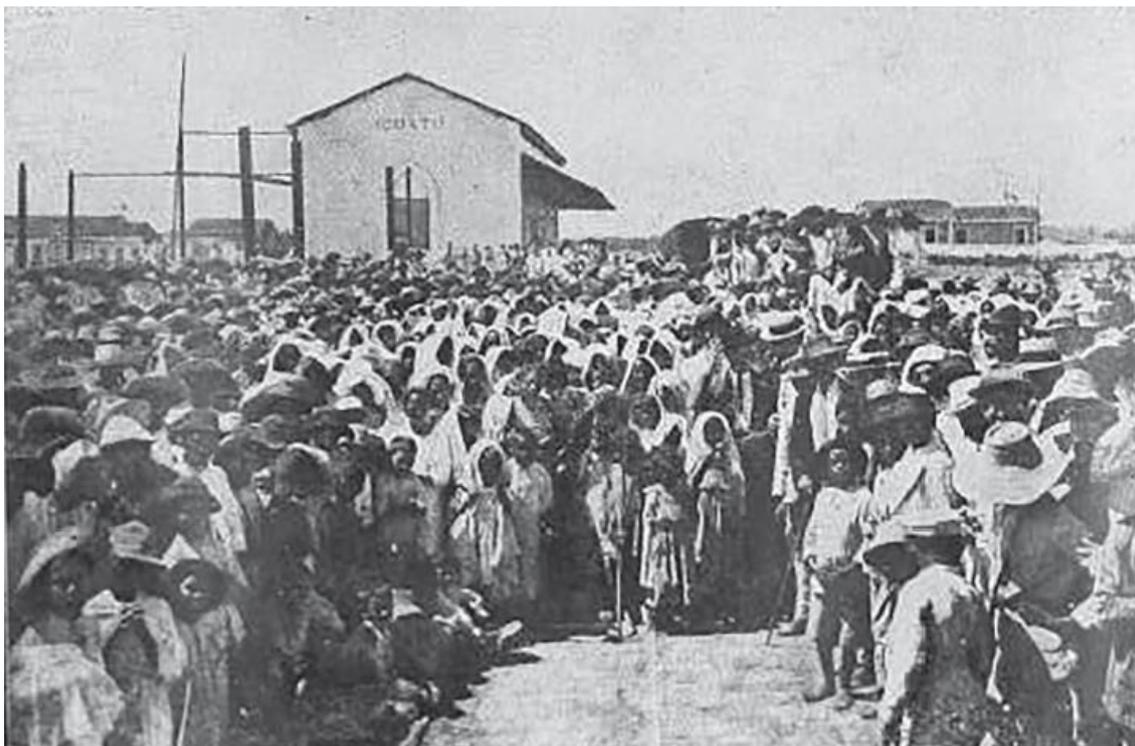


Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre (2010)²⁷

Outro indício desse momento da seca de 1915, retratando as péssimas condições dos retirantes e a calamidade das secas é uma fotografia publicada pelo deputado Ildefonso Albano, em seu trabalho intitulado “O secular problema do Nordeste” (1918), onde o autor apresenta uma imagem dos retirantes na estação ferroviária à espera de uma locomotiva que os levaria para seus lugares de origem no sertão cearense quando do fechamento do “campo de concentração” do Alagadiço (Figura 25).

²⁷ O documento representado na figura 24 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa os retirantes da seca de 1915 na Ponte Metálica em Fortaleza aguardando embarque após o fechamento do campo de concentração do Alagadiço. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2010.

Figura 25: Retirantes na estação ferroviária à espera de uma locomotiva



Fonte: Albano (1918)²⁸

O enredo historiográfico continua no subitem a seguir, onde apresentamos os processos históricos evidenciados no espaço-temporal posterior na seca de 1932 por meio da ampliação das políticas governamentais de confinamento com a construção de sete “campos de concentração” no Ceará.

- **RECORTE ESPAÇO-TEMPORAL III: CRIAÇÃO DO APARATO DE GESTÃO DELIBERADA DAS MARGENS**

1932-1933: As estiagens e a ampliação das práticas das políticas governamentais de confinamento com a construção de sete “campos de concentração” nas margens das cidades

Com a persistência das estiagens e atraídos pelas ofertas de trabalho, novas ondas migratórias se sucediam, inclusive por meio das vias férreas que ligava as cidades do interior para a capital Fortaleza. As estratégias de confinamento social, controle e

²⁸ O documento representado na figura 25 faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa as condições dos retirantes da seca de 1915 à espera de uma locomotiva para o retorno de suas cidades sem nenhum tipo de assistência. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática e publicado no ano de 1918.

iniciativas anti-migratórias para a cidade de Fortaleza ficaram conhecidas como os “currais do governo” (NEVES, 1995; 2001), sendo expandidas, sobretudo, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945). O espaço destinado ao campo do Alagadiço da seca de 1915 não foi suficiente para conter o amplo processo de migração, quando na seca de 1932 o projeto dos “campos de concentração” se consolidou de fato (Jornal O Povo, 16 de abril de 1932; Jornal O Povo, 20 de junho de 1932). Essa nova velha prática de gestão organizativa foi desenvolvida na era Vargas (1930-1945) em conjunto com o Ministério de Viação e Obras Públicas pelo governo do estado na gestão do interventor federal no Ceará, Roberto Carlos Vasco Carneiro de Mendonça (1894-1946), cuja gestão foi de 22 de setembro de 1931 a 5 de setembro de 1934.

Dessa maneira, nos idos de 1932 observamos a ampliação das práticas relacionadas ao confinamento uma vez que a estratégia de exclusão teve “resultados positivos” na visão dos governantes, quando da seca seguinte houve uma extensão de confinamento para também outras regiões do estado do Ceará (Revista do Instituto do Ceará, 1932). Paralelamente a esse processo, a questão higienista, do desenvolvimento e do aformoseamento urbano continuaram como uma tendência central na remodelação urbana da cidade a partir dos preceitos do progresso. Benjamin (2016), nostálgico do passado ao sonhar com o futuro recusa essa crença pautado num progresso que é resultado apenas do desenvolvimento da força produtiva e dos aspectos econômicos, de novas descobertas técnicas e da dominação sobre a natureza. Dessa forma, ao propor uma história a contrapelo, o autor contesta e problematiza o conceito de progresso relacionando-o como uma tempestade e uma catástrofe permanente (BENJAMIN, 2016).

Seguindo o enredo historiográfico (CERTEAU, 2011), novos retirantes chegavam em Fortaleza já em janeiro de 1932 em busca de amparo e proteção governamental. No entanto, os jornais da época noticiavam manchetes alarmantes sobre a chegada dos flagelados relacionando com assaltos e roubos por conta das experiências da seca anterior. Trechos dos arquivos²⁹ a seguir evidenciam essas questões.

Só nesta data chegam a Fortaleza, em trens especiais, mil e tantos flagelados. Foram desembarcados à altura do bairro ‘Damas’, e concentrados no Matadouro Modelo (Fonte: Revista Instituto do Ceará. Data do fato: abril/1932).

²⁹ Esses trechos documentais fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representam diferentes manchetes jornalísticas relacionadas a chegada dos retirantes em Fortaleza no ano de 1932, causando temores na sociedade que vivia na capital. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da Revista do Instituto do Ceará e no jornal O Povo, respectivamente, ambos publicados no ano de 1932.

O trem do sertão traz para Fortaleza a primeira grande leva de flagelados, os quais, em verdade, assaltaram os carros em diversas estações (Fonte: Revista Instituto do Ceará. Data do fato: abril/1932).

Nas proximidades do campo de concentração do Pirambu, vira um caminhão superlotado de flagelados. Vinte dos mesmos ficam feridos (Fonte: Revista Instituto do Ceará. Data do fato: maio/1932).

O trem do sertão, chegado com atraso de algumas horas, traz para Fortaleza cerca de 500 flagelados (Fonte: Revista Instituto do Ceará. Data do fato: junho/1932).

Fortaleza é invadida pela onda faminta (Fonte: O povo. Data do fato: abril/1932).

A cidade começou a se encher de flagelados, que em face da fome que os devora, constituem uma séria ameaça, para a tranquilidade pública (Fonte: O povo. Data do fato: janeiro/1932).

As manchetes jornalísticas (Figura 26)³⁰ apresentavam a imagem de um retirante que trazia medo ao restante da população, pois era ameaçador todas essas práticas de invasões dos trens e sérios indícios de revoltas com proporções incalculáveis. Ao mesmo tempo que a cidade ainda passava pelo culto ao progresso e todo processo de embelezamento da capital. Trechos dos arquivos a seguir evidenciam essas questões.

³⁰ O documento representado na figura 26 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal relatando sobre a forma de chegada dos retirantes na seca de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal Nação no ano de 1932.

Figura 26: Notícias sobre a chegada dos retirantes na seca de 1932

14 de Janeiro de 1932
NAÇÃO
5

Teatros e Cinenemas

A estréia, ontem, no «Moderno», do «Jazz Jonas Silva»

Constituiu um sucesso, a estréia, no MODERNO, do «Jazz Jonas Silva», ontem à noite.

O excelente conjunto de musicistas baianos, confirmando os seus créditos, executou alguns números de seu escolhido repertório, conquistando francos aplausos da seleta assistência que se encontrava em nosso principal cinema.

Ainda hoje o «Jazz Jonas Silva» será ouvido no MODERNO e, com certeza, maiores triunfos conquistará, porque esse admirável grupo de artistas musicais bem merece os aplausos do público cearense.

Na tela será passado ainda o filme sonoro «Empó as minhas costas», em ali estreado com agrado geral dos assistentes.

«Troupe Bibelot»

Mais uma vez se exhibirá no MAJESTIC, a «Troupe Bibelot», que ha dias vem ocupando o palco da Praça do Ferreira.

Altidia «troupe», tem encenado interessantes «revuettes», conquistando os mais francos aplausos da platéia.

Os srs. Oivaldo Matos, Fernando Matos e Cicero Vieira, e as sras. Elina Matos e Ana Pereira, incontestavelmente regulares artistas, têm dado aos seus papeis o melhor desempenho, mostrando serem se nhores dos segredos da arte de representar.

Para a função da noite de hoje a «Troupe Bibelot» apresentará um programa dos mais variados de seu bem organizado repertório.

Os filmes de hoje

Moderno—ds 7 1/2

Abriá o espectáculo a grande orquestra «Os Jonas Silva». EMPOA AS MINHAS COSTAS. TAS—Deslumbrante super-produção sonora com Irene Rich. A's 9 horas.

«Amor de Satan»—Lindo super-produção sonora do «Programa-Matarazzo» com a formosa «estrela» Barbara Stanwyck e Sam Hardy.

Majestic—ds 7 1/2

NA TELA

«Primeiro Premio de Charleston»—super filme em 7 partes com Alberta Vaughn.

NO PALCO

Novos numeros pela Troupe Bibelot.

Politeama—ds 7 1/2

TESTAMENTO OCULTO—sensacional romance em series, com Eileen Percy — 2 a serie em 4 partes.

São José—ds 8 hs.

«Testemunho Oculto»—Lindo e sensacional romance de aventuras com a linda «estrela» de cinema, Eileen Percy, 1 a e 2 a series em 4 partes, cada.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O sr. Natale Rossi, oportuno diretor dos serviços internos do Excelsior Hotel veio ontem pedir-nos avisassemos ao publico que de hoje em diante o preço dos ingressos no ascensor para o Americano Bar, no «Terrace» do edificio foi reduzida de 2 para 1 mil reis.

O pagamento desse ingresso dá direito a um «coupon» resgatavel em consumação no «Americano Bar».

—x—

O «Jazz band» Jonas Silva deu ontem uma nota divertida na vida cittadina.

Contratado pela empreza Luis Severiano Ribeiro, o apreciado conjunto exhibiu se no Cinema Moderno, no inicio e no intervalo da sessão cinematografica, perante uma assistência seleta e numerosissima.

O exito dos apreciados musicistas foi, como sempre, o mais completo e brilhante.

Todos os numeros executados foram devidamente aplaudidos e muito agradeceram a assistência. Fimda a sessão, o «Jazz» passou se para o elegante e bem frequentado salão da Confeitaria Cristal, onde se via reunida uma assistência numerosa e distinta que se deliciau com a magnifica execução que os componentes do conjunto dão á musica vivaz, alegre e saltitante de dansa e de canção.

Os proprietarios da Confeitaria Cristal contrataram tambem o aplaudido conjunto para tocar no salão do apreciado estabelecimento no chá concertino que all se realisará sabado proximo ds 15 horas e domingo ás 17 horas.

—x—

Da Secretaria do Interior e Justiça enviaramos o seguinte aviso:

«Para conhecimento de quem interessar possa, nenhum documento terá curso na Secretaria da Interventoria e na dos Negocios do Interior e do Justiça se não estiver devidamente legalizado, não sendo, pois, levadas em consideração as reclamações feitas por cartas.»

Naninha Frota

«Pela faixa jaguaribana a miseria já é velha, vem de longos mezes a esta parte, sendo de especial registo que a maioria dos flagelados que encontramos pervagando pelos caminhos é procedente de outros Estados, tais como os de Paraíba, do Rio G. do Norte e de Pernambuco», assim nos assegurou o nosso bondoso informante.

E rematou:

«A situação dolorosa por que vem atravessando o sertão cearense tende a cada vez mais, agravar-se com a chegada de novos retirantes, que enxameiam ás centenas dos Estados limitrozes, sem que haja, (nem poderá haver!) uma proviçencia em contrario.

Em desespero, os esfomeados, na ausencia de outros recursos, transformam-se em saltadores, não por propria inclinação mas por espirito de conservação á propria vida.

Haja vista, o que eu soube de volta a esta capital e que a imprensa local já noticiou a proposito do assalto e tomada de lardos de xarque que se «encontravam em Orós, e que se destinavam a dies mesmos flagelados.

Não poderam esperar que aquele genero alimenticio fosse distribuido oficialmente, donde se conclue que a fome tem mesmo cara de hereje e

O sertão é palco de cenas horrosas

A NARRATIVA IMPRESSIONANTE DE UM COMERCIANTE QUE PERCORREU EXTENSOS TRECHOS DO INTERIOR

Todas as cidades invadidas por ondas de famintos. — Começaram os assaltos e os roubos

De ha muitos mezes a esta parte, o sertão cearense vem oferecendo aos olhos de todos que por ali vi-jam, um espectáculo extraordinariamente lugubre e contristador.

Por efeito das longas e prejudicialissimas estiadas de ha tantos tempos, a calamidade vem de atingir, na hora presente, o seu apogeu, exuberando e transbordando nos frequentes e reiterados clamores que são ouvidos de toda parte e que a imprensa local vem, amudadamente, registrando em suas colunas, através os telegramas, transmitidos das localidades sertanejas, onde o mal se tem feito sentir com maior furia e mais intensidade.

Conceituado comerciante desta capital chegado ante-ontem do interior do Estado, onde fóra a negocios de seu particular interesse, historiou-nos, verdadeiramente emocionado, pequenissima parte de um emocionante capitulo da arrebatadora odisséa de tormentos e misérias por que vem passando esta legendaria raça de martires cearenses, impiedosamente flagelada pelo crudelissimo latego do Destino.

Aludido negociante disse-nos ter viajado á margem da Rede de Viação Cearense até José de Alencar, dali alongando se a diversas localidades da laixa jaguaribana. Declarou nos ter ficado devotamente empolgado diante de tantas e sucessivas cenas de penuria que assistiu, bem a seu contra gosto, ao longo do demorado itinerario que, por inadiavel necessidade, teve de realizar.

Viu por toda a larga extensão de terras percorridas por si e por seu arriero, leguas e mais leguas de matas completamente comburidas, orlas de estradas e caminhos frefregados por numerosos grupos de retirantes,—familias inteiras compostas de velhos tropegos e homens validos, mulheres e creanças descalças, quasi nuas, e todos eles sequiosos e famintos.

Aqui e ali um pequeno rancho de mulheres, á margem de um rio ou de um ribeirão ressequido cavendo com as mãos um pequenissimo charco da agua grossa e salobra a fim de matar a sede das creanças.

Mais além numerosas pessoas maltrapilhas e tambem famintos acercando se de uma «casa de fazer», de mãos estendidas e labios suplices solicitando uma «mão cheia» de farinha para matar a fome.

Um pouco mais adiante uma pobre mãe, á sombra de um joazeiro, dando o seio esmarrido a uma creancinha quasi cadaver.

E, derredor, varias vezes, de olhos erguidos para a copa do joazeiro esperando que mão caridosa viesse decapar alguns ramos daquela arvore bemfazeja a fim de minora-lhes a fome.

E daí, sucessivamente, gradativamente, por todos os recantos daquela enorme vastidão de campinas e de pastagens reduzidas a pó, o que se vê e o que se ouve é o clamor unisono das gentes e dos gados—pelos caminhos e pelas varzeas—ora como um murmurio blandicioso e suplicante de quem pede, ora como brado impetuoso e brutal contra a natureza revel.

EXCELSIOR HOTEL

Endereço telegrafico «EXCELSIOR»

150 vastos aposentos todos com luz e ventilação direta. Situação central e distinta a Praça do Ferreira.—Ponto de comunicação para todos os arrabaldes de Fortaleza e interior do Estado. Serviço por dois (2) rapidos elevadores «OTIS»

Água gelada em todos os andares

A Gerencia do EXCELSIOR HOTEL apresenta ao respeitavel publico sua Tabela de Preços

Aposentos

Com agua corrente, luz, telefone e refeição SOLTEIROS CASADOS

| | | | |
|---------------------|--------|---------------------|--------|
| 6 e 7. Andar Diaria | 16.000 | 6 e 7. Andar Diaria | 33.000 |
| 5. " " " | 17.000 | 5. " " " | 33.000 |
| 3 e 4. " " " | 27.000 | 3 e 4. " " " | 35.000 |

Aposentos Luxuosos

Com chuveiro, lavatorio, luz, telefone e refeições SOLTEIROS CASADOS

| | | | |
|-------------------|--------|---------------------|--------|
| 1. 2 Andar Diaria | 25.000 | 1. e 2 Andar Diaria | 40.000 |
|-------------------|--------|---------------------|--------|

Aposentos em frente ao elevador

Com chuveiro, bide, lavatorio, luz, telefone e refeições SOLTEIROS CASADOS

| | | | |
|---------------------|--------|------------------------|--------|
| 2 e 3. Andar Diaria | 30.000 | 2 e 3 Andar Diaria | 50.000 |
| 4, 5 e 7. Diaria | 25.000 | 4, 5 e 7. Andar Diaria | 40.000 |

Apartmento de luxo com sala de visita e dormitorio

(Canto para a Praça do Ferreira)

Com chuveiro, lavatorio, luz, telefone e refeições SOLTEIROS CASADOS

| | | | |
|---------------------|--------|---------------------|--------|
| 7 Andar Diaria | 32.000 | 7 Andar Diaria | 45.000 |
| 5 e 6. andar Diaria | 35.000 | 5 e 6. andar Diaria | 55.000 |
| 3 e 4 " " " | 45.000 | 3 e 4 " " " | 65.000 |

Apartmentos Luxuosos

Com quarto de dormir, sala de visita, agua quente corrente sala de banho completa, telefone e refeições SOLTEIROS CASADOS

| | | | |
|-----------------------|--------|-----------------------|--------|
| 2, 3 e 4 Andar Diaria | 60.000 | 2, 3 e 4 Andar Diaria | 90.000 |
|-----------------------|--------|-----------------------|--------|

E' Facultativo alugar qualquer aposento com ou sem refeições

Preços a combinar com a Gerencia

ATENÇÃO — Os sehores hospedes agiti estadia de mais de uma semana gozarão de uma DESCONTO ESPECIAL de 5%

Vasto e confortavel salão de restaurant Serviço á La Carta

Estado franqueado ao publico

Menu preço fixo

| | |
|--------|--------|
| Almoço | 7\$000 |
| Jantar | 8\$000 |

Americano Terraço Bar

Lindo terraço com panoramas Oceanico e Serranos a disposição dos sehores hospedes ao publico e das camras familias

Barbearia Excelsior

NOTA—Avisamos ás gentes sertanejas e distintos cavalheiros, que se acham aberta e franqueada ao publico a nossa bem instalada Barbearia

Lista de preços

| | | | |
|-------------------|--------|---------------------|--------|
| Cabelo para homem | 2\$000 | Cabelo para senhora | 2\$000 |
| Barba | 1\$000 | Manicure | 5\$000 |
| Lavagem de cabeça | 2\$000 | Manicure electrica | 8\$000 |

a necessidade não conhece meios.

Numerosos roubos têm se verificado em consideravel numero de casas comerciais e, mesmo, particulares nas principais localidades do sertão cearense.

Asseguram alguns fazendeiros e lavradores do vale do Cariri que varios grupos armados percorrem as estradas mais trafegadas comercialmente a fim de aprehorem gêmeos, para si e para os seus.

O comercio do Cedro, devido a enorme avalanche de esfomeados vindos, principalmente, das

MANCHADO

Grandes quantidades de retirantes caminhavam nas estradas do sertão com seus filhos e apenas alguns pertences em busca de uma cidade mais próxima com estação de trem. Desesperados, muitos retirantes invadiram os trens na tentativa de chegar na cidade como evidenciado no trecho do arquivo a seguir: “mais um trem fora invadido pelos flagelados no Sertão central do Estado” (O Povo, 13 de abril de 1932).

Nesse “novo e velho” contexto das secas, apenas isolar não seria suficiente. Seria preciso modificar o cotidiano do retirante, intervindo em suas práticas para disciplinar seus corpos e estabelecer diferentes critérios de organização, a exemplo do “Departamento das Secas” que tinha o objetivo de centralizar e uniformizar todos os serviços relacionados ao socorro dos retirantes (NEVES, 1995; RIOS, 2014). Segundo Neves (1995), a organização dos novos “campos de concentração” em 1932 se deu a partir de dois critérios: o primeiro relacionado a localização, onde os confinamentos seriam espalhados por todo o estado do Ceará para evitar aglomerações na capital Fortaleza e o segundo critério estava relacionado ao trabalho em obras públicas.

Conforme o Jornal A Razão (27 de outubro de 1936) e O Povo (20 de junho de 1932) foram organizados sete “campos de concentração” em todo estado do Ceará em 1932. Dois desses campos foram instalados na cidade de Fortaleza: o “campo do Matadouro” (antiga feira do Matadouro Modelo no Tauápe e atual bairro São Gerardo), onde foram encontrados mais de dois mil retirantes como evidenciado na Figura 27 e o “campo do Urubu” (atual bairro do Pirambu) na parte mais afastada da cidade de Fortaleza, mantendo uma relação paradoxal com os centros (NEVES, 1995) como observado na Figura 28 que demonstra como os campos foram instalados em espaços separados da cidade, logo nas margens urbanas. Essas questões corroboram com Das e Poole (2004) ao mencionar que o centro se constrói a partir dos diferentes entraves encontrados nas margens e vice-versa, numa relação quase mútua e de interdependência, onde a margem e o centro invocam os limites do lugar vazio e do caos para se pensar o estado como um projeto incompleto e inacabado (DAS; POOLE, 2008).

Figura 27: Notícia sobre o “campo de concentração” do Matadouro em Fortaleza

O POVO no Campo de Concentração dos Flagelados, em Tauápe

Chegaram, á noite, mais 1349 Retirantes
O Serviço de Abastecimento -- Construção de Barracas
--Cenas Impressionantes

Fez hontem uma semana que chegou a Fortaleza a primeira leva de flagelados vindos do sul do Estado e já hoje se acham abrigados na antiga feira do Matadouro Modelo e nos albergues de Otavio Bomfim e Policia Maritima cerca de 3000 infelizes victimas da seca.

Hontem, chegaram a esta capital duas composições ferro viarias trazendo retirantes.

Na primeira, que partou ás 19 horas na proximidade do Matadouro Modelo, vieram 239 pessoas e a segunda, que chegou no mesmo local pouco depois das 22 horas, conduziu 1110 flagelados.

Foram ao todo, em um só dia, 1349

Hoje, ás 14 horas, deverá chegar um outro trem especial trazendo mais de 500 retirantes.

Visita ao Campo de Concentração do Matadouro

Hoje, ás 10 horas do dia, o diretor do O POVO, acompanhando o dr. Ubirajara de Negreiros, percorreu demoradamente a antiga feira do Matadouro Modelo, no Tauápe, onde se acham concentrada mais de dois mil retirantes.

Na Lagôa de Tauápe

Quando o carro chegou á lagôa de Tauápe, vimos ali cerca de trezentas mulheres e crianças, banhando-se e lavando roupas e cêes.

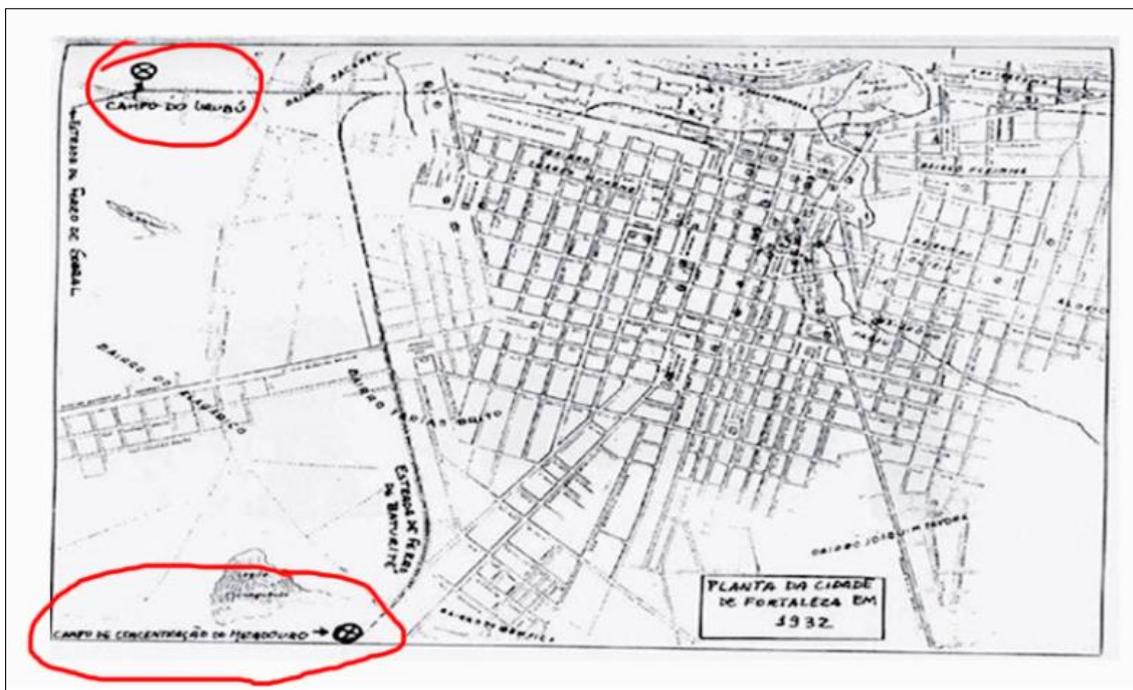
Os guardas civis vigiam a lagôa, impedindo que as pobres mulheres fossem perturbadas em seus trabalhos higienicos por curiosos.

Alguns dos guardas
 (CONT. NA PAG 8)

Fonte: Jornal O Povo, 16 de abril de 1932³¹

³¹ O documento representado na figura 27 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal noticiando diferentes questões sobre o campo de concentração do Matadouro em Fortaleza no ano de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal O Povo no ano de 1932.

Figura 28: Mapa de Fortaleza em 1932 indicando a localização das concentrações do Matadouro e Urubu



Fonte: (RIOS, 2014)³²

Segundo Rios (2014) a localização dessas duas concentrações em Fortaleza era estratégica e ficava distante do centro como observado na figura 28 acima, no entanto próximas as estradas de ferro para que os retirantes não se espalhassem na parte mais nobre da cidade. Uma das concentrações ficou às margens da estrada de ferro de Baturité e a outra próxima à estrada de ferro de Sobral. Além destes dois “campos de concentração” criado em Fortaleza, outros cinco campos foram instalados em regiões no interior do estado, nas proximidades das estações ferroviárias. Essa estratégia de construção dos campos próximo a estações ferroviárias tentava evitar a migração para capital pelas vias férreas (RIOS, 2014). A estrada de Baturité cortava o estado do Ceará de norte a sul e saindo da cidade de Fortaleza seu principal percurso seguia rumo às maiores cidades do sertão central, passando pelo Cariri, onde se localizam Juazeiro do Norte e Crato. A via também alcançava Quixeramobim e em seguida por Senador Pompeu. O único campo cujo a cidade não tinha estação ferroviária era o Cariús, mas este ficava a poucos quilômetros da estação da cidade mais próxima, o Cedro.

³² O documento representado na figura 28 faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa uma imagem do mapa da cidade de Fortaleza no ano de 1932, indicando a localização das concentrações do Matadouro e Urubu. Foi coletado no ano de 2020 no livro “Isolamento e poder Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932” de Kênia Rios (2014).

Os outros cinco “campos de concentração” foram: O “campo de Quixeramobim” localizado na cidade de mesmo nome, o “campo de Cariús” também localizado na cidade de mesmo nome e que permaneceu ativo por um ano, atingindo uma concentração de quase 29 mil pessoas. O “campo do Buriti” localizado no Crato na estrada que vai para Juazeiro e que foi o maior de todos, chegando a abrigar em média 60 mil retirantes (NEVES, 1995), o “campo do Ipú” localizado no município de mesmo nome, chegando a ficar ativo até março de 1933 e o “campo do Patú” localizado na cidade de Senador Pompeu que foi instalado na vila operária criada pelas obras de construção do açude do Patú. A quantidade de concentrados aumentou após a metade do ano de 1932. Se contrapondo aos dados documentais, segundo Neves (1995) e Rios (2014) cerca de 105 mil flagelados foram confinados nos “campos de concentração”. Os arquivos (Figuras 29 e 30) a seguir confirmam tais questões.

Figura 29: Notícia sobre registro dos “campos de concentração” até o primeiro semestre de 1932

ORAI DO DIFEREN. 20-6-32 p. 1

O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS

Pelos ultimos dados recebidos oficialmente, o efetivo de flagelados nos diversos campos de concentração deste Estado conta-se da seguinte maneira :

| | |
|-----------------------|---------------|
| Ipú | 6 507 |
| Fortaleza | 1 800 |
| Quixeramobim | 4 542 |
| <u>Senador Pompeu</u> | 16 221 |
| Cariús | 28 648 |
| Buriti | 16 200 |
| Total | 73 918 |

Com Vistas de 1. Novembro de 1932

Fonte: Jornal O Povo, 20 de junho de 1932 ³³

³³ O documento representado na figura 29 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal relatando o registro e o quantitativo de pessoas instaladas nos campos de concentração no Ceará até o primeiro semestre de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal O Povo no ano de 1932.

Figura 30: Notícia sobre a criação dos sete "campos de concentração" no Ceará

Teça-leira, 27 de Outubro de 1936

A RAZÃO

9

Luz e Agua em todo Nordeste Brasileiro!

PIONEER

Velo resolver os sonhos dourados de todos os fazendeiros e proprietários, lançando no comercio mundial os mais economicos e modernissimos motores conjugados para iluminação de:

Fazendas—Casas de Campo—Igrejas—Sítios—Mercarias—Radios, etc.

Consumo: de 4 a 5 hs. de serviço com 1 litro de gasolina, com partida automatica, pedal ou manual.

Informações e orçamento sem compromisso! Distribuidor exclusivo para o Nordeste:

HIL MORAIS

Caixa Postal—262

Fortaleza—Rua Cel. Bizerril n. 500 — Ceará



A Dignidade De Uma Administração

(Conclusão da 5a. pagina)

Para felicidade do Estado do Ceará, como do nordeste em geral, contamos todos com a boa vontade e patriotismo do Chefe do Governo Provisorio e, principalmente, com a ventura de estar à testa do Ministerio da Viação e Obras Publicas um nordestino de rija tempera, operosidade invulgar, espirito de sacrificio, sentimento de humanidade e profundo conhecimento desse terrivel flagelo que injusta e periodicamente castiga o nordeste brasileiro. E esse homem de visão larga, cujo parece desnecessario citar mas que quero ter o prazer de anunciar—Ministro José Americo de Almeida—guiou-me os passos indicando-me o caminho e as primeiras providencias salvadoras.

Em consequencia, após crear, a titulo precario, um «Departamento de Secas», pela necessidade de um aparelho administrativo organizado para executar e dirigir os serviços de socorros aos flagelados, já elevados a milhares, tratou a Interventoria de concentrar aqueles infelizes patriotas para melhormente socorrê-los como se fazia mister. Para tanto, foram creadas 7 Concentrações, depois reduzidas a 5: Burtill, no Municipio de Crato; Quixeramobim, no Municipio do mesmo nome; Patú, em Senador Pompeu; Cariris, em São Mateus; Ipiú, no Municipio do mesmo nome; Urbú e Oatvío Bomfim, no Municipio da Capital.

Com as verbas enviadas pelo Ministerio da Viação, foram, por intermedio do citado Departamento, amparadas milhares de pessoas subindo o numero de rações distribuidas à incrível cifra de **milhões**.

Sendo facil prever, portanto a vultuosa soma com que teria de lidar o novel Departamento, de admirar seria se rigoroso não fosse o criterio para escolha de seus dirigentes. Nessas condições, responsavel moral pelos destinos dos dinheiros publicos enviados pelo Governo revolucionario, apelei para o então ministro Leite de Castro, de cujo gabinete acaba de sair no sentido de ser concedido à interventoria o auxilio de alguns officiaes da Guarnição Federal, sem prejuizo de seus vencimentos militares, atendendo à situação de calamidade publica já proclamada, não apenas pelo Governo estadual, mas pelo proprio Governo central.

O que foi o trabalho surdo desses jovens officiaes, o que desperdaram de energia, o prejuizo de alguns, para a sua propria carreira, só os que têm sentimento de humanidade e patriotismo, poderão avaliar. Bastará dizer que, sem o menor conforto, atendendo dia e noite, mezes a fio, aos infelizes que não tinham hora para ingresso nos acampamentos acolhedores, se empenharam com carinho inexcedivel com o unico interesse em concorrerem para de alguma sorte minorar o alheio sofrimento: além dos vencimentos, *sem um real, recebiam ou recebiam* a titulo de diaria, gratificação ou qualquer outro, dos cofres federais ou estaduais.

Permita, por isso, meu illustre amigo, que aqui fiquem consignados os nomes desses abnegados servidores da Patria, os quais souberam ser dignos da gloriosa farda que vestem: Julio Vêras, Jehovah Motta, José Barreira, Edson Correia, Clovis de Lima Pires, José Augusto de Oliveira, João de Pinho Pereira, Eair de Alencar Moura e Luiz Marques de Souza. Os quatro primeiros, Diretores do Departamento em diferentes epochas, e os demais, dos Campos de Concentra-

ção, sem esquecer Floriano Machado, durante o tempo em que esteve na zona norte do Estado. Por esses campos passaram centenas de milhares de pessoas, e neles existia uma população permanente de aproximadamente 120.000 almas. Basta dizer que de Abril de 1932 a Abril de 1933 foram distribuidas por intermedio do Departamento de Secas, 18.946.196 rações!

Como abastecer esses campos colocados a centenas de quilômetros da Capital? Seria possível ou enão secretario da Fazenda, abandonar seus afazeres pelo fato de ser nominalmente responsavel pelos dinheiros enviados, afirm de se encarregar de compras constantemente feitas no interior? Uma unica solução encontrei e adotei tranquilamente, embora certo de que iria ferir o Codigo de Contabilidade, por cujas exigencias, muitas vezes descabidas, não poderia esperar a fome dos nossos infelizes co-irmãos.

Determinei, por isso, ao Secretario responsavel, que mediante officios da Interventoria fizesse adiantamentos ao diretor do Departamento de Secas, e, algumas vezes, diretamente aos encarregados dos campos de Concentração, para que os mesmos melhoramentos suprissem as necessidades mais urgentes.

(Continua)

DESASTRES

Na curva do S, des-graça de chôfer imprudente

Virou, hontem ás 9, 30 horas na curva do S, o caminhão 85—T—de Piauí, guiado pelo chôfer Sebastião Ferreira e de propriedade do sr. Betira Ferreira.

Entre os passageiros do referido veiculo receberam maiores ferimentos os srs. Antonio Bezerra da Silva, ajudante de caminhão, residente nas Damas e Dagoberto Almeida e Sebastião de Almeida Freire, ambos residentes a ru a da escadinha nesta capital.

Caiu do Caminhão e morreu

A's 14 horas de hontem, trafegava pelo lugar Palmeirim, no municipio de Soure, o caminhão n. 13—distrito 69, guiado pelo chôfer Josias Martins Batista.

Na carrosserie, que ia bastante carregada, viajou o sr. Raimundo Ferreira da

Cruz, solteiro, de 25 anos de idade, empregado do proprietario do referido caminhão, sr. José Alexandre e residente em capuá.

Em dado momento o infeliz rapaz esquecendo-se, caiu do carro ao chão, fraturando o craneo e tendo morte imediata.

Não tinha espaço, mas tentou passar

O onibus n. 621, da «Light», vinha hontem, do Bemfica, dirigido pelo profissional José Leonel do Nascimento, chegando na praça do Ferreira ás 9 horas.

Em frente a «A Gruta», o guaiador do veiculo avançou imprudentemente e forme declararam as testemunhas do fato para passar entre um bonde que ali estava parado e uma fila de automoveis entre os quais não havia espaço suficiente para a passagem de outro carro.

O pequeno Francisco Eduardo Men-

Pela Inspeçã Regional Do Ministerio Do Trabalho

Entre Campos Belos e Canindé

Trafegava, hontem de Canindé a esta capital um caminhão, cuja identidade não podemos adquirir, o qual virou num atropello entre Campos Belos e aquela cidade. Nada podemos explicar sobre o desastre senão que um dos passageiros recebeu no labio superior um pequeno ferimento.

Foram estes os desastres dos três ultimos dias, alem de uma virada de um motocicleta na calçada da Padaria Palmeira e uma abalroada de 2 automoveis à rua Major Facundo. Consta ainda que para os lados de Sobral foram vitimas de um grande desastre algumas pessoas, entre as quais uma moça que vinha de Fortaleza comprar o enxoval de seu casamento, tendo morrido no desastre.

Para o bem da hygiene da sua CASA instale uma

Fossa "OMS"

Farmacia São Paulo

RUA DAS TRINCHEIRAS N. 11

Farmacêutico J. Evangelista de Souza

Grande sortimento de produtos farmacêuticos nacionais e estrangeiros.

Não compre medicamentos sem consultar os seus preços

Consultorio: Dr. JOÃO BEZERRA

Consultas das 10 ás 11—Manhã. Das 14 ás 16 horaTardes-

Aos Senhores Empregadores De Fortaleza E Do Interior

O Inspector Regional do Estado, desejando evitar reclamações injustas contra a fiscalização desta Inspeçã, lembra aos senhores chefes de companhias, empresas, associações, sindicatos e firmas comerciais e industriais, que explorem qualquer ramo de negocio ou industria, inclusivamente concessões dos Governos Federal, Estadual e Municipal, que o prazo para a entrega, sem multa, da relação nominal de empregados (listados 2/3) são todos os dias, de 1.º de Setembro a 31 de Outubro. Expirado o prazo, a Inspeçã é forçada a aplicar aos infratores as multas previstas na lei, a as quais variam entre 100000 a 150000. Não havendo empregados, a relação deve ser enviada, tambem em tres vias com a declaração «Não temos empregados». A Inspeçã toda facilitara aos senhores empregadores para o cumprimento das exigencias do decreto nº 20.291, mas não dispensará as infrações à lei.

Antonio Pracianno de Souza, reclamando contra o Ceará Gas Company, ou contra o Estado do Ceará — A Junta de Conciliação e Julgamento.

Hermenegildo Rodrigues Pontes, oirives, reclamando férias contra o proprietario da casa «Canção» — Não sendo o reclamante sindicalizado — Arquivê-se.

O sr. Inspeçã Regional mandou arquivar os processos instaurados contra as firmas Teófilo Teixeira das Neves e F. Colares, de Maranguape, visto terem sido recolhidas as multas impostas por esta Inspeçã.

Antonio Brito, requerendo a restituição de uma certidão de idade — Entregue-se, mediante recibo.

Fonte: Jornal A Razão, 27 de outubro de 1936³⁴

³⁴ O documento representado na figura 30 faz parte da "coleção dos documentos históricos". Representa notas de jornal relatando também sobre a criação dos sete campos de concentração no Ceará no ano de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal A razão no ano de 1936.

Alguns fatores foram considerados estratégicos para instalação dos “campos de concentração” como foi o caso do campo do Patu em Senador Pompeu. Entre alguns fatores destaca-se a centralidade na área do estado, a presença da linha férrea que cruzava a cidade e que servia de embarque e desembarque dos passageiros e a presença de uma estrutura arquitetônica de alvenaria que nos anos de 1919 serviu de abrigo para a construção do açude do Rio Patu como uma das estratégias de enfrentamento às secas. Nesse “campo de concentração”, um dos momentos mais trágicos se deu a partir da epidemia de cólera que havia se instalado com a chegada das “chuvas do caju”³⁵, aumentando ainda mais a escala de morte diária (MARTINS, 2019). Os jornais da época noticiavam o acontecimento demonstrando a situação caótica naquela região conforme trechos do arquivo a seguir.

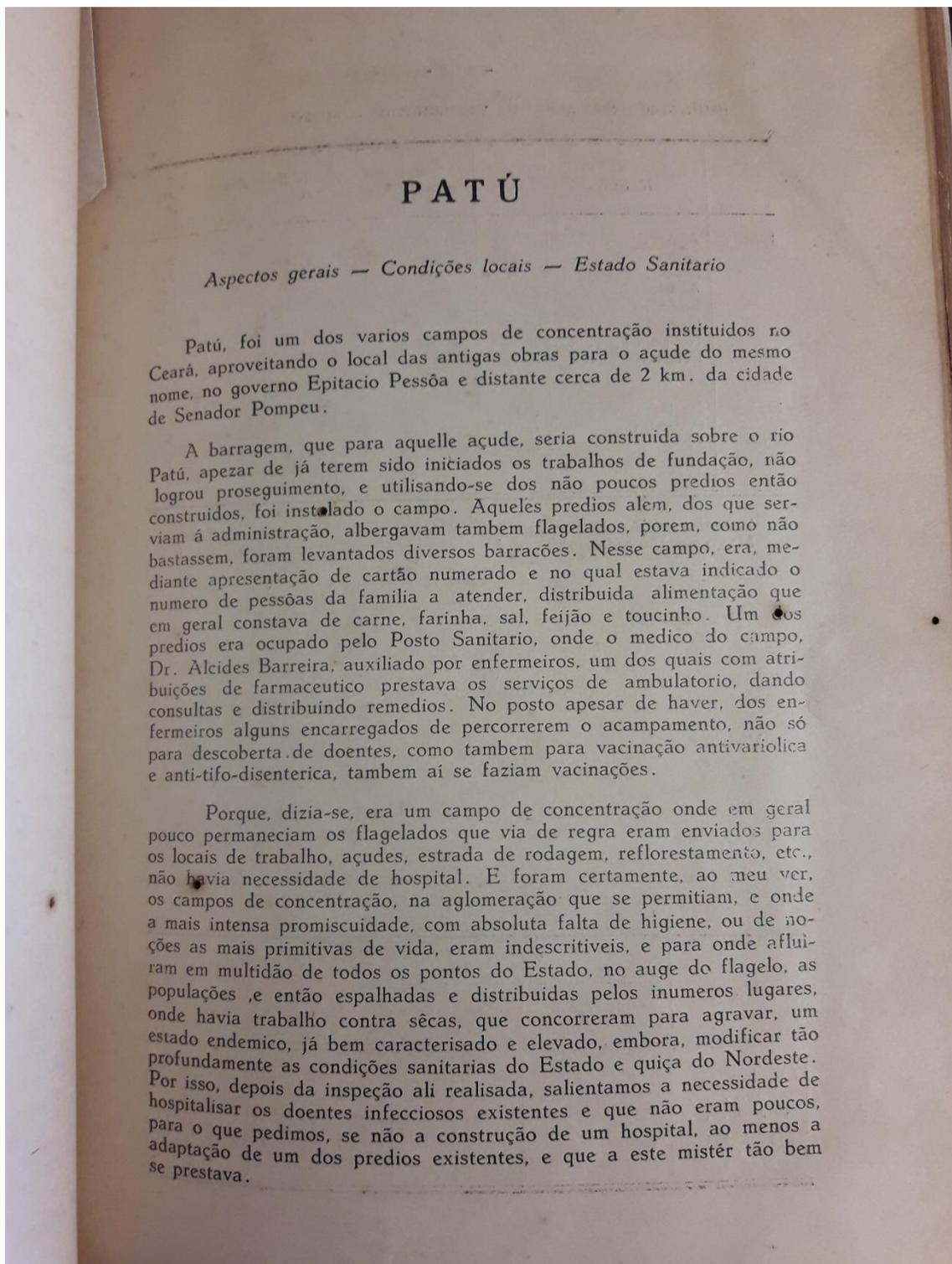
Hoje, pela manhã quando partia o trem horário de Senador Pompeu, foi o mesmo invadido por uma leva de cento e tantos flagelados, que embora em atitude pacífica, se mantiveram no firme propósito de se transportarem a esta capital (Acervo Jornal O Povo, 16/03/1932)³⁶.

O “campo de concentração” do Patu em Senador Pompeu foi apresentado e descrito em diferentes relatórios por conta do seu péssimo estado sanitário, denunciando os aspectos gerais de funcionamento e as condições locais. A Figura 31 a seguir demonstra essas questões, além de evidenciar a existência do “campo de concentração” que naquela cidade foi instalado.

³⁵ A famosa “chuva do caju” é um fenômeno que acontece por causa da frente fria que vem do Sul do país. Elas se encontram com as altas temperaturas e podem causar as chuvas. O fenômeno das precipitações nesta época do ano ficou conhecido pelos cearenses como “chuva do caju”, por coincidir com o período da colheita do caju e de sua fruta, a castanha. As chuvas são fracas, acontecem na madrugada e início da manhã e tem pouco tempo de duração.

³⁶ Esses trechos documentais representados no arquivo fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa o contexto caótico dos flagelados se refugiando na cidade de Senador Pompeu. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do jornal O povo referente ao ano de 1932.

Figura 31: Evidencias sobre o “campo de concentração” do Patú



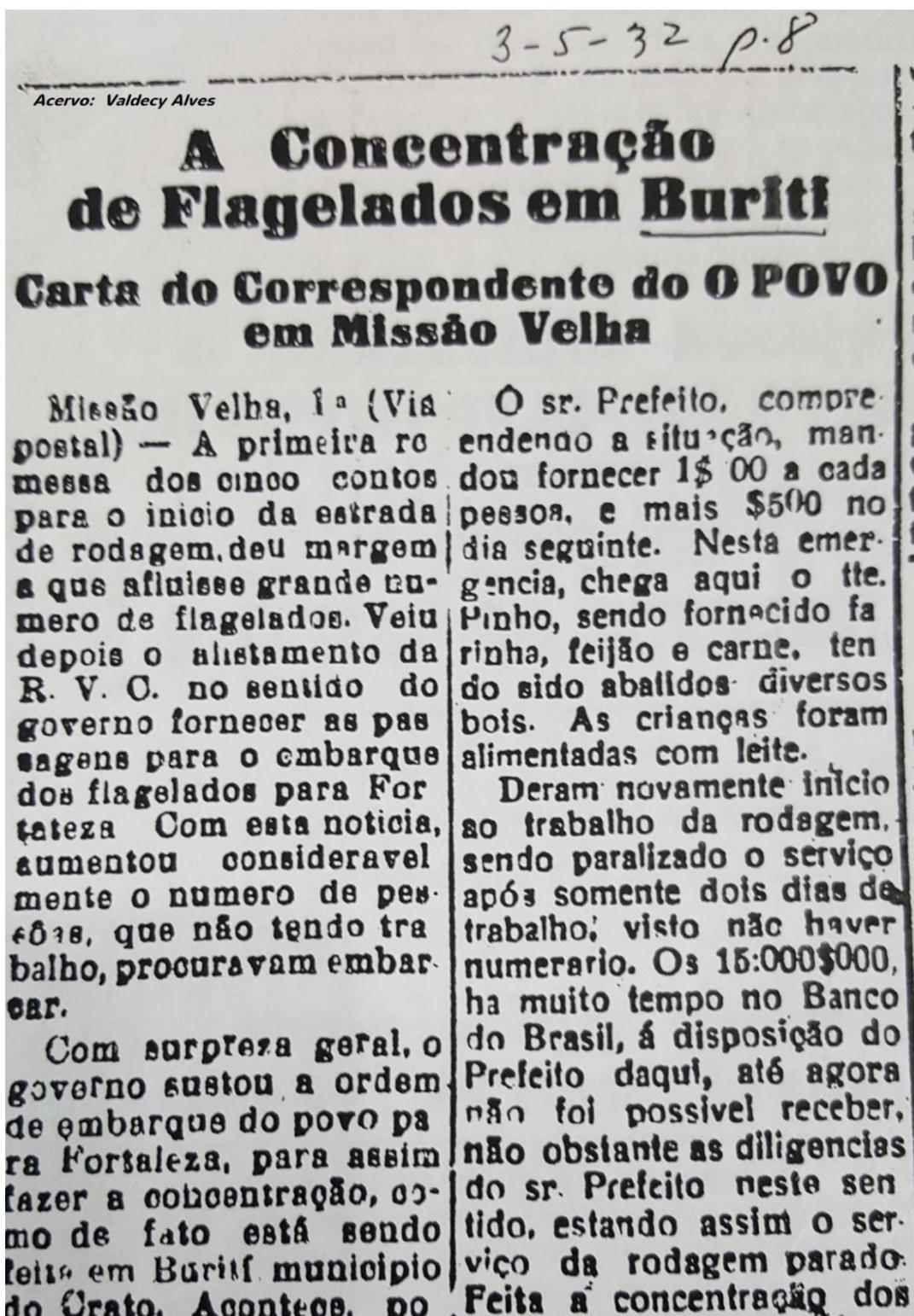
Fonte: Relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste, IFOCS (1933) – Acervo do DNOCS ³⁷

³⁷ O documento representado na figura 31 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa diferentes questões relacionadas ao campo de concentração do Patú criado na cidade de Senador Pompeu. Foi coletado no ano de 2020 por meio do relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste (1933) no acervo do DNOCS publicado no ano de 1933.

No que diz respeito ao “campo de concentração” do Buriti, localizado na cidade do Crato, foram escassos os documentos referentes especificamente a esse campo, no entanto menciona-se que o objetivo era confinar os retirantes que vinham não apenas do Ceará, mas também os retirantes vindos de outras partes do Nordeste como da Paraíba e de Pernambuco. De acordo com Neves (2001) esse campo foi o que concentrou mais retirantes, pois “chegou a abrigar quase 60 mil³⁸ pessoas – representando um gigantesco esforço de organização, que tinha seu contraponto nas ações violentas das multidões de retirantes que ameaçavam tomar em suas mãos a resolução de suas aflições” (p. 110). Em termos de evidencia, o documento representado na Figura 32 a seguir relata sobre a existência do campo do Buriti no Crato.

³⁸ Esse número de flagelados no campo de concentração do Buriti no Crato variou bastante na consulta dos escassos documentos. Alguns trabalhos de dissertação e artigos revelam a quantidade de 60 mil flagelados, no entanto alguns jornais da época revelam uma quantidade de 16.200 retirantes conforme demonstrado na figura 21. Essa imprecisão de dados demonstra diferentes conflitos de interesse e de informações sobre a história dos campos de concentração no Ceará.

Figura 32: Evidências sobre o “campo de concentração” do Buriti no Crato



Fonte: Acervo Jornal O Povo, 3 de maio de 1932 ³⁹

³⁹ O documento representado na figura 32 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa notas de jornal relatando detalhes sobre o campo de concentração do Buriti no Crato criado na seca de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo da hemeroteca digital e publicado no jornal O Povo no ano de 1932.

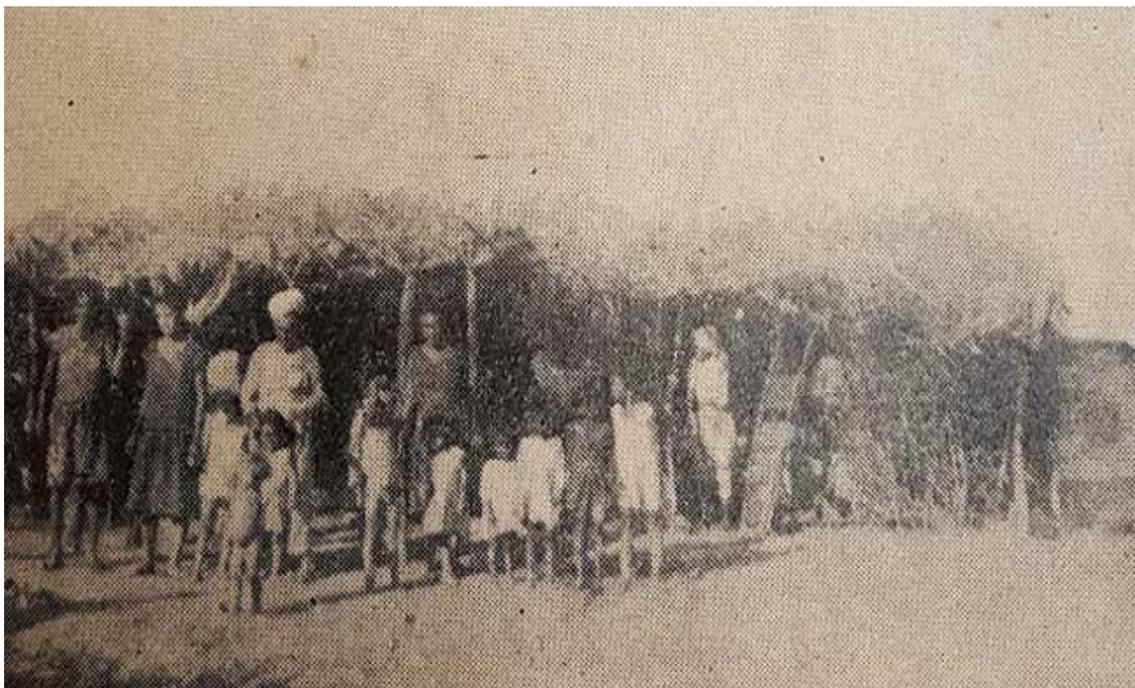
De acordo com Albuquerque Filho (2015), o “campo de concentração” do Buriti no Crato era bem estruturado e hierarquizado, o que possibilitava a divisão dos funcionários organizados por funções específicas, contendo um diretor geral, três médicos e quatro auxiliares, dez chefes de barracões, um fiscal geral, um capelão, um almoxarife, dois comandantes da guarda, três guardas de higiene e um encarregado do serviço de viscerotomia⁴⁰.

Uma questão relevante se observa nesse campo relacionado a distribuição de alimentos e corrupção, pois havia desvio da carne concedida aos concentrados e quem, por ventura, fosse chamado para receber o alimento e não comparecesse, não importando o motivo, “ perderia a ração diária. Quem furtasse alimento era reprimido – preso na cadeia dentro ou fora do campo de concentração e quem fizesse motins ficaria sem comer” (ALBUQUERQUE FILHO, 2015, p. 110).

Assim como nos outros campos também houve muita mortalidade e, segundo Albuquerque Filho (2015), as pessoas que eram encontradas mortas foram levadas de carrinho de mão para um cemitério dos flagelados do tipo valas coletivas que ficava a 300 metros do “campo de concentração” e eram enterradas de montes, onde no tempo presente existe um campo de futebol e nenhuma referência/memória ao que lá ocorreu na seca de 1932. Sem pistas desse passado, o bairro mudou de nome para Muriti como é conhecido nos dias atuais. A Figura 33 a seguir é um dos poucos registros encontrado pelo autor desta tese sobre o “campo de concentração” do Buriti no Crato na seca de 1932.

⁴⁰ Viscerotomia é uma técnica médica que consiste na retirada de trechos de órgãos internos, geralmente após a morte, para exames e diagnósticos. Criado por médicos norte-americanos após a epidemia que assolou o Rio de Janeiro e o Nordeste do país no final da década de 1920, o viscerótomo permitiu a simplificação dos procedimentos de coleta de fragmentos do fígado de pessoas que morreram com fortes sintomas da febre amarela.

Figura 33: Registro do “campo de concentração” do Buriti, Crato-CE



Fonte: Arquivo Nacional (1932)⁴¹

Em relação aos “campos de concentração” de Cariús, Ipu e Quixeramobim foram encontradas também poucas informações disponíveis durante a pesquisa. O campo de Cariús se manteve em atividade durante um ano que foi desde maio de 1932 até abril de 1933. O campo do Ipu estava organicamente relacionado as obras de prolongamento na estrada de ferro de Sobral, chegando a concentrar mais de sete mil retirantes em julho de 1932, no mesmo mês que o jornal *O Povo* anunciava precocemente sua extinção pelo governo, o que de fato acabou acontecendo somente no ano posterior em março de 1933 (NEVES, 1995). Já o campo de Quixeramobim instalou-se no canteiro de obras do antigo açude de Quixeramobim, chegando a concentrar quase cinco mil pessoas e teve uma duração de apenas três meses que foi de abril a junho de 1932 quando os retirantes foram transferidos para a construção do açude Choró Limão na cidade de Quixadá. Diferentes documentários são encontrados na rede do YouTube e um deles faz menção ao campo de Quixeramobim e de Ipu como demonstrado na Figura 34 a seguir.

⁴¹ O documento representado na figura 33 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma fotografia do campo de concentração do Buriti na cidade do Crato em 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Arquivo Nacional publicado no ano de 1932.

Figura 34: Documentário sobre os “campos de concentração” de Quixeramobim e de Ipu



Fonte: Arquivo disponibilizado via YouTube (2018)⁴²

Segundo Rios (2014), esses espaços eram os locais escolhidos pelo governo onde os retirantes deveriam se confinar e viver do trabalho imposto pelo governo sem se misturar com o restante da população. Ali tinham a promessa de comida e assistência médica (Jornal O Povo, 3 de maio de 1932). Eles não tinham autorização para sair sem o consentimento dos inspetores de cada campo. Havia guardas que faziam a vigilância constante do cotidiano dos concentrados. “Ali ficaram encurralados milhares de retirantes a morrer de fome e doenças. Entre abril de 1932 e março de 1933 foram registrados mais de 1.000 mortos somente no campo de concentração de Ipu” (p. 68).

A comida era muito grosseira, feijão preto, farinha, massa, que provocava doença no povo. Tudo era à toa. Não existia higiene, a água do rio que a gente bebia era contaminada, por isso aconteceu a epidemia. Morreu muita gente, assim que precisou formar uma turma de homens encarregada só para enterrar os mortos (GIOVANAZZI, 1998, p. 12).

⁴² O documento representado na figura 34 abaixo faz parte da “coleção dos documentários”. Representa um documentário que retrata diferentes questões sobre os campos de concentração de Quixeramobim e de Ipu no Ceará em 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo online do YouTube publicado no ano de 2018.

Similarmente as outras secas anteriores, essa época de 1932 também foi repleta de problemas sociais nos “campos de concentração”, entre eles, a exploração de mão-de-obra, os maus tratos, a miséria, a fome, a falta de saneamento básico e muito óbito sem nenhum tipo de assistência. Estes eram enterrados em covas coletivas sem identificação (RIOS, 2014). Registros dos relatórios da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste (Figura 35) a seguir evidenciam tais questões.

Figura 35: Quadros de mortalidade e registro de óbitos em Fortaleza no ano de 1933

The image shows two pages from a historical report titled "Comissão Médica de Assistência e Profilaxia aos Flagelados do Nordeste" and "QUADROS DE MORTALIDADE EM FORTALEZA". The pages contain tables of mortality data for the year 1933, broken down by month (January, February, March, April) and by disease type (Doenças). The tables include columns for the number of deaths per month, per quarter, and per year, as well as a total number of deaths and the population of Fortaleza.

| DOENÇAS | MORTALIDADE EM FORTALEZA | | | | | | | | | | | | TOTAL | População | |
|--------------------------|--------------------------|------------|---------------|------------|---------------|------------|---------------|------------|---------------|------------|----------------|-----------|----------|--------------|----------------|
| | Mês de 1º mês | | Mês de 2º mês | | 3º e 4º meses | | 5º e 6º meses | | 7º e 8º meses | | 9º e 10º meses | | | | Mês de 11º ano |
| Amarelão agudo | 196 | 408 | 140 | 133 | 15 | 20 | 20 | 13 | 11 | 11 | 14 | — | — | 1.234 | 90.417 |
| Febre tifóide | 75 | 79 | 71 | 53 | 23 | 43 | 46 | 27 | 21 | 19 | 34 | — | — | 545 | 30.417 |
| Disenteria | 375 | 84 | 28 | 75 | 42 | 54 | 241 | 171 | 106 | 93 | 81 | 14 | — | 1.458 | — |
| Outras doenças | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — | — |
| MORTALIDADE GERAL | 566 | 606 | 279 | 284 | 131 | 138 | 272 | 214 | 146 | 104 | 262 | 14 | — | 3.234 | — |

Fonte: Relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste, IFOCS (1933) – Acervo do DNOCS ⁴³

Com o surgimento dos surtos de doenças epidêmicas em 1932, durante o Governo Vargas, foram organizadas, pelo então ministro do Ministério de Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida (1887-1980), diferentes estratégias de assistências às pessoas contaminadas. Para isso foi formada a “Comissão Médica de Assistência e Profilaxia aos Flagelados do Nordeste” sob a direção do médico Dr. José Bonifácio Paranhos da Costa

⁴³ O documento representado na figura 35 parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa questões referentes a mortalidade e registro de mortes nos campos de concentração de Fortaleza. Está descrito no relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste e foi coletado no ano de 2020 no acervo do DNOCS publicado no ano de 1933.

(1889-?), conhecido como o interventor da saúde, com auxílio de quatro médicos e mais dezesseis enfermeiras. Essa comissão foi formada pelo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), órgão ligado ao governo federal por meio da então IFOCS (BARBOSA, 1935) e tinha como objetivo visitar e fiscalizar (Figura 36) as zonas infestadas pelas doenças e determinar medidas de higienização dos “campos de concentração”, como na epidemia de varíola que assolou a região Nordeste no ano de 1932.

Figura 36: Visita da comissão médica ao “campo de concentração” do Buriti no Crato



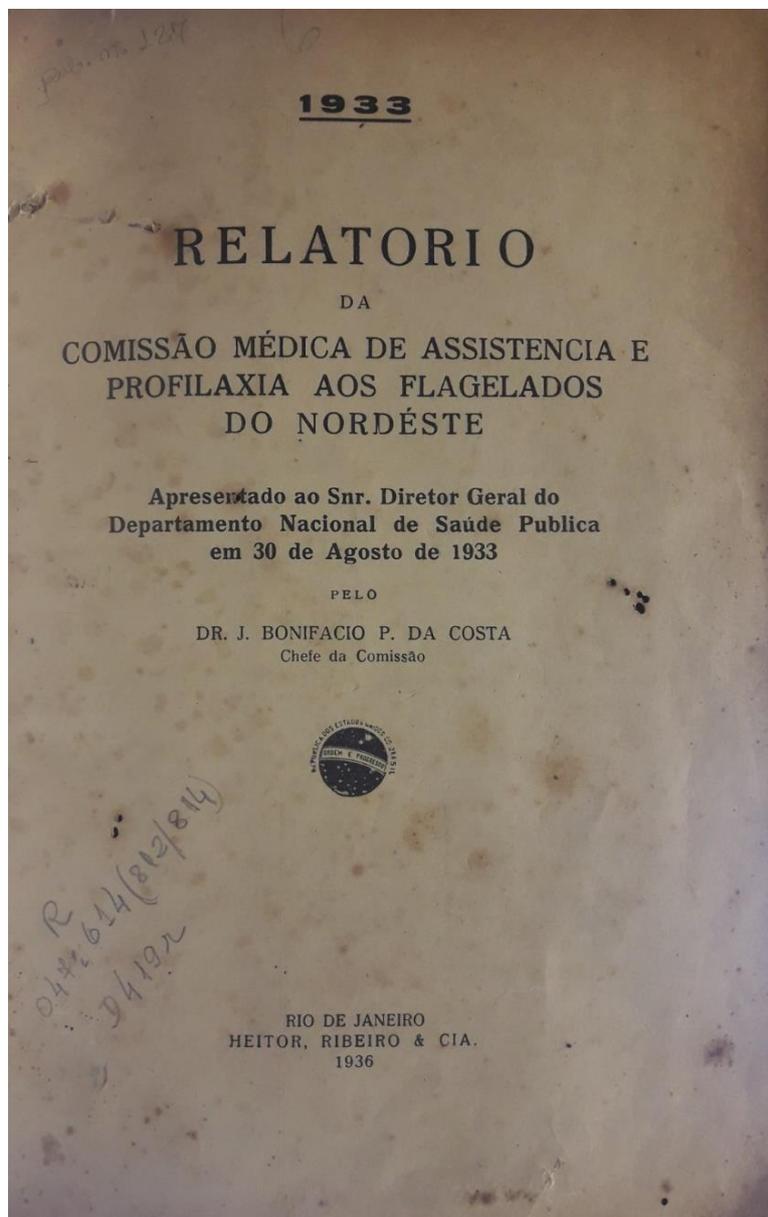
Fonte: Arquivo Nacional (1932)⁴⁴

Essa comissão emitia diferentes relatórios (Figura 37) para demonstrar a situação encontrada nos “campos de concentração”, sendo assinada pelo então médico José Bonifácio Paranhos da Costa. O documento localizado no acervo do DNOCS foi apresentado ao diretor geral do Departamento Nacional de Saúde Pública em agosto de 1933 através da IFOCS e apresenta as diferentes atividades executadas pela equipe de enfermagem nos hospitais improvisados, a higiene dos locais, fiscalização da situação sanitária dos “campos de concentração”, etc. De acordo com o documento, esse relatório foi dividido em algumas partes, entre elas, relata a orientação da comissão, sua atuação e impressão do estado sanitário das concentrações, relata os serviços de assistência médica

⁴⁴ O documento representado na figura 36 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma fotografia da comissão médica em visita ao campo de concentração do Buriti na cidade do Crato na seca de 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Arquivo Nacional publicado no ano de 1932.

e de inspeção, bem como “apreciação geral da seca com o estudo nosológico do Nordeste, particularmente, no que diz respeito as consequências desse flagelo⁴⁵” (IFOCS, 1933).

Figura 37: Capa do relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste



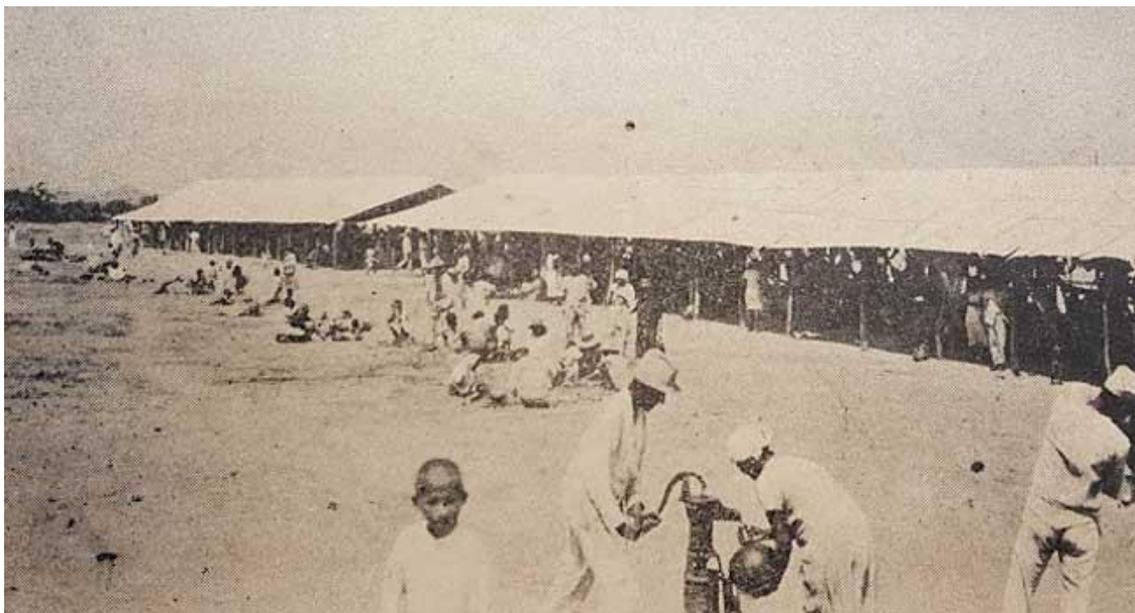
Fonte: Relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste, IFOCS (1933) – Acervo do DNOCS ⁴⁶.

⁴⁵ Trechos encontrados no documento referente ao relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste que estava vinculado na época ao DNSP (Departamento Nacional de Saúde Pública) da então IFOCS (1933). No entanto, foi coletado no ano de 2020 no acervo do DNOCS.

⁴⁶ O documento representado na figura 37 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa a capa do relatório da comissão médica de assistência e profilaxia aos flagelados do Nordeste e foi coletado no ano de 2020 no acervo do DNOCS publicado no ano de 1933.

De acordo com o relatório, o “campo de concentração” do Urubu, localizando no atual bairro do Pirambu em Fortaleza, por exemplo, chegou a abrigar 6 mil pessoas. O documento ainda diz que "foi organizada uma cozinha onde preparavam-se os alimentos. Compreende-se, porém, que a distribuição desse alimento a 6.000 pessoas devia ser execução morosa atendendo ao pequeno número de empregados para isto existentes. O resultado é que, a horas avançadas do dia, ainda encontradas muitas pessoas sem alimentação". Ainda existe outro registro referente as diferentes doenças encontradas no local, como diarreia, gripes e paratifo (doença infecciosa com sintomas semelhantes aos da febre tifoide). No documento, o médico argumenta que "além das próprias causas infecciosas essa situação agravava-se nessa ocasião com a luz solar intensa, a abundância das poeiras, o aglomerado de pessoas, a infraestrutura do espaço, o ar quente dos sertões percorridos e com a carência alimentar". O documento a seguir representado na Figura 38 representa o “campo de concentração” do Urubu no bairro Pirambu em 1932.

Figura 38: Registro do “campo de concentração” do Urubu no Pirambu, Fortaleza



Fonte: Arquivo Nacional (1932)⁴⁷

Rios (1999) descreveu os momentos acirrados de conflitos sociais durante esta seca na cidade de Fortaleza através do ordenamento urbano da capital. Nota-se que essas questões estavam ligadas a organização e a reordenação dos espaços na cidade e como os

⁴⁷ O documento representado na figura 38 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma fotografia do campo de concentração do Urubu no bairro do Pirambu na cidade do Fortaleza em 1932. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Arquivo Nacional publicado no ano de 1932.

indícios das estratégias de isolamento social culminaram na formação dos “campos de concentração” e conseqüentemente, enquanto ordenação do espaço (COSTA, 2004; RIOS, 1999). Assim como observado por Neves (1995) que relata sobre os movimentos dos retirantes invadindo a cidade e resistindo a estas tecnologias de controle social, tendo como pano de fundo a remodelação urbana de Fortaleza por meio da estética de aformoseamento.

Montebello e Silva (2018) ao discutir tais questões sobre os retirantes flagelados no Ceará-da-seca de 1932, revela que existiram biopolíticas populacionais na consolidação do estado moderno, sobretudo, ao observar práticas biopolíticas de governo que singularizam a institucionalização do Estado moderno conectada aos dispositivos de exceção (DAS; POOLE, 2004; BENJAMIN, 2016), como por exemplo, os “campos de concentração”, fazendo surgir no litoral e no centro, o espetáculo da fome e da miséria, carregando contradições no discurso governamental.

Essas práticas governamentais de confinamento descritas neste tópico e as infraestruturas e de higienização dos espaços públicos e dos corpos como regra social descritas no tópico anterior evidenciavam um organizar de práticas que auspiciavam a institucionalização de um estado capitalista, na busca pelo almejado “progresso” da cidade que queria se tornar “moderna” (HARVEY, 1989). Essas práticas sancionadas pelo estado a um alto custo para as populações migrantes, eram baseadas no uso da vigilância e violência ao estarem conectadas a dispositivos de exceção. Nesse sentido, o estado, enquanto organização encravada na vida cotidiana, se manteve ao produzir as margens urbanas da cidade de Fortaleza (AGAMBEN, 2004; BENJAMIN, 2018; 2016; DAS; POOLE, 2004; MONTEBELLO; SILVA, 2018; OLIVEIRA, 2013).

Entre as estratégias de confinamento e as resistências dos retirantes, o ano de 1933 anunciava as primeiras chuvas e com elas foi decretado também o fim da seca (Jornal A Razão, 27 de outubro de 1936). Com isso, o envio de recursos para a assistência aos flagelados diminuiu bastante e houve nesse momento um tipo de controle migratório, fazendo com que o retirante retornasse para seu local de origem, ou seja, o sertão. Assim, denominamos este recorte espaço-temporal de criação do aparato de gestão deliberada das margens, pois foram utilizadas diferentes estratégias em defesa da distribuição de passagens para os retirantes sem trabalho nos locais de assistência, ou seja, defendia-se o regresso dessa população para o sertão, no entanto, alguns retirantes permaneceram em Fortaleza e ali se instalaram com suas famílias abastardas em espaços marginais, circunscritos aos arredores da cidade (RIOS, 2014). Essa questão é abordada nos

próximos itens quando se refere ao lado “B” da moeda à medida que se configura como as “ruínas do progresso” (BENJAMIN, 2016).

No quadro 11 a seguir apresenta-se o levantamento em forma de resumo da malha de práticas que foram evidenciadas e que estão relacionadas a este tópico que discute as práticas governamentais de confinamento e controle social.

Quadro 11: Resumo da malha de práticas governamentais de confinamento

| Nº | Descrição da prática |
|----|------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | A criação dos abarracamentos na seca de 1877. |
| 2 | A criação do primeiro “campo de concentração” efetivo em Fortaleza na seca de 1915 |
| 3 | A criação de sete “campos de concentração” no Ceará na seca de 1932. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Todo esse processo também revelou a identificação de outra prática relacionada a criação dos órgãos governamentais que atuou nesse contexto para administrar as políticas relacionadas as secas, o movimento migratório e as práticas de confinamento social. O próximo tópico evidencia o relato desse processo histórico.

4.3.1.3 Práticas governamentais da criação dos órgãos de combate as secas

A problemática da seca e os amplos períodos de estiagem são aspectos recorrentes retratados na região nordeste a partir da escassez da água e os índices pluviométricos anuais a partir de aspectos climáticos. Contudo, os relatos historiográficos evidenciam que essa problemática vai mais além dessas questões ao problematizar o acesso a água a partir dos diferentes conflitos inerentes as questões sociais. Todo esse processo envolveu não somente a escassez hídrica, pelo contrário, revelou aspectos políticos e sociais, que historicamente, perpetuou a organização de um estado emergencial que virou a exceção a partir das políticas governamentais da época. Nesse processo, foi evidenciado que existiram diferentes aspectos históricos que desvelam a problemática da seca a partir de questões sociais, políticas e de poder que vão além da falta de água nas regiões.

Como foi observado os longos períodos de seca, as estiagens e os movimentos migratórios foram fatores que impulsionaram o desenvolvimento de estratégias e o estabelecimento de diferentes políticas governamentais. Conforme sugerido por Andrade (1970) as políticas governamentais relacionadas aos problemas das secas no Nordeste podem ser divididas em quatro fases: A primeira fase é a “humanitária” e se refere ao sentimento de piedade e compaixão às vítimas das secas. A segunda fase denominada de

“intervenção e sistematização com estudos e obras” refere-se a uma etapa hidráulica e tem relação com a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) em 1909 por meio da construção de açudes e a sistematização da rede de dados meteorológicos e hidrológicos. A terceira fase é denominada de “diferenciação” e foi iniciada com a criação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) em 1951. A quarta e última fase denominada de “integração do desenvolvimento regional e promoção universitária” tem relação com o Seminário para o Desenvolvimento Econômico do Nordeste (CAMPOS, 2014).

Todos os problemas relacionados com as secas despertaram atenção dos líderes governamentais desde o Brasil Colônia (1500-1815), passando pelo Brasil Imperial (1822-1889) e o Brasil Republicano (desde 1889). No período colonial tem-se o registro da primeira seca na história do Brasil com a chegada do padre jesuíta Fernão Cardim. Durante os períodos de 1583 a 1590, o padre Fernão Cardim viajou na costa brasileira de Pernambuco ao Rio de Janeiro e fez um relato que é considerado o primeiro documento a falar sobre uma seca no Nordeste em 1583. De acordo com o padre Cardim, desceram dos sertões para o litoral de quatro a cinco mil índios com muita fome (CAMPOS, 2014). Trechos do documento a seguir evidencia essa questão.

No ano de 1583 houve tão grande seca e esterilidade nesta província (coisa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que descrevem do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil índios (CARDIM, 1978, p. 199)⁴⁸.

Ainda durante o período do Brasil colonial observa-se outros registros de secas: um período que vai de 1723 a 1729 e outro entre 1777 e 1778. Conforme observado em Alves (2003) o documento que foi transcrito por Irineu Ferreira Pinto registra as questões relacionadas a seca entre 1723 a 1729.

Os Oficiais da Câmara representam o El-Rei declarando que desde o ano de 1723 até o presente (1729) tem sofrido esta Capitania grande esterilidade de seca e ao mesmo tempo pedem a El-Rei que os mande acudir com escravos, pois os daqui têm morrido de fome e que os engenhos estavam em ruínas não só pelo estado da terra como por falta de braços para o trabalho (ALVES, 2003, p. 28)⁴⁹.

⁴⁸ Esse documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa questões relacionadas ao registro da primeira seca no Nordeste no período do Brasil colonial. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 1978.

⁴⁹ Esse documento representado no trecho faz parte “coleção da bibliografia”. Representa questões relacionadas ao registro das secas ainda do Brasil colonial. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 2003.

No que diz respeito a seca que corresponde ao período de 1777 e 1778, mais conhecida como a "seca dos três setes", relata-se que foi um momento com maior impacto social e econômico e estima-se que foram dizimados sete oitavos do rebanho do estado do Ceará (ALVES, 2003; CAMPOS, 2014). Todo o agravamento do impacto das secas se deu com o processo de aumento da população que não contava com infraestrutura hidráulica e de estradas e assim se consolidou uma sociedade vulnerável resultando nos grandes desastres das secas de 1877 a 1879 no Brasil império.

Foi nessa grande seca de 1877 que houve a aceitação da tese da seca como um problema e conseqüentemente que deveria ser objeto de políticas governamentais, pois a questão da irregularidade das chuvas deixou de ser apenas uma questão climática para se tornar uma questão social relacionada a diferentes fatores como a fome, pobreza, marginalizações, desigualdades, miséria, invasões as cidades, violência, saques e todo movimento migratório. Foi nesse contexto que o imperador D. Pedro II chegou a cunhar a célebre frase: "Não restará uma única joia na Coroa, mas nenhum nordestino morrerá de fome" (GONÇALVES, 2018).

Dessa maneira, após evidenciar que a seca precisaria de políticas governamentais e passou a fazer parte da agenda do governo, foram criadas diferentes estratégias, estudos e obras para mitigar os efeitos das secas no Nordeste a partir de políticas de redução da vulnerabilidade do semiárido às secas.

Segundo Campos (2004), nesse período foi criado a Comissão Imperial em 1877 que deixou um relatório com diferentes propostas de combate à seca, entre elas, adaptação de camelos, a construção de estradas de ferro (Sobral, Camocim e Icó); construção de um canal ligando o rio São Francisco ao rio Jaguaribe e a construção de açudes em Quixadá como o do Cedro ainda na época de D. Pedro II. O Açude do Cedro foi a primeira grande obra hídrica realizada pelo governo brasileiro em decorrência do grande impacto social provocado pela seca entre 1877 e 1879. No ano de 1884 apontou no estado do Ceará a Comissão de Açudes e sua comitiva de engenheiros, com o propósito de construir um grande açude que resolvesse definitivamente o problema da seca e o sertão da cidade de Quixadá foi selecionado para realização da obra. Foi D. Pedro II quem deu a ordem de construção do Açude do Cedro, no entanto a realização foi feita pelos os primeiros governos republicanos do Brasil entres os anos de 1890 e 1906 (ALVES, 2003).

Como foi observado ao longo do enredo nos itens anteriores, nesse mesmo período também houve diferentes problemas relacionados aos movimentos migratórios, onde os retirantes foram buscar nas cidades litorâneas espaços de sobrevivência e, assim, outras

políticas governamentais foram estabelecidas para confinar a população dos retirantes e os abarracamentos foram criados para abrigar os retirantes da seca. Houve então o estabelecimento e a organização de Comissões de Socorros Públicos e de Abarracamentos, caracterizada por uma estrutura de assistência aos retirantes da seca (SOUZA, 2015). A seca de 1915 e a de 1932 deram continuidade a estas diferentes políticas de confinamento para que os retirantes da seca não se compusessem a população da cidade de Fortaleza que passava pelo momento da *Belle Époque* e as diferentes políticas urbanas higienistas de limpeza social foram estabelecidas.

No Brasil republicano estas políticas governamentais deram seguimento e o governo federal executou algumas ações que foram propostas pela Comissão Imperial. Um dos grandes avanços dessa época foi a criação de instituições federais para pensar políticas de governo como a Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS em 1909 que representa o grande marco do período republicano (ALVES, 2003; CAMPOS, 2014).

Entre os anos de 1879 e 1912 e 1942 e 1945 foram desencadeados os dois ciclos econômicos da Borracha e tendo em vista combater as consequências das secas, foi incentivado um amplo processo de migrações da população do estado do Ceará para a região Norte da Amazônia. Dessa forma, no ano de 1877 (primeiro ciclo econômico da borracha) chega ao estado do Amazonas uma grande quantidade de nordestinos com o sonho de melhorar as condições de vida e com o objetivo de suprir a falta de mão-de-obra para a extração do látex. Chegando ao destino são recepcionados com condições adversas (AGOSTINI, 2003).

O segundo ciclo econômico da borracha (1942-1945) coincide com o enfrentamento de duas grandes secas no Ceará em 1932 e 1942/43 durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Após a crise do primeiro ciclo, a borracha brasileira, mais especificamente amazônica, voltou a ser demandada em larga escala para suprir as necessidades dos Aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O contexto da guerra fez renascer a produção da borracha e fez do estado da Amazônia a maior produtora novamente. Os países considerados Aliados, entre eles, Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e França, temem com a possibilidade de ficar sem estoque, pois venceria quem tivesse maior quantidade de borracha. A borracha era considerada o “nervo da guerra” (MARTINELLO, 1985), pois era o principal insumo para produção de diferentes instrumentos bélicos utilizados durante a guerra (PONTES, 2015).

O Governo Norte-Americano procurou o Governo Brasileiro para garantir o estoque da borracha extraído do Amazonas, criando diferentes acordos. Para atender as

questões dos acordos, no governo Vargas foram criados diferentes órgãos como o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), a CAETA (Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia) e a SAVA (Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico) criados em 1943 com apoio financeiro proveniente dos Acordos de Washington (1941) e que foram responsáveis pelo arregimento da mão-de-obra e organização dos seringais (LIMA, 2013; PONTES, 2015).

Na época, o presidente do Brasil, Getúlio Vargas juntamente com o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, acordam de assinar os “Acordos de Washington” que tinha como objetivo a operação para extrair o látex da Amazônia para assim, suprir a necessidade dos produtos bélicos durante a segunda guerra mundial (AGOSTINI, 2003). Trechos do documento a seguir evidencia o decreto-lei nº 4.523, de 25 de julho de 1942 que retrata sobre a criação dos Acordos de Washington.

DECRETO-LEI Nº 4.523, DE 25 DE JULHO DE 1942 - Cria a Comissão de Controle dos Acordos de Washington e dá outras providências. O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, Decreta:

Art. 1º Fica criada a Comissão de Controle dos Acordos de Washington, com o encargo de superintender a execução dos acordos celebrados com o Governo dos Estados Unidos da América.

§ 1º A Comissão será constituída de três membros nomeados pelo Presidente da República e funcionará sob a presidência do Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda.

§ 2º Dos decretos de nomeação constará que os trabalhos dos componentes da Comissão são considerados serviços relevantes prestados à Nação.

Art. 2º A execução dos acordos de que trata o artigo anterior ficará a cargo dos órgãos do serviço público já existentes, na parte que lhes competirem, ou dos que forem especialmente instituídos para esse fim.

Art. 3º A Comissão de Controle dos Acordos de Washington elaborará e submeterá à deliberação do Presidente da República os planos de organização, instalação e funcionamento dos novos órgãos especializados que se tornarem necessários para cumprimento integral dos acordos.

Parágrafo único. Enquanto não forem instituídos os órgãos especiais previstos no artigo 2º, in fine, caberá à Comissão de Controle, previamente autorizada pelo Presidente da República, a execução dos acordos.

Art. 4º Para o cabal desempenho de suas atribuições, poderá a Comissão de Controle entrar em entendimento com os órgãos da administração pública federal, estadual, municipal, dos Territórios e do Distrito Federal, com os representantes dos órgãos competentes dos Governos dos Estados Unidos da América, bem como celebrar contratos e acordos com entidades particulares, observada a legislação em vigor.

Art. 5º Os créditos concedidos ao Brasil por força dos acordos celebrados em Washington, ou de outros que venham a ser firmados, bem como os prêmios

atribuídos à exportação de produtos brasileiros, pelo governo dos Estados Unidos da América, em virtude dos referidos acordos, serão administrados e aplicados pela Comissão de Controle, enquanto não existirem os órgãos especiais incumbidos de executá-los.

Art. 6º A Comissão de Controle terá uma Secretaria, formada por funcionários públicos requisitados na forma da legislação em vigor e pelo pessoal da Secretaria Técnica do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda, que for necessário.

Parágrafo único. A Comissão de Controle poderá requisitar, admitir e contratar técnicos, com a aprovação do Presidente da República.

Art. 7º Para atender às despesas (Serviços e Encargos), de instalação e funcionamento da Comissão de Controle e da sua Secretaria, fica aberto ao Ministério da Fazenda o crédito especial de 500:000\$0 (quinhentos contos de réis) que será distribuído ao Tesouro Nacional.

Art. 8º O presente decreto-lei entrará em vigor, na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 25 de julho de 1942, 121º da Independência e 54º da República.
GETÚLIO VARGAS.

(Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/7/1942, Página 11793 - Publicação Original).

Em contrapartida, o governo dos Estados Unidos iria investir na produção de borracha (cerca de 300 milhões de dólares). Em relação ao governo brasileiro coube recrutar, por meio do SEMTA, grandes quantidades de trabalhadores para produção e extração do látex na Amazônia. Entre os anos de 1943-1945, um contingente estimado de 55 mil trabalhadores chamados “Soldados da Borracha” foi arrematado no bojo desses acordos firmados entre o Governo Brasileiro e o Norte-Americano, objetivando a extração da borracha para os Estados Unidos (AGOSTINI, 2003; LIMA, 2013; PONTES, 2015). A grande maioria dos trabalhadores foi da região Nordeste migrantes de vários estados, principalmente do estado do Ceará.

Conforme observado em Pontes (2015), outros órgãos também foram criados como o DNI (Departamento Nacional de Imigração) e o RDC (*Rubber Development Corporation*) para encaminhar os trabalhadores até os seringais. No Ceará os “Soldados da Borracha” depois de alistados, eram encaminhados para alojamentos espalhados pela cidade de Fortaleza, nos bairros do Alagadiço (atual bairro São Gerardo) e do Campo do Prado à espera da partida através do Porto Ponte dos Ingleses, construída em 1921 pela empresa inglesa Norton Griffiths Co. (LIMA, 2013; MAGESTE; CLARETO, 2004). Fato que também favoreceu o processo de “favelização” e ampliação das margens urbanas na cidade de Fortaleza.

Segundo Certeau (2011) a pesquisa historiográfica se articula em um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. E com base nesse “lugar” se delineia uma topografia de interesses onde as fontes se organizam. Nesse sentido, se enfatiza que estes processos institucionais foram organizados após os altos índices de centenas de milhares de mortes durante os diferentes períodos de estiagens, evidenciando a existência de um problema social do estado nacional (CAMPOS, 2014). Essas discussões corroboram também com as posições de Das e Poole (2004) ao enfatizarem como as políticas públicas moldam as práticas regulatórias que formam o próprio estado, deslocando a atenção para as ações do estado pautadas no cotidiano da vida social. Infere-se que a história dita “oficial”, linear e progressista, contada pelos vencedores (BENJAMIN, 2012) relacionadas as práticas governamentais de confinamento foram pautadas em uma proposta para proteger os migrantes das estiagens, oferecer alimentação e outros tipos de assistência (DNOCS, 1933). No entanto, as ruínas evidenciaram o oposto. A esse ponto, a análise considerou a regra metodológica que diz que o passado ausente e as táticas dos desvios relacionadas aos modelos contemporâneos são construções presentes da origem (CERTEAU, 2011).

Durante todo esse processo observa-se a criação desses diferentes órgãos e práticas governamentais de gestão relacionados aos problemas decorrentes da seca, do movimento migratório e da organização do espaço urbano. Em 1906, a institucionalização dos socorros públicos engatilhou a fundação de diversos órgãos por meio da Secretaria de Estudos e Obras Contra as Secas – SEOCS no âmbito do governo da república (SOUZA, 2015). Nesse contexto, destaca-se a criação do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), órgão criado em 1909, vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS), através do Decreto 7.619, de 21 de outubro de 1909, editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, sendo o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido. Em 1919, passou a chamar-se Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), através do Decreto 13.687, de 9 de julho de 1919 e, em 1945, recebeu o nome atual DNOCS, através do Decreto 8.486, de 28 de dezembro de 1945. Dentre os órgãos regionais, o DNOCS se constitui na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste (CARVALHO, 2009). A constituição desses órgãos no Ceará foi consequência da força política das elites cearenses, dessa forma, instituíam-se a questão regional em âmbito nacional (SOUZA, 2015).

Conforme descrito por Carvalho (2009), dentre as ações do órgão, observa-se a criação de diferentes políticas governamentais relacionadas a construção de açudes, estradas, pontes, portos, ferrovias, hospitais e campos de pouso. Além disso, implantou-se redes de energia elétrica e telegráficas, usinas hidrelétricas e foi, até a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) como autarquia em 1959 por Celso Furtado, o único órgão responsável pelo socorro às populações flageladas pelas cíclicas secas que assolam a região do Nordeste (COHN, 1978).

No quadro 12 a seguir apresenta-se o levantamento em forma de resumo da malha de práticas que foram evidenciadas e que estão relacionadas a este tópico que discute as práticas governamentais da criação dos órgãos de combate as secas.

Quadro 12: Resumo da malha de práticas governamentais da criação dos órgãos

| Nº | Descrição da prática |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | O entendimento da seca como um problema social relacionado a organização da cidade. |
| 2 | A criação da Comissão Imperial em 1877. |
| 3 | A criação da Comissão de Socorros Públicos e de Abarracamentos em 1877. |
| 4 | A criação da IOCS em 1909, sendo denominado de IFOCS em 1919 e sendo denominado por último de DNOCS em 1945. |
| 5 | Os Acordos de Washington em 1942. |
| 6 | A criação da SUDENE em 1959. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

As diferentes práticas governamentais discutidas até o presente momento foram implementadas tendo como objetivo principal o “progresso” da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará, no entanto elas geraram como efeito ruínas em seu processo de transformação histórica, ao alegorizar o significado do fragmento, do estilhaço e do objeto deslocado do tempo linear (BENJAMIN, 2016), dessa forma, trazendo diferentes marginalizações no organizar da cidade de Fortaleza. Essas práticas sancionadas pelo estado tiveram um alto custo para as populações migrantes e foram baseadas no uso de vigilância, violência e repressão. Assim, o estado, como organização inserida na vida cotidiana, manteve-se produzindo as margens urbanas da cidade de Fortaleza (AGAMBEN, 2004; BENJAMIN, 2016; DAS; POOLE, 2004).

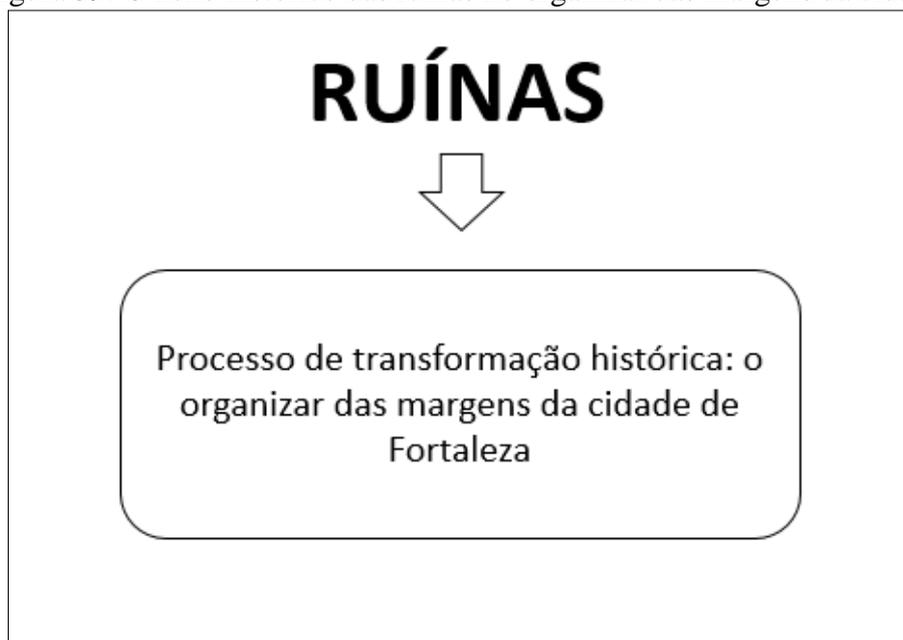
Para Benjamin (2018; 2016), a possibilidade de transpor com o tempo progressivo, impedindo o ritmo da natureza, também se manifesta pelo seu caráter destrutivo, do qual o autor se refere ao potencial de se antecipar à catástrofe final pela consciência histórica das ruínas ou como referido por De Cock e O’Doherty (2016) ao

argumentar que o ponto crucial das histórias sempre preenche as lacunas deixadas pelos restos materiais da ruína. No próximo tópico discute-se sobre estas questões relacionadas aos efeitos da ruína no seu processo histórico.

4.3.2 Nexo histórico: malha de práticas relacionadas a “ruína” - O lado “B” da moeda

Nesse item, discute-se como estas práticas históricas de políticas governamentais relacionadas ao “progresso” que foram identificadas nos itens anteriores são consideradas “ruínas” por terem gerado em seu processo de transformação histórica o organizar das margens da cidade ao oeste de Fortaleza. Na Figura 39 a seguir temos a representação desse processo como o outro lado da moeda do progresso conforme a premissa benjaminiana. Assim, o lado “A” da moeda referente ao progresso da cidade desencadeou as ruínas (lado “B” da moeda) que são representadas pelo processo de transformação histórica. O fragmento concreto nos torna ainda mais conscientes da tensão entre a ruína, com suas ausências claramente presentes e uma possível totalidade cuja presença é sentida através dessas ausências. Uma ruína não pode ser senão um fragmento, mas, como fragmento, é frequentemente mais carregada de significado do que quando fazia parte de um todo (DILLON, 2011). Dessa forma, as ruínas podem revelar significados que o todo original pode ocultar (DE COCK; O’DOHERTY, 2016).

Figura 39: O nexu histórico das ruínas no organizar das margens da cidade



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

4.3.2.1 Processo de transformação histórica: o organizar das margens da cidade de Fortaleza

As histórias ditas “oficiais” nos contaram que as práticas de confinamento visavam conter os fluxos migratórios, sendo consideradas uma boa prática de governabilidade em prol da modernização urbana de Fortaleza. Essa versão da história tinha como objetivo garantir o “progresso” da cidade por meio do controle dos espaços urbanos. Essa reconstrução histórica dos “campos de concentração” problematizam a crença no “progresso”, atribuindo novas significações aos processos do organizar das margens da cidade de Fortaleza. Apesar dessas diferentes versões da história nos sugerirem alternativas para a compreensão de práticas que atuam/atuaram no organizar das margens em Fortaleza, ainda hoje esses processos marginais se demarcam e se ampliam a oeste da cidade.

Considerando que a função da história é libertar as ruínas silenciadas no passado para transformar o presente e emancipar o futuro que o passado não teve através de um “tempo saturado de agoras” como mencionado por Benjamin (2016) na tese 14, salienta-se que em decorrência das práticas governamentais que auspiciavam o progresso, observa-se a formação das margens, favorecendo o surgimento das “favelas” ou “comunidades” nos espaços marginalizados historicamente da cidade. Walter Benjamin procura o futuro no passado, nos traços de memória do que estava por vir. O futuro foi ontem e mal parece ter percebido (BENJAMIN, 2016; DE COCK; O’DOHERTY, 2016).

Segundo Silva (1992, p. 29), o processo de formação das margens urbanas na cidade de Fortaleza foi entre os anos de 1930 e 1950, quando o autor relata que “o aparecimento das favelas nessa área de Fortaleza data de 1930 - 1950, destacando-se entre elas: Cercado do Zé Padre (1930), Pirambu (1932), Mucuripe (1933), Lagamar (1933), Mouro do Ouro (1940), Papoquinho (1950) e Estrada de Ferro (1954)”. Fatos que coincidem com o período da seca e construção dos “campos de concentração” de 1932. Trechos do arquivo a seguir demonstra essa questão.

Em 1933, com as primeiras chuvas, o Governo oferecia passagens, distribuiu sementes para o plantio, mas nem todos retomaram ao Sertão. Muitos permaneceram em Fortaleza. Alguns estudos sobre o processo de favelização em Fortaleza assinalam os anos de 1932/33 como marco na expansão da periferia de Fortaleza (SILVA, 1992, p. 29)⁵⁰.

⁵⁰ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa questões relativas a permanência dos retirantes após o fim das secas e o início do processo de favelização em Fortaleza. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 1992.

Os retirantes traziam suas práticas de campo para o ambiente urbano e assim, as práticas higienistas da Fortaleza “moderna” denunciavam a vida do flagelado que não perdeu seus costumes, trazendo também para o ambiente urbano seu modo de vida rural. Dessa maneira, a relação dos retirantes com o ambiente urbano de cidade mantém as práticas, as crenças e os valores do sertão. Isso também ocasionou o surgimento de doenças e o aumento das taxas de mortalidade. Trechos do arquivo a seguir evidencia tais questões.

A população que vem do campo não tem os traços de comportamento, os modos e usos próprios do cidadão. Pode-se dizer que seria rústica e às vezes mesmo rude em contraposição à urbana. A sua relação com o espaço é diferente. Tenta reproduzir na cidade sua vida no campo, nos seus pequenos quintais ou mesmo nas ruas, pois não estava acostumada a separação entre espaço público e privado. Mantinha hortas, fruteiras, criava galinhas, porcos e até vacas soltas pela cidade e arredores. Seu modo de vida entrava em choque com o padrão urbano. Dessa forma, essa população que chega tem que ser “civilizada”, urbanizada, para aprender, ou melhor, para adaptar-se ao modo de vida urbana (COSTA, 1997, p. 12)⁵¹.

Todo o processo de modernização e o mito do progresso evidenciou essa exclusão dos pobres para as margens urbanas por meio das práticas higienistas e de limpeza social. Na década de 1930, estas áreas eram locais destinados a recepção de desejos da cidade através das quimoas⁵². Nesse contexto, surgem grandes e atuais favelas na região oeste da cidade de Fortaleza, como a do Pirambu (já citada), Cristo Redentor, Lagamar, Morro do Ouro, Moura Brasil, Papoquinho e a estrada de Ferro, onde todos esses espaços passaram a ser ocupados pela população excluída, sofrida e mais carente nos períodos de estiagem (OLIVEIRA, 2013). Na corrente contrária desse movimento, observa-se na região leste da cidade, o bairro da Aldeota, por exemplo, que começa a ser precisamente delimitado, passando a abrigar as “suntuosas moradias de uma burguesia emergente” (GONDIM, 2007, p. 108). A imagem então é ruína e fragmento, onde sua beleza simbólica se evapora e o falso brilho de totalidade se extingue ao refletir que se a natureza desde sempre esteve sujeita ao sofrimento, desde sempre ela foi alegórica extraíndo da história um fragmento de intemporalidade (BENJAMIN, 2011).

⁵¹ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa a forma de vida dos retirantes no campo e todo processo de adaptação quando chegaram na cidade de Fortaleza na época das migrações e a seca. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 1997.

⁵² Quimoas eram depósitos de madeira, do tipo barril utilizada para acumular dejetos humanos que eram transportados por escravos ou mestiços e jogada na praia (SANTOS, 2006).

Na Figura 40 a seguir observa-se a parte Oeste da cidade de Fortaleza banhada pelo mar, demarcando o espaço urbano por meio dos bairros que são considerados marginais com destaque para a Barra do Ceará, o Cristo Redentor, o Moura Brasil e o Pirambu.

Figura 40: Mapa da zona oeste da cidade de Fortaleza



Fonte: Google Earth (2021)

A extensão urbana observada na figura 32 acima passa pelo bairro Cristo Redentor e por todo o trajeto da Av. Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco⁵³, conhecida como Av. Leste-Oeste (Figura 41) e vai perpassando pelo bairro do Pirambu e Barra do Ceará até chegar ao bairro Moura Brasil, sendo este situado atrás da Estação Ferroviária João Felipe e que ficou conhecido como uma extensão do Pirambu.

⁵³ Em 1973 foi construída a avenida Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco (Leste-Oeste) que dividiu o Pirambu, com o objetivo de ligar a zona industrial na Barra do Ceará à zona portuária do Mucuripe. A partir desse momento, o Pirambu recebe uma nova delimitação, passando a ser dividido pela avenida Leste-Oeste.

Figura 41: Registro da avenida Leste-Oeste que dividiu o Pirambu em 1973



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre (2012)⁵⁴

O Moura Brasil é conhecido como uma área de prostituição e que foi ocupado inicialmente por trabalhadores que serviam de mão-de-obra nas funções portuárias no antigo porto da cidade, o Porto das Dragas, restando atualmente uma pequena comunidade de população carente ali instalada.

⁵⁴ O documento representado na figura 41 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma fotografia da Avenida Leste-Oeste no Pirambu criada em 1973. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2012.

Segundo Nogueira (1996), o Moura Brasil cresceu entre a ferrovia e o mar e no ano de 1934 o governador Francisco de Menezes Pimentel (1887-1973) que governou o Ceará entre 1934 e 1937, continuando como interventor nos períodos de 1937 a 1945 e 1946 a 1950, designou para esta área as “mulheres de vida fácil” segregando-as do convívio social e das ruas mais centrais de Fortaleza. Este local também foi denominado de “Curral das Éguas” ou “Curral das Cinzas”, fazendo referência as prostitutas e as cinzas de lenha que vinham da combustão da madeira utilizada nos trens e que eram jogadas nos fundos da estação (NOGUEIRA, 1996). Todo esse trajeto que engloba os bairros litorâneos da área oeste revela uma zona urbana repleta de ocupação irregular, marginalizações, violência, precarização dos serviços públicos e a dominação de favelas que se contrasta e se complementa paradoxalmente (DAS; POOLE, 2004) com a zona leste da cidade mais elitizada.

Considerando que as práticas históricas constroem um processo de significação referente aos seus desdobramentos (CERTEAU, 2011), evidencia-se, em particular, a origem do povoamento e formação do bairro do Pirambu que ocorreu por meio de um processo de urbanização informal, após a desativação do “campo de concentração” do Urubu e que abrigou os migrantes durante as estiagens de 1932 (Jornal A Razão, 27 de outubro de 1936). A Figura 42 apresenta um documento fotográfico do bairro Pirambu na década de 1960.

Figura 42: Bairro do Pirambu - Fortaleza em 1960



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre (2012)⁵⁵

⁵⁵ O documento representado na figura 42 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa uma fotografia do bairro Pirambu na década de 1960. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2012.

O olhar da “ruína” ao problematizar a linearidade histórica se baseia em um princípio construtivo e de resistência (BENJAMIN, 2011; OLIVEIRA, 2013). Como exemplificado nos trechos a seguir, essa concepção historiciza diferentes relatos sobre as atuais tentativas de remoção da população instalada no bairro Pirambu, área urbana que costeia o mar, considerada de alto valor pela especulação imobiliária. Nesses desdobramentos históricos espaço-temporais (CERTEAU, 2011), os migrantes passaram a ser a população excluída que habita os espaços marginais da cidade de Fortaleza (OLIVEIRA, 2013; RIOS, 2014).

O bairro Pirambu está inserido numa área maior denominada geograficamente de Grande Pirambu e está vinculada à Secretaria Executiva da Regional I⁵⁶ (SER I), sendo composta pelos bairros da Barra do Ceará, Pirambu e o Cristo Redentor⁵⁷. Segundo o IBGE (2010) o Grande Pirambu é uma região que totaliza uma população que ultrapassa 300 mil habitantes, onde reside uma população identificada como pertencente a classes populares de baixa renda e carente que não tem acesso às políticas de habitação e organizada por numerosas comunidades de conjuntos habitacionais, abrangendo uma área de 586,1 km². O arranjo espacial urbano do Grande Pirambu se tornou nas últimas décadas a região mais populosa da cidade de Fortaleza, sendo receptora dos indivíduos que buscaram na capital uma opção de sobrevivência e renda (SILVA; PEREIRA; COSTA, 2018). No que diz respeito propriamente ao bairro do Pirambu, de acordo com o IBGE (2010), ele possui uma população de 42.878 habitantes e a maior densidade demográfica da cidade de Fortaleza, sendo considerado o sétimo maior aglomerado subnormal⁵⁸ do Brasil.

⁵⁶ Tendo como base o Plano Fortaleza 2040 para cidade de Fortaleza, foi aprovado por lei em 2019, o projeto que divide a capital em 12 Regionais e 39 territórios administrativos com objetivo de diminuir as diferenças entre as regiões de Fortaleza, garantindo assim maior autonomia administrativa às Secretarias Regionais. Os 121 bairros da capital foram agrupados em 39 territórios seguindo critérios, como a quantidade de habitantes, a área de cada bairro, a aproximação cultural e a utilização de equipamentos públicos pelos habitantes. A região que abrange o Grande Pirambu se localiza na Secretaria Regional I que também é composta pelos bairros Vila Velha, Jardim Guanabara, Pirambu, Carlito Pamplona, Jacarecanga, Jardim Iracema, Álvaro Weyne e Floresta, todos localizados na zona oeste da cidade.

⁵⁷ A delimitação geográfica desses bairros é bastante limitada, tênue e de difícil precisão, em especial entre o Pirambu e o Cristo Redentor, uma vez que se observa uma inexistência dessas fronteiras físicas, destacando-se à primeira vista muito mais uma continuidade dos espaços nesses bairros que forma o Grande Pirambu.

⁵⁸ Segundo IBGE (2010), aglomerado subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros.

Em relação as raízes históricas, como observa Oliveira (2013), o povoamento do bairro Pirambu⁵⁹, assim como boa parte da zona oeste da cidade ocorreu por volta de 1930 quando muitas famílias fugiram da seca no sertão e ali se instalaram, sem condições de retornar as suas cidades de origem, delineando margens urbanas, distantes e separadas dos espaços que simbolizavam o “progresso” da moderna cidade da Fortaleza. Dessa forma, o seu surgimento se deu em decorrência de uma situação de exclusão social separado da “cidade formal”, evidenciando aspectos de uma “cidade informal” que foi sendo historicamente empurrada para as margens.

Além disso, outro fator que influenciou o surgimento do bairro Pirambu foi a concentração de indústrias que se estabeleciam em sua maioria na parte oeste da cidade, tendo como eixo viário na Avenida Francisco Sá que ali existia e que favoreceu a atração de mão-de-obra barata. No ano de 1926, houve a instalação da indústria têxtil e de cigarros, já em 1927 na Avenida Francisco de Sá origina-se a fábrica de tecidos e em 1928 a instalação do empreendimento da fábrica dos urubus⁶⁰, da rede viação cearense. Do mesmo modo, o bairro era também próximo do centro e à beira-mar, fato que igualmente influenciou o seu povoamento. Antes disso, o bairro do Pirambu era um espaço caracterizado pela presença de colônias de pescadores (OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, o Pirambu passou a concentrar retirantes desembarcados em Fortaleza pelo movimento migratório, caracterizando-se como um território habitado inicialmente por pescadores e depois por imigrantes que chegaram ao bairro e aqueles que após o desfecho dos “campos de concentração” não possuíam estrutura para retornar ao sertão e logo se alojaram nas dunas, erguendo seus barracos e casebres de papelão, barro e palha no Pirambu. Dantas (2009) ao mencionar sobre os relatos de Girão (1979) no que diz respeito a ocupação da zona litorânea oeste da praia no século XIX, enfatiza que os sertanejos se abrigavam em casas de palhas construídas por eles mesmo “sobre as dunas brancas e quentes ao longo de todo o litoral”, fixando moradia precárias. Nesse movimento, observa-se a união de pescadores e favelados que passam a dividir o mesmo espaço do Pirambu, vivendo por um determinado tempo em comunhão e sem conflitos aparentes.

⁵⁹ O nome “Pirambu”, em tupi-guarani significa “peixe-roncador”, o qual foi dado devido ao “peixe sargo-de-beiço”, também conhecido como Pirambu, uma espécie marinha muito abundante nesta região litorânea.

⁶⁰ O empreendimento da fábrica dos urubus ficou conhecido com esse nome porque havia nas proximidades um grande aterro de lixo que atraía muitas aves da espécie, além disso, a própria Avenida Francisco de Sá era também chamada informalmente de estrada do urubu.

Contudo, a “paz” em seu efêmero espaço de tempo, cedeu lugar a conflitos pela posse da terra e pela localização do bairro na orla da cidade.

Costa e Monteiro (1995) descreveram o bairro do Pirambu como uma região composta por belezas naturais que contava com uma paisagem de dunas brancas, diferentes lagoas, morros e coqueiros que caracterizaram o lugar. No entanto, essa paisagem rapidamente foi modificada a partir da década de 1930 e intensificada, sobretudo em 1950 por meio de todo movimento migratório e o êxodo rural influenciado pela seca e pela expansão ferroviária.

Essas questões relacionadas ao movimento migratório e o êxodo rural, relacionadas também aos “campos de concentração” e as secas favoreceram o processo de constituição das primeiras “favelas” da cidade de Fortaleza e que ainda hoje permanecem às margens do mar, como foi o caso do bairro Pirambu (COELHO; MOTA; VASCONCELOS, 2015). Nestes desenvolvimentos históricos espaço-temporais, os migrantes deixaram de ser os “refugiados da seca” e passaram a ser a população “pobre e excluída” que habita os espaços marginais da cidade de Fortaleza. Trechos do arquivo⁶¹ a seguir demonstra essas questões.

Um dos primeiros momentos da História do Ceará, no qual o Pirambu é citado, é a seca de 1932, quando neste local foi instalado um dos campos de concentração no Ceará. O Campo do Pirambu ou Campo do Urubu, como ficou conhecido. A área foi povoada principalmente com a vinda de migrantes do interior na seca e nas décadas de 1960, torna-se o bairro mais populoso da cidade (Acervo Portal Fortaleza Antiga, 2010).

Ao final do mês de abril, quando a distribuição de passagens para Fortaleza foi suspensa em algumas cidades do interior, a expectativa das elites era pela diminuição dos retirantes nos trens que chegavam lotados. Os comboios despejavam os flagelados na parte da cidade que ficava mais próxima ao mar, onde se localizavam as estações férreas de Fortaleza. Muitos retirantes erguiam seus casebres nas proximidades da praia. Esse aspecto ajuda a entender o processo de constituição das primeiras favelas de Fortaleza. Grandes favelas se transformaram em bairro e ainda hoje permanecem às margens da fachada marítima, como, por exemplo, o Pirambu (Acervo Jornal O Povo, 1932).

Nesse período de 1930, a área marítima que se situa na parte Oeste da cidade de Fortaleza concentrou os retirantes da seca em um espaço sujeito a inundações e com muita dificuldade de acesso. Assim, surgiram muitas habitações impróprias e informais, sem nenhum tipo de planejamento, sem demarcação de ruas, sem energia, sem água e sem

⁶¹ Esses trechos documentais representados no arquivo fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa o povoamento do bairro do Pirambu e o processo de constituição da favela. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Antiga publicado no ano de 2010 e no acervo do jornal O povo no ano de 1932.

saneamento básico, além disso, passado o período da seca, as pessoas não conseguiam retornar para o sertão e foi assim que foi se formando o maior bairro popular na orla marítima da cidade de Fortaleza (SILVA, 1992; COSTA, 2007). Trechos do arquivo⁶² a seguir retrata sobre essas questões.

Quando os retirantes chegavam a Fortaleza desembarcavam na estação do Otávio Bonfim e se deslocavam para o Pirambu, onde existia um Campo de Concentração. Em pouco tempo a área concentrou uma grande massa de excluídos, que se tornaram esquecidos pelas autoridades e passaram a viver de uma maneira marginal (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012).

Durante a década de 1930, o Pirambu passou a concentrar retirantes desembarcados em Fortaleza, caracterizando-se, assim, como um território habitado inicialmente por pescadores e depois por imigrantes que chegaram ao bairro e logo se alojaram nas dunas, erguendo seus barracos e casebres de papelão, barro e palha, sem perguntar, quem era o proprietário do terreno. Muitas famílias vieram nos períodos de estiagem, deixando o interior para sobreviver na capital. Assim cresceram muitas habitações, sem nenhum planejamento, sem ruas, sem luz, sem água e higiene. Nascia assim, a favela do Pirambu (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012).

Nessa época, a população da cidade chegava à marca de 100 mil habitantes, na sua maioria operária e pessoas excluídas pela sociedade, que passam a viver segregado em favelas, espaços de moradia para aquelas que não viviam nas ruas a mendigar (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012).

Diferentes problemas estiveram relacionados a formação do bairro Pirambu, entre eles, a especulação imobiliária por ser um bairro localizado à beira-mar e por estar apenas a 3 km de distância do centro da cidade. Dessa forma, a região se tornou um local atrativo para muitos grupos econômicos da elite. Mais precisamente na década de 1940, essa área que era ocupada por pescadores e os retirantes flagelados da seca de 1932 passou a despertar interesse da classe dominante local e então, a partir desse momento começa um processo, ainda que lento, de expansão da área. A instalação de chácaras e casas de Veraneio, faz do bairro um território cobiçado (SILVA, PEREIRA, COSTA, 2018).

Houve a instalação de chácaras e casas de Veraneio, os ricos atraídos pelas belezas naturais do lugar: o encontro do mar com o Rio Ceará, os coqueiros e as dunas, faz do Pirambu um território de elevado valor paisagístico (Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012)⁶³.

⁶² Esses trechos documentais representados no arquivo fazem parte da “coleção dos documentos históricos”. Representam questões relacionadas a formação do bairro do Pirambu e a ampliação das favelas na cidade de Fortaleza. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2012.

⁶³ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa questões relacionadas a valorização das terras no Pirambu que foi motivo de problemas da posse de terra e valorização imobiliária. Foi coletado no ano de 2020 no acervo do Portal Fortaleza Nobre publicado no ano de 2012.

Existiu então diferentes conflitos no que diz respeito a um processo de retirada da população já ali instalada. Houve muita resistência e os moradores conseguiram se manter na área. Segundo Oliveira (2013) nessa época existia uma influência muito forte do PCB (Partido Comunista Brasileiro) que culminou em diferentes estratégias dos movimentos populares da cidade de Fortaleza. Todo esse processo favoreceu a “Marcha do Pirambu” realizada no dia 1 de janeiro de 1962 e que foi um dos primeiros movimentos sociais de resistência em Fortaleza. Nesse movimento, milhares de pessoas saem da periferia e tomam as ruas do centro, onde o cortejo é acompanhado por uma população curiosa, que lota calçadas e janelas. Algumas faixas defendem “é pecado mortal morrer de fome”, “queremos solidariedade”, “ricos e pobres, somos todos irmãos”, “defendemos a dignidade humana”. Na multidão, o sentimento de luta é perceptível contra as injustiças sociais. Esse momento histórico foi um importante evento derivado da experiência sindical e a ação do PCB que tinha como bandeira a luta pela desapropriação das terras e reivindicações relacionadas a terra, trabalho e pão. Além disso, contribuiu para a organização de diferentes associações comunitárias no Pirambu que até hoje perduram no bairro (CAVALCANTE, 2016). Nessa época foi composto por padre Gerardo Campos, irmão do padre Hélio Campos, o famoso hino do bairro para a “Marcha do Pirambu”:

“Vem ver oh! Fortaleza
 O Pirambu passar
 Somos pessoas humanas
 Temos direitos que ninguém pode tirar.
 Somos cristãos que não temem
 O Cristo é o nosso ideal
 Por Ele todos faremos
 A reforma social.
 Pirambu marchar
 Pirambu marchar
 Por um mundo melhor
 Vamos lutar”.

Decorrente de tais processos, o bairro sempre enfrentou outros problemas relacionados a infraestrutura, saneamento básico, falta de segurança e muitos fatores que tornaram a região muito precária. Trechos dos arquivos a seguir relatam essas questões.

Além de já ser localizado em um terreno tão propício a doenças endêmicas, aquele bairro – sofre como todos que não dispõem de calçamentos – de alarmante falta de higiene. Vimos lixo acumulado por todos os recantos, porque não tem por onde ser retirado. Pirambu é um dos mais populosos de

Fortaleza e também um dos mais miseráveis e abandonados pelos poderes públicos. Nem água abundante, nem luz, nem postos médicos, afinal? – Nenhuma assistência social é pretendida nos habitantes do Pirambu. Crianças vivem vadiando no areial a falta de escolas; permanecem doentes porque não dispõem de medicamentos com que se tratem; a sujeira que impera nos terreiros dos mocambos concorre para a aparição dos tífos e paratífos e outras moléstias (O DEMOCRATA, 1950, p. 15 *apud* SILVA, 2006)⁶⁴.

A igreja católica foi uma instituição importante na consolidação de um bairro que resistiu e sempre lutou por seus direitos. Oliveira (2013) argumenta que a igreja desempenhou um papel fundamental na erradicação da miséria no bairro “com a criação do Plano de Recuperação do Pirambu (proposto em maio de 1960), projeto elaborado pelo Centro Social Paroquial Lar de Todos” (p. 54). O plano tinha o objetivo de assegurar melhores condições de vida dos moradores e a redução da violência. Foi por meio de um padre chamado de Hélio Campos juntamente com o PCB que houve a manifestação da “Marcha do Pirambu” e as diferentes reivindicações de reformas sociais. Trechos do arquivo a seguir relata questões relativas a Marcha do Pirambu.

Enquanto que nos jornais registravam o crescimento da cidade. O crescimento da Aldeota com uma burguesia nascente, ligada ao comércio, a exportação. Ele diz que, essa burguesia foi ameaçada com a Marcha do Pirambu. Pois foi a primeira vez que um movimento desse porte colocou nas ruas as suas reivindicações, não só através de cartazes, não só através de faixas, mas através da música: “Vem ver oh! Fortaleza o Pirambu passar...” (...) A multidão marchava quase vagarosamente. Não parecia uma avalanche a espalhar-se nas ruas. Não cantava canções revolucionárias. Não gritava protestos. Não pedia cabeças. Não reclamava o sangue dos ricos. Não delirava de ódios, marcada por fanatismo. Não era mística. Mas todo o sentido da sua realização bramava num cartaz. O cartaz incendiava-se nestes dizeres: Pecado mortal é morrer de fome (CARVALHO, 2003, p. 413-414)⁶⁵.

Enquanto a zona leste foi se valorizando por meio dos seus aparatos turísticos, atividades de lazer e projetos arquitetônicos de elite, além de boa infraestrutura e serviços, diversos outros bairros da zona oeste enfrentavam esses e outros problemas que perduram até os dias atuais. Ainda em relação ao Pirambu, por conta desses processos, o bairro foi considerado um dos pioneiros em relação aos movimentos sociais urbanos, representando

⁶⁴ Esse documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa os principais problemas relacionados ao bairro do Pirambu. Foi coletado no ano de 2020 no acervo bibliotecário do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFC publicado no ano de 2006.

⁶⁵ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa questões relacionadas aos protestos e formas de resistência dos moradores do bairro Pirambu através da Marcha do Pirambu. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 2003.

diferentes processos de resistência por meio de movimentos revolucionários e se consagrando como ícone de resistência a expulsão. De Cock e O’Doherty (2016) problematizam: isso sinaliza a perda ou a resistência do passado? De acordo com os autores, nesse contexto existe a possibilidade de uma aprendizagem sobre o passado, enquanto resistência no tempo e no espaço ao considerar a ruína enquanto uma prática de resistência (DE COCK; O’DOHERTY, 2016) como no bairro do Pirambu. E ainda como argumentando pelos autores, citando Benjamin (2011), precipitando o despertar de uma consciência que seja histórica e revolucionária, não como o vestígio romântico dos efeitos corrosivos do tempo, mas como remanescente e lembrete dos desastres feitos pelo homem (DE COCK; O’DOHERTY, 2016).

Ao presentificar essa situação vivida, as práticas de resistência da comunidade do Pirambu mostram que o lugar que ela destina ao passado é igualmente o modo de dar lugar ao presente e a um futuro (CERTEAU, 2011). Essas construções históricas não fazem referência ao progresso em si, mas “sim a atualização” (BENJAMIN, 2018, p. 764), revelando no “pequeno momento individual o cristal do acontecimento total”. A população do Pirambu, remanescente do “campo de concentração” do Urubu, exerce seu direito de resistência no tempo e no espaço, remetendo a outras histórias que assombram as narrativas “oficiais” ao ser considerado um bairro da cidade pioneiro em relação a diversos movimentos urbanos, políticos comunitários. Esses processos relevam o papel histórico das margens na atualidade como um efeito da agência dos atores sociais, tanto os marginalizados como os que representam o poder central (BENJAMIN, 2016; DAS; POOLE, 2004; GOMES, 2009; MATOS, 2012; QUEIROZ, 2010).

Salienta-se, no entanto, que o bairro do Pirambu ainda carrega no tempo presente o estigma da marginalização, da violência e da pobreza advindo de um processo estrutural histórico dos tempos idos, mas que segue resistindo ao evidenciar diferentes questões relacionadas ao potencial dos moradores da comunidade.

Como proposto inicialmente na organização do enredo historiográfico, no capítulo 5 a seguir discute-se sobre o legado das margens no seu processo histórico a partir dos nexos históricos das ruínas que restaram dos “campos de concentração” no Ceará, bem como uma reflexão sobre o organizar futuro das margens de Fortaleza.

5 DISCUSSÕES: OS NEXOS HISTÓRICOS E O ORGANIZAR ATUAL E FUTURO DAS MARGENS DA CIDADE DE FORTALEZA

*“Quando a chuva voltou
E o sertão floresceu
Acabou a concentração
Mas ninguém se esqueceu
De todo o sofrimento
Que ali aconteceu” (p. 11).*

(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé. Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).

Neste capítulo apresentamos as discussões que envolvem os nexos históricos em termos de “ruínas” que conectam a memória dos “campos de concentração” no tempo presente e que representaram as “ilusões do progresso” da cidade (BENJAMIN, 2016), bem como uma reflexão sobre o organizar atual e futuro das margens sob a ótica dos estudos organizacionais na/da cidade.

5.1 Os nexos históricos que narram sobre as ruínas dos “campos de concentração” e que representaram os ideais do “progresso”

Como foi observado, segundo a história dita “oficial”, as práticas de confinamento voltadas para conter os fluxos migratórios eram consideradas uma prática de boa governança a favor da modernização urbana de Fortaleza. Essa versão da história visava garantir o “progresso” da cidade por meio do controle dos espaços. O presente estudo interrogou essa noção de “progresso” a partir da perspectiva histórica das “ruínas”, representadas pela prática governamental de confinamento em “campos de concentração” de migrantes das secas. A versão que conta a história da promoção do “progresso” por meio de “campos de concentração” reaparece em termos retrospectivos como uma decadência em “ruínas”. Essa reconstrução histórica através dos fragmentos das “ruínas” dos “campos de concentração” problematiza a crença no “progresso”, atribuindo novos significados aos processos de organização nas margens da cidade de Fortaleza.

Apesar dessas diferentes versões da história, podemos sugerir alternativas para a compreensão das práticas que atuaram no processo de organização das margens urbanas de Fortaleza. Ainda hoje esses processos marginais são demarcados e estendidos para o oeste da cidade, como é o caso das atuais comunidades marginais que compõem vários bairros da cidade, como foi demonstrado a formação e povoamento do Pirambu.

Considerando a colocação de Benjamin (2012) na sua tese 7 que “não há um documento de cultura que não seja também um documento de barbárie e, assim como o próprio bem cultural não é isento de barbárie” e a sugestão de “escovar a história a contrapelo” (p. 245), os desdobramentos de algumas práticas históricas que serão descritas a seguir, se basearam em processos de tombamentos, inaugurações de memória e cultura, bem como práticas de rememorações e patrimonialização que servem para visitar e denunciar os efeitos da seca que ainda perduram nos dias atuais e que se configuram como alternativas de gestão (SRINIVAS, 2013), ao mesmo tempo que significam um retorno ao tempo passado ao se conectar com o ambiente experienciado. Essas práticas históricas se encontram inseridas num contexto espaço cultural imbuídos de significados que se remetem às práticas de resistência, originadas dos “campos de concentração”, enquanto “ruínas históricas” (BENJAMIN, 2016; DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Dessa maneira, nesse tópico refletimos sobre esses documentos históricos que narram sobre as ruínas e memória dos “campos de concentração” que resistem e configuram os nexos históricos, atuantes no processo de organizar das margens, bem como os efeitos da história no organizar das práticas, atuais e futuras, na gestão da cidade de Fortaleza, concernente ao último objetivo específico do trabalho.

Apresentamos a seguir uma reflexão sobre as ruínas dos monumentos e casarões do sítio histórico do Patu, a barragem do açude, o cemitério das almas da barragem e a caminhada da seca em Senador Pompeu, assim como o memorial do “campo de concentração” em Fortaleza enquanto documentos de cultura e barbárie (BENJAMIN, 2016). Enquanto patrimônio cultural são documentos que apresentam uma história, trazendo em si as marcas e as transformações sofridas ao longo dos tempos, portanto, carregados de memória e simbolismos, tendo “muito mais a revelar do que propriamente esconder” (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Ruína e história para Benjamin (2011) na “Origem do Drama Barroco” estão relacionados entre si, à medida que como ruína, a história também se fundiu com o cenário de inevitável declínio, pois assim como na concepção barroca, tem-se uma valorização das ruínas como princípio construtivo e de resistência, dessa maneira, dando sentido ao fragmento morto e despedaçado, preenchendo-o e salvando-o (OLIVEIRA, 2012).

Nesse contexto, mencionamos igualmente as concepções de De Cock e O'Doherty (2016) ao enfatizaram sobre as possibilidades de uma aprendizagem sobre o passado, enquanto resistência no tempo e no espaço. Os autores argumentam que a ruína, assim como os monumentos e documentos históricos dos “campos de concentração”, pode ser

também uma prática de resistência, estando repleta de interrupções, histórias e memórias que emergem e que remetem a outras histórias sobre o passado em forma de memória. Dessa maneira, enquanto “restos da história” e algo deslocado no tempo e no espaço que se contrasta com o presente num movimento de translação histórica (DE COCK; O'DOHERTY, 2016; BOYN, 2008).

A maior parte dos “campos de concentração” eram formados por cabanas ou choupanas improvisadas do tipo acampamentos insalubres e, de acordo com os relatos, quase nada restou dessa memória em termos de fragmentos ou ruínas, pois foram desfeitas após a desocupação. Uma das exceções foi o “campo de concentração” do Patu instalado na cidade cearense de Senador Pompeu, situado aproximadamente a 270 quilômetros da capital Fortaleza e que demonstra a materialização de um dos sete “campos de concentração” instalados no Ceará na seca de 1932.

O espaço destinado a instalação do “campo de concentração” em 1932 é denominado atualmente de “sítio histórico do Patu”, sendo composto por doze casarões de estilo neocolonial, entre eles, três grandes casarões, quatro casas médias, uma estação de trem, um galpão de armazém, um hospital (Figura 43), duas oficinas, uma usina de geração de energia, três casas de pólvora e as ruínas da rua da grotá.

Figura 43: Ruínas do hospital do “campo de concentração” do Patu

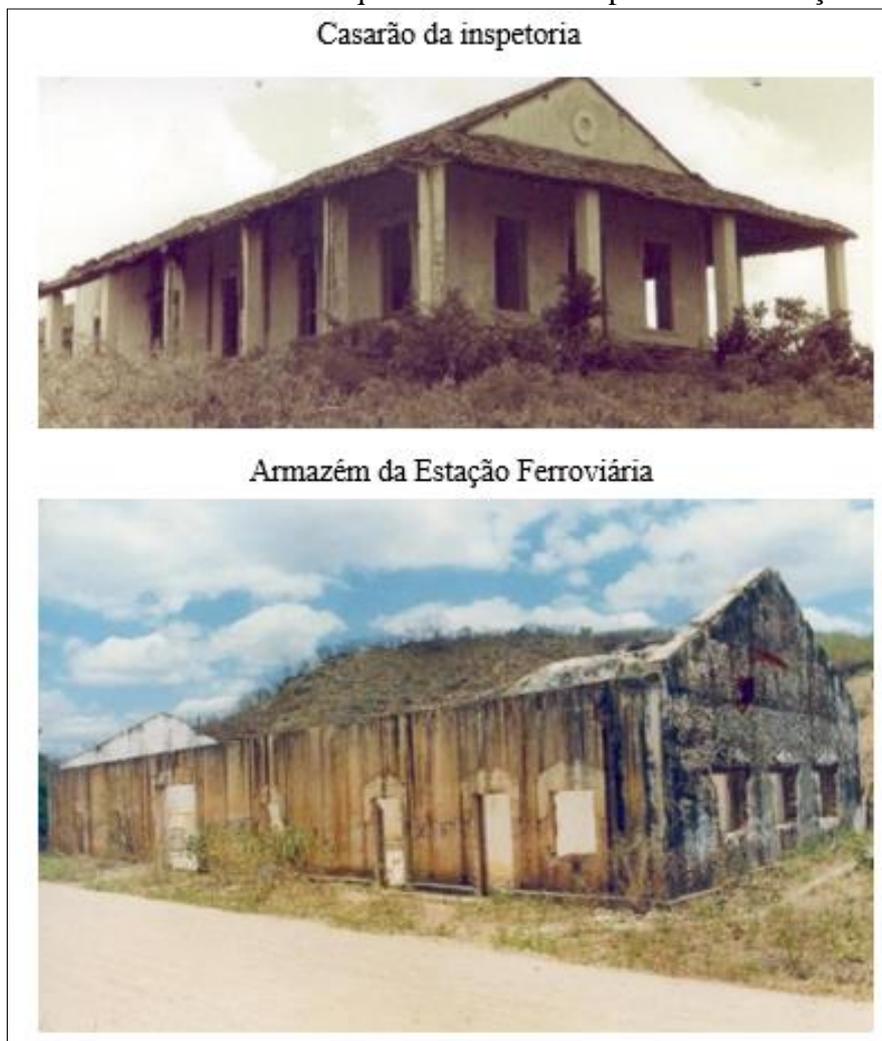


Fonte: (MARTINS, 2019)

A Figura 44 a seguir representa as ruínas do casarão da inspetoria e o armazém da Estação Ferroviária, que recebia inicialmente em 1919 os materiais para construção da

barragem do Patu e, no segundo momento em 1932, os alimentos para distribuição no “campo de concentração” ali instalado.

Figura 44: Ruínas da estrutura arquitetônica do “campo de concentração” do Patu



Fonte: (MARTINS, 2015)

Levando em consideração que toda ruína tem uma história anterior ao seu arruinamento e que este fato a faz monumento de rememoração (DE COCK; O'DOHERTY, 2016), revelamos que esses monumentos foram construídos entre os anos de 1919 e 1923, sendo denominados de “Vila dos Ingleses” e serviram de moradia e escritório para a construção da barragem do açude do Patu como uma das estratégias de enfrentamento às secas e foram erguidos pela empresa inglesa Dwight P. Rodinson e Company. Trechos do arquivo a seguir evidencia essa questão.

(...) aproveitou as instalações da vila operária criada para as obras de construção do açude de mesmo nome, interrompidas pela Inspetoria das Secas

anos antes. Funcionou durante todo o período de assistência aos retirantes (04.32 a 04.33) e chegou a reunir quase 20 mil pessoas em maio (NEVES, 1995, p. 110)⁶⁶.

O açude do Patu teve como finalidade principal o abastecimento de água da cidade de Senador Pompeu e nessa época de 1919, os casarões serviram para abrigar o alto escalão do Governo a exemplo dos engenheiros ingleses que eram responsáveis pela obra da barragem do Patu. Toda região ocupa um terreno do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), em uma área de 16 hectares.

Mais tarde, na seca de 1932 é que esse espaço foi aproveitado como “campo de concentração”, onde os retirantes da seca foram distribuídos em aproximadamente 500 casas construídas para os operários que trabalhavam na construção da barragem. No “campo de concentração” do Patu foram confinadas cerca de 20 mil pessoas e quando as casas já estavam lotadas, o governo passou a montar os barracos para abrigar os flagelados. O mesmo casarão que serviu para abrigar os engenheiros ingleses em 1919 também funcionou como inspetoria e ponto de distribuição da precária alimentação dos flagelados na seca de 1932.

Todas as construções de alvenaria compõem o sítio histórico do Patu com pouco mais de 9 km² e na última década houveram inúmeros e diferentes pedidos de tombamento desse espaço como patrimônio histórico e cultural por meio de provocações da própria sociedade civil, no entanto não houve continuidade nesse processo. Foi então que no ano de 2010 a prefeitura da cidade de Senador Pompeu realizou um pedido de proteção e em 2017 a comissão de patrimônio da SECULT-CE (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará) oficializou um tipo de preservação, ainda de forma provisória, de alguns pontos históricos do espaço e que hoje também são considerados turísticos na região.

Somente em 20 de julho de 2019, após inúmeras articulações entre ativistas, governo, historiadores, arqueólogos, advogados e líderes comunitários houve o tombamento oficial das ruínas do “campo de concentração” do Patu em Senador Pompeu em nível municipal através do Conselho Municipal de Patrimônio de Senador Pompeu (COMPAC-SP). O tombamento é resultado de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado entre o Ministério Público do Ceará (MPCE) e a Prefeitura do município de Senador Pompeu e representou o reconhecimento desse fato histórico como um

⁶⁶ O documento representado no trecho faz parte da “coleção da bibliografia”. Representa o momento em que se aproveitou da estrutura da vila operária na construção do açude de Patu para instalação do campo de concentração em Senador Pompeu em 1932. Foi coletado no ano de 2020 em diferentes bases de dados de artigos e pesquisas sobre a temática publicado no ano de 1995.

momento significativo na história do Ceará e do Brasil, ao mesmo tempo que garante a preservação desse patrimônio material. O conjunto arquitetônico de Senador Pompeu foi o primeiro “campo de concentração” a ser tombado no estado no Ceará em nível municipal e na esfera estadual, esse espaço também deverá ser reconhecido futuramente conforme trechos do arquivo a seguir.

Após seu tombamento como patrimônio histórico-cultural em nível municipal, o sítio arquitetônico do “campo de concentração do Patu”, em Senador Pompeu, deve ser reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT). O trabalho para que isso aconteça se encontra em fase de instrução processual para ampliação das informações históricas, arquitetônicas e antropológicas. Todo estudo deve ser concluído até novembro de 2022, segundo a Pasta (Acervo do Jornal Diário do Nordeste, 2021)⁶⁷.

De acordo com a SECULT-CE, essa iniciativa em nível municipal e estadual está relacionada com as “memórias difíceis” que carregam as dores e os traumas vivenciados coletivamente pela população cearense e serve como um tipo de reparo do erro cometido no passado e que, de alguma forma sirva de reflexão para que outras medidas de emergência mais humanitária sejam planejadas futuramente em situações semelhantes ao que ocorreu nas secas de 1877, de 1915 e 1932. Dessa maneira, é possível perceber nas ruínas do conjunto arquitetônico do Patu um tipo de coabitação que está entrelaçado por meio de dois tempos: o tempo ocorrido e o tempo presente, que como elos articulam narrativas e temporalidades históricas ao refletir acerca de sua transitoriedade.

Estas ruínas, quando refletidas a partir das concepções benjaminianas e analisadas a luz do conceito de ruínas nos estudos organizacionais, denotam diferentes aspectos que carregam em si a “decadência” de distintos contextos trabalhados nesta pesquisa, entre eles, das práticas governamentais de reforma urbana higienista com vistas apenas ao “progresso”, do movimento da *Belle Époque*, do ciclo do algodão que trouxe um certo protagonismo ao Ceará, do ciclo econômico da borracha, das relações internacionais com os EUA e a Europa e das políticas de confinamento e controle social, ao mesmo tempo que evidenciam todo o processo de organização das margens urbanas em Fortaleza e seus distintos processos de resistências. Por meio da reativação da memória de um passado circunstancial, o olhar da ruína abriu um espaço onde novas possibilidades para o futuro podem ser imaginadas (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

⁶⁷ O documento representado no trecho faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa detalhes sobre o processo de tombamento das ruínas do campo de concentração do Patu de Senador Pompeu em nível estadual. Foi coletado no ano de 2021 no acervo do Jornal Diário do Nordeste e publicado no ano de 2021.

Outro nexos do processo histórico dos “campos de concentração” em Senador Pompeu é todo o contexto da construção da barragem do açude do Patu que teve como objetivo realizar o abastecimento de água para a cidade, além de ajudar na regularização do rio Patu. O açude do Patu possui uma capacidade total de 71,83 hm³, drenando uma bacia hidrográfica de 1.012 km². Sua bacia possui cerca de 82 reservatórios de pequeno porte com área de espelho acima de 5 ha. (MAIA, 2016). Possui o nome de barragem ou açude do Patu porque barra o rio Patu, afluente do Rio Banabuiú, que é considerado o maior afluente da bacia hidrográfica do Rio Jaguaribe (Figura 45).

Figura 45: Fotografia aérea do Açude do Patu



Fonte: (DNOCS, 1984)

Os primeiros estudos realizados para a execução do projeto original da barragem foram elaborados em 1919 no governo do então presidente Delfim Moreira da Costa Ribeiro (1868-1920) que teve seu mandato presidencial de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919. No entanto, somente em 1921 já no governo do presidente nordestino Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942), por meio do seu mandato presidencial de 28 de julho de 1919 a 14 de novembro de 1922, foi que as obras iniciaram com os

trabalhos da empresa Dwight P. Robinson & Company de acordo com contrato assinado em 1921 com a antiga Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), atualmente DNOCS.

No canteiro das obras foram construídos doze casarões de alvenaria com o objetivo de abrigar a parte técnica da obra como os engenheiros, enquanto que as residências dos operários eram casas de taipas. No ano de 1923 as obras foram paralisadas por ordem do até então presidente Artur da Silva Bernardes (1875-1955) que teve seu mandato presidencial de 15 de novembro de 1922 a 15 de novembro de 1926. A paralisação se deu em virtude de outras grandes obras de açudagem pelo Nordeste. Algumas tentativas de retomada foram realizadas, no entanto somente em 1984 é que o projeto executivo foi concluído elaborado pela Divisão de Barragens do DNOCS (MAIA, 2016).

Da paralisação das obras em 1923 até o período da seca de 1932 se passaram nove anos, quando no mês de abril deste ano milhares de sertanejos que fugiam da seca e da fome se aglomeraram na cidade de Senador Pompeu para pegar um trem com destino a cidade de Fortaleza. Nesse período de 1932 foi requerido ao Governo Federal a retomada de obras da construção do Açude Patu, no entanto, o governo deu prioridade a construção de outros açudes, a exemplo do Açude Lima Campos e de Choró-Limão. Além disso, como uma das estratégias para impedir que os sertanejos chegassem a cidade de Fortaleza foi aproveitado as instalações da vila dos ingleses para o estabelecimento do “campo de concentração” do Patu. No tempo presente o açude é administrado pelo governo federal por meio do DNOCS e monitorado desde 1993 pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH).

Ao compreender as ruínas como também lugares de evocação de memórias (DE COCK; O'DOHERTY, 2016), menciona-se que um outro nexos histórico é o cemitério das almas da barragem que se configura como um dos espaços que fazem parte do sítio arquitetônico e que também foi tombado em nível municipal como patrimônio histórico-cultural ao relacionar com a história do “campo de concentração” do Patu em Senador Pompeu.

O cemitério (Figura 46) foi construído em 1980 na área onde foram enterrados os retirantes em valas comunitárias e representa um ato para homenagear e rezar pelos retirantes falecidos na seca de 1932. A construção desse monumento foi simbólico e se deu por meio de religiosidade dos populares, por iniciativa de padres como Albino Donatti, Anastácio Ferreira de Oliveira e João Melo dos Reis.

Figura 46: Vista interna do cemitério das almas da barragem



Fonte: (MARTINS, 2019)

O cemitério está localizado a aproximadamente 4 km do centro de Senador Pompeu e é tido como o marco fundante da romaria da caminhada da seca (SILVA, 2012), fato que simboliza um forte elo religioso e cultural com a cidade de Senador Pompeu. O cemitério é considerado um lugar sagrado para todo o povo do Nordeste, sobretudo para os habitantes do Sertão Central do Ceará e muitos acreditam, segundo a crença popular, que as almas da barragem operam milagres e são divinizados. Moradores da região até os dias atuais fazem votos e pedidos de cura e orações em favor de pessoas doentes. Além de se configurar como um movimento de resistência e reivindicação política em relação a diferentes temáticas, entre elas, a falta de alimento e água, sobretudo a pobreza e o abastecimento de água, o sofrimento, o abandono, as doenças e a morte. Todo esse processo é materializado por meio de um evento organizado por eles denominado de “caminhada da seca” (Figura 47), um cortejo cultural organizado com o objetivo de

preservar a memória das estiagens e homenagear as vítimas do “campo de concentração” ali instalado, demonstrando as singularidades que são próprias de seu processo de transmutação em ruínas.

Figura 47: Cortejo da caminhada da seca em Senador Pompeu



Fonte: Diário do Nordeste (2019)

A caminhada da seca é considerada com um patrimônio imaterial decorrente do evento histórico dos “campos de concentração” e foi um movimento criado em 1982 por iniciativa do padre italiano Albino Donatti⁶⁸, que havia chegado em Senador Pompeu no ano de 1981. O padre deu início a romaria da caminhada da seca um ano depois da sua chegada na cidade. Esse processo se deu após escutar os inúmeros e diferentes relatos de milagres na população da cidade e as histórias sobre o “campo de concentração” do Patu pautados na configuração de um santo coletivo que são as “santas almas da barragem”⁶⁹ (SILVA, 2012). Além disso, no ano de 1983 o padre com seu perfil pautado numa preocupação com a educação popular, religiosa e política, cria o Centro de Defesa dos

⁶⁸ Padre Albino Donatti é o fundador da caminhada da seca, romaria católica criada em 1982 em detrimento à devoção popular às Santas Almas da Barragem. Esteve à frente da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, igreja matriz de Senador Pompeu por 14 anos, de 1980 a 1994. Veio a falecer em abril de 2013, em Trento na Itália, local também de seu nascimento (MARTINS, 2015).

⁶⁹ Santas almas da barragem é o nome dado pela população às vítimas que morreram sem nenhum tipo de assistência no campo de concentração do Patu em Senador Pompeu. É considerado como santo coletivo sem que haja uma representação física por meio de uma imagem, mas aqueles que sobreviveram ao campo de concentração lhe conferem sua identidade, sobretudo, com raízes de devoção na realidade cruel enfrentada pelos sertanejos na seca de 1932.

Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC). Segundo Silva (2012), esta iniciativa serviria como um mecanismo jurídico que atuou e atua na “luta das comunidades impactadas pela construção da Barragem do Patu que estavam ameaçadas pelos órgãos governamentais” (p. 07). Dessa maneira, tanto a igreja católica quanto o CDDH-AC são os principais responsáveis pela organização da caminhada da seca e dos diferentes eventos de resistência da comunidade.

Ao encontrar uma população altamente religiosa o padre Albino Donatti convida alguns paroquianos e realiza uma caminhada até o cemitério da barragem e lá ele faz uma celebração. Por meio dessa iniciativa nasce uma tradição e o então padre decide institucionalizar religiosamente o movimento da caminhada da seca, organizando uma romaria oficial com direção ao cemitério das almas da barragem e, simbolicamente ele decide instalar um templo católico o qual ele denominou de “santuário da seca” (MARTINS, 2015). Diferentes práticas são identificadas durante a caminhada da seca, entre elas, orações e cânticos em prol de pessoas excluídas da sociedade, leitura dos depoimentos dos sobreviventes da seca de 1932 e reflexões políticas sobre questões sociais que ainda atormentam a população de Senador Pompeu.

Por estar ligado a um movimento simbólico que tem por base lembrar os mortos do “campo de concentração” do Patu na seca de 1932, o evento ocorre no segundo domingo de novembro de todos os anos, após o dia de finados. Ao longo dos anos diferentes percursos foram idealizados na caminhada, indo desde a passagem pela linha férrea, perpassando o açude do Patu e o conjunto arquitetônico das ruínas dos casarões. No entanto, a última parada do evento se manteve o mesmo desde o início da criação da caminhada que é o local sagrado do cemitério das almas da barragem (MARTINS, 2015). A caminhada inicia às 04h30min, saindo da Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores, percorrendo uma romaria por 3 km até o cemitério da barragem onde é celebrada a missa final. Como próprio nome sinaliza, é um evento onde todo o percurso é feito a pé pelos devotos como forma de lembrar o sofrimento dos “campos de concentração”, ao mesmo tempo que se configura como diferentes práticas de pagar suas promessas as santas almas da barragem.

Esses cortejos culturais que se direcionam, particularmente, às autoridades governamentais do estado, além de lembrar-lhes da necessidade de ampliação de políticas públicas para as populações que ainda hoje sofrem com os problemas das estiagens, indicam que o lugar que se destina ao passado é igualmente o modo de dar lugar a um futuro (CERTEAU, 2011). Esses relatos também nos lembram sobre as “lições da

história” contidas na tese benjaminiana de número oito que prega que a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é a regra e que temos de chegar a uma história que seja contada correspondendo a essa ideia (BENJAMIN, 2016). O cortejo da caminhada da seca ocorre até os dias atuais na cidade de Senador Pompeu como demonstrado em alguns folders promocionais representados na Figura 48 a seguir. Nos anos de 2020 e 2021 não houve o cortejo por conta da pandemia do Covid-19, no entanto houve uma pequena celebração em forma de missa no cemitério da barragem do Patu em memória das santas almas e homenagem popular.

Figura 48: Capa dos folders promocionais das 34^a, 35^a e 36^a caminhada da seca



Fonte: Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Conselheiro, 2018⁷⁰

O cortejo da caminhada da seca é considerado por muitos historiadores como um dos maiores documentos da história dos “campos de concentração” no Ceará, sendo visto como um movimento simbólico imaterial que acontece dentro do patrimônio material do conjunto arquitetônico que se encontra os casarões do sítio do Patu e que representa os saberes sobre a seca e a vida sofrida do sertanejo, tendo como ponto de partida as ruínas por meio das memórias de 1932, incorporando elementos políticos e religiosos. A ruína não apenas indica o que foi, mas sobretudo, as potencialidades que não foram construídas historicamente a partir do lamento perdido num passado e/ou o registro de uma esperança futura (BENJAMIN, 2016; DE COCK; O’DOHERTY, 2016).

⁷⁰ O documento representado na figura 48 faz parte da “coleção dos documentos históricos”. Representa diferentes capas de folders descrevendo sobre o evento da caminhada da seca que acontece todos os anos na cidade de Senador Pompeu em memória as vítimas das secas de 1932. Foi coletado no ano de 2021 no acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antonio Conselheiro (CDDH-AC) publicado no ano de 2018.

A cidade de Senador Pompeu é ainda um dos únicos lugares que existem essas ruínas físicas e simbólicas, materiais e imateriais que retratam sobre a história dos “campos de concentração” como forma de preservação de uma memória histórica e coletiva. Na cidade de Fortaleza não existem ruínas físicas e materiais que evidenciem este episódico emblemático da história do Ceará, dessa forma, a ausência de ruínas físicas e a falta de referências históricas tem relegado ao esquecimento essa história no Ceará pelo fato de que esses espaços foram criados em 1915 e 1932 de maneira improvisada pelo governo e foram desfeitos após a desocupação dos retirantes e o término dos períodos de estiagem na região.

Como demonstrado nos itens e subitens anteriores, os documentos históricos apontam sobre a existência de três “campos de concentração” na cidade de Fortaleza em diferentes períodos: Em 1915, o campo do Alagadiço, no atual São Gerardo e os campos do Matadouro (Otávio Bonfim⁷¹) e do Urubu (Pirambu) no ano de 1932. No entanto, há imprecisão sobre os exatos endereços e localizações que abrigaram esses “campos de concentração”. Embora se observe que os documentos descrevam características do local, ainda pouco se menciona com exatidão sobre essas informações. Uma notícia recente vinculada pelo Diário do Nordeste em 2019 menciona que:

(...) o Campo do Urubu localizava-se na vizinhança à Rede de Viação Cearense (RVC), espaço que hoje abriga a sede da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) na Av. Francisco Sá. O campo era estruturado no terreno nas proximidades no sentido do mar. O do Otávio Bonfim é um o único em que há um mínimo consenso sobre o endereço. O campo se situava na área ocupada atualmente por prédios como a sede da Regional I, nas proximidades da Igreja do Otávio Bonfim e da Av. José Jatahy (Acervo do Diário do Nordeste, 2019).

Diferentes iniciativas e movimentos vem na contramão do esquecimento e tenta reconstruir e preservar a história e a memória nesses locais no cenário urbano em forma de resistência (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Por exemplo, em novembro do ano de 2018 houve a inauguração de um monumento em uma área da Av. José Jatahy, no antigo Otávio Bonfim por meio de um vagão de trem cedido pela Transnordestina. Presume-se que foi uma área por onde passava a estrada de ferro de Baturité e onde os retirantes eram deixados ao chegar em Fortaleza. Esse processo deu um pequeno passo para preservação dessa memória na cidade de Fortaleza (Figura 49).

⁷¹ Muitas notícias enfatizam sobre o Bairro do Otávio Bonfim, no entanto esse é o nome que os moradores consideram até os dias atuais, mas o antigo Otávio Bonfim compreende ao que hoje corresponde aos bairros do São Gerardo e Farias Brito.

Figura 49: Vagão de trem cedido pela Transnordestina e localizado em uma área da Av. José Jatahy, onde passava a antiga estrada de ferro de Baturité



Fonte: Fotografia de Helene Santos cedida ao Diário do Nordeste (2019)

Dando continuidade ao passo de preservação dessa memória na cidade de Fortaleza uma outra iniciativa seguiu nesse sentido. O Bosque dos Ferroviários foi um espaço estruturado pela prefeitura da cidade de Fortaleza e nele foi planejado para o ano de 2019 a inserção de uma placa alusiva como uma espécie de memorial que deveria ser fixada para fazer referência a existência do “campo de concentração”. Dessa maneira, este seria o único espaço em Fortaleza que faria menção a este fato histórico. Além disso, a prefeitura planejou para esse espaço também a criação de uma biblioteca que seria construída no vagão, contendo documentos históricos e diferentes bibliografias que tratem da história dos “campos de concentração” no Ceará, sobretudo em Fortaleza uma vez que não existem ruínas e fragmentos que comprovem essa história na cidade.

Todas essas informações das iniciativas foram vinculadas em diversos jornais em 2018 e 2019. No entanto, não foi encontrado informações mais atuais sobre o andamento

desse processo. Em conversas informais com Sr. Valdecy Alves⁷², um pesquisador ativista que luta pela preservação dessas memórias, ele mencionou que após terem colocado o vagão de trem, a prefeitura fixou os dormentes para colocar a placa e também foi escolhido uma frase para ser inserida na placa, no entanto a prefeitura suspendeu o processo ainda em 2019 pois houve uma mudança no dirigente da Regional I. A prefeitura ficou de dar continuidade, mas com a pandemia da covid-19 em 2019/2020 houve novamente uma suspensão. Como não houve continuidade e o processo ficou parado, houve também pichação por parte de algumas pessoas moradoras daquela região.

Como observa-se na cidade de Fortaleza existem ainda poucas iniciativas e políticas governamentais com o propósito de resgatar a memória dos “campos de concentração” que existiu na cidade e, como demonstrado ao longo do percurso historiográfico, se configurou como um nexu histórico que organizou as margens urbanas da cidade, evidenciando as desigualdades e marginalizações sociais existentes atualmente na parte oeste da cidade como no bairro do Pirambu. Segundo Benjamin (2016), o passado necessita ser melhor entendido, pois nele já se manifestava o presente, refletindo assim, sobre a existência de um presente no passado (OLIVEIRA, 2012).

Todos esses patrimônios culturais físicos e simbólicos dos “campos de concentração” no Ceará possuem singularidades que são próprias de seu processo de transmutação em ruínas e como toda ruína, eles possuem um caminho histórico que se encontram inseridos num contexto socioespacial imbuídos de significados que remetem ao conceito de resistência (DE COCK; O’DOHERTY, 2016). Além disso, revelamos que esses monumentos são significativos para evidenciar os nexos históricos que atuam até hoje no organizar das margens da cidade. Esses processos de organização do patrimônio histórico e cultural se entrelaçam com processos de práticas de memória política. Nesse

⁷² Valdecy Alves é advogado, ativista e militante dos movimentos sociais. Nascido em Senador Pompeu (CE), mora atualmente em Fortaleza. Poeta, dramaturgo, documentarista, cineasta, romancista. Especializado em Direito Constitucional e duplamente em Direito Previdenciário, com foco em Regime Próprio de Previdência Social e regime geral. Foi membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB Ceará, ex-advogado da Cáritas, ex-advogado do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Conselheiro. Atua em várias áreas do direito (cível, criminal, eleitoral, trabalhista, sucessão, família, administrativo, constitucional, educacional, sindical e previdenciário). Versado em dissídios de greve no setor público, ações no STJ, TST e STF, elaboração de projetos de lei, planos de carreira, fundação e criação de sindicatos e associações. Foi advogado do Banco do Brasil S/A, AJURE/São Paulo). Assessora o Movimento Sindical e movimentos sociais, acompanhando eventos em todo o País. Consultor, palestrante e parecerista para todo o Brasil. Defensor dos movimentos relacionados a preservação da memória dos “campos de concentração” no Ceará.

contexto, o sentido de um passado político é disputado entre os agentes da memória, atuando como protagonistas, que negociam a ocupação dos espaços com o poder estabelecido representado pelo estado implementando políticas patrimoniais. Esses relatos também nos lembram as “lições de história” (CERTEAU, 2011), postulando que a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é a regra (DAS; POOLE, 2004).

A própria história do bairro Pirambu anteriormente citada demonstra diferentes práticas de resistências e sinaliza diversas conexões com as raízes históricas do “campo de concentração” do Urubu que lá existiu em 1932, mas que no tempo presente não se evidencia um retorno de memória a este fato histórico, relegando a história do bairro ao esquecimento e apagamento, bem como as artimanhas do silêncio (CERTEAU, 2011), que neste caso precisa considerar os efeitos da história no organizar das práticas da cidade de Fortaleza e suas margens. Dessa forma, revelamos que por meio da memória impregnada nesses monumentos e práticas de um passado circunstancial, o olhar das “ruínas”, se confronta com alguns dos relatos “oficiais” ao evidenciar a busca pelo dito “progresso”, abrindo espaços onde novas possibilidades para o futuro da cidade e suas margens podem ser imaginadas.

5.2 O organizar atual e futuro das margens sob a ótica dos estudos organizacionais na/da cidade

Os estudos organizacionais na/da cidade já há alguns anos vem adotando uma perspectiva de vida social organizada, permitindo estabelecer diálogos sobre as concepções de uma vida social que é ordenada ao possibilitar a observação e a relação com as cidades a partir da riqueza da existência humana e como ela se apropria da cidade nos seus diferentes processos de organização (SARAIVA, 2020).

Corroborando com De Cock e O’Doherty (2016) ao discutir sobre uma aprendizagem do passado e a reativação da memória, abrindo um espaço onde possibilidades inovadoras para o futuro podem ser planejadas, assim como abrir os “espaços cinzentos” em termos do passado da história, esta etapa do trabalho se refere ao último objetivo específico do trabalho: refletir sobre os efeitos da história no organizar das práticas atuais e futuras na gestão da cidade. Seguindo essa linha de pensamento, Benjamin (2016) sintetiza que uma ruína possibilita a fantasmagoria das memórias que, como brechas da história, permanecem para assombrar o presente e refletir sobre o futuro. É nessa relevante relação que esse ponto se fundamenta ao refletir sobre como o passado

pode organizar práticas inovadoras para uma gestão futura da cidade de Fortaleza ao compreender diferentes aspectos relacionados as origens do bairro Pirambu, enquanto movimentos de resistência, desafiando suas raízes históricas. Dessa forma, inserindo a cidade no centro de comparações trans-históricas para compreensão da realidade empírica do capitalismo (GONDIM, 2007).

Como anteriormente observado, o processo de fechamento dos “campos de concentração” em Fortaleza em 1877, 1915 e 1932 foi dando espaço para que os retirantes, sem nenhum tipo de assistências, se aglomerassem e permanecessem nessas localidades para fixar residência, trabalho e renda. Os espaços habitados por eles foram sendo caracterizados por locais pouco drenados e lamacentos, à margem dos centros e nos arredores da cidade, onde os migrantes se organizavam em habitações baratas e superlotadas, culminando no processo de favelização e marginalização.

Ao compreender todo esse processo, podemos refletir sobre como as práticas históricas podem ser relevantes para elucidação de perspectivas atuais e futuras no que diz respeito a uma gestão futura da cidade de Fortaleza, tendo o passado histórico como um nexos organizador e norteador de diferentes práticas, com a vivência de múltiplas temporalidades imbricadas nas práticas urbanas a partir de uma consciência histórica (BENJAMIN, 2016). Sobretudo, compreendendo os espaços da cidade como o próprio documento repleto de movimentos paradoxais e múltiplas memórias, diferentes identidades, significados e distintos conflitos (ÁVILA; RIBEIRO, 2013).

O processo de historicização em relação as práticas governamentais de reforma urbana higienista e de controle social contribuiu para destacar a função organizativa dos “campos de concentração” no que diz respeito aos espaços marginais da cidade que demarcaram diferentes processos de desigualdades. Dessa forma, as diversas práticas identificadas relacionam a história na dinâmica organizativa urbana ao mesmo tempo que projeta diferentes futuros possíveis e imagináveis (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Assim, o bairro do Pirambu do tempo presente é o resultado de uma malha de práticas que foram organizadas historicamente, iluminando diferentes reflexões para pensar a cidade por meio de uma gestão urbana que leve em consideração as raízes históricas ao compreender que o presente pode ser o produto de uma cadeia de episódios e fatos correlacionados. Dessa maneira, conforme preconizado por Certeau (2011), as histórias fragmentadas de passados e de tempos, que neste estudo foi representado pelas histórias passadas relativas ao organizar das margens de Fortaleza, podem se desdobrar enquanto histórias de rememorações com uma certa abertura para se refletir sobre o tempo

futuro, dessa forma, alterando o enfraquecimento de nossa experiência fenomenológica do passado e do futuro e a redução da nossa temporalidade ao presente (JAMESON, 2015; DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

Observa-se ainda a existência de uma certa historicidade no levantamento das práticas evidenciadas nesta pesquisa que estão permeadas por nexos conectores sob a égide das ruínas históricas dos “campos de concentração”. Hoje, a zona oeste da cidade de Fortaleza é uma representação de construções históricas e sociais que insurgiram à medida que os diferentes atores e processos ergueram uma ampla malha de práticas históricas que significam o bairro do Pirambu no tempo presente, do mesmo modo que abre tempos futuros na reflexão de uma gestão da cidade à medida que desafia sua própria carga histórica, não estando reprimido ao passado por meio de um processo de oposição e sobrevivência, portanto de resistência e distintas potencialidades.

Atualmente, para além dos estigmas relacionados ao bairro do Pirambu como “violento”, “marginal”, “perigoso”, “pobre”, “inferior”, “miséria”, “exclusão” e que reflete bem a ideia de “margens do estado” especificada por Das e Poole (2004), o mesmo resiste num processo de ressignificação na complexa tentativa de subverter o legado histórico imbricado a ele, por meio de diferentes ações e espaços de lutas e expressão política, urbana, artística e cultural. A perspectiva de “ruína” ao problematizar a linearidade histórica é baseada em um princípio construtivo e de resistência (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Conforme exemplificado nos trechos a seguir, essa perspectiva historiciza diversos relatos das atuais tentativas de retirada da população instalada no bairro do Pirambu, área urbana que margeia o mar, considerada de alto valor pela especulação imobiliária.

Nesse levantamento que apresentamos a seguir, caminhamos igualmente como o *flâneur* benjaminiano ao mencionar as diferentes práticas urbanas que existem e resistem no bairro do Pirambu e como a comunidade coloca em “prática a organização de suas múltiplas formas de existência em sociedade” (SARAIVA, 2020, p. 2), ao considerar a vida social organizada ali esquadrinhada. Dessa forma, foi considerado as diferentes práticas pelas quais a comunidade do Pirambu organiza, ressignifica, resiste e narra suas memórias e histórias, levando a cabo suas dinâmicas plurais, adotando o ponto de vista da vida social para compreender seus processos de organizar.

Conforme anteriormente relatado, a “Marcha do Pirambu” (1962) foi uma dessas práticas que ainda hoje é lembrada como um marco no que diz respeito aos movimentos de resistência da comunidade. Houve grande repercussão na cidade, sendo legitimada

pela igreja católica e tinha como pauta as ameaças de despejo e representou a luta pela posse de terra e as dificuldades de comunicação entre a comunidade e o Estado. De acordo com Barreira (1992), a “Marcha do Pirambu” foi relevante para culminar na aprovação do Decreto Lei 1.058, de 25 de maio de 1962, que desapropriou parte dos terrenos e que leva o movimento a ser o pioneiro em relação a experiência local de desapropriação.

Outras diferentes práticas de resistência se deram e a história de luta do Pirambu não se resume a marcha de 1962, pelo contrário, se traduziu e se traduz ainda hoje numa luta cotidiana. Por meio desse movimento, outras manifestações de resistência se deram a partir de algumas ações que prejudicavam a população, entre elas, a construção da Av. Leste-Oeste através de um processo de retirada das famílias; a inauguração do Porto do Pecém e o seu distrito industrial em São Gonçalo do Amarante, onde muitas indústrias tiveram que se retirar do Pirambu, havendo um processo de desconcentração industrial ao deixar grandes vazios urbanos na região; o projeto Costa-Oeste em 2002 que considerava a constituição de uma via paisagística à beira-mar com um calçadão, levando em consideração os aspectos turísticos da região, o que ocasionou um processo de gentrificação. Por meio de movimentos de resistência, mais tarde em 2006 esse projeto foi intitulado de “Vila do Mar” que propunha a requalificação do Pirambu, incluindo a realocação das famílias que foram retiradas da região, além de outras providências.

Do mesmo modo, as diferentes articulações entre a sociedade civil organizada, a própria comunidade e o governo municipal através da prefeitura de Fortaleza levaram ao Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDP-For) que inclui diferentes lotes e espaços como Zona Especial de Interesse Social⁷³ (ZEIS) e que se apresenta como ações relevantes ao considerar a dinâmica urbana da área do Pirambu, entre outras áreas mais carente da cidade como um espaço de interesse social (BRASIL; CAVALCANTI, 2015).

Os movimentos de resistências no Pirambu nos conduzem a refletirmos sobre a ruína enquanto um fragmento que resiste no tempo e na paisagem, conforme preconizado por De Cock e O’Doherty (2016) por meio das diferentes potencialidades do bairro e nas

⁷³ As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) são porções de terras públicas ou privadas que buscam, prioritariamente, à regularização urbanística e fundiária dos assentamentos de baixa renda existentes e consolidados, além do desenvolvimento de programas habitacionais de interesse social e de mercado popular nas áreas não edificadas, não utilizadas ou subutilizadas, estando sujeitas a critérios especiais de edificação, parcelamento, uso e ocupação do solo. Essas zonas foram delimitadas e determinadas pelo Plano Diretor de Fortaleza (PDPFor-2009), Lei nº 062 de 02 de fevereiro de 2009 (Plano Diretor Participativo). Diferentes entidades do governo, da academia e da sociedade civil organizada tem colaborado na construção dos Planos Integrados de Regularização Fundiária (PIRF) das ZEIS consideradas prioritárias que estão relacionadas aos bairros: Praia do Futuro, Bom Jardim, Moura Brasil, Mucuripe, Serviluz, Dionísio Torres, Pirambu, Pici, Poço da Draga e Lagamar (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2021).

margens urbanas que circundam seu entorno, abrangendo diferentes áreas da zona oeste ao considerar uma subversão do seu legado histórico. Dentre essas potencialidades, podemos citar algumas outras práticas, entre elas, o caso de empreendedorismo social com inclusão digital por meio da Cooperativa do “Pirambu Digital” que tem o objetivo de oferecer educação digital, produtos e serviços para contribuir com o suprimento da comunidade, desenvolvendo soluções de Tecnologia da Informação (robótica, letramento digital, jogos digitais, lógica de programação e desenvolvimento de aplicativos) para incluir socialmente os moradores do bairro. Esta prática iniciou suas atividades no ano de 2006 por jovens moradores do próprio bairro e atendendo crianças a partir de sete anos, o projeto estimula o empreendedorismo e protagonismo juvenil, além de contribuir para o desenvolvimento desses jovens e do seu entorno urbano (*Site Biografia e Descrição*).

O “Pirambu News” é um *site* que também vem nesse movimento como uma prática de compartilhamento e divulgação de notícias referente a própria comunidade e bairros vizinhos, assim como o “Pirambu On-line” (grupo do *Facebook*), seja informando sobre serviços, seja divulgando eventos, atividades lúdicas, feiras, etc., seja denunciando ações contra o governo, portanto, propagando conteúdos relacionados ao cotidiano do bairro como forma de garantir que a informação chegue a todos da comunidade.

Cita-se também o “bumba-meu-boi do Pirambu” que é um movimento artístico-cultural que trata sobre a influência negra existente no bairro e se configura como uma expressão comunitária cultural onde os participantes interagem com o público por meio de suas histórias ancestrais. É considerado um folguedo⁷⁴ que faz parte da história oral e que pode evidenciar a presença negra no Ceará ao compreender a participação da cultura negra na formação do patrimônio imaterial cearense, compondo o legado cultural negro da cidade de Fortaleza. Evidencia-se neste movimento diferentes trocas culturais entre os sertanejos migrantes que fugiam da seca do interior e a criação do “bumba-meu-boi do Pirambu”. Assim como o bairro, o folguedo do “bumba-meu-boi do Pirambu” está à margem das diferentes atividades turísticas da região porque é oriundo e praticado na periferia da cidade de Fortaleza (BURITI; MARTINS; RIBEIRO, 2009).

Nesse mesmo movimento, cita-se o projeto familiar “Boi Juventude” que há quase vinte anos ajuda a escrever a história cultural do bairro Pirambu, unindo crianças, adolescentes, jovens e anciões no Centro Social Urbano Virgílio Távora (CSU) do

⁷⁴ Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Algumas tem origem religiosa, tanto católica como de cultos africanos, e outras são folclóricas.

Pirambu. O grupo é uma tentativa de resistência e potencialidade do bairro ao manter viva uma manifestação popular que surgiu da união de elementos da cultura europeia, africana e indígena e que foi passada de pai para filho por meio do vaqueiro Zé Ciro Rocha que passou para seus seis filhos, todos também praticantes e que logo se estendeu a toda comunidade do Pirambu. Atualmente, devido ao contexto sanitário da pandemia do Covid-19, o grupo vem passando por dificuldades de se manter.

O “MISMEC (Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária) - 4 Varas: Comunidade que Cuida”, de acordo com sua descrição no *site* institucional, é “uma entidade civil sem fins lucrativos, de caráter filantrópico e base comunitária. Há 33 anos desenvolve um trabalho na área de prevenção da saúde comunitária, na comunidade do Pirambu e adjacências, periferia de Fortaleza. É um projeto interdisciplinar e transcultural do Departamento de Saúde Comunitária da Pró-Reitoria de Extensão da UFC. Surgiu como um dos desdobramentos do TCI (Terapia Comunitária Integrativa) que acontece semanalmente, além de massagem terapêutica, trabalhos com ervas medicinais pela estreita relação indígena e oficinas de arte psicopedagógico com crianças. É um projeto que também vem nesse movimento de resistência e potencialidade do bairro, pois promove o desenvolvimento da comunidade por meio de outras atividades relacionadas, entre elas, a promoção de diferentes estudos, reflexões e debates sobre as decorrências sociais, econômicas e culturas nos processos de marginalizações de indivíduos e populações (FERNANDES, 2016).

Inserido no movimento de tentar driblar e superar os desafios da desigualdade, superando a pobreza e a exclusão social em Fortaleza, a criatividade e a cultura por meio da economia criativa, tem trilhado caminhos para favorecer uma ação colaborativa e coletiva dos segmentos culturais nos diferentes processos produtivos, tendo esse movimento como mola propulsora para transformações socioeconômicas da população marginalizada em áreas de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). No ano de 2019, Fortaleza recebeu da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), a chancela de cidade criativa na categoria do *Design*, somando-se a outras 246 cidades eleitas, desse modo, fazendo parte da Rede Global de Cidades Criativas (*Network Creative Cities Network - UCCN*). As cidades criativas eleitas pela UNESCO são consideradas como um laboratório de ideias criativas e práticas de inovação, trazendo diferentes contribuições para atingir os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) através de atividades e projetos que beneficiem as comunidades. Nesse sentido, a cidade de Fortaleza se comprometeu de realizar esses

diferentes projetos no campo da economia criativa em parceria entre sociedade civil, poder público, universidades e dentre outras entidades até o ano de 2024, tendo horizonte dos próximos quatro anos (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

Dentre esses projetos, citamos a criação de um distrito criativo⁷⁵ que, na cidade de Fortaleza, se configura como um modelo de desenvolvimento urbano e de cidade compacta e conectada, baseado na economia criativa do *design*, unindo o Centro e a Praia de Iracema. Observa-se que nos limites dos perímetros urbanos desses bairros se situa a comunidade carente do Poço da Draga⁷⁶ que possui quase 115 anos de história e se localiza também nas margens oeste da cidade, juntamente com os outros bairros já citados anteriormente nesta região, o Pirambu, Moura Brasil, Barra do Ceará, etc. Esta comunidade é mais uma da parte oeste que é símbolo de resistência e tenta subverter o seu legado histórico por meio das suas potencialidades nos seus arredores através de diferentes equipamentos urbanos culturais como a “Caixa Cultural do Ceará”, o “Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura” e dentre outros (NOGUEIRA, 2019).

Além disso, a comunidade resiste, pois, sofre com a especulação imobiliária por meio dos interesses turísticos relacionados a sua localização. Como ainda o distrito criativo é um projeto em andamento, não se sabe de que maneira esta comunidade estará incluída e/ou integrada no projeto de Fortaleza como cidade criativa do *design*. No entanto, a mesma segue preservando a memória coletiva de resistência ao mostrar seus potenciais por meio de diferentes práticas e atividades criativas tais como: a “Galeria Virtual - Dragaleria” que tem o objetivo de preservar a memória da comunidade e retratar o cotidiano dos moradores por meio de práticas artísticas de fotografia; o “Movimento ProPoço” que se configura como um coletivo que se importam e lutam pela causa de pertencimento e de identidade, sendo composto pelos próprios moradores; a “ONG Velaumar (Assessoria, Desenvolvimento & Cidadania)” criada em 2004 por um coletivo de moradores que presta serviços como cursos, palestras, capacitação profissional e programas educativos para a comunidade; e o “Projeto Poço de Cultura” que também tem

⁷⁵ Um distrito criativo é um território de sinergia entre empreendedores (por meio de clusters, startups, incubadoras, coworkings) residentes e prestadores de serviços públicos. São reconhecidos pela sua capacidade de produzirem soluções inovadoras aos problemas do cotidiano de suas populações. Situam-se dentro de um bairro ou integrando vários bairros sendo caracterizado por um processo indutivo de desenvolvimento por meio da potencialização das vocações locais (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

⁷⁶ O Poço da Draga é considerada uma das primeiras favelas da cidade de Fortaleza, tendo se formado entre as décadas de 1920 e 1940, na antiga Praia do Peixe (hoje, Praia de Iracema) nas proximidades da Ponte Metálica. Margeia o Rio Pajeú que atravessa a cidade e possui 34.502 km² de território e cerca de 1.026 pessoas vivendo em assentamentos precários (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2018).

o objetivo de mapear e potencializar as atividades artístico-cultural da comunidade, a fim de capacitar (RODRIGUES, 2019; FEITOSA, 1998; KARDOZO; DIÓGENES, 2021).

No contexto da comunidade do Pirambu, essas práticas e iniciativas multiplicam o enredamento do fenômeno relacionado a sua existência, uma vez que as margens da cidade carregam diversas referências simultâneas de coexistência social (SARAIVA; IPIRANGA, 2020). Dessa maneira, observa-se que essas regiões marginalizadas a oeste da cidade de Fortaleza não se configuram apenas como um espaço urbano passivo (DAS; POOLE, 2008) referente a sua atuação. Pelo contrário, o conjunto de práticas identificadas que potencializam o local dos bairros tem revelado formas específicas de resistências, sendo articulados, sobretudo, por uma criatividade coletiva e repleta de saberes e significados locais através de uma marginalidade que, paradoxalmente, é da maioria. Embora se observe que as margens costumam ser retratadas igualmente como espaços uniformes e análogos entre si, isso não significa que todos os tipos de margens sejam homogêneos (DAS; POOLE, 2004) como foi observado nos movimentos de resistências e as diferentes potencialidades mapeadas anteriormente, assim possibilitando formas próprias e particulares de organizar (COOPER, 1976). Das e Poole (2004) lembram que o paradoxo indeterminado concernente as margens servem para desconstruir a ideia de um estado eficiente e consistente. Ao tornar presente essa situação vivida, as práticas de resistência da comunidade do Pirambu mostram que o lugar que ela atribui ao passado é também a forma de abrir espaço para o presente e o futuro (DE COCK; O'DOHERTY, 2016). Dessa maneira, a população do Pirambu, remanescente do “campo de concentração” de Urubu, exerce seu direito de resistência no tempo e no espaço referindo-se a outras histórias que assombram as narrativas “oficiais” quando é considerado um bairro pioneiro na cidade em relação a vários movimentos urbanos e políticas comunitárias. Esses processos revelam o papel histórico das margens hoje como efeito da agência dos atores sociais, tanto os marginalizados quanto os representativos do poder central (DAS; POOLE, 2004).

Contudo, atualmente, a reflexão que se problematiza é: como compreender os efeitos da história a partir do seu organizar, visando práticas atuais e futuras para se pensar numa gestão da/cidade efetiva por meio das margens urbanas no oeste de Fortaleza? E ainda, como sua história poderá ser lembrada para atuar como um nexo que conectou o organizar fragmentário espacial da cidade por meio das ruínas que lhes são convalidadas para sua prospecção futura? O sentido de fragmentação empregado no conceito de ruína corrobora para o entendimento de que a ruína enquanto história (BENJAMIN, 2016), tem

um significado mais amplo do que quando era um todo completo por conta do seu movimento de translação com o presente (DE COCK; O'DOHERTY, 2016).

No tempo presente, as margens urbanas a oeste de Fortaleza são consideradas reflexos não apenas do legado estrutural histórico das práticas governamentais de reforma higienista e de confinamento e controle social que visavam o “progresso”, mas apesar disso, são reflexos também paradoxalmente da organização de uma malha de práticas subversivas e de resistências, evidenciando seu potencial criativo e social e que sobretudo, são adjacentes na sua ressignificação espaço-temporal. Destes legados históricos que lhes são organizadores, evidencia-se uma margem oeste enquanto um espaço urbano complexo e dinâmico ao possuir uma lógica própria e em constante movimento que emerge cotidianamente da articulação entre as fronteiras do seu passado, seu presente e futuro temporal. Dessa maneira, considerando os efeitos da história no organizar de práticas futuras da/na gestão da cidade.

Embora se observe as inúmeras translocalizações espaciais em tempos idos e atuais que narraram sua história de formação, o Pirambu, assim como a maioria dos bairros que estão à margem da cidade ainda resiste. Todo seu passado serve de reflexão para não se cometer mais os mesmos erros em relação as políticas e práticas governamentais futuras que focam a organização de cidades. Portanto, se faz relevante atuar no estabelecimento e fortalecimento de um planejamento urbano que legitime sua história com o objetivo de refletir e problematizar sobre os conceitos ditos “progressistas” da “modernidade” nascente. Dessa maneira, teremos um “futuro que seja aberto” (DE COCK; O'DOHERTY, 2016), por meio de diferentes possibilidades que se desenham a luz de práticas e políticas urbanas historicamente organizadas, enfatizando a compreensão que existe na relação da história com a organização da cidade.

Apesar da evidenciação dos “campos de concentração” como uma prática governamental de confinamento por meio de todos os documentos levantados nesta pesquisa, ainda se observa o desconhecimento dessa história por parte significativa da população cearense, sobretudo os entes institucionalizados, sinalizando as artimanhas dos silêncios e os desvios históricos (CERTEAU, 2011; DECKER, 2013). São espaços de memória relegados ao esquecimento, embora diferentes ruínas desses monumentos ainda estão em evidência como anteriormente citado, o caso da cidade de Senador Pompeu. Essa memória silenciada que faz parte da história do Ceará pode implicar na possibilidade de precarização de práticas inovadoras. Portanto, revela-se a necessidade de reforçar a narrativa histórica sobre o processo de organização das margens urbanas não só da cidade

de Fortaleza, mas também de outras cidades brasileiras que se ergueram sob o símbolo da “modernidade” e o almejado “progresso” e que possuem espaços de memória perdidos, mas historicamente legitimados para se compreender o presente e planejar o futuro.

Desenvolver espaços de resistências, fortalecer e publicitar a história, legitimar espaços de memória e cultura a partir do manejo da história nas práticas de patrimonialização/rememoração e focar nas potencialidades locais na elaboração de um planejamento governamental são algumas maneiras de promover outras e inovadoras práticas de gestão que são capazes de reconstruir novos significados ao evidenciar um passado organizador dos espaços da cidade por meio dos seus legados construídos historicamente.

Ademais, refletimos igualmente que os relatos historiográficos desta pesquisa demonstram que não é de hoje que as práticas e estratégias governamentais têm sido empregadas como recurso que, originalmente comprometidas com os ideais do “progresso” e modernização por meio do combate ao atraso, são empregadas como elementos de exclusão e opressão. As práticas históricas de confinamento e controle social baseadas na criação dos “campos de concentração” no Ceará se constituíram na materialização de um processo de higienização urbana e limpeza social disfarçado de refúgio do progresso ao “afastar a sociedade das trevas do atraso”. Assim, observa-se que o poder público e seus projetos de governo em prol da sociedade e do cidadão, apesar de muitas vezes serem apresentadas de forma associada ao bem da coletividade e o bem-estar social, se presta a uma atuação mais ampla com outros objetivos os quais se inserem numa dinâmica sociopolítica de acordo com seus interesses particulares e hegemônicos, dessa maneira, tendo como consequências as diferentes questões relacionadas a marginalidade nas cidades.

Ao compreender essas questões à luz dos estudos organizacionais, problematiza-se sobre como pode ser planejado, construído e organizado um amplo projeto de exclusão de pessoas consideradas atrasadas e, portanto, indesejáveis, sustentado pelo discurso progressista e que perpassou várias décadas e diferentes governos. Assim, refletimos sobre os aspectos relacionados a gestão e a quem ela serviu no passado, tem servido no presente e a quem servirá no futuro e, sobretudo, contra quem ela se volta. Dessa forma, é relevante pensar sobre as maneiras pelas quais a administração e suas técnicas podem dar as mãos a uma gestão que seja, de fato, inclusiva e considere os efeitos do passado no organizar das práticas atuais e futuras na gestão da cidade de Fortaleza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O fato era esquecido
Na história oficial
Mas ficou na memória
Da gente desse local
Dita por sobreviventes
Que resistiram ao mal” (p. 13).*

*(Literatura de Cordel - Casarões da Barragem do Patu, Cultura, História e Fé.
Uma Saga no Tempo. Autor: Fram Paulo, 2012).*

Nosso objetivo nessa pesquisa foi compreender, sob o ponto de vista histórico, como ocorreu o organizar das margens da cidade de Fortaleza. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter histórico, tendo sido constituída uma coleção de arquivos documentais. Como resultado desses processos, 193 documentos foram coletados e analisados em diferentes acervos documentais de domínio público. O resultado, obtido por meio de uma análise historiográfica a partir de uma “escrita da história” (CERTEAU, 2011), foi um enredo dos percursos históricos referentes a uma malha composta de práticas governamentais que influenciaram no organizar das margens urbanas a oeste que compõe a cidade de Fortaleza de atualmente.

Mencionamos que a análise foi resultado de uma trajetória interpretativa baseada na revisão de literatura elaborada, nos caminhos, nas vozes, nos silêncios, nas práticas e seus desdobramentos, bem como no nosso posicionamento epistemológico. Desse modo, igualmente procuramos demonstrar as formas que podem surgir a partir da articulação entre história e administração, sobretudo os estudos organizacionais, quando investigamos as práticas históricas referente ao organizar urbano, atendendo o clamor por mais pesquisas históricas na administração (CLARK; ROWLINSON, 2004).

Nesse sentido, com base em “unidades de compreensão” (CERTEAU, 2011) temporalizadas entre três períodos, a escrita da história focalizou os desdobramentos das práticas governamentais relativas ao confinamento em “campos de concentração” dos migrantes das estiagens que se refugiavam na cidade de Fortaleza. Entre os períodos espaço e temporais considerados (isolamento; segregação; criação do aparato de gestão deliberada das margens), a cidade passava por um processo de modernização, inspirado pelos ideais do “progresso” de uma nascente modernidade que se contrapunha aos problemas trazidos pelas ondas de migrações provocadas pelos fenômenos das estiagens. Direcionados por uma administração governamental amparada em estratégias de

confinamento, os chamados “campos de concentração” foram erguidos sob a égide de práticas urbanas higienistas, expresso pelo processo de europeização da *Belle Époque* que foi responsável por um conjunto de práticas no contexto dos espaços urbanos da cidade de Fortaleza em suas margens. Nesse processo foi observado que houve um tipo de desenvolvimento urbano desigual, na medida que as novidades vindas de fora foram efetivadas tendo como base a exclusão e o confinamento de uma parte da população que passou habitar as margens da capital, assim, o retirante foi considerado o flagelo da elite a partir de uma Fortaleza “moderna”, mas repleta de contradições “antigas”. Dessa forma, este estudo questionou a crença no “progresso” da cidade a partir da perspectiva histórica das “ruínas” representadas por um “não-lugar originário de um passado estranho” (CERTEAU, 2011), relacionado à história das práticas governamentais de confinamento nos “campos de concentração” de migrantes das estiagens. Essas questões possibilitaram conhecer esse passado, ainda que presente, como uma prática de resistência no espaço e em diferentes tempos que desvelou ao mesmo tempo as rachaduras do almejado progresso.

Da análise evidenciou-se que as amplas margens da cidade de Fortaleza são traduções das “ruínas” ao extrair da história fragmentos de uma intemporalidade, onde o brilho da modernidade e do “progresso” se extingue ao refletir que a natureza desde sempre esteve sujeita ao sofrimento. Todo processo histórico foi responsável por uma série de práticas de resistências que organizam as margens da Fortaleza de atualmente através das formas de organizar das comunidades que foram, historicamente, subalternos à europeização.

Dessa maneira, revelamos que a maioria das vozes que permeiam os discursos da história dita “oficial” privilegiam o poder institucionalizado do estado ao evidenciar um alinhamento aos padrões urbanos europeus a partir das práticas urbanas higienistas. Essa questão é justificada por vivermos numa sociedade grafocêntrica pautada em valores ocidentais que tende a privilegiar a escrita, ou seja, o “oficial”, em detrimento da fala, da memória e da tradição da oralidade, gerando desigualdades e exclusões. Por outro lado, essas vozes silenciam igualmente as consequências dessas práticas higienistas que culminaram nos “campos de concentração” relativas à europeização sofrida pela cidade de Fortaleza a partir da materialização do que vinha de fora. No entanto, através da reativação da memória de um passado circunstancial, o olhar das “ruínas”, representado pelas políticas governamentais de confinamento, se confrontou com os relatos “oficiais”, abrindo espaços onde novas possibilidades para o futuro da cidade podem ser planejadas.

A partir da investigação dos documentos históricos e bibliográficos foi observado a existência de uma rede composta de práticas de confinamento e controle urbano com vistas a uma “melhoria” e “civilidade” da cidade, refletindo as tensões do estado que demarcava, sobretudo, as diferenças ao acentuar as desigualdades já existentes, fixando a população migrante nas margens da cidade.

Evidencia-se que as tramas historiográficas sugeriam a existência de um nexo histórico organizador que atuou/atua na fragmentação espacial da cidade e na formação das margens urbanas na região oeste de Fortaleza. Esses processos atribuíram novas significações ao organizar das margens da cidade de Fortaleza, indicando a impossibilidade de vislumbrar um futuro, enquanto não se concretizar esta crítica ao presente. Demonstrou-se uma relação entre espaços e tempos simultâneos, com o transitar das margens (no) centro, amparado por políticas públicas que moldam as práticas regulatórias que formam o próprio estado, possibilitando aprendizagens sobre este passado, enquanto resistência no espaço e em tempos diferenciados. Nesse contexto, o nexo histórico da “ruína” faz menção: i) aos restos de uma história ainda não contada e dos processos no espaço - tempo revelados; ii) a uma consciência crescente da multiplicidade de forças que se sobrepõem à organização, entre esta, mencionamos a organização das cidades; iii) a um conhecimento sobre a nossa capacidade e disposição de olhar para “todos os cantos da realidade” (DE COCK; O’DOHERTY, 2016), ou para “os estilhaços do real” (PAES DE PAULA, 2012), na configuração de mundos possíveis e/ou futuros imaginados (ANDERSON, 1991).

Conforme problematizado pela premissa histórica benjaminiana de que os conceitos de progresso e ruína são dois lados de uma mesma moeda (BENJAMIN, 2018), evidencia-se que as práticas governamentais de reforma urbana higienista, de confinamento e controle social foram desenvolvidas tendo como objetivo o “progresso” e modernização da cidade. Contudo, esses processos em suas transformações históricas geraram ruínas a partir das práticas do organizar das margens que caracterizam a cidade de Fortaleza. Nesta relação, considera-se os processos de historicização das ruínas/progresso relacionados as políticas governamentais dos “campos de concentração” o “cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2018, p. 765) para problematizar sobre os processos históricos do organizar urbano da cidade, sinalizando os entrelaçamentos entre os nexos históricos e seus desdobramentos.

Considerando o curso do tempo histórico, em alguns bairros situados nas margens urbanas de Fortaleza como a comunidade do Pirambu na região oeste, observamos a

existência de uma malha de práticas/iniciativas de resistências que narra suas memórias e histórias. São práticas relacionadas às artes, movimentos culturais, de educação, de saúde, atividades com foco na economia criativa e etc, com pouco ou quase nenhuma relação com o poder público, pois são desenvolvidas pela própria comunidade que segue se organizando e resistindo ao descaso do estado.

Nesse sentido, podemos compreender uma malha de práticas, do passado e também do presente, que nos possibilitaram refletir sobre o processo organizativo das práticas históricas, sugerindo que houve um passado que organizou a formação de amplos espaços marginais em Fortaleza. Assim, compreendemos o nexos histórico que se desdobrou no organizar da cidade e que ajuda a explicar a fragmentação da cidade, principalmente das margens urbanas da região oeste de Fortaleza. Dessa maneira, os resultados nos apresentam as “lições da história” (CERTEAU, 2011) no sentido de nos auxiliarem no reconhecimento das possibilidades de um passado, visando compreender o presente, mas também o futuro dos processos do organizar da cidade, assim como repensar rotas alternativas de gestão para aqueles que são treinados para administrá-las.

Fortaleza, cidade turística, conhecida como a “Cidade do Sol” e “Terra da Luz”, famosa por suas praias, com falésias vermelhas, palmeiras, dunas e lagoas, conhecida também como a “Capital da Alegria” cujos espaços são permeados por estruturas arquitetônicas verticalizadas dos hotéis luxuosos e resorts na Avenida Beira-Mar, é lugar de “progresso” e que se ergueu historicamente sob o símbolo de modernidade como a Paris de Benjamin (2018). Fortaleza, é também mais uma cidade brasileira com grandes índices de marginalidades urbanas e desigualdades sociais singularizados por seus nexos históricos conectores naquela Fortaleza que do ponto de vista histórico nos sugeriu uma reflexão sobre as conservações históricas que permanecem ainda a flagelar a cidade. Sobretudo, conferindo à urbe um aspecto específico lastreado pela compreensão do passado na construção de espaços marginalizados por meio de saberes que são (re)produzidos periféricamente, portanto contra-hegemônicos.

Buscando refletir de maneira mais prática, evidenciamos o uso da história no organizar das margens das cidades, considerando que este resgate histórico poderá oferecer subsídios para uma alternativa inovadora da prática de gestão, atual e futura, da cidade de Fortaleza, no sentido de melhor compreender as dinâmicas de segregação e marginalização dos espaços e populações. Dessa maneira, esta pesquisa contribui para a reflexão de alternativas de gestão e manejo da cultura por meio das inaugurações de memória e cultura, bem como a formulação de políticas públicas relacionadas a

compreensão e ao planejamento das cidades, sobretudo, no que tange a produção de conhecimentos históricos sobre o organizar das margens-centros urbanos, refletindo que o nexu histórico poderia nos fazer compreender a especificidade do espaço possibilitando uma crítica aos conceitos do urbanismo contemporâneo. Por outro lado, no que diz respeito às práticas de um novo processo espacial, é necessário considerar as diferentes práticas de resistência, mas que se desdobram ainda muito lentamente. Assim, uma alternativa especificaria onde e como o nexu histórico da “ruína” atuou, atua e poderia atuar na gestão da cidade. Por meio de uma análise histórica, estamos contribuindo para uma reflexão do passado a partir da organização da cidade e suas narrativas.

Ademais, outra contribuição se dá sobre os aspectos teóricos na articulação entre os estudos de cidades e na abordagem da história na administração, sobretudo, abordado pela perspectiva de conceitos benjaminianos. Dessa forma, ampliamos o entendimento do organizar urbano inserido num olhar que abrace, abarque e leve a cabo os percursos históricos dos espaços nas margens da cidade.

Como limitação destacamos a dificuldade no acesso aos arquivos físicos de forma presencial e de outros inúmeros problemas neste processo, pois esta tese foi construída em meio a pandemia do Covid-19 decretada pela OMS em 11 de março de 2020 em todo o mundo. Relato igualmente que, mesmo no acesso ao material digital, tivemos problemas ao acesso dos documentos históricos, pois muitos documentos da história de Fortaleza e do Ceará ainda não foram digitalizados, deixando boa parte dos documentos nos acervos físicos. Também por conta da pandemia não tivemos como ir presencialmente visitar as ruínas históricas remanescentes do “campo de concentração” do Patu em 1932 na cidade de Senador Pompeu e nem na comunidade do Pirambu em Fortaleza, onde lá foi instalado o “campo de concentração” do Urubu em 1932.

Por fim, mencionamos igualmente que o processo de marginalizações urbanas é complexo e multifacetado, demandando ulteriores análises e problematizações. Salienta-se, por fim, que os resultados desse estudo sugeriram um potencial para aprofundar reflexões consequentes em estudos hodiernos e futuros sobre: i) os aspectos históricos relacionados a outras cidades brasileiras que, assim como Fortaleza, se desenvolveram sob a égide de práticas urbanas ditas “progressistas” e sob o signo da modernidade; ii) os aspectos de uma logística urbana crítica para compreender “se” e “de que forma” as margens tendem a servir aos centros por meio das suas vias e passagens das cidades; iii) compreender novas reflexões relacionadas às margens das cidades e às construções da memória, considerando seus silêncios, resistências, apagamentos e esquecimentos.

REFERÊNCIAS

- ADORISIO, A. L. M. Organizational remembering as narrative: ‘Storying’ the past in banking. **Organization**, v. 21, n. 4, p. 463-476, 2014.
- ADORNO, T. **Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- AGIER, M. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro**. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498 dez. 2015.
- AGOSTINI, S. D. Ciclo Econômico da Borracha–Seringueira Hevea Brasiliensis (Hbk) M. Arg. São Paulo: **Páginas do Instituto Biológico**, v. 9, n. 1, p. 6-14, 2013.
- ALBANO, I. **O secular problema da seca**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1918.
- ALBUQUERQUE FILHO, R. F. **Cidade, seca e campo de concentração: o início da modernização em Crato, Ceará (1900-1933)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Campina Grande (PB), 2015.
- ALVAREZ, M. C.; SALLA, F. Estado-nação, fronteiras, margens: redesenhando os espaços fronteiriços no Brasil contemporâneo. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 1, p. 9-26, 2013.
- ALVES, J. **História das secas (séculos XVII a XIX) Edição Fac-Similar 1953**. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2003.
- ANDERSON, B. **Imagined Communities**. Verso: London, 1991.
- ANDRADE, F. A. D. O secular problema das secas do Nordeste brasileiro. **Boletim Cearense de Agronomia**, p.39-49, 1970.
- ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, 2003.
- ARRUDA, D. M.; FARIAS, J. A. Arquitetura, ideologia e governança urbana: uma leitura a partir da cidade de Fortaleza-CE. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, 2017.
- ÁVILA, C. B.; RIBEIRO, M. F. B. **Cidade: espaço, documento e monumento**. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN. Anais.... Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.
- BARREIRA, I. A. F. **O reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção**. Rio Fundo Editora, 1992.

BARROS, A. Antecedentes dos cursos superiores em administração brasileiros: As escolas de comércio e o curso superior em administração e finanças. **Cadernos EBAPE. BR**, 2017, 15.1: 88-100.

BARROS, A. Archives and the “Archive”: dialogue and an agenda of research in organization studies. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 609-623, 2016.

BARROS, A. N. D., CRUZ, R. C., XAVIER, W. S., CARRIERI, A. D. P.; LIMA, G. C. Apropriação dos saberes administrativos: um olhar alternativo sobre o desenvolvimento da área. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, 12(5), 43-67, 2011.

BARROS, A. N.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, 55(2), pp. 151 – 161, mar./abril, 2015.

BARROS, A.; ALCADIPANI, R.; BERTERO, C. O. A criação do curso superior em administração na UFRGS em 1963: uma análise histórica. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, 2018, 58.1: 3-15.

BARROSO, G. **À margem da história do Ceará**. Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012

BENJAMIN, W. **Origem do Drama Trágico Alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018.

BERNAL, C. **A metrópole emergente: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza**. Editora UFC, 2004.

BETTIN, C.; MILLS, A. J. More than a feminist: ANTi-Historical reflections on Simone de Beauvoir. **Management & Organizational History**, v. 13, n. 1, p. 65-85, 2018.

BEZERRA, L. M. P. S. FRONTEIRAS SIMBÓLICAS E (DES) CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DOS “POBRES” NAS MARGENS URBANAS: problematizando versões de moradores (as) de territórios estigmatizados de Fortaleza-CE. **Revista de Políticas Públicas**, v. 20, p. 281-294, 2016.

BEZERRA, M. M.; LOPES, L. L. S.; SILVA, J. S.; IPIRANGA, A. S. R. Spatial practices in the city: The kidnapping of an arts organization. **Brazilian Administration Review**, 16(4), 1-23, 2019.

BÓGUS, L.; RIBEIRO, L. C. Q. Apresentação. **Cadernos Metrópole**, 15, 9–11, 2006.

BOOTH, C., ROWLINSON, M. Management and organizational history: Prospects. **Management & Organizational History**, 1(1): 5–30, 2006.

BORGES, A. S. C.; SANTOS, J. B. F. Trajetória de políticas habitacionais em cenários de desigualdade social: o caso de Fortaleza. **Revista O público e o privado**, n. 17, 2011.

BOWEN, D. I. Making Sense of Disaster Through Rhetorical Homologies: Extending Walter Benjamin's Unique/Copy Binary to Post-Katrina Tours. **Communication Quarterly**, v. 66, n. 3, p. 265-282, 2018.

BRASIL, A. B. **Fragmentação Sócio-Espacial no Espaço Litorâneo de Fortaleza**. Simpósio de Fortaleza: Observatório das Metrôpoles, 2008.

BRASIL, A. B.; CAVALCANTI, E. R. DAQUI NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA: TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIAS DO GRANDE PIRAMBU, FORTALEZA (CE). **Anais ENANPUR**, v. 16, n. 1, 2015.

BRASIL. **DNOCS. Ministério do Desenvolvimento Regional**. Disponível em <<https://www2.dnocs.gov.br/gab-cs/noticias/3521-abertura-de-estudo-sobre-tombamento-sobre-antigo-campo-de-concentracao-de-senador-pompeu>> Acesso em: 10 out. 2019.

BRETAS, A. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008.

BRULON, V.; PECCI, A. **Sobre favelas enquanto campos de poder e a (des)organização do espaço social**. In: SARAIVA, L. A. S.; ENOQUE, A. G. (Org.). *Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário*. (pp. 135-178). Ituiutaba: Barlavento, 2019.

BRUNNINGE, O. Using history in organizations: how managers make purposeful reference to history in strategy processes. **Journal of Organizational Change Management**, v. 22, n.1, p. 8-26, 2009.

BUCK-MORSS, S. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Ed. UFMG, 2002.

BUCK-MORSS, S. **The Dialectics of seeing. Walter Benjamin and the Arcades Project**. MIT Press, 1991.

BURITI, I.; MARTINS, J. C. O.; RIBEIRO, R. M. S. Bumba-meu-boi do Pirambu: tradição afro-cabocla e potencial atrativo para o turismo em Fortaleza. **Revista eletrônica de turismo cultural**. Volume 3, Nº 01, 2009.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. Unesp, 1992.

BURREL, G. **Pandemonium: Towards a Retro-Organization Theory** Burrel. London: [s.n.], 1997.

CÂMARA, S. F.; CARVALHO, H. J. B.; SILVA, F. A. A.; SOUZA, L. L. F.; SOUZA, E. M. Cidades inteligentes no nordeste brasileiro: análise das dimensões de trajetória e a contribuição da população. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 21, p. 139, 2016.

CÂMARA, Y. M. R.; CÂMARA, Y. R. Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em O Quinze (1930). **Revista Entrelaces – Ano V – nº 06 – jul.-dez.** 2015.

CAMPOS, C. E. C. Michel de Certeau. **A Operação Historiográfica**. In: CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. AEDOS, v. 3, n. 6, 2010.

CAMPOS, J. N. B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. **Estudos avançados**, v. 28, n. 82, p. 65-88, 2014.

CÂNDIDO, T. Os trilhos do progresso: episódios das lutas operárias na construção da estrada de ferro de Baturité (1872-1926). **Revista Trajetos**, v. 1, n. 2, 2016.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1978.

CARNEIRO, A.; BARROS, A. Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. **Revista de Contabilidade e Organizações**, 11(30), 14-23, 2017.

CARRIERI, A. P. As gestões e as sociedades. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 21-64, 2014.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, 2014, 49.4: 698-713.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; LIMA, G. C. O.; MARANHÃO, C. M. S. A. Estratégias subversivas de sobrevivência na “Feira Hippie” de Belo Horizonte. **Gestão.Org. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 6, n. 2, p. 174-192, 2008.

CARTAXO, J. **Cidades: economia, gestão e centralidade**. Fortaleza: Armazém da cultura, 2016.

CARTER, R. G. S. Of things said and unsaid: power, archival silences, and power in silence. **Archivaria**, v. 61, 2006.

CARVALHO, A. **Memória e cidade através de Benjamin e Baudelaire**. Cadernos do grupo de pesquisas Walter Benjamin e a filosofia contemporânea (GEWEBE), número 16, 2016.

CARVALHO, H. J. B. (Org.). **Gestão de cidades: construindo uma nova abordagem**. Fortaleza: EdUECE, 2019.

- CARVALHO, J. **Aldeota**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- CARVALHO, O. O erguimento do DNOCS (a propósito do seu I Centenário). **Revista Conviver – Nordeste Semiárido**. V. I, n. 6, pp. 153-241, 2009.
- CASTRO, J. L. Arquitetura no Ceará: o século XIX e algumas antecedências. **Revista do Instituto do Ceará**, v. 128, p. 9-68, 2014.
- CASTRO, J. L. **Fatores de Localização e de Expansão da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977. 46 p.
- CASTRO, L. As retiradas para os campos de açudagem na seca “do quinze”. **Revista Historiar**, v. 2, n. 2, 2010.
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: J. Poupart, et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERRUTI, M. Q. **O jovem e o rap: ética e transmissão nas margens da cidade**. 2016. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CLARK, P.; ROWLINSON, M. The Treatment of History in Organization Studies: Towards an ‘Historic Turn’? **Business History**, 46(3), 331-352, 2004.
- COELHO, I. V. **Museu de território dos campos de concentração no Ceará**. 2019. 147 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 2019.
- COELHO, S. D.; MOTA, K. C. N; VASCONCELOS, F. P. A visão da comunidade na implantação de projetos de desenvolvimento urbano para o turismo e para a qualidade de vida: políticas públicas no Bairro Grande Pirambu, Fortaleza-CE. **Turismo-Visão e Ação**, v. 17, n. 1, p. 210-240, 2015.
- COHEN, L. **“Operability: Surgery at the Margin of the State”**. In: DAS, Veena; POOLE, Deborah (orgs.). Anthropology in the margins of the state. Santa Fe: School of American Research Press, pp. 165-190, 2004.
- COHN, A. **Crise regional e planejamento: o processo de criação da SUDENE**. Perspectiva, 1978.
- COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L. A. S. Confrontos entre o espaço produzido e o espaço vivido em Belo Horizonte: um estudo sobre o Quarteirão do Soul. **Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 14, n. 37, p. 28-52, out./dez. 2014.
- COLARES, A. F. V.; SARAIVA, L. A. S. Problematizando o velho e o idoso sob a ótica do capital. **NAU Social**, Salvador, v. 7, n. 12, p. 55-67, 2016.

COOKE, B. Writing the left out of management theory: the historiography of the management of change. **Organization**, v. 6, n. 1, p. 81-105, 1999.

COOPER, R. **The Open Field**. Human Relations, v. 29, n. 11, p. 999-1017, 1976.

CORDEIRO, A. C. F.; MENEZES, J. A. **Fortaleza de leste a oeste: progresso e beleza ‘pra turista ver’ - encontros com crianças e jovens em Fortaleza**. In: CASTRO, L. R. (Org.). Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras, 7 Letras, 2001.

CORDEIRO, A. T.; MELLO, S. C. B.; BASTOS, A. F. S. Aqui é a nossa praia! Apropriação e uso da avenida paulista no contexto de políticas de desenvolvimento urbano. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 2019.

CORREIA, G. F. A.; SANTOS, J. V. P.; CARRIERI, A. P. **Futebol como tradição ou invenção? A prática de representar a cidade no Museu Brasileiro de Futebol de Belo Horizonte**. In: SARAIVA, L.A.S.; IPIRANGA, A.S.R. (Orgs). Histórias, práticas sociais e gestão das/nas cidades. Ituiutaba: Barlavento, 2020.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, 2011.

COSTA, A. M.; BARROS, D.; MARTINS, P. Perspectiva Histórica em Administração: Novos Objetos, Novos Problemas, Novas Abordagens. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo. v. 50, n. 3, p. 288-299, 2010.

COSTA, A. S. M.; SARAIVA, L. A. S. Memória e formalização social do passado nas organizações. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 6, p. 1761-1780, 2011.

COSTA, A. S. M.; SILVA, M. A. A pesquisa histórica em administração: uma proposta para práticas de pesquisa. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 90-121, 2019.

COSTA, M. C. L. **Clima e Salubridade na construção imaginária do Ceará**. In: VI Encontro Regional de Estudos Geográficos – EREG. Anais: Nordeste: Turismo, Meio Ambiente e Globalização. João Pessoa: Associação do Geógrafos Brasileiros/Neo Planos, jul., 1997 p.71-88.

COSTA, M. C. L. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, p. 82, 2014.

COSTA, M. C. L. **Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço**. In: SILVA, J. B.; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. Ceará: Um Novo Olhar Geográfico. 2ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

COSTA, M. C. L. **Teorias médicas e gestão urbana: a seca de 1877-79 em Fortaleza**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 11, n. 1, p. 57-74, 2004.

COSTA, M. G.; MONTEIRO, Â. M. F. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: Seriarartes Edições, 1995.

CUNHA, E. P.; FERRAZ, D. L. S. Marxismo, estudos organizacionais e a luta contra o irracionalismo. **Organizações & Sociedade**, 2015, 22.73: 193-198.

CUNLIFFE, A. L. **A Very Short, Fairly Interesting and Reasonably Cheap Book about Management**, 2nd edn. London: Sage, 2014.

CUNLIFFE, A. L.; SCARATTI, G. Embedding impact in engaged research: Developing socially useful knowledge through dialogical sensemaking. **British Journal of Management**, v. 28, n. 1, p. 29-44, 2017.

CURADO, I. **Pesquisa historiográfica em Administração: uma proposta mercadológica**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25, 2001, Campinas. Anais Campinas: ANPAD, 2001.

CZARNIAWSKA, B. Translation impossible? Accounting for a city project. **Accounting, auditing & accountability journal**, v. 23, n. 3, p. 420-437, 2010.

DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos Trópicos: por uma geografia do litoral**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009. v. 1, 127 p.

DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Eustogio Wanderely Correia, 2009.

DAS, V.; POOLE, D. (orgs.). **Anthropology in the margins of the state**. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.

DAS, V.; POOLE, D. **El estado y sus márgenes: etnografías comparadas**. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires, v. 27, p. 19-52, 2008.

DE CASTRO CALLADO, T. O Drama da Alegoria no século XVII Barroco. **Kalagatos: Revista de Filosofia**, 2004, 1.2: 133-165.

DE COCK, C.; O'DOHERTY, D. Ruin and organization studies. **Organization Studies**, v. 38, n. 1, p. 129-150, 2016.

DE COCK, C.; O'DOHERTY, D.; REHN, A. Specters, ruins and chimeras: Management & Organizational History's encounter with Benjamin, **Management & Organizational History**, 8:1, 1-9, 2013.

DECKER, S. Solid intentions: An archival ethnography of corporate architecture and organizational remembering. **Organization**, v. 21, n. 4, p.514-542, 2014.

DECKER, S. The silence of the archives: business history, post-colonialism and archival ethnography. **Management & Organizational History**, v. 8, n. 2, p. 155-173, 2013.

DILLON, B. **Ruins**. London: Whitechapel Gallery, 2011.

DNOCS. Diretoria de Obras Cíveis. **Açude Público Patu: memória descritiva e justificativa**. Fortaleza, v. 1, 1984.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar (organizing) para os Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.

DUREPOS, G.; MILLS, A. J.; WEATHERBEE, T. G. Theorizing the past: Realism, relativism, relationalism and the reassembly of Weber. **Management & Organizational History**, v. 7, n. 3, p. 267-281, 2012.

EILAND, H.; JENNINGS, M. W. **Walter Benjamin: A critical life**. Cambridge, MA: Belknap Press, 2014.

FANTINEL, L. D.; FISCHER, T. M. D. Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e Sociedade**, 6.15: 280-307, 2012.

FANTINEL, L. D. **O organizar multiespécie da cidade**. In: SARAIVA, L.A.S.; IPIRANGA, A.S.R. (Orgs). *Histórias, práticas sociais e gestão das/nas cidades*. Ituiutaba: Barlavento, 2020.

FARIAS, A. **História do Ceará**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

FEITOSA, L. T. **O poço da draga: a favela e a biblioteca**. Annablume, 1998.

FERNANDES, F. K. **Processos organizacionais e espaços precários: uma abordagem ator-rede em cidades**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Administração, Fortaleza (CE), 2016.

FERNANDES, F.; BEZERRA, M.; IPIRANGA, A. **Da Escola de Administração do Ceará (EAC) para o CESA/UECE: Uma Trama Histórica**. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 18., 2015, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2015.

FERREIRA, G. L. **Um desejo chamado metrópole: a modernização da cidade de Vitória no limiar do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, 2009.

FIRAT, A. **Fuat. Historiography, Scientific Method, and Exceptional Historical Events**. In: *Advances in Consumer Research*, vol. 14, issue 1, p. 435-438, 1987.

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais — Salvador da Bahia, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 74-88, maio/jun. 1997.

FISCHER, T. et al. **Teias urbanas, puzzles organizativos: inovações, continuidade e ressonâncias culturais**. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XX, 1996. Anais... Rio das Pedras: Anpad, 1996.

FISCHER, T. **Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e configurações do local**. In: FISCHER, T. Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FORTUNA, C. Patrimônio com Futuro...ou sobre a resiliência das cidades. **Revista Patrimônio**, (4), 6-13, 2016.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.

FRANCO, B. L.; OLIVEIRA, J. **As Práticas de Constituição dos Espaços Organizacionais e dos Espaços das Cidades: Contribuições de Michel de Certeau aos Estudos Organizacionais**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. 2016.

FREITAS, C. F. S. O novo modelo de gestão urbana estratégica em Fortaleza: aumento das desigualdades socioambientais. **Universitas FACE** (substituída pela Universitas Humanas), v. 3, n. 2, 2006.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Editora LCT, 2017.

FUSCO, G. La investigación histórica, evolución y metodología. **Revista Mañongo**, v. 17, n. 32, p. 229-245, 2009.

GAETA, A. C. **As cidades de Baudelaire e Hugo na Paris moderna de Walter Benjamin**. Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social, 2004.

GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: perspectiva – 3ª reimpressão da 2. Ed., 2009.

GAGNEBIN, J. M. **Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta**. In BENJAMIN, W. Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. **Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 24, p. 335-342, 2015.

GARCÍA, L. I. G. Alegoría y montaje. El trabajo del fragmento en Walter Benjamin. Constelaciones: **Revista de Teoría Crítica**, n. 2, p. 158-185, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GIOVANAZZI, J. P. **Pe. Albino Donatti: um profeta no sertão central**. Senador Pompeu: Gráfica Impresso, 1998.

GIRÃO, R. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: BNB, 1979. 360 p.

GODFREY, P. C.; HASSARD, J.; O'CONNOR, E. S.; ROWLINSON, M.; RUEF, M. What is organizational history? Toward a creative synthesis of history and organizational studies. **Academy of Management Review**, v. 41, n. 4, p. 590-608, 2016.

GOLDMAN, P. Searching for history in organizational theory: Comment on Kieser. **Organization Science**, v. 5, n. 4, p. 621-623, 1994.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a História e a Administração. **Cadernos EBAPE. BR**, [S.l.], v. 8, n. 1, art. 1, p. 1-18, 2010.

GOMES, I. R. P. **Fronteiras na cidade: das margens na margem às margens no centro**. ENTRE-LUGAR, v. 10, n. 19, p. 177-200, 2019.

GOMES, P. C. C. **Estranhos vizinhos. O lugar da favela na cidade brasileira**. Anuário Americanista Europeu, n. 1, p. 171-177, 2003.

GONÇALVES, P. C. **O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 25, n. 2, p. 515-539, 2018.

GONDIM, L. M. P. **O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

HAESBAERT, R. **Dilema de conceitos: espaços-território e contenção territorial**. In: Saquet, M. A. & Sposito, E. S. (Orgs). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 95-120, 2009.

HARDY, C.; PHILLIPS, N. No joking matter: Discursive struggle in the Canadian refugee system. **Organization Studies**, v. 20, n. 1, p. 1-24, 1999.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HELL, J.; SCHÖNLE, A. Introduction. In J. Hell & A. Schönle (Eds.). **Ruins of Modernity** (pp. 1–14). Durham, NC: Duke University Press, 2010.

HONORATO, B. E. F.; SARAIVA, L. A. S. Cidade, população em situação de rua e estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, 2016, 14.36: 158-186.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Dados da cidade de Fortaleza**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>> Acesso em: 29 set. 2019.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2020 - Principais resultados**. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/27/atlas-da-violencia-2020-principais-resultados>> Acesso em: 10 jun. 2020.

IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, **Indicadores Sociais do Ceará - 2018. Fortaleza, 2020.** Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/03/Indicadores_Sociais_2018.pdf> Acesso em: 06 out. 2019.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, 2010, 11.1: 65-91.

IPIRANGA, A. S. R.; LACERDA, C. C. O.; FARIAS, F.; DURANTE, D. G.; RODRIGUES, F. M.; PINHEIRO, V. P. **Memória Prática e o Legado Empreendedor de uma Pequena Empresa Gastronômica.** In: XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019. São Paulo. Anais... São Paulo: Universidade Mackenzie, 2019.

JACQUES, R. S. History, historiography and organization studies: The challenge and the potential. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 31-49, 2006.

JAMESON, F. **The aesthetics of singularity.** *New Left Review*, 92, 101–132, 2015.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2019.

JOAQUIM, N. de F.; CARRIERI, A. P. Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 85, 2018.

JORDANOVA, L. **History in practice.** UK: Hodder Education, 2006.

KARDOZO, F. C. M.; DIÓGENES, G. M. S. Comunidade Visível: Narradores de memórias e suas práticas de imagem. **ILUMINURAS**, v. 22, n. 56, 2021.

KENNY, K. Affective disruption: Walter Benjamin and the ‘history’ of Ireland's industrial schools. **Management & Organizational History**, v. 8, n. 1, p. 10-22, 2013.

KEULEN, S.; KROEZE, R. Understanding management gurus and historical narratives: The benefits of a historic turn in management and organization studies. **Management & Organizational History**, v. 7, n. 2, p. 171-189, 2012.

KIESER, A. Why organization theory needs historical analyses - and how this should be performed. **Organization Science**, v. 5, n. 4, p. 608-620, 1994.

KNOX, H. Cities and organisation: The information city and urban form. **Culture and Organization**, 16(3), 185-195, 2010.

KOHLSDORF, M. E.; KOHLSDORF, G.; HOLANDA, F. Brasília: permanências e metamorfoses. In: DEL RIO, V.; SIEMBIEDA, W. (org.). **Desenho urbano contemporâneo no Brasil.** Rio de Janeiro: LCT, 2013.

KORTE, R. F. Engaged scholarship: a guide for Organizational and social research, Human Resource. **Development International**, 12:2, p. 233-239, 2009.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. **Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa**. CIAIQ2015, v. 2, 2015.

KURYLO, B. Technologised consumer culture: The Adorno - Benjamin debate and the reverse side of politicisation. **Journal of Consumer Culture**, 2018.

KUSTER, E.; PECHMAN, R. **O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LACERDA, C. C. O.; IPIRANGA, A. S. R.; THOENE, U. **Cidades, Walter Benjamin e Estudos Organizacionais: Uma análise da literatura e oportunidade de pesquisa**. In: SARAIVA, L. A. S.; IPIRANGA, A. S. R. (Org.). História, práticas sociais e gestão das/nas cidades (pp. 19-33). Ituiutaba: Barlavento, 2020.

LACERDA, C. C. O.; MELLO, S. C. B. Do velho Cais Mauá a novos negócios: conflitos inerentes a representação política da identidade na gestão do espaço urbano. **Revista brasileira de planejamento e desenvolvimento**, v. 7, p. 339-361, 2018.

LACERDA, C. C. O.; MELLO, S. C. B. Se essa rua fosse minha eu mandava ladrilhar: conflitos sociais no organizar do espaço urbano e a luta pela significação entre discursos e [r]existência. **Organizações & Sociedade**, v. 27, n. 95, p. 176-208, 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LIMA, F. A. O. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

LIMENA, M. M. C. **Cidades complexas no século XXI: ciência, técnica e arte**. São Paulo em Perspectiva, 2001, 15.3: 37-44.

LLOYD, D. Ruination: partition and the expectation of violence (on Allan de Souza's Irish photography). **Social Identities**, v. 9, n. 4, p. 475-509, 2003.

LOPES, A. C. As margens do progresso. A expansão urbana de Londrina nas representações de moradores de um bairro popular às margens da cidade. **Antíteses**, 3.5: 553-585, 2010.

LOPES, L. L. S. **O organizar das práticas de espaço à luz da perspectiva histórica: A arquitetura de ferro na cidade de Fortaleza**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Administração). Universidade Estadual do Ceará. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Fortaleza: o autor, 2019.

LOPES, L. L. S.; IPIRANGA, A. S. R. Etnografando Arquivos Históricos: Caminhos Possíveis para Pesquisas em Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 28, p. 35-53, 2021.

LÖWY, M. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o Conceito de História"**. Boitempo Editorial, 2005.

LUIZ, J. V. R. **Estado de exceção como regra: o impasse contemporâneo à resistência política no pensamento de Giorgio Agamben**. Achegas. net, 2014.

MAC-ALLISTER, M. A cidade no campo dos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 11, edição especial, p. 171-181, 2004.

MAC-ALLISTER, M. **Organização-cidade: uma contribuição para ampliar a abordagem do objeto cidade como objeto de estudo no campo dos estudos organizacionais**. Tese (doutorado em administração) - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

MAGALHAES, F. N. C. **O Neoliberalismo e a produção do espaço na metrópole: subjetividades, insurgências e redes na economia política da urbanização contemporânea**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Geografia. Minas Gerais: O autor, 2015.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. Unesp, 1998.

MAIA, D. B. S. **Avaliação do Impacto Cumulativo na Bacia do Patu considerando a Presença de Média e Pequena Açudagem**. Trabalho de conclusão de curso (curso de Engenharia Civil) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2016.

MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensus**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINELLO, P. A. **A “batalha da borracha” na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico**. São Paulo, 1985.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: A degradação dos outros nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, R. A. P. **Das santas almas da barragem à caminhada da seca: projetos de patrimonialização da memória no sertão central cearense (1982-2008)**, 2015. 139f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015.

MEDEIROS, V. A. S. **Urbis Brasiliae. O Labirinto das Cidades Brasileiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MELO, L. A. S. A história que perpassa a inspetoria de obras contra as secas em 1915 no Ceará. **Revista Cantareira**, n. 21, 2014.

MENDES, L.; CAVEDON, N. R. A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 2012, 4.1: 123-140.

MENONCIN, J. **Visões do Sertão**. Fronteiras: Revista Catarinense de História, n. 27, p. 221-221, 2016.

MILLS, A. J.; WEATHERBEE, T. G.; DUREPOS, G. Reassembling Weber to reveal the-past-as history in management and organization studies. **Organization**, v. 21, n. 2, p. 225-243, 2014.

MISOCZKY, M. C.; OLIVEIRA, C. M. A cidade e o urbano como espaços do capital e das lutas sociais: notas sobre a duradoura contribuição de Henri Lefebvre. **Revista de Administração Pública**, 2018.

MISOCZKY, M. C.; CÂMARA, G. D.; CERQUEIRA, P. R.; COTO, G. C. Orientação sexual, classes sociais e territórios de resistencia: os conflitos em torno do Centro Nova Olaria em Porto Alegre. **Gestão e Sociedade** (UFMG), v. 6, p. 254, 2012.

MOLINERO, C. **El acceso a los archivos y la investigación histórica**. *Ayer*, n. 81, p. 285-297, 2011.

MOURA, M. S. Cidades, gestão local e desenvolvimento: contribuições de Tânia Fischer para a área da Administração. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 2018, 5.12: 55-68.

MUNIZ, A. M. V.; SILVA, J. B.; COSTA, M. C. L. Capital, trabalho e dinâmica do espaço metropolitano de Fortaleza. **Revista Geográfica de América Central**, 2011.

MURICY, K. **A alegoria e o inexpressável**. In SOUZA, S. J. e; KRAMER, S. Política, cidade e educação. Itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC Rio, 2009.

MURICY, K. **Alegorias da dialética – Imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

NASCIMENTO, M. C. R.; OLIVEIRA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P. Com que cor eu vou pro shopping que você me convidou? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, 3. ed. esp., art. 1, p. 245-268, out. 2015.

NASCIMENTO, T. **Campo de concentração onde 'flagelados da seca' eram aprisionados é tombado no Ceará**. G1 CE, Ceará, 20 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml>>. Acesso em: 30 de nov. de 2019.

NAVARO-YASHIN, Y. Affective spaces, melancholic objects: Ruination and the production of anthropological knowledge. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 15, 1–18, 2009.

NEGRI, S. M. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. **Coletâneas do Nosso Tempo**, v. 8, n. 8, 2010.

NEVES, F. C. “Desbriamento” e “perversão”: olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 27, 2003.

NEVES, F. C. Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995.

NEVES, F. C. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, 21.40: 107-129, 2001.

NG, W.; SCULLY, D. Making sense of sovereign wealth funds: entrepreneurial and political wish-images in ‘building for the future’ of China and Singapore, **Management & Organizational History**, 8:1, 77-90, 2013.

NOGUEIRA, A. M. A. **Possibilidades e desafios de práticas insurgentes: o caso da comunidade Poço da Draga, Fortaleza, Brasil**. 2019. 262 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

O'DOHERTY, D. P. Off-road and spaced-out in the city: Organization and the interruption of topology. **Space and Culture**, v. 16, n. 2, p. 211-228, 2013.

OLIVEIRA, B. S. C. **Nápoles: Uma viagem a temas urbanos de Walter Benjamin**. ILUMINURAS, v. 21, n. 54, 2020.

OLIVEIRA, E. A. A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin. **Cadernos Walter Benjamin**, 9, 28-39, 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, R. N. N. A CIDADE E OS INSUBMISSOS: “VEM VER OH! FORTALEZA O PIRAMBU PASSAR”. **Revista de História Bilros**. História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)., v. 1, n. 1, p. 28-43, 2013.

OLIVEIRA, R. N. N. **A Marcha sobre Fortaleza (1962)**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, 2013.

OSWALD, M. L. M. B. **Cidade, memória e pesquisa: um percurso com Walter Benjamin**. In: SOUZA, S. J., & KRAMER, S. (Orgs). Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2009.

PAES DE PAULA, A. P. **Estilhaços do Real: O ensino da Administração em uma perspectiva benjaminiana**. Curitiba: Juruá Editora, 2012.

PALERMO, L. C. Notas sobre o Poder de Agência dos Atores Sociais em Anthropology in the Margins of the State. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 4, n. 8, p. 57-86, 2015.

PEREIRA NETO, F. Pensar a cidade no Brasil: limitações, potencialidades e perspectivas: a cidade a partir das margens: modos de habitar e a constituição dos territórios periféricos de Pelotas/RS, Brasil. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 53-64, mar. 2017.

PEREIRA, J. A.; CHAGAS, P. B.; BANKUTI, S. M. S. Perspectivas do Território no Sistema Agroalimentar Localizado: o Caso da Uva no Município de Marialva-PR. **ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GESTÃO SOCIAL**, v. 11, p. 107-125, 2019.

PESAVENTO, S. J. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. Companhia Editora Nacional, 2001.

PHILLIPS, N.; HARDY, C. Managing multiple identities: Discourse, legitimacy and resources in the UK refugee system. **Organization**, v. 4, n. 2, p. 159-185, 1997.

PIERANTI, O. P. A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 6, n. 1, p. 01-12, 2008.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

PONTES, C. J. F. **A GUERRA NO INFERNO VERDE: Segundo Ciclo da borracha, o front da Amazônia e os Soldados da Borracha**. South American journal of basic education, technical and technological, v. 2, n. 1, 2015.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. 52ª ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

QUEIROZ, P. H. M. **Economia e cultura na modernidade capitalista: Walter Benjamin e as passagens parisienses**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

REINECKE, J.; ANSARI, S. **Time, temporality and process studies**. The Sage handbook of process organization studies, v. 402, 2017.

REVISTA FORTALEZA 2040. **Apresentação Plano Fortaleza 2040**. Fortaleza: Iplanfor, v. 1, 2016a. Disponível em: <<http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/>>. Acesso em: 07 out. 2019.

RIBEIRO, A. C. T. **A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação**. Observatório Social de América Latina, 2006.

RIOS, K. S. **A cidade do Sol à sombra do flagelo**. In: Projeto História. São Paulo, EDUC, nº 19, novembro de 1999.

RIOS, K. S. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Biblioteca de Ciências Humanas, 2014.

RIPPIN, A. Thirteen notebooks for Walter Benjamin, **Management & Organizational History**, 8:1, 43-61, 2013.

RODRIGUES, F. S.; ICHIKAWA, E. Y. O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 97-112, jan./abr. 2015.

RODRIGUES, N. S. **Organizações não governamentais: o caso da Velaumar, no Poço da Draga (Fortaleza-Ce)**. 2019. 163f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2019.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.

ROSA, A. L. T.; ALVES, F. F. **Efeitos da globalização sobre a economia cearense**. Fortaleza: Iplance, 2001.

ROUANET, S. P. **Édipo e o Anjo. Itinerários freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

ROUANET, S. P. **O barroco ontem e hoje**. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 1, n. 2, 2019.

ROWLINSON, M.; HASSARD, J.; DECKER, S. Research strategies for organizational history: a dialogue between historical theory and organization theory. **Academy of Management Review**. Vol. 39, No. 3, 250–274, 2014.

SALATA, A. R.; RIBEIRO, M. G. **Boletim Desigualdade nas Metrôpoles**. Porto Alegre/RS, n. 01, 2020.

SARAIVA, L. A. S. **Notas Introdutórias sobre Estudos Organizacionais e Cidades**. In: X Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO. Fortaleza. Anais... Fortaleza: UNIFOR, 2019.

SARAIVA, L. A. S.; ENOQUE, A. G. (Orgs.). **Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário**. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2019.

SARAIVA, L. A. S. (Org.). **Diferenças e territorialidades na cidade** (1a ed., 158 p.). Ituiutaba, MG: Barlavento, 2020.

SARAIVA, L. A. S.; IPIRANGA, A. S. R. (Orgs.). **História, práticas sociais e gestão das/nas cidades**. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2020.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**, 2012, 46.2: 547-576.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P.; SOARES, A. de S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, 2014, 15.2: 97-126.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano. I, n. I, jul. 2009.

SCHLESNER, A. H. **Os tempos da história: leituras de Walter Benjamin**. Brasília: Liber Livro, 2011.

SCHWARTZ, J. M.; COOK, T. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. In: Registro: **Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba**. V. 3, N° 3, 2004.

SEBALD, W. G. **On the natural history of destruction**. New York: Modern Library, 2004.

SHIMADA, N. E. **Trajetórias anônimas no cotidiano da cidade: a territorialização do bairro Santa Felicidade, pelos seus moradores**. Dissertação (mestrado em administração) – Universidade Estadual de Maringá, 2015.

SHIMADA, N. E.; ICHIKAWA, E. Y. **A trama “bem-sucedida” de um projeto de bairro numa “cidade sem favelas”**. In: Saraiva, L. A. S. & Enoque, A. G. (Orgs). **Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário**. Ituiutaba: Barlavento. 179-242, 2019.

SHOTTER, J. Situated dialogic action research: disclosing “beginnings” for innovative change in organizations. **Organizational Research Methods**, 13, pp. 268–285, 2010.

SILVA, A. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. Edições SESC, 2014.

SILVA, C. L. O.; SARAIVA, L. A. S. O espetáculo por trás do canteiro de obras: estratégias discursivas dos projetos de revitalização da cidade olímpica. **Organizações & Sustentabilidade**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 32-46, jan./jun. 2019.

SILVA, C.C. G.; MELLO, S. C. B. Recife, Veneza Brasileira: repensando a mobilidade urbana a partir de seus rios. **CIDADES, COMUNIDADES E TERRITÓRIOS**, v. 1, p. 110-132, 2017.

SILVA, D. M. **Pirambu e suas geografias**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SILVA, J. B. **Os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVA, J. G. L.; SILVA, T. J. F. As vozes do escrito: sobre leitura e escrita. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 3, p. 231-238, 2017.

SILVA, K. Q. **Viva as almas da barragem!: a construção da caminhada da seca em Senador Pompeu – CE (1982-1998)**. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2017.

SILVA, R. B.; PEREIRA, A. Q.; COSTA, M. C. L. **Fortaleza e a ocupação do espaço litorâneo no Grande Pirambu**. *Geografia* (Londrina), v. 27, n. 1, p. 47-65, 2018.

SILVA, D. A. S.; CHAGAS, P. B. O processo de des-re-territorialização dos moradores do conjunto residencial Geraldo Felipe no município de Paranavaí-PR: uma intervenção

urbana a partir do programa Minha Casa Minha Vida. **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, v. 9, p. 147-170, 2020.

SKEES, M. Memories Standing Outside of the Self: The Commodity, the Collector, and Walter Benjamin's Theory of Experience. In: **Consumer Culture Theory**. Emerald Group Publishing Limited, 2015. p. 223-254.

SOUSA, J. W. F. Secas e socorros públicos no Ceará: doença, pobreza e violência (1877-1932). **Projeto História**, v. 52, 2015.

SOUZA, S. de (org.) **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2000.

SRINIVAS, N. The possibilities of the past: Two routes to a past and what they tell us about professional power, **Management & Organizational History**, 7:3, 237-249, 2012.

SRINIVAS, N.; FARIA, A. Brushing Management History Against the Grain. In: Academy of Management Proceedings. Briarcliff Manor, NY 10510: **Academy of Management**, 2015.

STOLER, A. L. Colonial archives and the arts of governance. **Archival Science**, v. 2, p. 87-109, 2002.

STOLER, A. L. **Imperial debris: on ruins and ruination**. Durham, NC: Duke University Press, 2013.

TEIXEIRA, J. C.; BARROS, A. N. Os Rolezinhos em Shopping Centers: Reflexões sobre o que agregam e em que desafiam os Estudos dos Shoppings como Espaços de Segregação Social e Urbana. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3, n. 2, 2016.

TELLES, V. S. Prospectando a cidade a partir de suas margens: notas inconclusas sobre uma experiência etnográfica. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, 2013.

TEÓFILO, R. **A Seca de 1915**. 2ª ed, Fortaleza: Ed. UFC, 1982.

TRAVASSOS, L. S. M. **Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza-Ceará**. V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio, p. 717-730, 2011.

ÜSDIKEN, B.; KIPPING, M.; ENGWALL, L. Historical perspectives on organizational stability and change: Introduction to the special issue, **Management & Organizational History**, 6:1, 3-12, 2011.

VALLADARES, L. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VAN DE VEN, A. H. **Engaged scholarship: a guide for organizational and social research**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia**. In: J. Ki-Zerbo, História geral da África (pp. 157-179). São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1971.

VIEGAS, G. C. F. S.; SARAIVA, L. A. S. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. **RAM-Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 68-94, set./out. 2015.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos avançados**, v. 25, n. 71, p. 37-58, 2011.

VIZEU, F. Idort e difusão do Management no Brasil na década de 1930. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 58, n. 2, p. 163-173, 2018.

VIZEU, F. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, 50(1), 37-47, 2010.

WACQUANT, L. Marginalidade, etnicidade e penalidade na cidade neoliberal: uma cartografia analítica. **Tempo Social**, 2014.

WANDERLEY, S.; BARROS, A.; COSTA, A. S. M.; CARRIERI, A. P. Caminhos e percursos da história em administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 3, n. 8, p. 801-820, 2017.

YATES, J. **Understanding historical methods in organization studies**. In: BUCHELLI, M.; WADHWANI, D. R. Organizations in time: History, theory, methods, UK: Oxford University Press, p. 265-283, 2014.

ZALD, M. Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: Toward a reconceptualization of the foundations of the field. **Organization Science**, v. 4, n. 4, p. 513-528, 1993.

ANEXOS

ANEXO A - EXEMPLO DE TRIAGEM DO ACERVO DIGITAL DA HEMEROTECA

| 14/03/2021 Hemeroteca Digital Brasileira | | | | 15/03/2021 Hemeroteca Digital Brasileira | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------|---------|-------------|-----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-------------|-----|
| Pesquisar | | Ocorrência | | Pesquisar | | Ocorrência | |
| "campo de concentração" | | 19 | | "campo de concentração" | | 19 | |
| Em uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "novo versor" | | | | Em uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex.: "novo versor" | | | |
| UF:CE - | | | | UF:CE - | | | |
| Descrição | Páginas | Ocorrências | Opç | Descrição | Páginas | Ocorrências | Opç |
| A Razão : Independente, Político e Noticioso (CE) - 1929 a 1935 | 11784 | 4 | | Gazeta Suburbana : Edição Especial Comemorativa da Solenne Redenção dos Escravos da Província do Ceará (CE) - 1884 | 4 | 0 | |
| A Ordem : Trabalho e Justiça (CE) - 1916 a 1933 | 3746 | 3 | | Arthur Oscar : Honra ao Mérito (CE) - 1895 | 4 | 0 | |
| Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (CE) - 1891 a 1930 | 2624 | 2 | | O Ceará : Jornal neutro entre os Partidos - Publicação Hebdomadaria (CE) - 1888 | 4 | 0 | |
| O Debate (CE) - 1931 a 1932 | 147 | 2 | | A Evolução : Organ. Científico, Literário e Noticioso (CE) - 1888 | 92 | 0 | |
| A Lucta (CE) - 1914 a 1924 | 2406 | 2 | | Gazeta do Sobral : Organ. Imparcial (CE) - 1851 a 1888 | 200 | 0 | |
| O Povo (CE) - 1934 a 1937 | 122 | 2 | | A Ideia : Semanário Literário, Crítico e Noticioso (CE) - 1891 a 1899 | 30 | 0 | |
| Mensagens do Governador do Ceará para Assembléia (CE) - 1891 a 1930 | 2657 | 2 | | O Independente : Organ. dos Interesses do Povo - Edição Semanal (CE) - 1897 | 8 | 0 | |
| A Classe : Organ. da Associação dos Empregados no Comércio do Crato (CE) - 1949 a 1950 | 120 | 1 | | O Jornal (CE) - 1900 | 4 | 0 | |
| Anora (CE) - 1946 a 1954 | 236 | 1 | | Nihilista : Propriedade de uma Associação (CE) - 1881 | 12 | 0 | |
| Gazeta do Norte : Organ. Liberal (CE) - 1880 a 1890 | 9174 | 0 | | A Opinião : Organ. de Interesse geral e propaganda contra o jogo (CE) - 1897 | 15 | 0 | |
| Revista Trimestral do Instituto do Ceará (CE) - 1887 a 1900 | 4030 | 0 | | Silva Jardim (CE) - 1891 a 1892 | 12 | 0 | |
| O Debate (CE) - 1909 a 1910 | 206 | 0 | | A Ordem : Organ. dos Interesses sociais (CE) - 1888 a 1902 | 16 | 0 | |
| A Ordem : Organ. Conservador (CE) - 1879 a 1880 | 151 | 0 | | O Deseséti de Dezembro (CE) - 1839 a 1840 | 66 | 0 | |
| Patria (CE) - 1910 a 1915 | 1159 | 0 | | Aurora Cearense : Jornal Ilustrado, Literário, Científico e Noticioso (CE) - 1866 | 283 | 0 | |
| Revista da Academia Cearense (CE) - 1896 a 1901 | 1460 | 0 | | A Liberdade : Jornal Político, Literário e Crítico (CE) - 1864 | 385 | 0 | |
| Revista do Instituto do Ceará (CE) - 1937 | 503 | 0 | | Jornal do Ceará (CE) - 1868 | 563 | 0 | |
| A Cidade (CE) - 1899 a 1904 | 1836 | 0 | | Norista : "Acharei um caminho ou abri-o-ei" (CE) - 1913 a 1914 | 255 | 0 | |
| O Morje (CE) - 1861 | 4 | 0 | | Brazil Livre : Organ. Oficial da Aliança Liberal (CE) - 1930 a 1931 | 164 | 0 | |
| A Nota (CE) - 1917 a 1921 | 2266 | 0 | | O Jornal (CE) - 1932 a 1935 | 444 | 0 | |
| Maranguapense : Jornal Literário, Commercial e Noticioso (CE) - 1874 a 1875 | 184 | 0 | | O Garoto : Crítico, Desopilante, Molleresco, Rabelaisiano (CE) - 1907 a 1908 | 56 | 0 | |
| O Norista Gazeta Política e Moral (CE) - 1849 a 1850 | 244 | 0 | | | | | |
| O Norista (CE) - 1849 a 1850 | 230 | 0 | | | | | |

« « 1 2 3 4 5 6 » » Qtd./Pag.: 50

página 2 de 6, acervo 51 até 100 de 274

Fonte: Organizado pelo autor (2021).

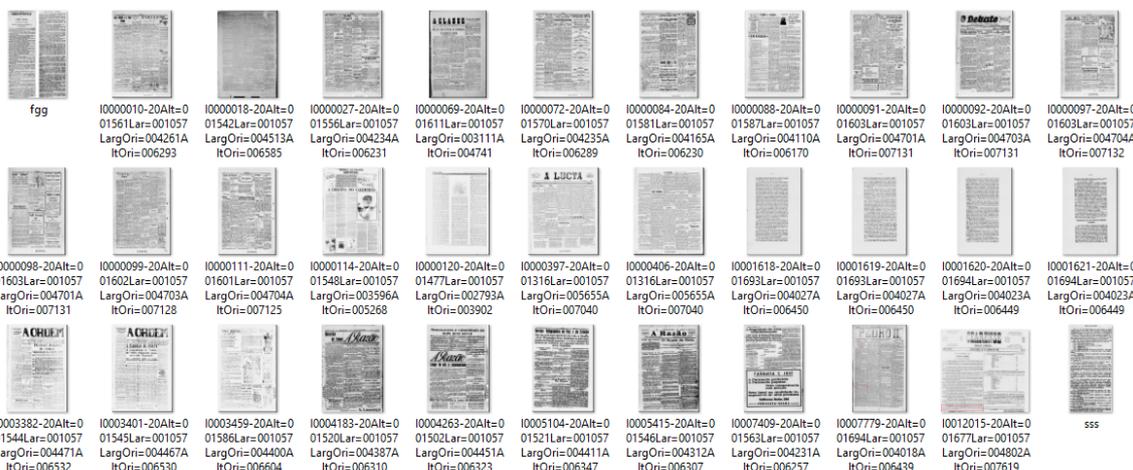
ANEXO B - ORGANIZAÇÃO E EXTRATO DO MATERIAL DOCUMENTAL

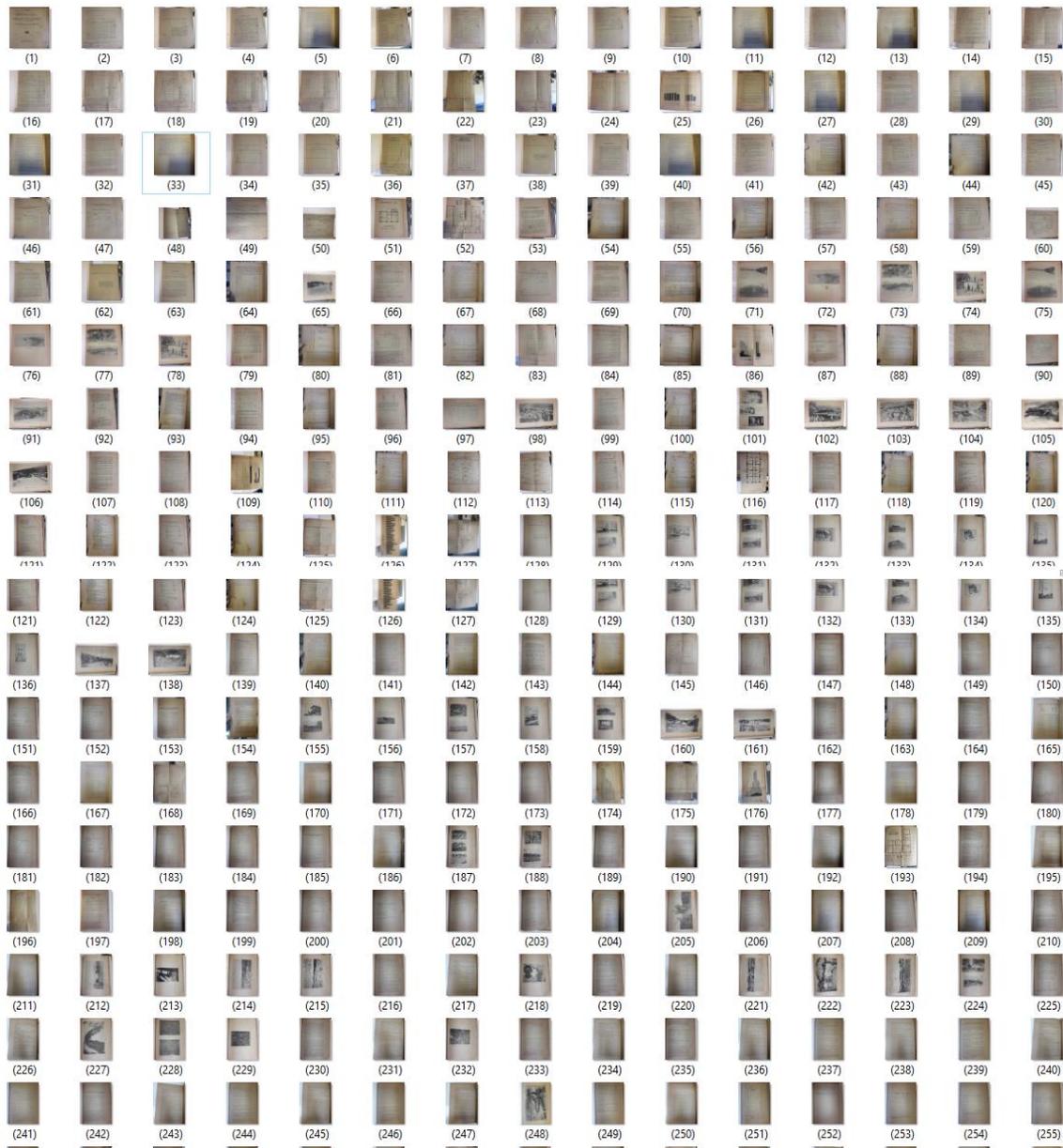
| Nome | Data de modificação | Tipo |
|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------|-------------------|
| Acervo Arquivo Nacional | 14/03/2021 02:18 | Pasta de arquivos |
| Acervo da Revista do Instituto do Ceará | 27/10/2021 14:56 | Pasta de arquivos |
| Acervo Diário do Nordeste | 11/02/2021 21:54 | Pasta de arquivos |
| Acervo Digital de Fortaleza | 11/02/2021 15:03 | Pasta de arquivos |
| Acervo DNOCS | 13/02/2021 18:26 | Pasta de arquivos |
| Acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Antônio Conselheiro (CDDH-AC) | 27/10/2021 14:55 | Pasta de arquivos |
| Acervo Hemeroteca Digital | 21/02/2021 16:55 | Pasta de arquivos |
| Acervo Jornal O Povo | 11/02/2021 22:14 | Pasta de arquivos |
| Acervo NUDOC - UFC | 05/03/2021 09:51 | Pasta de arquivos |
| Acervo Portal da História do Ceará | 11/02/2021 22:23 | Pasta de arquivos |
| Acervo Portal Fortaleza Antiga | 15/02/2021 21:22 | Pasta de arquivos |
| Acervo Portal Fortaleza Nobre | 16/08/2021 21:54 | Pasta de arquivos |
| Fotografias Acervo do Autor | 21/10/2021 16:56 | Pasta de arquivos |

| Nome | Data de modificação | Tipo |
|-----------------------------------|---------------------|-------------------|
| Coleção da Bibliografia | 11/04/2021 17:25 | Pasta de arquivos |
| Coleção dos Documentários | 11/03/2021 14:26 | Pasta de arquivos |
| Coleção dos Documentos Históricos | 21/10/2021 16:56 | Pasta de arquivos |

| Nome | Data de modificação | Tipo |
|-----------------------------------------------|---------------------|-------------------|
| Área que teve campo de concentração e... | 11/02/2021 21:42 | Documento do A... |
| ausencia-de-simbolos-apaga-existencia... | 11/02/2021 21:50 | Documento do A... |
| Caminhada da seca reúne cerca de 4 mil ... | 11/02/2021 21:45 | Documento do A... |
| Campo de concentração - Arquivo - Diár... | 11/02/2021 21:46 | Documento do A... |
| Campo de concentração de retirantes de... | 11/02/2021 21:44 | Documento do A... |
| Campo de concentração de Senador Po... | 11/02/2021 21:43 | Documento do A... |
| Campo de concentração é tombado na c... | 11/02/2021 21:41 | Documento do A... |
| Comunidade luta contra derrubada da es... | 11/02/2021 21:49 | Documento do A... |
| Da "Belle Époque" à "Fortaleza Bela" - Ne... | 11/02/2021 21:54 | Documento do A... |
| Da Belle Époque ao crescimento desorde... | 11/02/2021 21:53 | Documento do A... |
| Documentário retrata sofrimento de reti... | 11/02/2021 21:52 | Documento do A... |
| Fiéis fazem a 34ª Caminhada da Seca - R... | 11/02/2021 21:45 | Documento do A... |
| Flagelados da chuva - Arquivo - Diário d... | 11/02/2021 21:49 | Documento do A... |
| Há 87 anos, campo de concentração em ... | 11/02/2021 21:42 | Documento do A... |
| Lei de Patrimônio deve beneficiar Sítio H... | 11/02/2021 21:48 | Documento do A... |
| Marcos da Seca em Senador Pompeu ser... | 11/02/2021 21:44 | Documento do A... |
| O prazer na belle époque - Metro - Diário... | 11/02/2021 21:53 | Documento do A... |
| População relembra retirantes de 1932 - ... | 11/02/2021 21:51 | Documento do A... |
| Raízes de 1877 resistem na identidade de ... | 11/02/2021 21:51 | Documento do A... |
| Reflexos da "Belle Époque" em Fortaleza - ... | 11/02/2021 21:54 | Documento do A... |
| Romaria em memória dos flagelados co... | 11/02/2021 21:49 | Documento do A... |

| Nome | Data de modificação | Tipo |
|-----------------------------------------|---------------------|-------------------|
| A grande seca do ano anterior repetiu | 11/02/2021 22:22 | Documento do A... |
| Calcula-se que sobe a mil o número | 11/02/2021 22:20 | Documento do A... |
| Mais uma seca assola a região em 1915 | 11/02/2021 22:15 | Documento do A... |
| Nas proximidades do campo de concent... | 11/02/2021 22:09 | Documento do A... |
| O Dr. Humberto de Andrade expende, pelo | 11/02/2021 22:16 | Documento do A... |
| O Governo proíbe que os flagelados | 11/02/2021 22:17 | Documento do A... |
| O Interventor Fernandes Távora recebe | 11/02/2021 22:16 | Documento do A... |
| O trem do sertão traz para Fortaleza | 11/02/2021 22:17 | Documento do A... |
| O trem do sertão, chegado com atraso | 11/02/2021 22:19 | Documento do A... |
| Só nesta data chegam a Fortaleza, em | 11/02/2021 22:18 | Documento do A... |
| Vindo do sertão, chega a Fortaleza | 11/02/2021 22:21 | Documento do A... |





| | | | |
|--|-------|---------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| | (120) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:26 Tamanho: 3,63 MB |
| | (121) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:26 Tamanho: 3,56 MB |
| | (122) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:26 Tamanho: 3,71 MB |
| | (123) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:26 Tamanho: 3,43 MB |
| | (124) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:26 Tamanho: 3,16 MB |
| | (125) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 02/08/2019 16:42 Tamanho: 4,11 MB |
| | (126) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 09:27 Tamanho: 3,53 MB |
| | (127) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 10:26 Tamanho: 3,30 MB |
| | (128) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 11:05 Tamanho: 2,96 MB |
| | (129) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 11:05 Tamanho: 4,46 MB |
| | (130) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 11:05 Tamanho: 4,31 MB |
| | (131) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 11:06 Tamanho: 4,99 MB |
| | (132) | Tipo: Arquivo JPG Dimensões: 3096 x 4128 | Tirada Em: 05/08/2019 11:06 Tamanho: 4,19 MB |

Fonte: Organizado pelo autor (2021).

ANEXO C - JORNAL MENCIONANDO AS PRIMEIRAS RELAÇÕES COMERCIAIS NO CEARÁ POR MEIO DA PRESENÇA BRITÂNICA



Fonte: Jornal do comercio do Ceará, 2016.

ANEXO D - TRAJES FORTALEZENSE NA DÉCADA DE 1920 COM INSPIRAÇÕES EUROPEIAS



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2013.

ANEXO E - FOTOGRAFIA DO CAFÉ RICHE NOS ANOS 1920



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2012.

ANEXO F - IMAGEM PUBLICITÁRIA DA LOJA “A CEARENSE” NA BELLE ÉPOQUE DE FORTALEZA

O ponto “chic” em que se reúne o “grand monde” cearense

A Cearense
Rua Floriano Peixoto n.º 219

GRAVATAS

Um variado e bellissimo sortimento dos generos “Ba-ta-clan” e “Papillon”, o que ha de mais chic e moderno.

Fortaleza Nobre

A CEARENSE

A mais frequentada casa de modas do Ceará

Admiraveis colleccões

Fortaleza Nobre

DE Sêdas, rendas “guipure” e todos os demais artigos de ultima moda.

Magnificos perfumes dos mais celebres fabricantes do mundo.

Rua Floriano Peixoto, 219

Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2013.

ANEXO G - PRIMEIRO CLUBE SOCIAL DE FORTALEZA - CLUBE IRACEMA
FUNDADO EM 1884



Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2013.

ANEXO H - NOTAS DE JORNAL MENCIONANDO SOBRE A INAUGURAÇÃO DO THEATRO JOSÉ DE ALENCAR

Theatro José de Alencar

Fortaleza Nobre
Respectando a Fortaleza Antiga

Particularmente convida-
dos pelo intelligente artista
J. Paula Barros visitamos
o salão de concertos do
theatro José de Alencar,
ora em construção, salão
que os entendidos appellidam *Foyer*.

Apezar dos nossos poucos conhecimentos na esphera da sublime arte de Rafael e Van Ostade, que Augusto Comte classificou como a mais esthetica, logo abaixo da Poesia, sacudindo a Architectura para a ultima classe—como a mais technica; apezar do nosso mesquinho saber a este respeito, ousamos sempre dizer alguma coisa.

Todo esse bello serviço de decoração que logramos apreciar, quasi o melhor do theatro pela unidade de sua concepção foi exclusivamente projectado e executado pelos habéis artistas J. Paula Barros e Ramos, aquelle de nome já feito fóra do Estado, este o conhecido e estimado bohemio da nossa raparejada.

A decoração é do estylo da «Renasçença», appropriadissimo á sala, pois que o edificio em que ella se acha é do mesmo estylo, embora pesado de archivolvas atufadas de ornatos.

No tecto se acham, no centro de paineis fronteiros, dois bellissimos e fiéis retratos de Alencar e Carlos Gomes; os paineis são orlados com estes ornamentos volteados, terminando em cabeças de animacs e bustos de mulher, que Raphael amorosamente empregava nos seus trabalhos.

Os tons são agradaveis, azeltonados, simples, serios e frios; nenhum matiz quente desmente o effeito do conjuncto; as sombras são bem applicadas—frias sobre unidos frios.

A ornamentação das paredes é magnificamente bem acabada.

O *foyer*, como lá rogam os conhecedores, é uma das mais bellas peças do theatro.

Pelo seu bello e artistico trabalho felicitamos ao Paula Barros e ao Ramos, sinceramente. Ao mesmo tempo rogamos aos mesmos que não permittam que algum critico feroz veja nas nossas despretenciosas phrases um insulto á arte e nos emoda sob o tacho de sua sciencia, e não nos achate com o botim de seus conhecimentos.

— — —



Jornal do Ceará - 1910

Fonte: Acervo Portal Fortaleza Nobre, 2015.